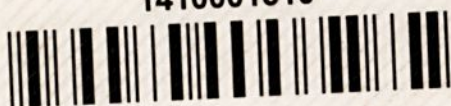


MARCOS DEL ROIO

1410001510



O RAIO E O PRISMA

GRAMSCI E A FÓRMULA POLÍTICA DA FRENTE

ÚNICA

(1919-1926)

Trabalho apresentado para a defesa da Livre-Docência

Concurso realizado nos dias 12 e 13/08/03.

UNESP - Campus de Marília

335.4

D364r

Tese 1.510



SUMÁRIO

Introdução.....	p. 04.
Capítulo I. Guerra, revolução e cisão comunista em Gramsci.....	p. 17.
1. Cisão e refundação comunista em Lênin e Rosa Luxemburg.....	p. 19.
2. Liberalismo, revisionismo e o problema da cisão em Gramsci.....	p. 30.
3. A cisão orgânica do movimento operário e a fundação do partido comunista na Itália.....	p. 52.
4. Origens da política de frente única na Internacional Comunista.....	p. 70.
Capítulo II. O paradoxo entre cisão comunista e frente única.....	p. 81.
1. A consolidação da cisão comunista na Itália entre o contencioso Internacional Comunista e a ofensiva fascista.....	p. 82.
2. A política de frente única na Internacional Comunista e na URSS: debilidade teórica e derrota política.....	p.96.
3. Gramsci em Moscou e a solução do contencioso PCI e Internacional Comunista.....	p. 106.
4. Gramsci entre a refundação comunista e a regressão teórica do bolchevismo.....	p. 121.

Capítulo III: Refundação comunista e frente única em Gramsci.....	p. 143.
1. O influxo da regressão teórica na ação política da Internacional Comunista.....	p. 144.
2. Gramsci em Viena e a confluência na refundação comunista.....	p. 155.
3. Gramsci em Roma: a política de frente única e o antifascismo.....	p. 168.
4. Rumo ao III Congresso do PCI.....	p. 182.
Capítulo IV. A estratégia da frente única antifascista.....	p. 194.
1. As teses de Lyon e a revolução socialista na Itália.....	p. 195.
2. O III congresso na prática e o surgimento de novas clivagens.....	p. 209.
3. Gramsci e a questão russa.....	p.224.
4. A questão agrária como questão nacional e o problema dos intelectuais meridionais na frente única.....	p.240.
Conclusão.....	p. 259.
Referencia bibliográfica.....	p. 277.

Introdução

Entre os autores inseridos na tradição político-cultural originada em Marx, certamente Gramsci é um dos mais controversos. Isso ocorre, antes de tudo, pelas próprias características de sua obra escrita. Uma obra de publicista e de organizador da cultura operária, desde muito cedo, que foi, no mais das vezes, sendo estampada em periódicos vinculados ao movimento operário, sob a forma de artigos ou relações e documentos partidários. Mas uma obra sempre voltada para o debate, para a interlocução, para a polêmica. Mesmo uma parte significativa da suas epístolas esteve canalizada para os objetivos de uma ação político-cultural, dos quais nem mesmo a sua correspondência privada se mostrou imune. Assim, Gramsci já trazia consigo o perfil do ator político revolucionário, do 'homem comunista' almejado pela filosofia da práxis.

Muito mais estudada e difundida, contudo, é a sua obra escrita que se seguiu ao aprisionamento pelo regime fascista. Os *Cadernos do cárcere* são vistos com frequência por muitos comentadores como uma produção estanque, que pode ser interpretada à revelia do autor e do conjunto de sua teoria política, assim tornada uma mera fornecedora de um aparado conceitual ambíguo ou pouco claro, de pouca utilidade científica, portanto. Outras vezes, a obra de Gramsci é vítima do instrumentalismo político, ainda que muito bem intencionado. De qualquer maneira, Gramsci é um autor que sempre esteve em meio a contenda, fosse enquanto vivo, ou disputado depois de sua morte.¹

LIGUORI, Guido, *Gramsci conteso: storia di un dibattito*. Roma: Riuniti, 1996. Esse livro oferece uma visão panorâmica excelente sobre o debate intelectual e político italiano, que envolveu a figura e obra de Gramsci, de 1922 até 1996.

A trajetória da obra de Gramsci acompanhou aquela do Partido Comunista, o qual contribuíra para fundar e consolidar, tendo-lhe oferecido um largo substrato teórico e cultural. Gramsci foi visto como um grande "leninista", mas também como um grande intelectual nacional-popular, foi lido como um precursor da "via italiana ao socialismo" e como o teórico e estrategista da disputa pela hegemonia a partir de dentro da ordem burguesa democrática.

A influência de sua obra e de suas idéias cresceu na Itália na medida em que crescia a influência do PCI, particularmente após 1956, quando a publicação da primeira versão dos *Cadernos do cárcere* já fora completada e ocorria a guinada político-cultural do movimento comunista, iniciada com o XX congresso do PC da URSS, e a elaboração de Togliatti da "via italiana ao socialismo". O apogeu da influência da obra gramsciana ocorreu, no entanto, nos desdobramentos da eclosão juvenil e operária de contestação sócio-cultural de 1968/1969, ainda que, em geral, a chamada "nova esquerda" não se alimentasse da obra do último Gramsci, absorvendo apenas a experiência dos conselhos de fábrica de 1919/1920.

Mas o fato é que junto com a expansão do PCI, uma onda de abordagens sobre o revolucionário sardo começou a crescer, estimulando e se alimentando dos estudos que culminariam, em 1975, na publicação de uma nova edição dos *Cadernos do cárcere*, por iniciativa de um grupo de intelectuais vinculados ao PCI, coordenados por Valentino Gerratana. A publicação da chamada edição crítica coincidiu com o apogeu histórico do PCI. A estratégia política então chamada de 'eurocomunista' estava voltada para a disputa da hegemonia no terreno da democracia liberal-burguesa, tentando revertê-la em favor da classe operária e das massas populares. A direção política e a intelectualidade comunista tentaram, com méritos inegáveis, perscrutar teórica e praticamente esse caminho fundamentando-se em uma leitura de Gramsci

fortemente marcada pela conjuntura e pelo desafio que se apresentava, tendo despontado a importância do tema da hegemonia e do pluralismo político como essencial à democracia.²

A derrota político-cultural do PCI projetou o movimento operário e o partido "gramsciano" em um impasse estratégico, do qual não teve condições de sair. O marco pode ser localizado em 1978, quando do apoio comunista ao governo minoritário da Democracia Cristã, justificado pela necessidade de defender a 'democracia' frente ao ataque terrorista. A partir desse momento, com o PCI derrotado no debate sobre a democracia e o socialismo, começa o declínio histórico do partido fundado em 1921, até a sua extinção em 1991, exatas sete décadas depois. Os estudos sobre Gramsci, como não poderia deixar de ser, ressentiram-se do impacto dessa situação e daquela mais geral da chamada "crise do marxismo", no limite identificada como "crise das ideologias". Assim, começa um relativo ostracismo de Gramsci na Itália, ainda que a sua difusão por uma gama enorme de países tenha mantido um certo fôlego.

Com a derrota cultural e política do PCI e da intelectualidade que lhe era afim, Gramsci deixa de ser visto como um teórico da democracia como via da transição socialista nas formações sociais avançadas, próprias do Ocidente. Aproveitando-se das interpretações tendencialmente politicistas dos anos 70, as leituras liberais acabaram se sobrepondo no debate. A tendência passa a ser a de homologar Gramsci dentro da tradição cultural italiana, fazendo dele um 'clássico', acentuando, na melhor das hipóteses, o seu vínculo com Croce ou Gobetti ou Salvemini. Nesse contexto, na qual tendia a se sobrepor a leitura de um Gramsci "maduro" abraçando o

² Um importante exemplo dessa interpretação no Brasil pode ser vista em COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre, L&PM, 1981.



pensamento da social-democracia ou mesmo o liberalismo, entre outros autores, tendeu a se destacar o filósofo socialista liberal Norberto Bobbio.³

Uma outra vertente de leitura, de inspiração liberal católica, apontava para o estabelecimento de uma conexão entre o pensamento de Gentile e Gramsci. Com isso se produzia uma convergência entre Gramsci e Mussolini, entre o comunismo e o fascismo, fazendo do pensador sardo um teórico 'totalitário'.⁴

Ainda que em relativo ostracismo, um certo empenho no estudo de Gramsci conseguiu se manter, com obras e pesquisas importantes, aliás, utilizadas no decorrer deste texto. Mas o fato é que, particularmente após 1987 (o cinquentenário da morte de Gramsci), há uma tendência sempre mais acentuada, também da parte de um significativo número de intelectuais ligados ao PCI, em aprofundar as críticas a revolução russa e a seus desdobramentos históricos, ora homologando Gramsci ao liberalismo, ora, ignorando-o, ou ainda tentando vê-lo como uma vítima do 'stalinismo', tanto quanto fora do fascismo.

Em senso anti-staliniano acentuou-se a valorização de Bukhárin (reabilitado na URSS, em 1988, por ocasião do cinquentenário de sua morte por fuzilamento) e das formulações teóricas do chamado 'austro-marxismo'. A abertura de novos arquivos potencializou um debate específico sobre a trajetória pessoal de Gramsci, as relações familiares, as relações com o partido, particularmente com Togliatti e Grieco. Ainda que certamente de utilidade científica, esse debate, na forma que se desenvolveu, contribuiu para a 'despolitização' cultural que envolvia o autor dos *Cadernos*.⁵

³ BOBBIO, Norberto. *Saggi su Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 1990. Por meio de um grande número de intervenções e publicações, Norberto Bobbio deu o tom do debate sobre a questão da democracia nos setores políticos e acadêmicos, na Itália e no Brasil, *grosso modo* identificados com uma leitura liberal Gramsci.

⁴ DEL NOCE, Augusto. *Il suicidio della rivoluzione*. Milano: Rusconi, 1978.

⁵ NATOLI, Aldo. *Antígone e il prigioniero*. Roma: Riuniti, 1990. Esse talvez seja o texto mais emblemático dessa abordagem que procura vincular as relações interpessoais a problemas políticos de grande alcance.

O pretense esgotamento do tema da revolução como cânone de explicação e teleologia histórica, depois do fracasso do socialismo de Estado, garantia que a atualidade de Gramsci só poderia ser preservada dentro de uma orientação reformista (ou da revolução passiva como programa), que privilegie as instituições democráticas. A ação política, nesses termos, deveria estar voltada para a busca de pontos de passagem para a ampliação e difusão da democracia. Enfim, o amplamente difundido discurso que previa um mundo tendente a difusão da paz, da democracia e da cidadania, nos desdobramentos do fim do socialismo de Estado e da URSS, numa tentativa de atualização, acabava por criar uma mistificação histórica ao se criar uma cisão entre Lênin e Gramsci. Assim, do Gramsci real era feita uma figura quase especular.⁶

Ainda que sustentando uma relativa difusão e expansão de sua obra e de leituras muito diversificadas, que alimentaram estudos culturais e políticas centradas em questões particulares, o fato é que Gramsci esteve praticamente ausente da vida política e cultural da Itália, passando a ser estudado, a partir dos anos 90, por um grupo relativamente exíguo de intelectuais, do ponto de vista da filologia, como forma de recuperar o valor intrínseco de sua elaboração teórico-política. Esse estudo menos vinculado à ação político partidária pode, eventualmente, recuperar, ao menos em parte, a força das idéias de Gramsci para a transformação social.⁷

⁶ VACCA, Giuseppe. *Appuntamenti con Gramsci*. Roma: Carocci, 1998. Esse conjunto de textos de Giuseppe Vacca exemplifica a tendência em observar em Gramsci um crítico precoce do 'stalinismo', assim como a tendência a interpretar o tema da hegemonia como sendo relativo fundamentalmente à questão do consenso e a esfera subjetiva. Essa leitura da hegemonia, ampliada para o campo da política internacional, aproxima politicamente esse 'gramscismo' da liberal-democracia e do neo-contratualismo, acompanhando a fracassada política entabulada por Gorbachev nos estertores da URSS, de apaziguamento com o imperialismo capitalista. Em uma direção convergente se encaminha VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997, p. 28-30. Nessas páginas o autor diz com clareza que não se vive mais o tempo das revoluções, pelo menos como fiat do desenvolvimento histórico, pois essa sobrevive apenas como expressão da periferia. O declínio heurístico da revolução, por outro lado, encontra-se vinculado ao pretense esvaziamento da categoria do trabalho como variável explicativa. Desse modo, também neste exemplo, há uma tendência a projetar o tema da hegemonia exclusivamente para o campo das supraestruturas e das instituições democráticas, para um americanismo sem fordismo.

⁷ Nesse aspecto há que se destacar o trabalho que vem sendo desenvolvido pelo grupo da *International Gramsci Society*.

No entanto, o elemento fundamental a ser observado para se explicar esse novo “encarceramento” de Gramsci é a força e a eficácia da ofensiva do capital, na produção e na cultura, contra o mundo do trabalho, suas instituições e representações culturais. A ‘desconstrução’ da classe operária e de seu movimento político-cultural pela ação de uma massa de intelectuais orgânicos do capital postados na organização da produção e nos meios de difusão da informação, com a generalização do ideário pós-moderno, torna incompreensível e sem sentido as questões postas por Gramsci. Para um mundo no qual predomina a fragmentação dos sujeitos e no qual não há sentido qualquer noção de totalidade contraditória do real, não é possível perscrutar a emancipação humana da alienação do trabalho imposta pelo capital, rumo a um humanismo integral.⁸

Para que se possa assistir um efetivo renascimento da teoria-política e da filosofia da práxis, tais como sugeridas por Gramsci, faz-se mister o surgimento de um novo movimento operário, de um novo movimento global de contestação e de direção antagônica ao domínio universal do capital. Um movimento esse que seja a materialização da refundação comunista do século XXI, cujas características são ainda por demais incertas do ponto de vista prático e teórico. De seguro pode apenas ser afirmado que se deve partir da crítica radical da atual ordem burguesa mundializada e de suas características particulares. Não só dos mecanismos de reprodução do capital, como das forças políticas e culturais predominantes, inclusive das forças culturais e políticas que se embasam na perspectiva fragmentária do pós-modernismo na proposição de lutas exclusivamente setoriais no enfrentamento da barbárie em aproximação, envidando esforços em

⁸ NETTO, José Paulo. Georg Lukács: um exílio na pós-modernidade. In: PINASSI, Maria Orlanda e LESSA, Sérgio (org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002, p. 77-101. As observações de José Paulo Netto sobre a situação atual da obra de Lukács e as condições indicadas para o seu ressurgir, cabem muito bem para Gramsci.

problemas ambientais, étnicos ou de gênero. Com isso a questão operária e do trabalho humano perde seu sentido nuclear do ser do homem.⁹

Essa situação de derrota da perspectiva do trabalho e da teoria social originada em Marx e a necessidade de uma refundação da práxis socialista, a fim de se enfrentar a barbárie que ameaça envolver a humanidade, exige a retomada dos estudos sobre a refundação comunista do século XX. Desde antes mesmo da morte de Engels, ocorrida em 1895, o impulso radicalmente crítico da ordem do capital, contido na obra de Marx, tendeu a se diluir, sendo superado por formas inovadoras de alta cultura burguesa, como o positivismo e o neokantismo. A intrusão positivista e neokantista na cultura do movimento operário, do qual o debate sobre o revisionismo foi um exemplo forte, subsumiu a classe operária a hegemonia burguesa, sob a forma de reformismo.¹⁰

A refundação comunista do século XX, particularmente com Lênin e Rosa Luxemburg, partiu do resgate da dialética materialista, da crítica do imperialismo capitalista, do papel do campesinato no processo revolucionário e da cisão com o reformismo. Ainda que com divergências sobre o imperialismo, sobre a forma partido e a consciência operária, sobre o reformismo, sobre a questão agrária, sobre a questão das nacionalidades, sobre a cisão teórica e orgânica, o fato é que ambos esses autores se encontram no campo do resgate e da atualidade da revolução socialista internacional.

Gramsci (assim como Lukács) faz parte da segunda fase da refundação comunista, cujas características são a derrota da revolução socialista internacional, o início da transição socialista na URSS, numa situação de atraso e isolamento, e o enfrentamento da ofensiva do capital, sob a forma fascista. Essa fase ficou marcada pelas vicissitudes da cisão orgânica e teórica com o

⁹ ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

¹⁰ Não que a vertente reformista do movimento operário e a intelectualidade reformista, particularmente na Alemanha, não tenha produzido uma obra teórica de alto padrão cultural. BERTELLI, Antonio Roberto. *O marxismo e as transformações capitalistas: do Bernstein-Debate a República de Weimar (1899-1933)*. São Paulo: IAP / IPSO, 2000.

reformismo e pela fórmula política da frente única. Nessa situação é que se coloca o problema da particularização da hegemonia ou, dito de modo mais claro, a questão nacional ganha uma importância decisiva na estratégia da revolução socialista internacional. O espaço da refundação comunista coincide com o espaço da eclosão da revolução socialista internacional entre 1917 e 1921, vale dizer, no território dos então império russo, alemão, austro-húngaro e ainda do reino italiano.¹¹

A tentativa de enquadrar Gramsci nesse contexto histórico e cultural indicado pelos contornos desse movimento teórico e prático, denominado aqui de refundação comunista, pode nos auxiliar a escapar de um falso dilema há muito tempo posto no debate, entre um Gramsci "leninista" ou um Gramsci "autóctone", pretendido seguidor das melhores tradições democráticas da Itália e do Ocidente liberal. O contexto da refundação e a multiplicidade de fontes de que dialeticamente se serviu para entabular uma crítica radical do existente, sem unilateralismo, pode melhor captar o lugar de Gramsci nesse contexto sócio-histórico.

O texto que se segue tentará manter dois planos conexos de leitura e exposição, o histórico concreto e o teórico-político, estabelecendo assim o vínculo entre a produção teórico-prática de Gramsci e o contexto sócio-histórico da refundação comunista. Ao se estabelecer um vínculo entre a interpretação teórica e o movimento do real, o que se faz é uma tentativa de ler Gramsci pelas suas próprias lentes e pela sua própria pena, sem que lhe venha solicitado valores e conceitos que pouco lhe diziam respeito. Assim, a ênfase deve recair nas subjetividades atuantes em condições concretas bem determinadas, até que se possa almejar o objetivo de contribuir para escrever, ainda que minimamente, sobre uma página importante da história da ciência política socialista. Deve-se ter em mente, ainda, que enfatizar as subjetividades significa privilegiar uma

¹¹ DEL ROIO, Marcos. A refundação da crítica socialista e as revoluções passivas do século XX. In: _____ () *império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998.

parte do mundo material construído pelo homem e não a incorreção do politicismo ou do culturalismo, como metodologia.¹²

O objetivo explícito então é o de mostrar o lugar de Gramsci no contexto da refundação comunista do século XX, para o que é preciso localizar os fundamentos de sua formação político-cultural, os autores e correntes que mais contribuíram em sua formação. Tenha-se presente, ademais, que outras possíveis influências tenham sido deixadas de lado aqui, já que se tratava mais de um ambiente cultural com suas misturas e conflitos, do que um caso de genealogia intelectual e cultural a ser determinada. Difícil e mesmo indesejável estabelecer uma demarcação entre as suas influências “nacionais” e “européias”, considerando a própria tradição cosmopolita da intelectualidade italiana e a perspectiva internacionalista que alimentava a vertente da refundação comunista.

Assim, Benedetto Croce, segundo a própria leitura de Gramsci, é um intelectual que vincula o cosmopolitismo e uma função nacional, segundo determinados interesses de classe. Sorel é um intelectual normando francês que conta com grande inserção na Itália. Maquiavel e Vico, importantes autores clássicos da ciência política viveram épocas em que a Itália ainda não existia enquanto Estado, mas pensavam e se projetavam por todo o contexto europeu a partir de um particular ponto de vista “nacional”. Labriola, por sua vez, é um autor reconhecido mais entre os pequenos grupos espalhados pela Europa, que depois confluíam para a refundação, do que entre os socialistas italianos. Do mesmo modo, há indícios fortes de que o canal de ingresso de Gramsci na vertente da refundação comunista, tendo como suporte a sua postura original oposta

¹² Essas observações de caráter metodológico são sugeridas pelo próprio Gramsci, mas encampadas por autores como BARATTA, Giorgio. *Le rose e i quaderni: saggio sul pensiero di Antonio Gramsci*. Roma: Gamberetti, 2000, p. 223-229. Devem ser considerados ainda HAUPT, Georges. *Perche la storia del movimento operaio?* In: *L'Internazionale Socialista della Comune a Lénin*. Torino: Einaudi, 1978, p. 03-37, e ainda AGOSTI, Aldo. *Il mondo della III Internazionale*. In: HOBBSAWN, Eric (a cura di). *Storia del marxismo*. Torino: Einaudi, tomo 3, vol. 1, 1980, p. 379-380.

ao positivismo e ao reformismo, tenha derivado da cultura contestatória e revolucionária da Alemanha, particularmente Rosa Luxemburg e Karl Korsch.

O efetivo encontro com Lênin e com o bolchevismo, a partir de 1923, é decisivo para que Gramsci se endereçasse a uma superior síntese teórico-política de seu pensamento, necessária para que pudesse sair da situação subalterna dentro do próprio PCI, diante da direção de Amadeo Bordiga e, ao mesmo tempo, refletir uma estratégia de luta revolucionária para a particularidade italiana atuante internacionalmente. Nesse movimento do pensamento é que Gramsci envereda para o caudal da refundação comunista, vindo exatamente a ser o elemento mais destacado do seu aprofundamento e desenvolvimento teórico-prático.

De Lênin é a apreensão da necessidade de traduzir a particularidade da revolução russa na particularidade da revolução italiana, num estranho movimento dialético que passa do universal às diferentes particularidades. Daí a necessidade de pensar o partido revolucionário da classe operária e de pensar a aliança operário-camponesa. Mas a trajetória de Gramsci, paradoxalmente, aponta o caminho para Marx. Esse caminho mostrou-se facilitado pela permanência da centralidade da fábrica e do mundo operário na teoria e na prática, trazido de Sorel, Korsch e Rosa. Assim, a esteira que pavimenta o caminho para Marx é o nexos permanente entre o processo de produção fabril e a política operária na perspectiva da revolução socialista.

O fio condutor que possibilita a Gramsci alcançar uma nova síntese teórica, que aponta para patamares mais elevados, é a fórmula política da frente única. Ainda que problema se apresentasse desde a revolução russa de 1905, é a partir do início de 1921 que essa fórmula política ganha uma posição central nos debates teóricos da Internacional Comunista. Aquilo que se procurará mostrar aqui é precisamente que Gramsci, ao mesmo tempo em que se utilizou dessa fórmula para atingir uma nova síntese teórica no seu próprio pensamento, foi o seu mais profícuo elaborador, no mesmo momento em que a IC se adentrava por uma fase de regressão teórica.



Desse modo, a ênfase desse estudo, assim como foi a do autor em foco, vale repetir, estará centrada na práxis política, nas particularidades e subjetividades atuantes em determinadas situações concretas.

Esse estudo aborda o período que parte de 1919, quando os problemas da cisão e da revolução socialista se colocam de maneira forte na cena italiana, com a experiência dos conselhos de fábrica e do *L'Ordine Nuovo*, até a prisão de Gramsci, em fins de 1926, quando a questão da refundação comunista e, em particular, da frente única estão relativamente maduros.

Para acompanhar essa trajetória, mostrou-se necessário localizar a origem e os percalços do problema da cisão na vertente teórica da refundação comunista no contexto da revolução socialista internacional, de cuja derrota surge a fórmula política da frente única. Para a análise desse problema, a realização do III congresso da IC mostrou-se um marco importante, pois promoveu o encontro entre as diferentes particularidades da Rússia e da Alemanha, na dimensão internacional, o eixo de geração da fórmula política em questão.

Em conexão a esse problema, foram analisados os fundamentos político-culturais de Gramsci e o seu endereçamento para a cisão comunista, consumada com a fundação do PCI. Em seguida apresentou-se o problema de extrema complexidade da consolidação da cisão comunista na Itália entre um contencioso com a direção da Internacional Comunista e o desafio teórico e prático de se fazer frente ao ataque fascista.

Prensado entre as necessidades de defender a unidade partidária para enfrentar o fascismo e a de preservar o vínculo internacional, sem que houvesse um deslocamento à direita do partido e um refluxo da cisão, Gramsci percebe na fórmula política da frente única não só a saída para um problema sério, mas a possibilidade de um grande salto teórico para a consolidação da cisão e o enfrentamento ao fascismo, a um só tempo.

A dificuldade adicional, da qual era muito difícil se dar conta no preciso momento, foi exatamente a regressão teórica do bolchevismo e a dispersão do grupo espartaquista na Alemanha. Contudo, na medida em que ocorria esse fenômeno, Gramsci se enveredava decididamente para vertente da refundação comunista, buscando uma nova síntese teórica, para a qual se serviu principalmente de Lênin, mas também de Trotsky e Bukhárin. Empenhou-se em formular uma concepção de partido revolucionário que, do mesmo modo, apontava para uma síntese entre formulações anteriores de Rosa e Lênin, mas foram trazidas também da experiência prática. Em meio ao combate antifascista, Gramsci amadureceu uma concepção nova e teoricamente acima das que grassavam na IC, empenhando-se na conformação de um novo grupo dirigente revolucionário.

As teses do III congresso do PCI indicam já um grau de maturação significativo do novo grupo dirigente e a percepção da particularidade nacional da aliança operário-camponesa. No entanto, os graves efeitos do processo de cisão do grupo dirigente bolchevique e a consolidação do fascismo na Itália criaram novas clivagens e dificuldades diante das quais a capacidade intelectual e política de Gramsci e do grupo dirigente comunista se mostrou insuficiente.

Com a prisão e, posteriormente, com a redação dos *Cadernos do cárcere*, Gramsci adentra uma outra fase, diferenciada, na qual predomina necessariamente a autonomia relativa do teórico. Detido pelo fascismo e deixado a definhir lentamente, Gramsci elaborou uma obra de resistência e de combate antifascista e anticapitalista que pretendeu levar avante a convicção de que “precisaria fazer alguma coisa ‘für ewig’, segundo uma complexa concepção de Goethe”, conforme carta escrita a cunhada Tatiana Schucht. Nessa mesma carta, Gramsci anunciava o seu primeiro plano de trabalho daquilo que viria a ser os *Cadernos do cárcere*, dizendo que pretendia estudar a história do espírito público dos intelectuais italianos do século XIX, o tema da lingüística comparada, o teatro de Pirandello como exemplo de mudança do gosto teatral, os

romances de apêndice e o gosto literário popular. Em suma, Gramsci retomava as suas preocupações juvenis, do tempo de Facoltà di Lettere e de seu permanente trabalho de atento acompanhamento e estímulo ao "espírito popular criativo".¹³

Nos *Cadernos do cárcere*, Gramsci aprofundou e desenvolveu a fórmula política da frente única como estratégia de construção da hegemonia e da transição socialista, a partir da análise de situações particulares no contexto da história mundial, como um raio de luz incidindo no prisma. Mas o próprio conteúdo teórico-político dessa fórmula política é ela mesma uma disputa pela hegemonia, um conflito entre subjetividades diferentes e em movimento, que mantém a sua atualidade histórica e política.¹⁴

Meus sinceros agradecimentos a Donattela De Benedetto, a Giorgio Baratta e a Guido Liguori, que, quase sem suspeitar, muito contribuíram para a elaboração desse trabalho. Agradeço também aos companheiros do Instituto Astrojildo Pereira e do Grupo de Pesquisa 'Cultura e Política do Mundo do Trabalho', que ofereceram o indispensável estímulo intelectual. As eventuais virtudes desse texto devem ser compartilhadas com eles, mas as deficiências cabem exclusivamente a quem subscreve.

Guerra, revolução e crise comunista em Gramsci.

¹³ GRAMSCI, Antonio. Lettera a Tânia. 27 marzo 1927. In: _____ *Lettere dal carcere (1926-1930)*. A cura di Antonio Santucci. Palermo: Sellerio, 1996. p. 54-57.

¹⁴ BARATTA, Giorgio. *Op. cit.*, 2000. p. 237-246.

Capítulo I

Guerra, revolução e cisão comunista em Gramsci.

1. Cisão e refundação comunista em Lênin e Rosa Luxemburg.

Desde os primeiros meses de 1920, Lênin havia percebido que o ímpeto maior da revolução socialista internacional havia passado, que o clamor pela difusão da revolução socialista enunciado em março de 1919, quando da fundação da Internacional Comunista, deveria ser substituído pela ênfase na necessidade de se preservar o berço russo do processo revolucionário e pela conquista da maioria da classe operária, com a construção de partidos comunistas de massa. No opúsculo *A doença infantil do "esquerdismo" no comunismo*, escrito nos meses de abril/maio de 1920, Lênin esclarece que a aplicação dos princípios fundamentais da revolução socialista, a ditadura do proletariado e o poder soviético, "não exigirá a supressão da variedade nem das peculiaridades nacionais", pois "investigar, estudar, descobrir, adivinhar, captar o que há de particular e de específico, desde o ponto de vista nacional, na maneira em que cada país enfoca concretamente a solução de um problema internacional comum (...)", seria a tarefa que caberia cumprir aos comunistas.¹⁵

Algumas diferenças essenciais entre o Oriente-russo e o Ocidente, numa aproximação em busca das referidas especificidades nacionais, são já apontadas por Lênin, para quem "está claro que não se pode nem falar em equiparar as condições da Rússia às da Europa ocidental".¹⁶ Lênin admite que "na situação concreta de 1917, original ao extremo do ponto de vista histórico, para a

¹⁵ LENIN, Vladimir. La enfermedad infantil del "izquierdismo" en el comunismo. In: _____ *Obras escogidas en doce tomos*. Moscou: Progreso, tomo IX, 1977, p. 73.

¹⁶ Ibidem, 1977, p. 40.

Rússia foi fácil começar a revolução socialista, mas continua-la e leva-la até o fim lhe será mais difícil que nos países europeus".¹⁷

No que tange ao problema da *cisão*, anota Lênin, esse fora resolvido a fundo pelos bolcheviques quando desde cedo abriram luta contra o reformismo dos mencheviques e contra o "esquerdismo" pequeno-burguês dos anarquistas e social-revolucionários. Mesmo as irrupções "esquerdistas" no interior do partido bolchevique foram enfrentadas com decisão, segundo argumenta Lênin, até porque se tratava de um partido ferreamente disciplinado e temperado na luta clandestina.¹⁸

No Ocidente, a refundação comunista só encarou a questão da *cisão* tardiamente, depois de estar em andamento a guerra imperialista, de modo que a complexidade do problema nessa realidade é muito maior. Além da pressa que se requer para a solução do impasse, deve-se considerar a dificuldade em se enfrentar um reformismo solidamente enraizado nos sindicatos e num partido operário sem estrutura clandestina e habituado à contenda parlamentar. De modo que a participação dos comunistas nos sindicatos e como minoria parlamentar revolucionária são ações imprescindíveis para a consumação da *cisão* com o reformismo e com o "esquerdismo", com a conseqüente identificação do partido com a classe operária e as massas proletárias.

Em função da postura do reformismo diante da guerra imperialista e de sua influência sobre as massas, para Lênin, a *cisão* com essa corrente precede no tempo e em importância a *cisão* com o "esquerdismo", embora, de acordo com o momento histórico-político, seja necessário selar compromissos com essas vertentes.¹⁹ Mas, enquanto combate com veemência o

¹⁷ Ibidem, 1977, p. 45.

¹⁸ Parece que Lênin desdenha a força que o "comunismo de esquerda" dispunha na própria Rússia dos soviets, cujas concepções teóricas incidiam na orientação econômico-política daqueles dias de concentração de forças em defesa da revolução.

¹⁹ Lênin cita o exemplo do compromisso sobre o programa agrário da revolução russa, quando os bolcheviques subscreveram a proposta dos social-revolucionários, mas não é tão explícito sobre o apoio ao "esquerdismo" contra o reformismo na Itália.

“esquerdismo” no comunismo alemão. Lênin sustenta de maneira crítica o “esquerdismo” no socialismo italiano, diante da necessidade de apressar a cisão.

Na Alemanha já estava constituído um partido comunista, que contava com a possibilidade de atrair uma fração muito significativa do USPD – Partido Social-democrata Alemão Independente, tornando-se um partido de massas, ao mesmo tempo em que a tendência comunista “esquerdista” se aprontava para cindir o partido existente. A postura de Lênin foi a de apoiar a aproximação e fusão do KPD – Partido Comunista da Alemanha, com a ala esquerda do USPD, ampliando a influencia dos comunistas e acentuando a diferenciação em relação aos reformistas, isolando assim os “esquerdistas”.

Na Itália a cisão ainda não havia se consumado e a possibilidade desta vir a ocorrer arrastando a maioria do PSI - Partido Socialista Italiano, para a IC – Internacional Comunista, era razoável. Nesse caso, tratava-se, para Lênin de dar suporte à fração que mais radicalmente defendia a cisão com os reformistas e a adesão a IC, no caso a vertente “esquerdista” de Amadeo Bordiga, razoavelmente organizada desde fins de 1918. A vertente do socialismo italiano, majoritária, chamada de “massimalista”, declarava-se favorável à revolução russa e a IC, mas defendia a unidade do PSI, o que incluía a manutenção dos reformistas nas fileiras partidárias.

O pequeno e pouco conhecido grupo de *L'Ordine Nuovo*, ao mesmo tempo em que se alinhava aos “massimalistas” no jogo interno do PSI, tendia a ser identificado com o sindicalismo revolucionário e o “espontaneismo”, não só pelo entusiasmo despertado em George Sorel, na França, mas pelo fato da experiência de autogoverno operário de Torino fazer referência às formas de organização dos IWW - Industrial Workers of the World e dos shop-stewards, dos EUA e da Inglaterra, além dos soviets russos.²⁰

²⁰ FIORI, Giuseppe. *Vita de Antonio Gramsci*. Roma-Bari: Laterza, 1995, p. 143-144.



Embora dê por inexistente o “esquerdismo” na Rússia, Lênin sinaliza alguns pontos firmes na teoria da transição socialista e da ditadura proletária, que contrariam expectativas existentes numa fração bolchevique de que a transição seria um processo acelerado, e antecipa a formulação política que iria incorrer na NEP – Nova Política Econômica, cerca de um ano depois.²¹ Lênin argumenta ser a ditadura do proletariado um luta sem trégua contra a burguesia, um inimigo mais forte que tem vínculos internacionais, mas cujo poderio está também “na força do costume, na força da pequena produção”, a qual “engendra capitalismo e burguesia constantemente”.²²

Durante o período de transição,

suprimir as classes não significa só expulsar os latifundiários e os capitalistas (...); significa também suprimir os pequenos produtores de mercadorias. Mas estes não podem ser expulsos, não podem ser reprimidos; tem-se que conviver com eles, e só se pode (e deve) transforma-los, reeduca-los, mediante um trabalho de organização muito longo, lento e prudente.²³

Em suma:

²¹ No exílio suíço de uma parte dos bolcheviques, com o início da guerra, delineou-se o “comunismo de esquerda” do “grupo de Baugy”, formado por Bukharin, Radek, Piatakov e outros. Pensavam que a revolução socialista se tornara atual na Rússia, que a guerra deveria ser transformada em guerra de ofensiva revolucionária e que as medidas econômico-sociais teriam que ser imediatamente socialistas. Lênin., que ocupava uma situação de “centro” no partido, concordava com a leitura da atualidade da revolução socialista, mas pensava que a Rússia revolucionária deveria retirar-se da guerra, raciocínio com o qual aquiesceu a “esquerda”, quando da assinatura do tratado de Brest-Litovsk. A situação de emergência que surgiu da guerra civil e de intervenção imperialista, fez com que houvesse uma confluência para a opinião da “esquerda” em relação às medidas tomadas. Em 1921, quando do início da NEP, a posição de Lênin, em relação à transição socialista, voltou a predominar por algum tempo, até que após sua morte uma nova contenda se abriu. Note-se que personagens importantes dessa trama histórica, cujo desfecho ocorreu apenas em 1929, mudaram de posição mais de uma vez. O comunismo de esquerda da Rússia tem pontos de contato com o comunismo de esquerda ocidental, mas não podem ser confundidos. HAJEK, Milos. Il comunismo di sinistra. In: AAVV. *Storia del marxismo*. Torino: Einaudi, tomo 3, vol. 1, p. 359-375.

²² LENIN, Vladimir. *Op.cit.*, 1977, p. 04.

²³ *Ibidem*, 1977, p.24.

A ditadura do proletariado é uma luta tenaz, cruenta e incruenta, violenta e pacífica, militar e econômica, pedagógica e administrativa contra as forças e as tradições da velha sociedade. A força do costume de milhões e dezenas de milhões de pessoas é a força mais terrível.²⁴

Várias instituições econômicas e jurídicas geradas na época burguesa são preservadas nos primeiros passos da transição socialista, até porque “depois de triunfar a primeira revolução socialista do proletariado, depois de ser derrubada a burguesia de um país, seu proletariado segue sendo durante muito tempo mais débil que a burguesia”.²⁵ A razão disso é não só as relações internacionais da burguesia, mas também a sua capacidade de ressurgir da pequena produção mercantil, com a qual, no entanto, é necessário estabelecer um compromisso na fase inicial da transição socialista.

Assim, ao mesmo tempo em que Lênin insiste na *cisão* teórico-política como fundamento do movimento comunista, contribuindo para a divisão entre as forças sócio-políticas da classe operária, defende com veemência a necessidade da aliança com a pequena produção mercantil, que redundou na vitória da revolução na Rússia, mas que também teria que desembocar na NEP, passando por cima do compromisso estabelecido com o “comunismo de esquerda” no decorrer do enfrentamento armado com o imperialismo e seus aliados russos.

Essas observações de Lênin eram pertinente para a maior parte do comunismo ocidental e serviam, ao menos em parte, para explicar a derrota da revolução socialista. Na Hungria, onde havia se estabelecido uma república de conselhos, os comunistas não levaram na devida conta a questão da *cisão*, tendo aceitado a fusão com os social-democratas, assim como não perceberam a necessidade de se estabelecer um compromisso com a pequena produção agro-mercantil.

²⁴ Ibidem, 1977, p.25.

²⁵ Ibidem, p.51.

perdendo assim o respaldo do campesinato, que se aliou à vitoriosa contra-revolução burguesa. O “esquerdismo” na Áustria levou os comunistas ao isolamento político, enquanto já havia levado à derrota a revolução alemã. Assim é que o predomínio do “esquerdismo” contribuiu para levar a revolução socialista internacional à derrota, dentro do próprio espaço da refundação comunista.²⁶

Rosa Luxemburg foi quem melhor captou a singularidade da Alemanha dentro do contexto da revolução socialista internacional. Desde 1905 tinha como evidente o vínculo estreito entre o processo revolucionário na Alemanha e na Rússia (incluindo a Polônia), estabelecido pelo fato do sujeito político revolucionário ser o mesmo em ambos os países, nos quais o proletariado se opunha desde logo à ordem burguesa, ainda que a revolução russa fosse de caráter formalmente burguês.²⁷

Na perspectiva teórica de Rosa havia uma notável valorização do tema da auto-atividade das massas e a constituição do seu autogoverno, de tal modo que observava a consciência crítica e o próprio partido revolucionário como um produto dessa atividade e não como instrumento desde o início necessário para centralizar e dirigir a luta da classe operária. Para Rosa a ação política social-democrata “surge historicamente da luta de classe elementar” e, “de fato, a social-democracia não é ligada a organização da classe operária, mas é o movimento específico da classe operária”.²⁸

²⁶ O comunismo de esquerda pode ser visto como uma diversificada vertente política localizada entre a refundação comunista (composta pelo bolchevismo e pelo espartaquismo) e o sindicalismo revolucionário. Defendiam, em geral, a existência de um partido de vanguarda que fosse seguido pelas massas no momento da eclosão revolucionária, a organização em sindicatos revolucionários, a crítica radical ao parlamentarismo burguês e entendiam que a revolução no Ocidente, em função de sua particularidade seria mais difícil e demorada. Seus maiores teóricos foram Anton Pannekoek, Hermann Gorter, e Gyorgy Lukacs. Os primeiros se afastaram do movimento comunista e Lukacs se conduziu para a vertente aqui chamada de refundação comunista. Deve ser lembrado ainda o nome de Karl Korsch, inicialmente membro da USPD, que foi se deslocando para os setores mais a esquerda do movimento comunista, até que foi afastado em 1927. O comunismo de esquerda dos anos 20 contou com uma característica mais prática, deixando de contar com teóricos sofisticados.

²⁷ LUXEMBURG, Rosa. *Sciopero generale, partito e sindacati*. In: _____. *Scritti politici*. Roma: Riuniti, 1976, p. 348-349.

²⁸ LUXEMBURG, Rosa. *Problemi di organizzazione della socialdemocrazia russa*. In: _____. *Scritti politici*. Roma: Riuniti, 1976, p. 212-213. É por demais conhecido, ainda que freqüentemente simplificado, os termos do debate

A explosão da guerra em 1914 foi caracterizada também por Rosa Luxemburg como sendo imperialista, produto das contradições entre as grandes potências em disputa pelo mercado mundial. Contra a barbárie militarista proposta pelo imperialismo postava-se a atualidade da revolução socialista internacional, mas a Internacional Socialista, em sua grande maioria, decidiu acatar a tese das burguesias européias, de que se tratava de uma guerra de “defesa nacional”.

A explicação para essa atitude política pode ser encontrada no predomínio do *reformismo* no seio da social-democracia, originado da dissociação entre o cotidiano das massas sob a ordem do capital e o objetivo histórico de realização do socialismo. Os ganhos materiais e o fortalecimento organizativo do movimento operário dentro da institucionalidade burguesa estimula a sobreposição da burocracia sindical sobre o partido operário, e a cisão entre luta econômica e luta política, em pleno acordo com a sociabilidade gerada em torno da acumulação do capital. Pelo contrário, somente uma luta de massas envolta pela teoria socialista pode condensar essas dimensões, entabulando um processo revolucionário.

Diante da débâcle da Internacional Socialista, enquanto Lênin clamava pela fundação de uma nova Internacional, Rosa esperava pela sua reconstituição no processo mesmo de autocrítica e da luta revolucionária contra a guerra. Antes de ser aprisionada em função de sua atividade de denuncia contra a guerra, Rosa ajudou a compor o pequeno grupo que ficou conhecido como d'A Internacional, devido a uma publicação do mesmo nome que contou com apenas um número. Nesse número, aliás, Rosa publicou um artigo, em fevereiro de 1915, convocando a

sobre a origem da consciência político-revolucionária da classe operária, travado no início do século XX, quando Lênin (de algum modo seguindo Kautsky) entendia que a mera oposição entre capital e trabalho no processo produtivo limitaria a consciência operária à dimensão corporativo-sindicalista. Apenas a dimensão da contraditória totalidade social e estatal, com seu decorrente contato com outras camadas sociais, estabelecendo alianças e definindo objetivos políticos, poderia alimentar a consciência revolucionária. Há, assim, em Lênin um superdimensionamento da esfera da política estatal. Rosa, por sua vez, entendia que a consciência política revolucionária, ainda que de maneira elementar, estava já contida no cerne da contradição capitalista e que o acúmulo de lutas faria aumentar a consciência crítica e a organização da classe operária, do qual o movimento socialista e o marxismo revolucionário seriam um elemento constitutivo e não externo às próprias relações sociais de produção do capital. Veremos como Gramsci supera a antinomia posta nessa discussão.

reconstituição da Internacional em bases revolucionárias. Levada ao cárcere, logo em seguida, Rosa escreveu *A crise da social-democracia*, texto que ficou conhecido como a “Brochura de Junius”, segundo o pseudônimo utilizado pela autora, e publicado cerca de um ano depois, em 1916, reivindicando a constituição de uma “nova Internacional”, expressão que comporta uma certa ambigüidade, já que não expõe a forma e o ritmo de construção dessa nova entidade.

Recorda toda a luta da II Internacional contra os riscos da guerra imperialista, até a inequívoca capitulação de agosto de 1914, acompanhando o acirramento dos conflitos da política mundial. Mostra como a social-democracia alemã dizia apoiar entusiasticamente a guerra germânica contra o czarismo russo em nome da civilização ocidental ameaçada pela barbárie oriental, coerente com a posição de Marx e Engels, que viam no regime russo a praça forte da reação feudal européia. Para Rosa, porém, desde o final do século XIX, e particularmente depois da revolução russa de 1905, a situação havia se invertido, quando “as ajudas russas contra a revolução alemã são substituídas pelas ajudas alemãs contra a revolução russa”²⁹ e “é a reação européia, e aquela prussiano-feudal em primeira linha, que forma agora a praça forte do absolutismo russo”.³⁰

Não obstante a decisão da social-democracia majoritária de paralisar a luta de classes em nome da “defesa nacional”, na expectativa de retoma-la a partir do mesmo lugar onde havia parado, Rosa Luxemburg insiste que “na guerra atual o proletariado dotado de consciência de classe não pode identificar a sua causa com nenhum campo militar”³¹, posto que o verdadeiro problema “é a capacidade de ação das massas proletárias na luta contra o imperialismo”.³² Com a finalidade de estabelecer algumas diretrizes de ação para o grupo A Internacional, que estava para

²⁹ LUXEMBURG, Rosa. La crisi della socialdemocrazia. In: _____ *Scritti politici*. Roma: Riuniti, 1976, p.497.

³⁰ Ibidem, 1976, p. 498.

³¹ Ibidem, p. 540.

³² Ibidem, p. 541.

se transformar na Liga de Spartacus. Rosa Luxemburg insere um apêndice no seu folheto afirmando alguns princípios entre os quais a afirmação do colapso da Segunda Internacional, em função de seu apoio à guerra, o reconhecimento do fortalecimento das classes dirigentes e a assumpção da tese da impossibilidade de guerras nacionais na era imperialista. Confunde-se numa ação única a luta pela paz, contra o imperialismo e pela revolução proletária internacional.

O fundamental instrumento de ação deve ser a constituição de uma “nova Internacional dos trabalhadores, que guie e reúna a luta de classe revolucionária contra o imperialismo em todos os países”.³³ Essa nova Internacional deverá ser centralizada e decidir sobre a política das seções nacionais, mas a tarefa imediata deve ser aquela da “emancipação espiritual do proletariado da tutela da burguesia, que se exterioriza no influxo da ideologia nacionalista”, pois “a pátria dos proletários, a cuja defesa deve estar subordinado todo o resto, é a Internacional socialista”.³⁴

Lênin contesta ou indica as insuficiências de algumas das teses expostas por Rosa Luxemburg, primeiro que tudo a afirmação da impossibilidade da guerra nacional na era imperialista. Essa poderia ocorrer (como de fato ocorreu), nas lutas de libertação de povos submetidos ao imperialismo, na desintegração dos impérios europeus ou ainda se algum país de maior porte viesse a ser subjugado como resultado da guerra em andamento. Lênin também diverge da possibilidade de uma guerra de defesa nacional outra que não fosse a defesa do Estado socialista sob assédio imperialista, já que para Rosa uma república democrática avançada mereceria ser defendida.

Mas, do ponto de vista prático, o ponto nodal que, nesse momento, separa os dois mais importantes teóricos da refundação comunista é a questão da cisão. Fosse para contornar

³³ Ibidem, p. 550.

³⁴ Ibidem, p. 551.

divergências no grupo político do qual era parte ou, mais provavelmente, por fazer uma particular leitura da situação alemã. o fato é que Rosa não faz qualquer explícita referência à necessidade da cisão com o reformismo e com as lideranças que conduziram o partido operário a essa situação. Com isso escamoteia, segundo a crítica de Lênin, o vínculo entre o “socialchauvinismo” e o “oportunismo”, entre a postura nacionalista da social-democracia e o reformismo. Para Lênin, “este é um erro teórico, pois é impossível explicar a ‘traição’ sem vincula-la com o oportunismo como tendência que tem uma longa história, a história de toda a II Internacional”.³⁵ Lênin considera ainda que essa postura significa um recuo em relação ao artigo de Otto Rühle, futuro líder “esquerdista” do KPD, que afirmava ser inevitável a divisão do SPD.³⁶

O por que das diferenças entre Lênin e Rosa Luxemburg, talvez possa ser encontrada na particularidade dos países em que focavam sua militância revolucionária, além de questões estritamente teóricas. A defesa da impossibilidade de guerras nacionais ou da presença de burguesias de caráter nacional entre os povos dominados decorria de uma compreensão do imperialismo, que teria já quase mundializado a acumulação do capital, em meio a fortes tensões sociais e militares. Para Rosa, assim, “o imperialismo é expressão política da acumulação do capital na sua luta de concorrência em torno dos resíduos dos ambientes não-capitalistas ainda não colocados sob seqüestro”.³⁷

O predomínio do reformismo no seio do movimento operário socialista, por sua vez, era visto por Rosa como produto de um conflito inerente a uma classe que tem um cotidiano vivido dentro da ordem burguesa e, ao mesmo tempo, almeja a construção de uma nova ordem, de modo que se trata de um fenômeno fundamentalmente político-ideológico. Em vez disso, Lênin via o

³⁵ LENIN, Vladimir. Sobre el folleto de Junius. In: *Obras escogidas en doce tomos*, Moscu: Progreso, Tomo VI, 1976, p. 03.

³⁶ Nesse momento, Lênin estava mais próximo do grupo dos “comunistas internacionalistas”, de que Otto Rühle fazia parte, que d’A Internacional (logo, os espartaquistas) de Rosa Luxemburg, exatamente em função da questão da cisão.

³⁷ LUXEMBURG, Rosa. *L’Accumulation del capitale*. Torino: Einaudi, 1974, p. 445.

reformismo como produto de uma cisão social no seio da classe operária, dando origem a uma ideologia específica da "aristocracia operária". Essa cisão, que deixava no abandono os interesses das massas proletárias, tinha como contraparte a diferenciação no seio da burguesia que originou a oligarquia financeira imperialista.

Dessa diferença analítica decorre uma divergência na tática política, particularmente no que se refere à política de alianças. Para Rosa a unidade da classe operária era um elemento fundamental para a vitória do processo revolucionário e a luta contra o reformismo deveria ser travada dentro de um movimento socialista unitário. Assim, a aliança com os setores reformistas era mais importante que a aliança com o campesinato, pois que na Alemanha (e, em geral, na Europa centro-oriental) essa camada social, ao contrário do que ocorria na Rússia, estava solidamente vinculada à noção de propriedade privada, além de ser muito debilmente politizada. Sabe-se que para Lênin, a aliança com o campesinato era essencial para a vitória da revolução, enquanto que a "aristocracia operária" e sua lideranças sindicais e partidárias deveriam ser encaradas até mesmo como inimigas do proletariado.

Se, para Rosa, o partido revolucionário é produto de uma teoria que envolve o movimento operário, unificando sua luta cotidiana contra o capital com seu objetivo histórico de realização do socialismo, a luta político-ideológica contra o reformismo se confunde com a mobilização das massas e a construção do partido. Dada a complexidade da forma social germânica, o tempo da revolução seria mais longo que no Oriente-russo e deveria passar por várias fases transitórias e estágios mais diferenciados. Entende-se assim a resistência oposta por Rosa Luxemburg ao tema da *cisão*. Para Lênin, ao contrário, a cisão, entendida em toda a sua complexidade sócio-política e orgânico-ideológica, era essencial para a refundação comunista, de modo que



o maior defeito no marxismo revolucionário da Alemanha é a falta de uma organização ilegal consolidada, que aplique sua linha de forma sistemática e que eduque as massas no espírito das novas tarefas; tal organização deveria também tomar uma postura definida diante do oportunismo e do kautskismo.³⁸

Sabe-se que Rosa Luxemburg aquiesceu com a inevitabilidade da cisão e com fundação de um partido comunista, em fins de 1918, logo ao sair da prisão, quando a guerra acabou e a revolução alemã estava em andamento. Mas, ao contrário de seus companheiros “esquerdistas”, como Otto Rühle, continuou a insistir que a revolução socialista internacional, na Alemanha, deveria obedecer a um ritmo de acordo com a necessidade de se ganhar a maioria da classe operária e forjar um novo partido. Por fim, a derrota política de Rosa Luxemburg para as posições “esquerdistas”, no próprio momento de fundação do KPD, culminou na inicial derrota da revolução alemã e no seu próprio assassinato.

No entanto, a resistência à cisão refletiu ainda na argumentação que justificou o voto de abstenção da delegação alemã ao congresso de fundação da Internacional Comunista, ocorrido em março de 1919 e dedicado exatamente à memória de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, executados no precedente mês de janeiro. O delegado alemão, Eberlein, sustentou que a nova Internacional deveria surgir após a consolidação entre as massas de pelo menos alguns partidos comunistas dos países imperialistas mais importantes. Ou seja, persistia não só a resistência à cisão, mas também a visão de que essa deveria ocorrer somente sob o influxo do próprio movimento de massas.

³⁸ LENIN, Vladimir. *op. cit.*, 1976, p. 03.



2. Liberalismo, revisionismo e o problema da cisão em Gramsci.

Pode-se facilmente notar algumas semelhanças entre Rosa Luxemburg, a mais importante personagem da refundação comunista do século XX, na Europa centro-oriental, com as posturas e atitudes políticas de Antonio Gramsci, como a contraposição ao reformismo e ao institucionalismo, a fé na auto-atividade e na capacidade de autogoverno da classe operária, a ênfase na autonomia e no antagonismo frente o capital, mas também a resistência à cisão orgânica do partido operário. As formulações de Rosa Luxemburg e dos espartaquistas, em defesa dos conselhos operários (*Arbeiter Rät*) como meio de controle da produção e embrião de uma nova ordem social, muito incidiram sobre as reflexões de Gramsci, como de resto todo o diversificado debate sobre os conselhos.³⁹ No que tange ao problema da cisão, esse que foi o mais destacado teórico da refundação comunista na sua segunda fase, foi ultrapassado pela tendência “esquerdista” do movimento revolucionário italiano, que tinha em Amadeo Bordiga uma notável liderança.⁴⁰

De modo mais evidente, é também notória a influencia exercida por Rosa Luxemburg na conversão de Gyorgy Lukacs ao comunismo, ainda que esse tenha, assim como Gramsci, ingressado com posições afinadas com o “esquerdismo”, tão presente no Ocidente europeu. Assim, não parece ser descabida a sugestão de que Gramsci tenha recebido significativo influxo das concepções teórico políticas da grande militante revolucionária, logo após a morte desta, tal

³⁹ SPRIANO, Paolo. *“L’Ordine Nuovo” e i consigli di fabbrica*. Torino: Einaudi, 1971, p. 59 e passim.

⁴⁰ Mais tarde, quando Gramsci ultrapassa o momento da aliança com Bordiga e começa a formular uma teoria do partido político revolucionário, os ecos da concepção organizativa de Rosa Luxemburg continuam a se fazer presentes, ainda que não de modo explícito, pois após o “outubro alemão” (1923) e o V congresso da IC (1924) o nome da revolucionária polonesa é eclipsada pela regressão teórica que atinge as organizações comunistas.

qual Lukács, e no momento em que reavaliava sua própria trajetória, sob o impacto da revolução russa.⁴¹

Por certo, a elaboração teórica espartaquista sobre os conselhos operários incidiu, assim como a experiência húngara, sobre o movimento italiano dos conselhos de fábrica, particularmente na sua inspiração de iniciativa e autodeterminação das massas, de sua oposição a medidas partidas de um consenso da burocracia estatal e a importância dada ao controle da produção como cerne da luta de classe contra o capital. Mas a posição espartaquista se mostrou minoritária no debate sobre o problema dos conselhos e de sua função dentro do Estado na Alemanha e na Áustria, tendo prevalecido amplamente a posição social-democrata, que encarava os conselhos como órgãos assessores do mecanismo econômico.

A posição de Gramsci sobre a centralidade da fábrica e a cisão diante do Estado político do capital era também compartilhada por Karl Korsch, o qual contava com uma visão influenciada pelo sindicalismo-revolucionário. No entanto, Gramsci já contava com a percepção de que era no processo produtivo que se criaria uma nova política, uma política operária e revolucionária, que

⁴¹ Após a derrota da revolução na Hungria, Lukács transferiu-se para Viena onde se ocupou do semanário "Kommunismus" da Internacional Comunista, voltado para a Europa central e balcânica. O esquerdismo de Lukács era nucleado na não admissão de compromissos e mediações que implicassem concessões éticas. É perceptível que esse seu esquerdismo sofre uma inflexão já nos últimos ensaios que comporiam *História e consciência de classe*, redigidos em 1922, e publicados no ano seguinte. A derrota na luta interna no Partido Comunista da Hungria (KPU) e a derrota da revolução socialista internacional, que golpeou o substrato teórico do comunismo de esquerda, levaram Lukács a um lento deslocamento em direção às concepções de Lênin e da política de frente única. Tendo ficado entre Viena e Berlim e adentrado pela vertente da refundação comunista entre fins de 1923 e 1924, Lukács teve, assim como Gramsci ver-se às voltas com a regressão teórica que afetou o movimento comunista depois de 1924. A posição de Landler e Lukács, no KPU, primeiro defendendo a participação dos comunistas nos sindicatos social-democratas e depois contribuindo na formação de um partido social-democrata de esquerda, mostram como a frente única, na sua concepção, se forjava em torno da consigna da "república democrática", em substituição à de "ditadura do proletariado". Lukács se tornou um dos mais profícuos teóricos da fórmula política da frente única nas suas "Teses sobre a situação política e econômica da Hungria e sobre as tarefas do KPU", de 1928-1929. No estudo sobre *O jovem Hegel e os problemas da sociedade capitalista*, concluído em 1938, na URSS, Lukács apresenta os fundamentos da fórmula política da "ditadura democrática", como momento da luta pelo poder da frente única das classes subalternas, defendendo Hegel como horizonte emancipatório possível dentro da ordem burguesa, em oposição ao mundo feudal. KONDER, Leandro. *Lukács*. Porto Alegre: LP&M, 1980.



deveria ser socializada com a finalidade de corroer a ordem privada do capital e gerar uma nova ordem.⁴²

Indiscutível é que a configuração da visão de mundo de Gramsci, além dos influxos advindos de sua origem social e cultural, entre as quais se destacava o meridionalismo de Salvemini, é produto de um entrelaçar de influências aparentemente díspares. Desde o início, e por toda a sua trajetória, Gramsci se posta em oposição à alta cultura burguesa de extração neokantista ou positivista, que exercia sua hegemonia por sobre o movimento operário e socialista, assim como contra a tradição eclesial-católica antimoderna.

Gramsci parte então da problemática posta pela 'crise do marxismo' da virada do século XIX para o século XX e dos intentos 'revisionistas' que recuperaram analítica e politicamente a cisão própria do mundo liberal-burguês entre o econômico e o político e entre o público e o privado. Descartado Bernstein, pelo seu vínculo com o neokantismo e com o reformismo, a referencia de Gramsci é o debate sobre Marx, que envolveu intelectuais como Benedetto Croce, Giovanni Gentile e Rodolfo Mandolfo. Importante é a leitura neoidealista 'revisionista' que Benedetto Croce faz do marxismo, retomando Hegel e a problemática da subjetividade. De Croce adota a idéia da modernidade como 'religião da liberdade', contra as posturas do clero católico, assim como percebe na dialética historicista um instrumento de luta contra as variantes de naturalismo positivista disseminadas pela Itália, sendo essas as barreiras que colocavam contra a concreção da revolução burguesa e da modernidade. Gramsci encontra-se, assim, de início, inserido no campo liberal-democrático, entre os seguidores da mais avançada cultura burguesa do início do século XX.⁴³

⁴² Sobre a relação de Gramsci com Rosa Luxemburg e principalmente com Korsch pode ser visto DUBLA, Ferdinando. *Gramsci e la fabbrica*. Bari: Lacaita, 1986, p. 75-81.

⁴³ LOSURDO, Domenico. Tra Risorgimento e I guerra mondiale: gli inizi di Gramsci. In: _____ *Antonio Gramsci dal liberalismo al "comunismo critico"*. Roma: Gamberetti, 1997, p. 17-34.



No entanto, Gramsci recebia a influência difusa da cultura operária de Torino, que o colocava objetivamente em um ângulo diferenciado, e mesmo oposto, de observação da vida social. Assim, o longo e complexo afastamento de Gramsci em relação a Croce começa no transcurso da guerra iniciada em 1914, mas já com um ponto de fuga redirecionado, prolongando-se, talvez, até 1923. É quando Croce funda uma revista, a *Nuova Política Liberale*, cujo programa estabelece um vínculo entre o liberalismo e o fascismo, portando-se então como um teórico da 'revolução passiva' configurada no novo regime e Gramsci, em contato com Lênin, conflui na vertente da refundação comunista.

Não apenas Croce, mas também Giovanni Gentile e Gaetano Salvemini, entre outros expoentes da cultura liberal, procuraram observar virtudes no grande massacre que se iniciava, enquanto Gramsci tendia a uma oposição sempre mais marcada contra a guerra. O entendimento sobre o significado da ascensão ao poder dos bolcheviques ampliou a fenda entre Gramsci e os liberais, ainda que tivesse se mantido dentro do horizonte do liberalismo e da grande revolução francesa do fim século XVIII. Divergências sobre o significado do materialismo histórico contribuíram para o crescente afastamento de Gramsci em relação a Croce, mas o mais decisiva foi a postura diante do mundo operário.⁴⁴

Foi inicialmente também por meio de Croce que Gramsci absorveu as concepções de George Sorel.⁴⁵ Esse autor pode também ser considerado um 'revisionista' – pela esquerda --, na medida em que se opõe à estratégia socialista de ocupação paulatina dos espaços políticos institucionais -- notadamente no parlamento liberal -- mas foi por seu intermédio que Gramsci

⁴⁴ LOSURDO, Domenico. "Macello europeo", rivoluzione, fascismo: l'adesione di Gramsci al comunismo critico. In: *Op.cit.*, Roma: Gamberetti, 1997, p. 35-74.

⁴⁵ Sobre a relação entre Gramsci e Sorel podem ser consultados BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci: dal mito all'ricomposizione politica*. Torino: Einaudi, 1975, p. 30-76; PAGGI, Leonardo. *Le strategie del potere in Gramsci*. Roma: Riuniti, 1984, p. 308-319; GERVASONI, Marco. *Antonio Gramsci e la Francia: dal mito della modernità alla 'scienza della politica'*. Milano: Unicopli, 1998, p. 165-179; MEDICI, Rita. *Giobbe e Prometeo: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alinea, 2000, p. 127-145.

pode visualizar o mundo do trabalho fabril como uma realidade particular e cindida da esfera alienada do mundo do capital. Para Sorel a cisão estabelecida no mundo moderno entre os produtores diretos e os proprietários é garantida pela existência de uma dimensão política e cultural, consolidada pelos agentes políticos e pelos intelectuais da classe dominante.

Essa cisão só pode ser sanada em caso de se partindo do senso comum dos produtores, alimentado pela ciência prática, se difundir o mito social da greve geral, que seria, por sua vez, a única forma de manter o proletariado em posição antagônica em relação ao Estado e ao capital, preservando e desenvolvendo a moral dos produtores. Guardadas as devidas diferenças entre Sorel e Rosa, deles Gramsci incorpora a valorização da espontaneidade e da greve de massa, da auto-organização dos trabalhadores e a oposição a qualquer forma de socialismo de Estado.

Enquanto que para Rosa Luxemburg a concreção da greve política de massa é imprescindível para o desencadeamento do processo revolucionário, irrelevante é para Sorel se a greve geral seria algo realizável ou não, pois o importante é que o mito contenha em si, na forma de drama e de imagens, o conflito irreduzível contra a ordem social, de modo que "toda a questão é saber se a greve geral contém tudo que a doutrina social do proletariado revolucionário espera".⁴⁶ A nova ordem social seria gerida pela moral dos produtores, configurando um novo bloco orientado por uma inusitada dimensão ética. Uma reforma moral que alimenta e amplia o 'espírito de cisão' é a condição para que as massas se apaixonem e difundam o mito social da greve geral.

Gramsci parte de Sorel na sua crítica ao jacobinismo, entendido como separação entre dirigentes e dirigidos, cuja implicação é a ênfase sempre dada na auto-educação e auto-organização das massas e a crítica ao predomínio dos intelectuais, sempre como forma de preservar o 'espírito de cisão' do proletariado em relação à ordem social. Uma diferença decisiva

⁴⁶ SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis: Vozes, 1993. p. 107.

em relação a Sorel, no entanto, Gramsci levava desde o início, e que foi o fundamento da sua ciência política, era a sua concepção de que a política se introjetava no processo produtivo, pois que a fábrica representava um elemento crucial na disputa pelo poder político e social, vale dizer, pela hegemonia. Assim que, desde logo, a “economia” é “política”. Daí a postura de Gramsci ser avessa a toda forma de politicismo, tão próprio da tradição socialista italiana, e insistir na defesa da organização do proletariado em unidades produtivas, consideradas um “reflexo normal da luta de classe nos países de mais intensa vida capitalista”.⁴⁷

Mesmo quando Gramsci adere à cisão orgânica do movimento operário e socialista é com o objetivo de garantir o ‘espírito de cisão’ e a autonomia da classe operária em relação ao Estado e ao capital. Do mesmo modo, toda a reflexão sobre o partido político revolucionário da classe operária e sobre a formação de uma nova camada de intelectuais preserva essa condição, sem a qual haveria uma reversão ao reformismo politicista. Gramsci, como se sabe, nos *Cadernos do Cárcere* passou a reelaborar conceitos extraídos de Sorel, como ‘senso comum’, ‘reforma moral e intelectual’ e ‘bloco histórico’, mas resguardando essa diferença original de pensamento.

Sorel pode também ter sido parcialmente responsável, com sua visão pessimista, por Gramsci ter sido afetado pela visão historicista de Maquiavel e Vico, que perscrutam épocas de declínio histórico, enquanto que o evolucionismo positivista e o neokantismo apostam no progresso indefinido da vida social dos homens. O entrelaçamento entre Sorel e Maquiavel pode ser observado na noção comum a ambos de construção de uma ‘nova ordem’. Enquanto Gramsci

⁴⁷ GRAMSCI, Antonio. Lo sviluppo della rivoluzione, 13/09/1919. In: _____ *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Einaudi, 1975, p.28.



preserva e redefine o 'espírito de cisão' de Sorel, incorpora de Maquiavel a visão da fundação de um novo Estado.⁴⁸

Diante das acusações de sindicalismo-revolucionário atiradas contra o movimento dos conselhos da fábrica, Gramsci lembra que em relação a obra de Sorel

certo é que dela estamos longe de aceitar tudo. Não aceitamos a teoria sindicalista, assim como quiseram apresentar aprendizes e aplicadores e como talvez não estivesse na cabeça do mestre, que, no entanto, pareceu depois consentir nisso. Não temos nenhuma simpatia por aqueles hábitos sem freios e de reluzente acomodação mental, que se introduziram no nosso país em nome do sindicalismo teórico.⁴⁹

Na reflexão de Gramsci há uma clara dissociação entre a obra e a mente flexível de Sorel em confronto com seus pretensos seguidores italianos, ao mesmo tempo em que há o implícito reconhecimento da influencia soreliana na sua formação intelectual. Sobre Sorel afirma ainda que:

Nas suas melhores coisas, parece recolher em si um pouco das virtudes dos seus dois mestres: a áspera lógica de Marx, e a comovida e plebéia eloquência de Proudhon. E ele não se fechou em nenhuma fórmula, e hoje, conservando aquilo que havia de vital e de novo na sua doutrina, i.é, a afirmação da exigência de que o moto proletário se exprima em formas próprias, que dê vida a instituições próprias, hoje ele pode seguir, não só com os olhos plenos de inteligência, mas com o ânimo pleno de compreensão, o movimento realizador iniciado pelos

⁴⁸ MEDICI, Rita. Ordine nuovo e socialismo: Gramsci tra Machiavelli e Sorel. In: *Giobbe e Prometeo: filosofia e politica nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alinea, 2000. p. 127-145. Nesse mesmo livro, vale destacar, Rita Medici defende a tese de uma influencia importante de Rodolfo Mandolfo na formação teórica e intelectual de Gramsci.

⁴⁹ GRAMSCI, Antonio. Georges Sorel. L'Ordine Nuovo, 11 10/1919. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol. II. 1973. p. 31-32.

operários e camponeses russos, e pode ainda chamar de 'companheiros' os socialistas da Itália que querem seguir esse exemplo.⁵⁰

É essa impositação do problema que permite a Gramsci investir numa aproximação entre Sorel e Lênin, no processo de construção de sua própria leitura do real: da revolução socialista internacional e da experiência dos conselhos de fábrica nesse contexto. O próprio Sorel percebia no conjunto da experiência dos conselhos uma aproximação com as teorias que vinha desenvolvendo. Mais tarde, a persistência da influencia soreliana na ciência política de Gramsci será manifesta no seu entendimento da fórmula política da frente única. Na verdade, toda essa discussão só pode ser satisfatoriamente apreendida se for considerada a diversidade de componentes ideológicos que se viam atraídos pela revolução na Rússia e confluíam para o comunismo. Só assim é que se pode perceber que o encontro de Gramsci com Lênin foi feito com a parcial mediação da diferenciada área do comunismo de esquerda.

Um outro autor que contribuiu para a formação teórica de Gramsci e para a definição de sua singularidade na refundação comunista foi Antonio Labriola, que, a exemplo de Croce, tinha sua formação intelectual enraizada no hegelismo napolitano dos irmãos Spaventa.⁵¹ Na década de 90, Labriola se aproximou da "doutrina do comunismo crítico"⁵², principalmente através de um intenso diálogo epistolar com Engels. Na medida em que se vinculava ao materialismo histórico, Labriola rompia não só com a tradição dos irmãos Spaventa, mas também com seus discípulos intelectuais, que se aprofundaram na 'revisão' da obra de Marx. Importante notar que o encontro de Labriola com o pensamento de Engels e Marx ocorrera precisamente no momento da eclosão

⁵⁰ Ibidem, p. 31-32.

⁵¹ Os irmãos Bertrando e Silvio Spaventa fundaram uma Escola de Filosofia em Napoli, no ano de 1846, iniciando a difusão da filosofia idealista alemã, e principalmente de Hegel, na Itália. Desempenharam importante papel na vida pública e intelectual italiana. Transferido para Torino, Bertrando Spaventa obrou pela difusão do pensamento italiano pela Europa. Pode ser visto principalmente LOSURDO, Domenico. *Dai Fratelli Spavente a Gramsci: per una storia politico-sociale della fortuna di Hegel in Italia*. Napoli: La città del sole, 1997.

⁵² LABRIOLA, Antonio. *Saggi sul materialismo storico*. Roma: Riuniti, 1977, p. 35.

da 'crise do marxismo' e do debate sobre o 'revisionismo', tendo sido um pensador contra a corrente de seu tempo.

Desde o início apartado do movimento pela fundação do Partido Socialista Italiano, cujo predomínio coube a uma certa pequena-burguesia, à qual desprezava, e a uma concepção ideológica envolta pelo reformismo de estampo positivista, Labriola viu aos poucos dele se distanciarem Benedetto Croce e George Sorel. Enquanto Croce preferiu retomar de uma forma toda original o hegelismo dos seus tios Spaventa, Sorel enveredou-se por uma reflexão que associava Marx a Proudhon. O isolamento de Labriola, na Itália, intelectual e político, foi parcialmente compensado por uma aceitação importante de sua obra entre as vertentes anti-revisionistas da Europa, inclusive da Rússia.

Através de Labriola e seu diálogo com Engels, por um lado, e através do bolchevismo, de outro, é que Gramsci finalmente chega a Marx e ao comunismo crítico, reelaborando toda a produção dos 'revisionistas' que se envolveram com a "crise do marxismo" da passagem para o século XX e que tanto haviam contribuído para a sua própria formação intelectual. Na sua oposição ao 'economicismo' de Achille Loria, Gramsci, junto a Engels e Croce, apela também para o nome de Labriola, como expoente de um pensamento dialético.⁵³

Observa-se então que antes de se encontrar de maneira mais detida com a obra de Lênin e de estabelecer um reencontro com a obra de Marx, dentro de uma nova perspectiva, Gramsci havia absorvido muitas das contribuições da cultura contestatória anticapitalista gerada no Ocidente, particularmente da França e da Alemanha, mantendo-se sempre distante do socialismo reformista e positivista. Ademais, sua funda inserção na tradição cultural italiana, com a peculiar propensão cosmopolita, ofereceu-lhe os elementos fundamentais para se enveredar pela rota que

⁵³ BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci: dal mito all'ricomposizione politica*. Torino: Einaudi, 1975, p. 3-55. LOSURDO, Domenico. Tra Risorgimento e I Guerra Mondiale. In: _____. *Antonio Gramsci dal liberalismo al 'comunismo critico'*. Roma: Gamberetti, 1997, p. 17-34.

o levaria ao comunismo crítico, além, sem dúvida do vínculo de origem com as classes subalternas da Itália, tanto na Sardenha quanto no Piemonte.⁵⁴

Assim é que Gramsci, armado de uma concepção dialética idealista e de um 'espírito de cisão' do produtor em relação ao mundo da política, intervém no problema concreto da cisão orgânica no movimento operário e socialista da Itália, cuja complexidade deveu-se à posição ocupada pelo PSI no espectro político da Internacional Socialista e, particularmente, pela sua não adesão à guerra. A preponderância da tendência "massimalista" no interior do partido, desde 1912, possibilitou aos socialistas italianos a postura de "neutralidade" diante da guerra e também a manifesta simpatia pela revolução socialista eclodida na Rússia. A participação dos socialistas no encontro internacionalista de Zimmerwald (setembro de 1915) já havia inserido o PSI no campo da oposição à guerra e pela revolução socialista. O XV congresso do PSI, realizado em Roma, no mês de setembro de 1918, assiste a vitória dos "massimalistas", que apóiam a revolução russa e se declaram a favor da paz e da revolução também na Itália.

A vertente vitoriosa contou com o decidido apoio de Gramsci, o qual, contudo, não deixa de chamar atenção para o fato de se estar apenas no início da construção de um partido classista, pois ainda

precisa destruir o espírito colaboracionista e reformista; precisa com exatidão e precisão assinalar aquilo que nós entendemos por Estado, e como no comportamento que o partido vai sempre melhor assumindo, não há nada que contraste com a doutrina marxista.⁵⁵

⁵⁴ Para o acompanhamento da trajetória intelectual e política de Gramsci na década em que viveu e lutou em Torino é muita utilidade a consulta de DIAS, Edmundo Fernandes. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

⁵⁵ GRAMSCI, Antonio. Dopo il congresso, Il Grido del Popolo, 14/009/1918. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol I, 1973, p. 215.

Esse é o caminho para a realização de um Estado socialista originado não das instituições liberais, mas de “um desenvolvimento sistemático das organizações profissionais e das entidades locais, que o proletariado soube já suscitar dentro do regime individualístico”.⁵⁶ Percebe-se claramente que para Gramsci o Estado operário não pode nascer de alguma eventual progressão democrática das instituições liberal-burguesas, mas apenas das instituições sociais geradas pela própria auto-organização da esfera do trabalho, com vistas a sua emancipação.

A direção do PSI decide pela adesão a Internacional Comunista logo quando essa é fundada, atitude depois consagrada pelo XVI congresso partidário, efetuado em Bologna no mês de setembro de 1919. No entanto, por detrás dessa escolha estava já tomando corpo a linha de tensão que levaria à *cisão* comunista e ao fracionamento do PSI. A majoritária fração “massimalista” se encontrava com o bolchevismo apenas no que tange ao programa máximo, aquele da perspectiva da realização do socialismo, mas no que se refere à concepção teórica da revolução socialista, particularmente do papel a ser desenvolvido pela subjetividade, permaneciam vinculados ao reformismo. Os próprios reformistas percebiam no “massimalismo” uma sua contaminação mitológica a partir dos acontecimentos na Rússia. Para os reformistas, a revolução deveria fracassar na Rússia e na Itália e seria a própria fração “massimalista” a responsável por desviar a classe operária do único caminho factível que seria o das reformas sociais e democráticas, conseguidas na dura luta do cotidiano.

Desde fins de 1918, Amadeo Bordiga vinha organizando em Napoli uma nova tendência no PSI, radicalmente crítica da ordem do capital. Bordiga, a fim de se opor ao reformismo e ao “massimalismo”, retomou algumas formulações de Marx sobre a inevitabilidade da crise capitalista e da revolução socialista, incorporando do bolchevismo a idéia do partido de vanguarda. O revolucionário napolitano insiste na *cisão* completa com a institucionalidade

⁵⁶ Ibidem.

burguesa, sendo esse o caminho para propor a cisão com o reformismo e também com sua variante “massimalista”, já que tal vertente teórico-política é vista como uma necessidade da própria ordem burguesa para sua reprodução.

Assim, já no congresso de Bologna, Bordiga se apresentou com uma proposta política autônoma, em nome de um agrupamento existente basicamente só em Napoli. Logo após o congresso, ao redor do semanário *Il soviet*, se congrega a fração comunista chamada de “abstencionista”, que desde cedo procuraria estabelecer um vínculo com a IC, tendo despertado um enorme entusiasmo no seio dos jovens socialistas.⁵⁷

Por outra parte, a fundação, em Torino, da revista *L'Ordine Nuovo*, por iniciativa de Antonio Gramsci, Palmiro Togliatti, Umberto Terracini e Angelo Tasca, cujo número inaugural saiu em 1º de maio de 1919, originou uma nova vertente da cisão. Com um suporte cultural muito diferente do positivismo que permeava o socialismo italiano, e exatamente aquele que daria estofo para a cisão e a refundação comunista, nesse momento inicial esse pequeno grupo permaneceu subordinado ao “massimalismo”, não só na política partidária, mas na preocupação manifesta com o programa máximo e o perfil do futuro Estado socialista.

Uma guinada significativa ocorre em junho, quando no sétimo número da revista aparece o edital “Democracia operária”, escrito por Gramsci, que então se questiona: “Como saldar o presente ao futuro, satisfazendo as urgentes necessidades do presente e utilmente trabalhando para criar e ‘antecipar’ o futuro?”. Reafirmando sua manifesta postura de que o Estado revolucionário surge da própria atividade antagônica dos trabalhadores frente ao capital, Gramsci parte do pressuposto que

⁵⁷ SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967, p. 29 e passim.



o Estado socialista existe já potencialmente nas instituições de vida social características da classe trabalhadora explorada. Coligar entre si essas instituições, coordena-las e subordina-las em uma hierarquia de competências e poderes, centraliza-las fortemente, ainda que respeitando as necessárias autonomias e articulações, significa criar desde agora uma verdadeira e própria democracia operária, em contraposição eficiente e ativa com o Estado burguês, preparada desde agora para substituir o Estado burguês em todas as suas funções essenciais de gestão e de domínio do patrimônio nacional.⁵⁸

Embora reconhecendo o papel do partido socialista e dos sindicatos, Gramsci entende que “a oficina com as suas comissões internas, os círculos socialistas, as comunidades camponesas, são os centros de vida proletária nos quais ocorre trabalhar diretamente”. Isso porque

quem quer o fim, deve também querer os meios. A ditadura do proletariado é a instauração de um novo Estado, tipicamente proletário, no qual confluem as experiências institucionais da classe oprimida, no qual a vida social da classe operária e camponesa surge como sistema difuso e fortemente organizado.⁵⁹

Podem ser já notadas aqui as sementes da reflexão de Gramsci no cárcere, quando aventa a gestação de uma sociedade civil que organiza a hegemonia operária em posição antagônica ao Estado do capital. Percebidas as potencialidades dos conselhos de fábrica, *L'Ordine Nuovo* surge como pólo de agregação e expansão do movimento, quando esse apenas se iniciava. Fazendo analogias com os *shop-stewards*, com os *räte* alemães e, principalmente, com os *soviet* da Rússia, o movimento se insere no processo em marcha da revolução socialista internacional. A reflexão de Gramsci parte do processo produtivo como campo da ação política, parte dos fundamentos da produção capitalista tendo em vista a sua dissolução por meio do controle operário. Há aqui uma

⁵⁸ GRAMSCI, Antonio. Democracia operária, *L'Ordine Nuovo*, nº 7, junho de 1919. Apud SPRIANO, Paolo. “*L'Ordine Nuovo e i consigli di fabbrica*” Torino: Einaudi, 1971, p. 145-149.

⁵⁹ Ibidem, 1971, p. 145-149.

releitura de Sorel, pois o processo produtivo não deve ser o campo da cisão absoluta diante da política e do Estado, mas deve sim ser politizado para que possa vir a ser o fundamento de uma geral reorganização das relações sociais e da fundação de um novo Estado.

O rápido crescimento dos conselhos de fábrica sugere interpretações diversas no seio do próprio PSI: os reformistas comparam o movimento das fábricas de Torino a uma nova forma de anarco-sindicalismo; a direção política e sindical do partido não concordam com a participação do conjunto da massa proletária no movimento, incluindo os não filiados ao partido e ao sindicato; os comunistas de esquerda de Bordiga observam no movimento uma atenção menor na questão do partido revolucionário e da tomada do poder estatal, assim como também indica sua inspiração soreliana.

Enquanto o grupo dos comunistas “abstencionistas”, desde fevereiro de 1920, apregoava a necessidade da *cisão* e da construção do partido revolucionário, a ênfase dada na construção das instituições sociais da classe operária como embrião do novo Estado e o horizonte da revolução socialista internacional fizeram com que o grupo comunista do *L'Ordine Nuovo* deixasse num plano inferior esse importante problema, tendo então permanecido envolvido pelo predomínio do “massimalismo” no interior do PSI. Quando, porém, precisaram do apoio ativo do partido e da organização sindical para fazer frente à ofensiva patronal, essa lhe foi negada.

A tentativa dos patrões de limitar a atuação dos conselhos de fábrica foi respondida, em abril de 1920, com a greve geral, que se espalhou por toda a região do Piemonte, abarcando diversas categorias de trabalhadores. Enquanto o Estado mobilizava o exército para assegurar a ordem, a CGL - Confederação Geral do Trabalho se opunha ao movimento. A reunião da direção nacional do PSI, marcada para Torino, foi transferida para Milano, antecipando a posição também contrária ao movimento grevista desencadeado pelos conselhos de fábrica. Com variados

argumentos, todas as tendências do partido expuseram suas considerações contrárias à greve e às perspectivas que essa abria.

O isolamento levou o grupo do *L'Ordine Nuovo* e o movimento dos conselhos de fábrica à derrota. Tiveram sua existência reconhecida, mas dentro dos parâmetros definidos pelo capital, sem o almejado controle operário sobre a produção. A subestimação do problema da *cisão* estava pagando sua pena, tendo tocado a CGL encontrar uma saída que oferecesse continuidade ao esforço de se chegar a um acordo com o médio capital. O que não tinha ficado suficientemente claro então para os socialistas é que o grande capital havia decidido tomar a ofensiva, não só contra o mundo do trabalho, mas contra as próprias instituições liberais, já que essas não se mostravam capazes de garantir seus interesses de classe. Era então necessário utilizar o descontentamento da pequena burguesia e dos ex-combatentes diante da crise social para endereçar uma nova situação que garantisse o seu predomínio.

Gramsci havia preparado um documento, apresentado na reunião do Conselho Nacional do PSI, pouco antes da greve geral de abril, chamado “Por uma renovação do Partido Socialista”, posteriormente publicado no *L'Ordine Nuovo* de 8 de maio, que distinguia essa situação e dava um passo significativo em direção à *cisão*. Apontava a existência de uma situação revolucionária no país, posto que existia uma subjetividade social em expansão, na qual “os operários industriais e agrícolas estão profundamente determinados, em todo o território nacional, a por de modo explícito e violento a questão da propriedade dos meios de produção”. Em contraposição “os industriais e proprietários de terra realizaram o máximo de concentração da disciplina e da potencia de classe”, tendo “o Estado burguês criado um corpo armado mercenário” -- referindo-se então à Guarda Régia -- e apelado para a utilização do terrorismo.⁶⁰

⁶⁰ GRAMSCI, Antonio. Per un rinnovamento del Partito socialista. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma, Riuniti, vol. II, 1973, p. 102-108.

Dessa forma,

a fase atual da luta de classe na Itália é a fase que precede: ou a conquista do poder político pelo proletariado revolucionário para a passagem de novos modos de produção e de distribuição que permitam uma retomada da produtividade; ou uma tremenda reação por parte da classe proprietária e governista.⁶¹

E mais,

nenhuma violência será deixada de lado para submeter o proletariado industrial e agrícola a um trabalho servil: procurar-se-á destruir inexoravelmente os organismos de luta política da classe operária (Partido socialista) e de incorporar os organismos de resistência econômica (os sindicatos e as cooperativas) nas engrenagens do Estado burguês.⁶²

É exatamente a fim de se evitar a realização dessa clarividente antecipação do que seria o fascismo é que Gramsci endereça um verdadeiro ato de acusação contra a direção do PSI, suas contradições e inconsistências. O PSI não vinha se mostrando capaz de concentrar as forças operárias e camponesas por não perceber que se vivia um momento de revolução socialista internacional na qual a Itália estava inserida, permanecendo como um partido parlamentar agindo dentro da democracia-liberal burguesa e ausente da política internacional do movimento operário. A adesão a IC não trouxe consigo as devidas implicações teóricas e práticas, tanto que a polêmica com o reformismo não foi ao menos iniciada, e

enquanto a maioria revolucionária do Partido não teve uma expressão de seu pensamento e um executor de sua vontade na direção e no jornal, os elementos

⁶¹ Ibidem.

⁶² Ibidem.

oportunistas, por sua vez, se organizaram fortemente e desfrutaram o prestígio e a autoridade do Partido para consolidar as suas posições parlamentares e sindicais.⁶³

No limiar da cisão, Gramsci afirma que o cerne da questão política estava todo em se transformar efetivamente o PSI, orgânica e ideologicamente num partido comunista, com a exclusão dos reformistas e a adoção de um programa e de uma prática revolucionárias, ou “a classe operária instintivamente tende a constituir-se em um novo partido”, quando não se deslocava para posições anarquistas, notoriamente opostas às organizações partidárias. Fosse pelo caminho da profunda renovação do PSI ou pela cisão, cuja implicação seria a fundação de um novo organismo, o partido revolucionário necessário para classe operária italiana naquela conjuntura, deveria ser “um partido homogêneo, coeso, com uma sua doutrina própria, uma tática sua, uma disciplina rígida e implacável”, o único capaz de encontrar soluções para os problemas postos pela realidade, de organizar “a criação dos Conselhos de fábrica para o exercício do controle sobre a produção industrial e agrícola” e de “conquistar os sindicatos de modo orgânico”. Esses seriam os primeiros passos para a emancipação das forças de produção e do trabalho.⁶⁴

A derrota da greve geral de abril, assim como o descarte do documento redigido por Gramsci na reunião do Conselho do PSI, provocou uma fragmentação ainda maior entre as tendências socialistas mais à esquerda. Gramsci parece ter optado por atuar nas duas vias que lhe pareciam possíveis para a evolução do PSI, tendo participado, em maio, na qualidade de observador, da convenção da fração comunista abstencionista, quando então sua proposta de formação de uma fração comunista de caráter nacional e que não fizesse do abstencionismo uma

⁶³ Ibidem.

⁶⁴ Ibidem.

questão de princípio, foi recusada. Essa era a maneira vislumbrada por Gramsci para unificar as forças comunistas dispersas e compor uma forte corrente renovadora dentro do partido, que, em caso de derrota, poderia caminhar para uma *cisão* orgânica que aglutinasse uma parte significativa do proletariado.

Entretanto, dentro do próprio pequeno grupo do *L'Ordine Nuovo* vieram à tona diversas e sérias divergências contrapondo o seu núcleo fundador. Enquanto Gramsci polemizava com Tasca na defesa dos conselhos de fábrica, Terracini e Togliatti se aliavam à direção partidária, juntamente com outros comunistas revolucionários, fazendo com que o diretor do *L'Ordine Nuovo* se visse isolado no seu projeto de renovação, acompanhado apenas de um pequeno grupo de operários. Assim, dentro da numerosa representação do movimento operário e socialista italiano presente no II congresso da IC, entre sindicalistas, parlamentares e dirigentes, a posição de isolamento de Gramsci se fez ainda mais sensível.

Serrati aparece como o nome mais conhecido e que inspira maior confiança dentro da IC. Junto com Graziadei e Bombacci, foi um dos delegados oficiais no congresso, indicando também a posição marginal de Bordiga, que falhara em compor uma corrente comunista de esquerda, no campo internacional, mais homogênea e de caráter abstencionista. A delegação italiana foi muito criticada e pressionada a romper com os reformistas. A surpresa se apresentou quando Lênin teceu elogios ao documento de Gramsci, dizendo:

No que se refere ao PSI, o II congresso entende que são substancialmente justas as críticas ao partido e as propostas práticas, publicadas como propostas ao Conselho nacional do PSI, em nome da seção torinesa do partido, na revista

“L'Ordine Nuovo” de 8 de maio de 1920, as quais correspondem plenamente a todos os princípios fundamentais da III Internacional.⁶⁵

Aqui já podem ser vislumbrados os fundamentos da futura estratégia de Gramsci para conseguir a direção do PCI: diante do isolamento no interior do partido, uma forte ênfase deve ser dada à política internacional dos comunistas, fazendo com que a questão nacional viva no contexto internacional. É essa perspectiva que permitiu que Gramsci percebesse no fascismo a dimensão internacional de um fenômeno originalmente italiano e enunciasse uma estratégia revolucionária para a Itália, sem nunca perder de vista o caráter internacional da revolução socialista.

O documento exarado pela IC sobre a questão italiana, em seguida ao II congresso, em grande medida, segue a leitura de Gramsci. Exibindo uma alta esperança na revolução italiana, embora reconheça como sendo “evidente a todos que hoje a burguesia italiana não é mais impotente como um ano atrás”, a IC insiste que “na Itália existem agora todas as condições fundamentais para uma grande revolução proletária vitoriosa, que abrace todo o povo”, no momento mesmo em que a chama se apagava na maior parte do espaço no qual havia aflorado a revolução socialista internacional.⁶⁶

Assim como em outros lugares, também na Itália a questão estava centrada na organização da subjetividade revolucionária, pois que a “demasiada indecisão” do Partido socialista, indica sua incapacidade de configurar-se como organismo dirigente e unificador do movimento. Isso ocorre pela atuação de “reformistas e elementos liberal-burgueses” presentes nas fileiras partidárias, fortes principalmente na representação parlamentar e na direção sindical.

⁶⁵ Apud GRAMSCI, Antonio. Il giudizio di Lenin. L'Ordine Nuovo, 21/08/1920. In: _____ *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol. II, 1973, p. 146.

⁶⁶ Lettera del Comitato esecutivo al Comitato centrale e a tutti i membri del Partito socialista italiano. Die Kommunistische Internationale, 13, 1920. Apud: AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale*. Roma: Riuniti, 1974, tomo I, vol I, p.315-320.

que devem ser afastados. Daí ser prioritária “a depuração do partido dos elementos reformistas, a colaboração do partido com a parte proletária melhor dos sindicalistas e dos anarquistas na luta revolucionária”, reconhecendo o fortalecimento relativo dessas correntes, assim como também “o partido deve dedicar a mais viva atenção ao importante movimento dos conselhos de fábrica”.⁶⁷

Como que contemplando as expectativas revolucionárias da IC, a classe operária italiana reage com radicalidade a uma provocação patronal de fechamento da fábrica, ocorrida em Milano, no final de agosto, selando o fracasso das negociações entre capital e trabalho, que se arrastavam desde junho. A federação sindical metalúrgica (FIOM) decide então pela ocupação das fábricas, que sucede a partir de 1º de setembro. A reivindicação que vinha sendo defendida por Gramsci e pelo *L'Ordine Nuovo* se efetiva sob a forma de auto-gestão operária e de transferência de autoridade, constituindo-se numa ação revolucionária que se opõe ao capital e ao Estado, mas também contra o reformismo instalado no sindicato e no partido socialista.

São precisamente essas instituições sociais da classe operária, instaladas no seio do Estado liberal, que se movem para evitar que o movimento de ocupação das fábricas, organizado na forma de conselhos, se difundisse de modo a gerar uma situação efetivamente revolucionária. Antes de tudo buscou-se evitar que a federação dos trabalhadores braçais, forte na Emilia-Romagna, aderisse ao movimento, para em seguida, sob forte pressão da CGL, o PSI tecer um acordo com o governo liberal de Giolitti, em torno de um acordo sobre os salários e sobre uma futura forma de controle da produção. Ao atender, pelo menos na aparência algumas das reivindicações originais dos trabalhadores, a aliança entre a tendência reformista do PSI e da CGL e o governo liberal esvaziou o movimento e tornou *cisão* inevitável diante da evidência da incapacidade dos socialistas em arrancar a classe operária de sua situação de subalternidade.

⁶⁷ Ibidem.

Atingido já o ponto de declínio do movimento a IC lança um apelo para a extensão da ocupação das fábricas “até a insurreição geral”, para o que “o partido socialista deve transformar-se em comunista no pleno sentido da palavra, i.é., um partido que conduz a insurreição e assume a direção”.⁶⁸ A derrota e a conseqüente decepção fizeram com que a IC exigisse urgência na avaliação e implementação da cisão. Dessa maneira, a direção do PSI passou à discussão das 21 condições de inclusão na IC, a qual foi aprovada em 1º de outubro. A aprovação da cisão como princípio teve um significado muito pequeno, já que a decisão deveria ser efetivamente tomada no congresso partidário que se avizinhava.

⁶⁸ Appello del Comitato esecutivo al proletariato italiano (22/09/1920). Die Kommunistische Internationale, 14, 1921. Apud: AGOSTI, Aldo. Op.cit., Tomo I, p. 321-322.



3. A cisão orgânica do movimento operário e a fundação do partido comunista na Itália.

Foram três as correntes principais que foram se formando tendo em vista o congresso do PSI que seria realizado em Livorno, e, por incrível que possa eventualmente parecer, nenhuma delas, nem mesmo a reformista “Concentração socialista”, pregava a ruptura com a IC e a Rússia soviética. A majoritária corrente “massimalista” assumiu o nome de “comunista unitária”, definida como “centrista” pela “fração comunista pura”. Essa última foi formada oficialmente em Milano, numa conferência de representantes de todos os agrupamentos que aceitavam incondicionalmente os 21 pontos estabelecidos pelo II congresso da IC, realizada em 15 de outubro.

Com concessões feitas por todas as tendências, nessa conferência foi redigido um manifesto, assinado por Nicola Bombacci, Amadeo Bordiga, Bruno Fortichiari, Antonio Gramsci, Francesco Misiano, Luigi Polano e Umberto Terracini, a ser difundido por toda a militância socialista. Os “abstencionistas” abriram mão de seu princípio de não participar nos embates eleitorais da institucionalidade liberal, mas tampouco se faz qualquer referência aos conselhos de fábrica. O documento está mais voltado para a ampliação de apoios dentro da massa de filiados, enfatizando a necessidade de implementar decisões tomadas no congresso anterior e promover uma atualização programática, adequada às indicações do II congresso da IC e à evolução do processo sócio-político na Itália.⁶⁹

⁶⁹ Il programma di Milano. Apud: *La fondazione del Partito Comunista: documenti e discorsi*. (a cura di Sergio Manes). Napoli: Laboratorio politico, 1996, p. 21-28.

Pareceu prevalecer por um momento ainda, a tática da “renovação”, proposta por Gramsci que nesses mesmos dias identificava a cidade de Torino como sendo a

sedes de um preciso pensamento político que ameaça conquistar a maioria do Partido socialista italiano, que ameaça transformar o partido, de órgão de conservação da agonia capitalista em órgão de luta e reconstrução revolucionária.⁷⁰

Na convenção pré-congressual da fração comunista, realizada em Ímola, em 28 e 29 de novembro, a diversidade de experiências e de vertentes constitutivas, em maior medida, dificultou o consenso. Embora seja indiscutível que a hegemonia no processo pertencesse ao grupo de *Il soviet*, o primeiro a defender a *cisão* e o único organizado nacionalmente, outras tendências menores ou locais, cumpriram um papel de monta na aproximação com o grupo torinês do *L'Ordine Nuovo*, importante principalmente pelo papel desempenhado na direção do movimento operário com a experiência dos conselhos de fábrica. Não só aqueles que vinham da corrente “abstencionista” de Torino, como Giovanni Parodi, mas também o grupo de Milano de Fortichiari e Repossi e o grupo da esquerda “massimalista” de Bombacci, Gennari e Misiano. Notável a participação da juventude socialista, que aderiu em massa à fração comunista que se constituía.

Avaliando o que mudava para o grupo do *L'Ordine Nuovo*, alguns dias depois Gramsci escrevia que

mesmo depois da constituição da fração comunista, que tem a missão histórica, quando se chamar partido, de organizar as energias revolucionárias capazes de

⁷⁰ GRAMSCI, Antonio. La reazione. *L'Ordine Nuovo*, 17/10/1920. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol. II, 1973, p.165.

conduzir à vitória a classe operária italiana e de fundar o Estado operário, não estará acabada a tarefa específica de nossa revista e dos grupos de companheiros que seguem sua atividade com atenção e simpatia.⁷¹

Gramsci havia finalmente concedido à idéia da cisão defendida pelo prevalecente grupo de Il soviet, mas ao L'Ordine Nuovo tocava ainda a missão de educar a militância comunista e formar os elementos necessários para a construção do novo Estado, de contribuir para a ampla obra de reforma moral das massas trabalhadoras. Assim, entendia que “a constituição do Partido comunista cria as condições para intensificar a aprofundar a nossa obra”, pois “poderemos nos dedicar inteiramente ao trabalho positivo, à expansão do nosso programa de renovação, de organização, de despertar das consciências e das vontades”.⁷²

A IC e o próprio Lênin pressionavam pela cisão, elevando o tom da polêmica com Serrati, o qual pretendia adequar às condições italianas o cumprimento das 21 condições, na tentativa de preservar uma parte do aparato organizativo mantido pelos reformistas. É possível que a postura da IC em relação ao movimento operário italiano tenha estimulado o maior empenho de Gramsci na cisão na forma que essa se antecipava: com um corte bem mais à esquerda do que vinha ocorrendo em outros países desde a realização do II congresso da IC. Polemizando com Serrati e com a tendência chamada de “unitária”, responsabilizada pela crise e fragmentação do partido, Gramsci dizia que “é preciso refazer o Partido, é preciso desde hoje considerar e amar a fração comunista como um verdadeiro partido, como o sólido suporte do Partido comunista italiano”.⁷³

No momento mesmo em que se aproximava a consumação da *cisão* orgânica do movimento socialista italiano, Gramsci antecipa não só os fundamentos teóricos dessa mesma

⁷¹ GRAMSCI, Antonio. Coordinare volontà e azioni. L'Ordine Nuovo, 04/12/1920. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol. II, 1973, p. 171-172.

⁷² Ibidem.

⁷³ GRAMSCI, Antonio. Scissione o sfacelo?. L'Ordine Nuovo, 11 e 18/12/1920. In: _____. *Scritti politici*, (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, vol. II, 1973, p. 173-175.

cisão, mas alguns elementos do roteiro que seguiria para a formulação da idéia de frente única e de toda a ciência política dos anos do cárcere. Gramsci assume o pressuposto de que

a classe operária é classe nacional e internacional. Ela deve pôr-se à frente do povo trabalhador que luta para emancipar-se do jugo do capitalismo industrial e financeiro nacional e internacionalmente. A tarefa nacional da classe operária italiana é fixada pelo processo de desenvolvimento do capitalismo italiano e do Estado burguês, que é sua expressão oficial.⁷⁴

A particularidade do capitalismo italiano, Gramsci vislumbra no processo de sujeição do campo pelas cidades industriais e do Sul e centro do país pelo Norte, originando “o problema central da vida nacional italiana, a questão meridional”, de modo que

a emancipação dos trabalhadores pode ocorrer só através da aliança dos operários industriais do Norte e os camponeses pobres do Sul para abater o Estado burguês, para fundar o Estado dos operários e camponeses.⁷⁵

Daí que o conteúdo necessário da cisão se expressa no fato de

que a classe operária revolucionária se separa daquelas correntes degeneradas do socialismo que estão apodrecidas no parasitismo social, se separa daquelas correntes que procuravam desfrutar da posição de superioridade do Norte sobre o Sul, para criar aristocracias operárias, (...).⁷⁶

⁷⁴ GRAMSCI, Antonio. Il congresso di Livorno. L'Ordine Nuovo, 13/01/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p.39-42. Desde 1º de janeiro de 1921, L'Ordine Nuovo passa a circular diariamente.

⁷⁵ Ibidem.

⁷⁶ Ibidem, 1974, p. 39-42. Parece bastante claro o equívoco de se afirmar que Gramsci percebe a importância da questão meridional e da aliança operário-camponesa, somente a partir da ruptura com Bordiga, já em fins de 1923.

Porém, para Gramsci, além de resolver uma questão histórica e social que tem uma expressão territorial, “a revolução operária italiana e a participação do povo trabalhador italiano na vida do mundo, não pode mais do que se verificar nos quadros da revolução mundial”, implicando que “a classe operária italiana sabe que não pode se emancipar e não pode emancipar todas as outras classes oprimidas e exploradas do capitalismo mundial, se não existe um sistema de forças revolucionárias mundiais que aspirem o mesmo fim”. O imenso valor que Gramsci percebe na Internacional Comunista está na sua clara percepção de que os processos particulares ocorrem sempre dentro do contexto da história do gênero humano, cuja tendência é a unificação sob o comunismo. Por isso é que Gramsci encarava Comissão Executiva da IC como “germe do governo mundial operário”.⁷⁷

Mas Gramsci insistia no vínculo entre produção e revolução, entre “economia” e “política”, na qual a perspectiva da unificação do trabalho industrial e agrícola, manual e intelectual, deveria atacar os fundamentos mesmos da produção capitalista. A partir da transferência do processo produtivo fabril para o controle operário é que poderiam ser reorganizadas as relações sociais de produção e criadas as condições necessárias para a fundação de um novo Estado, sob a égide do conjunto do mundo do trabalho. Por isso que

para os comunistas, impostar o problema do controle operário significa impostar o problema máximo do atual período histórico, significa impostar o problema do poder operário sobre os meios de produção e assim o problema da conquista do Estado.⁷⁸

⁷⁷ Ibidem.

⁷⁸ GRAMSCI, Antonio. *Controllo operaio*. L'Ordine Nuovo, 10/02/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974. p. 67.

Para a abertura do XVII congresso do PSI, a Comissão Executiva da IC enviou uma carta de saudação na qual expõe diretamente sua posição de que

a fração comunista italiana que realizou pouco tempo atrás, em Ímola, uma assembléia, é a única que pôs o problema em termos precisos. Quem quer permanecer fiel a Internacional Comunista, deve sustentar tal fração.⁷⁹

Além das três tendências principais, na tribuna do congresso se apresentou também uma corrente dita “intransigente revolucionária”, que depois se aliou aos “unitários”, e um grupo que havia decidido operar contra a ruptura entre os comunistas “puros” e “unitários”, o qual, diante do fracasso de sua auto-imposta missão, optou por seguir o caminho da fração comunista “pura”, entre os quais Marabini e Graziadei. Os oradores pelos “puros” foram Umberto Terracini e Amadeo Bordiga, que se empenharam em atrair o maior número possível de comunistas, amparando-se nas decisões do congresso de Bologna e nas indicações do II congresso da IC, voltando suas críticas contra o reformismo social-democrata e contra o “centrismo” de Serrati.

Ao contrário da França e da Alemanha, países nos quais muito recentemente as frações socialistas “centristas” haviam aderido formalmente ao partidos comunistas e a IC, para deixa-los não muito depois, na Itália a *cisão* ocorreu numa linha bastante mais à esquerda, contrariando a expectativa de alguns de conseguir a maioria da classe operária organizada para as fileiras do novo partido. O apoio manifestado a Serrati pelo alemão Paul Levi, como delegado da IC, ofereceu combustível para que a polêmica se estendesse e o PSI continuasse fazendo parte da IC ainda por algum tempo, mas o fato é que a fração comunista organizada em Ímola, pouco conseguiu ampliar seus consensos, alcançando sua moção cerca de 1/3 dos votos.

⁷⁹ Indirizzo di saluto del Comitato esecutivo al congresso del Partito socialista italiano a Livorno. *Die Kommunistische Internationale*, n. 16, 1920. Apud: AGOSTI, Aldo. *Op.cit.*, Tomo 1, vol. 1, p. 328-329.



Foi o suficiente, contudo, para que no dia 21 de janeiro de 1921, num congresso à parte, realizado no teatro San Marco, de Livorno, fosse dado por fundado o Partido Comunista da Itália, tendo Amadeo Bordiga como principal dirigente e Antonio Gramsci apenas como suplente da Comissão Executiva. Esse é o preciso indício de que o grupo do *L'Ordine Nuovo*, no momento da cisão orgânica do movimento operário socialista, preferiu se submeter a direção teórica e política de Bordiga, que em muito diferia das anotações de Gramsci sobre a avaliação dos problemas nacionais e internacionais, notadamente no que tange a 'questão meridional'.

A IC, por sua vez, mesmo tendo expedido uma sentença de exclusão dos socialistas, não perdeu a esperança de atrair pelo menos uma parte dos "centristas" num passo posterior, numa certa semelhança com o que ocorrera na Alemanha, já que o congresso do PSI, na continuação, optou por preservar seu vínculo com a organização sediada em Moscou, apelando para uma reconsideração. Desse modo, por algum tempo, a IC contou com duas organizações políticas na Itália, mas estava claro que o PCI surgia no campo do comunismo de esquerda.

A fundação do PCI ocorreu num momento no qual o processo de derrota do movimento operário diante da ofensiva do capital já se fazia sentir, quando a crise econômica provocava já desocupação e pressão sobre os salários e a crise política do bloco de poder e da ideologia liberal buscava solução no desencadeamento do processo de fascistização. Embora o fascismo tenha surgido no quadro urbano, a violência fascista iniciou-se nas zonas agrárias para em seguida se difundir pelas cidades, tendo por alvo as organizações operárias e seus dirigentes. Os comunistas, assim como também os socialistas, observavam no fascismo um instrumento de violência reacionária das classes dominantes, numa ação desesperada diante do que aparentava ser o declínio da sua dominação.

Um acúmulo de elementos que indicavam a derrota da revolução socialista internacional se precipitou em março de 1921, a exatos quatro anos do seu início em São Petersburgo. O fim da

revolução e a necessária reorientação estratégica fizeram com que a Rússia voltasse a se conformar como um diferenciado Oriente revolucionário, tendo que fazer frente ao Ocidente imperialista, onde o capital havia retomado a iniciativa e a força ofensiva contra o mundo do trabalho, afetando assim o arco de decisões a serem tomadas pelos bolcheviques e pelos comunistas de todo o mundo.

Um desvantajoso acordo com a Polônia selou o fim da guerra civil e da intervenção imperialista na Rússia soviética. Obrigada a concessões territoriais, a Rússia viu-se perante uma paisagem de devastação econômico-social sem precedentes, que estimulava focos de rebeldia camponesa. Penalizados durante o período da guerra de defesa da revolução pela consignação obrigatória da colheita ao novo Estado que surgia das ruínas do ex-império czarista, os camponeses ameaçavam romper a aliança social que garantira a vitória revolucionária de novembro de 1917. O levante da base militar de Kronstadt, que cumprira papel dos mais importantes na epopéia revolucionária, foi um sinal a mais de que a desorganização do processo produtivo e a miséria poderiam realizar a tarefa de destruição da obra de transformação que as armas imperialistas não haviam conseguido levar a cabo. O X congresso do PCR (b) - Partido Comunista da Rússia (bolchevique) teve que enfrentar todos esses problemas indicando a guinada estratégica que o movimento comunista deveria proceder, tanto na Rússia, quanto no Ocidente e em outras partes do mundo.

Após o desencadeamento da revolução socialista no país mais atrasado da corrente imperialista e sua subsequente, embora momentânea, difusão em direção ao Ocidente, cujo ponto de inflexão pode ser observado no fracasso da greve política internacional de junho de 1919, houve, ao mesmo tempo, um refluxo para o epicentro russo e um espraiamento para a zona periférica do imperialismo. De tal modo, uma maior abertura das lutas de emancipação dos povos do Oriente dominados pelo imperialismo tomou o primeiro plano. Na Turquia, na Pérsia, Índia e

China, o movimento antiimperialista ganhou novo impulso, ainda que a hegemonia burguesa tenha sido a tona.

O fracasso rotundo da insurreição proletária intentada pelo KPD - Partido Comunista da Alemanha, na chamada "ação de março", indicou o fim melancólico da estratégia da greve geral e do levante armado contra o Estado burguês, naquela etapa histórica na qual o capital estava se recompondo, após envolver-se na generalizada guerra imperialista e ter que encarar a revolução socialista. Embora a repressão ao movimento operário tenha sido significativa nos Estados liberal-imperialistas, tendo em vista o enquadramento do sindicalismo no processo de reestruturação produtiva, a ofensiva do capital e das classes dirigentes se mostrou com a maior virulência naqueles países que vislumbraram a possibilidade da revolução socialista, exatamente os localizados no espaço das revoluções burguesas 'passivas' ou mal sucedidas e da refundação comunista, composto pela Rússia, Alemanha, Áustria-Hungria e Itália.

Na Alemanha, apesar da derrota, o movimento operário preservou a vitalidade ainda por alguns anos, suficientes para ocupar espaços governamentais e acossar a ordem burguesa, mantendo acesa a chama da revolução socialista. O surgimento de novos Estados, nascidos da desintegração do império austro-húngaro ou descolados do território do antigo império czarista teve o significado de uma revolução nacional-burguesa de caráter conservador, pois, diante da emergência concomitante da revolução socialista, as burguesias viram-se obrigadas a compor com as classes dominantes tradicionais. O resultado foi a emergência de instituições políticas liberais entrelaçadas com os poderes próprios do antigo absolutismo feudal.

O fato desse rosário de novos Estados fazerem fronteira com a Rússia soviética e terem estabelecido vínculos com o imperialismo, fez com que se firmasse a tendência ao predomínio de regimes reacionários que buscavam legitimidade no antibolchevismo, no nacionalismo e na

religião. Desde fins de 1920, por toda Europa oriental e danubiana, prevaleciam forças sociais conservadoras e oligárquicas.⁸⁰

Derrotado o impulso revolucionário na Itália, a crise do Estado liberal monárquico não se acalmou, pois foi seguida pela atividade intensa das "esquadras de ação" do movimento fascista, que, sob estímulo das camadas proprietárias agrárias, desencadeou violenta campanha de destruição das instituições sociais do movimento operário, atacando as Câmaras do Trabalho, cooperativas, ligas camponesas, bibliotecas, com apoio das forças repressivas do Estado. Da região da Emília, em novembro de 1920, a obra destrutiva do fascismo se espalhou por todo o Norte e centro do país, mantendo na defensiva as organizações sindicais e partidárias da classe operária, generalizando-se por onde houvesse organismos proletários e atingindo proporções massivas em abril do ano seguinte.

O recém formado PCd'I - Partido Comunista d'Itália, preocupado em organizar suas forças e se propor como nova vanguarda da classe operária, diante da ofensiva do capital, cujo ariete se manifesta no "squadrismo" fascista, procurou manter viva a esperança e a fé na inevitabilidade da revolução socialista. Sem dar-se conta da derrota da revolução socialista internacional, inclusive (e principalmente) no setor italiano, os comunistas preferiram ver no fascismo um mero instrumento de reação burguesa e governamental, que indicava sua debilidade antes que o início de uma ofensiva destinada a recompor o bloco de poder e alterar o próprio perfil da classe operária.

Esperavam, pelo contrário, que a onda fascista fosse passageira e que deixasse em seu lugar um governo de coalizão análogo ao da Alemanha, formado pelo componente liberal da

⁸⁰ Nos anos seguintes os países que se descolaram da Rússia (Finlândia, Estônia, Letônia e Lituânia e Polônia) ou se formaram a partir da desintegração da Áustria-Hungria (Áustria, Hungria, Checoslováquia e Iugoslávia) tenderam a se conformar como campo de influência imperialista e fascista, com a fragmentação territorial tendo facilitado a retomada do desenho estratégico de expansão de Alemanha e Itália, particularmente com o fortalecimento do corporativismo e do fascismo. A Checoslováquia foi uma notável exceção, tendo conseguido, a duras penas, preservar uma democracia liberal, até 1938.

burguesia e pela social-democracia, solução essa que deslocaria a classe operária para a influência da vanguarda comunista. Nessa leitura é já visto um nexos entre o fascismo e a social-democracia, como possibilidades alternas de recomposição do domínio de classe da burguesia.

Os escritos de Gramsci no *L'Ordine Nuovo* diário, ainda que limitados pela disciplina partidária, indicam uma autocritica no que se refere ao momento da *cisão* que deu origem ao partido comunista, uma percepção de que o momento da reação fascista tende a ser mais profundo, difuso e duradouro do que pensava a maioria dos comunistas e socialistas. Não deixou de lado, no entanto, a confiança subjetiva na vitória da classe operária e da revolução socialista, persistindo ainda na concepção estratégica que orientou a *cisão* e a refundação comunista durante a guerra.

Sentindo o momento da derrota do movimento operário italiano, Gramsci exprime em tom de lamento que “a cisão de Livorno deveria ter ocorrido pelo menos um ano antes, para que os comunistas tivessem tido tempo de dar à classe operária a organização própria para o período revolucionário na qual vive”.⁸¹ Gramsci anota assim, como voltaria a fazer inúmeras vezes, que a demora na cisão com o reformismo e a ausência de um partido operário revolucionário, causaram danos irreparáveis à luta operária, não só no momento da ofensiva, mas também quando precisava se defender do ataque fascista.

Gramsci percebia desde logo que o fascismo surgia como um fenômeno internacional e não como algo especificamente italiano, como foi visto com alguma frequência nos anos seguintes. Para ele, esse fenômeno “é a tentativa de resolver os problemas de produção e de troca

⁸¹ GRAMSCI, Antonio. Socialisti e comunisti, 12/03/1921. In: _____ *Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1922)*. Torino: Einaudi, 1974, p. 103.

com as metralhadoras e os tiros de revólver”, por parte da pequena e média burguesia, ao mesmo tempo em que “este estrato alimenta o fascismo, dá efetivos ao fascismo”.⁸²

Mas a Itália não era nem ao menos o país precursor do fascismo, haja vista que a organização da pequena e média burguesia em grupos armados havia sido iniciada na Espanha desde 1918, sendo, porém, “um caso exemplar”, pois “representa uma fase que todos os países da Europa ocidental atravessarão, se as condições econômicas gerais se mantiverem como hoje, com as mesmas tendências hodiernas”.⁸³ Gramsci avisa que a situação era apenas o prelúdio de algo pior, mas que, já naquele momento “o proletariado aprende, experimentalmente, o que significa ditadura de uma classe que o explora e oprime” e, da mesma forma, “verifica qual seja a função do Estado e do governo em regime de ditadura”.⁸⁴

Sem jamais dissociar a lúcida análise do movimento do real, ainda que expressando situações de extrema dificuldade, do anúncio do objetivo histórico da revolução socialista e da fundação de um Estado operário, Gramsci expressa sua tranquilidade e serenidade motivada pela certeza de contar com uma orientação teórica segura:

Nós estamos tranquilos, porque temos uma bússola, porque temos uma fé. Mesmo imersos na realidade mais sombria e atroz, nós cremos no desenvolvimento das forças boas do povo trabalhador, nós estamos seguros que esse triunfará sobre qualquer desmoralização, sobre qualquer obscura barbárie. A nossa concepção de mundo se sintetiza na profunda persuasão que o mal não conseguirá prevalecer jamais.⁸⁵

⁸² GRAMSCI, Antonio. Itália e Espanha, 11/03/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo: L'Ordine Nuovo (1921-1932)*, Torino: Einaudi, 1974. p. 101.

⁸³ Ibidem, p. 102.

⁸⁴ GRAMSCI, Antonio. Prelúdio, 22/03/1921. In: _____. Ibidem, 1978. p. 114.

⁸⁵ GRAMSCI, Antonio. I becchini della borghesia italiana, 07/03/1921. In: _____. Ibidem, p. 98.

Ao lado dessa inabalável fé na vitória do proletariado, Gramsci, a exemplo da maior parte dos comunistas euro-ocidentais, parece persistir, não sem alguma contradição com suas intuições sobre a natureza do fascismo, na concepção estratégica da revolução socialista da primeira fase da refundação comunista, formulada notadamente por Lênin, logo após a eclosão da guerra imperialista. Gramsci sugere um nexos entre as revoltas enfrentadas internamente pelo poder soviético, particularmente do Krosntadt, com a ocupação de alguns centros industriais da Alemanha por parte das forças imperialistas vencedoras da guerra. A destruição da revolução socialista na Rússia e a sujeição da Alemanha, com o enfraquecimento de sua capacidade produtiva, confirmaria a recomposição do poder imperialista dos Estados liberais do Ocidente, neutralizando o antagonismo operário em seu próprio interior.

A Alemanha passaria então a ser o elo débil da corrente imperialista em caso de ser efetivamente garantido o poder soviético na Rússia, pois

enfim também na Alemanha se impõe a escolha entre o poder dos capitalistas, que não consegue garantir a independência do país, e o poder dos operários que pode determinar a aliança com a Rússia e a formação de uma formidável federação de Estados operários, que seria decisiva para a revolução mundial e a emancipação de todas as classes e de todos os povos oprimidos.⁸⁶

A posição estratégica da Alemanha é assim novamente realçada por Gramsci quando, ainda que sem contar com suficiência de informações, analisa a “ação de março” desencadeada pelo KPD. Afirma que “o movimento teve origem em condições que são típicas, no momento atual, de quase todos os países em que a luta de classe chegou ao máximo de agudeza e da sua exasperação”.⁸⁷ Em seguida, faz uma apaixonada e correta analogia entre o levante espartaquista

⁸⁶ GRAMSCI, Antonio. Rússia e Alemanha, 10/03/1921. In: _____. Ibidem. 1974, p. 101.

⁸⁷ GRAMSCI, Antonio. La rivoluzione in Germania, 30/03/1921. In: _____. Ibidem. 1974, p. 120.

de janeiro de 1919, com a movimentação que então empreendia aquela parte do proletariado alemão identificado com os comunistas, o que sugere ainda uma vez o vínculo teórico-prático de Gramsci com o espartaquismo, particularmente com Rosa Luxemburg.

O que escapou a Gramsci foi não só o equívoco tático de ambos os enfrentamentos, que acabaram em séria derrota, mas também o fato que as condições vigentes haviam se alterado profundamente, diante da ofensiva do capital. É possível então notar que Gramsci segue a orientação política "esquerdista" prevalecente no partido comunista não só da Itália, mas em quase todo Ocidente, a qual alimenta a esperança de uma breve retomada do movimento revolucionário. Mas, ao mesmo tempo, sugere a novidade do fascismo como movimento reacionário de massas e a dramaticidade da derrota do movimento operário.

Na avaliação do PCI, e, em grande medida, também de Gramsci, numa analogia com o que sucedia na Alemanha, o processo político se encaminhava para uma coalizão entre socialistas e liberal-democratas e não para algum tipo duradouro de ditadura, pois apenas cumprido seu papel repressivo, o fascismo seria abandonado pela burguesia. Até por isso mesmo, os comunistas estavam mais preocupados em consolidar a *cisão*, visto como necessário momento preparatório para a retomada da revolução proletária, voltando seus ataques ao PSI, do que em entender a especificidade do fenômeno fascista. Ao não reconhecer que a classe operária havia adentrado por um processo de derrota estratégica diante da ofensiva do capital, os comunistas não tiveram como contribuir para a reversão do processo de fascistização e de reorganização do bloco de poder. O equívoco e a insuficiência na leitura do movimento do real levou à irreversibilidade da derrota.

Um sintoma apareceu nas eleições parlamentares de 15 de maio de 1921, quando os comunistas, com sua linha de "processo ao partido socialista" e com a trajetória "abstencionista" de parte significativa de sua militância, tiveram uma votação muito inferior ao que se poderia

suspeitar, se feita a comparação com os resultados do congresso socialista de Livorno. O resultado eloqüente do PSI em relação ao relativo fracasso comunista ofereceu um novo argumento para Serrati insistir no equívoco que teria sido a cisão e a posição da IC. Entre os 15 comunistas eleitos não se encontrava Gramsci, candidato em Torino, enquanto que os fascistas, fazendo parte de uma coalizão intitulada Bloco Nacional, que reuniu os agrupamentos liberais e conservadores, elegeram 35 deputados, inclusive Mussolini como o mais votado em Milano.

Destoando da análise prevalecente no PCI e vislumbrando outras possibilidades, Gramsci considerava com aflição a possibilidade do fascismo chegar ao poder, já que esse é o objetivo de qualquer movimento político. O risco de um golpe de Estado fascista surgir vitorioso existia “porque só uma insurreição das grandes massas pode despedaçar um golpe de força reacionário”, conquanto não houvesse qualquer preparação para essa ação, pois que os socialistas não consideravam tal possibilidade. Embora Gramsci não diga em claras letras, tampouco o PCI levava essa possibilidade a sério e a sua palavra de ordem da insurreição armada estava voltada para a imediata tomada do poder e a deposição da burguesia, mas não era prevista como uma ação de massas capaz de reverter o processo de fascistização. De todo modo Gramsci estava certo ao afirmar que “o golpe de Estado dos fascistas, i.é, do estado maior, dos latifundiários, dos banqueiros, é o espectro mais ameaçador que envolve essa legislatura desde o início”.⁸⁸

Desde junho vinha se considerando um acordo entre socialistas e fascistas, a fim de fazer cessar a violência vigente no espaço público e incorporar os fascistas no jogo parlamentar, abrindo-se assim a possibilidade de uma eventual participação socialista no governo. Num primeiro momento Gramsci encarava como natural um acordo entre socialistas e fascistas, pois

⁸⁸ GRAMSCI, Antonio. Socialisti e fascisti. L'Ordine Nuovo, 11/06/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p.186-188.



que “uns e outros não tem mais uma função para cumprir no país: estão justamente então transformados em partidos de governo e de ‘realização’”.⁸⁹

Reafirma essa leitura dias depois dizendo que

se desenvolverá na Itália o mesmo processo que se desenvolveu em outros países capitalistas. Contra o avanço da classe operária ocorrerá a coalizão de todos os elementos reacionários, dos fascistas aos populares, aos socialistas.⁹⁰

Num passo sucessivo, Gramsci avaliava, de um modo muito diferente, que “a própria possibilidade de uma colaboração socialista com o governo aumenta o perigo de um golpe de mão fascista” já que “é certo também que o fascismo não querará perder a posição de predomínio que hoje ocupa em tantas regiões”.⁹¹ Prosseguindo nessa direção, logo depois afirmava que

existem hoje na Itália dois aparelhos repressivos e punitivos: o fascismo e o Estado burguês. Um simples cálculo de utilidade induz a prever que a classe dominante querará a um certo ponto amalgamar também oficialmente esses dois aparelhos e que despedaçará as resistências opostas da tradição do funcionamento estatal com um golpe de força dirigido contra os organismos centrais de governo.⁹²

Nota-se assim que Gramsci, como de resto todo o movimento comunista, não conseguia estabelecer a justa relação existente entre o fascismo e as massas pequeno-burguesas, por um lado, e o grande capital e as instituições estatais, por outro. E isso, fundamentalmente, porque o fascismo era visto exclusivamente na sua dimensão repressiva e violenta, não se percebendo seu alcance como movimento capaz de possibilitar a reorganização do bloco de poder e o

⁸⁹ GRAMSCI, Antonio. I capi e le masse. L'Ordine Nuovo, 03/07/1921. In: _____. Ibidem. 1974, p.224-226.

⁹⁰ GRAMSCI, Antonio. Bonomi. L'Ordine Nuovo, 05/07/1921. In: _____. Ibidem. 1974, 226-227.

⁹¹ GRAMSCI, Antonio. Sviluppi del fascismo. L'Ordine Nuovo, 21/07/1921. In: _____. Ibidem. 1974, 246-248.

⁹² GRAMSCI, Antonio. Colpo di Stato. L'Ordine Nuovo, 27/07/1921. In: _____. Ibidem, 1974, p. 257-260.

estabelecimento de um regime com base de massa. Sem isso não poderia ser reconhecida a necessidade da classe operária precisar empreender uma retirada estratégica.

Essa reflexão de Gramsci ocorria enquanto em Moscou se realizava o III congresso da IC, durante o qual a delegação italiana se alinhou às tendências da esquerda comunista e se opôs à tentativa de uma nova aproximação entre a IC e o PSI, cujos delegados retornaram convencidos a ampliar sua própria base de aderentes sobre aquela conseguida pelo PCI em Livorno. O PCI foi criticado por concentrar sua ação na consolidação da cisão, desferindo ataques permanentes ao “centrismo”. A compreensão de que o PCI deveria constituir a vanguarda revolucionária organizada da classe operária, mas não necessariamente a maioria dessa classe, fez com que a invocação final do congresso, rogando aos partidos comunistas que andassem “às massas”, fosse visto com muita reticência pela delegação italiana.

A decisão da CEIC de enviar observadores no XVIII congresso do PSI, realizado em outubro de 1921, desagradou sobremaneira à direção comunista, que divergia da tática política aprovada no III congresso da IC, e sentia uma crítica velada à decisão tomada em Livorno de fundar o novo partido. Ainda que a fração socialista “terceirointernacionalista”, fundada por Lazzari, tenha tido uma expressão limitada, a maioria “massimalista” de Serrati avaliou que o Estado burguês caminhava para a desintegração e que para a classe operária e o PSI restava preservar as forças para o momento adequado. Na prática, não era uma posição muito diversa daquela do PCI, mas inviabilizou o movimento dos reformistas do partido em direção a um acordo com os liberais para governar o país e com os fascistas (que tinham se transformado em partido poucas semanas antes) para cessar a violência, incluindo o desmantelamento dos “arditi del popolo”, organizações de resistência armada ao fascismo que vinham surgindo nos meses anteriores e de forma “espontânea”.

Estariam criadas condições políticas para uma ação unitária do movimento operário contra o fascismo, se não fosse o caso de tanto o PCI como o PSI, permanecerem supondo a proximidade da revolução proletária, sem se dar conta da aceleração do processo de fascistização e da ofensiva do capital. Ao invés, o PCI entraria em rota de confronto com a IC, exatamente por conta da política de frente única, e o PSI não conseguiria conter sua dinâmica de fragmentação.

4. Origens da política de frente única na Internacional Comunista.

Após o assassinato de Rosa Luxemburg e Karl Liebknecht, em janeiro de 1919, por medida do governo republicano social-democrata, Paul Levi assumiu a condução do KPD, em um período de grande mobilidade ideológica da classe operária alemã. Fiel às concepções de Rosa Luxemburg, empenhou-se em isolar a tendência "anarco-sindicalista" e "esquerdista" do partido, que foi marginalizada no congresso de Heidelberg, realizado em outubro de 1919, tendo então deixando o partido quase metade de seus militantes.⁹³

Enquanto isso o KPD intentava uma aproximação com a imponente base operária do USPD, que se deslocava para a esquerda e para a solidariedade com a Rússia soviética, tendência demonstrada pelo fortalecimento, no congresso partidário de Leipzig (dezembro de 1919) daqueles que eram favoráveis à saída da II Internacional. Em outubro do ano seguinte consolidou-se a nova maioria favorável a IC, preparando o congresso de unificação dos comunistas para dezembro de 1920.⁹⁴

Agora o KPD podia contar com uma base operária e popular significativa, que permitia defender novamente a bandeira da unidade operária, a partir da qual os comunistas poderiam disputar a direção do conjunto do movimento. No entanto, uma forte tendência do partido permanecia defendendo a chamada "teoria da ofensiva", insistindo que enquanto persistisse a

⁹³ Em abril de 1920 foi fundado o KAPD - Partido Operário Comunista da Alemanha, que foi aceito como simpatizante da IC, mas não conseguiu se consolidar, sofrendo logo uma diluição, com muitos de seus quadros voltando ao KPD, que por algum tempo levou o nome de VKPD, depois da incorporação da esquerda da USPD.

⁹⁴ A minoria derrotada do USPD retornou ao regaço do leito histórico do SPD, em 1922.

situação revolucionária, dever-se-ia adotar uma tática ofensiva, independentemente de se contar ou não com a maioria da classe operária.⁹⁵

Em 7 de janeiro de 1921, o KPD enviou uma carta aberta, redigida por Paul Levi e Karl Radek, a todas as organizações sindicais e aos partidos operários da Alemanha, que eram o KAPD, USPD e SPD, propondo uma ação comum em defesa das condições de vida da classe operária, pela dissolução das organizações paramilitares, pela libertação dos presos políticos e pelo restabelecimento de relações com a Rússia soviética. Esse início de política de frente única, proposta pelo KPD, foi recusado pela maioria das organizações destinatárias, além de ter sofrido pesadas críticas dos defensores do que ficaria conhecida como a “teoria da ofensiva”, no interior do partido.

O mesmo Paul Levi, coerente com a concepção da unidade operária como objetivo, ao representar o KPD no congresso de Livorno do PSI, que selou a cisão comunista na Itália, se opôs a essa pelo fato de não incluir a maioria “massimalista” do movimento operário. Ao contrário do que ocorrera nos meses decorridos do II congresso da IC, quando a tática da cisão forçada com os reformistas havia ofertado bons frutos na Alemanha, França, Checoslováquia e Suécia, na Itália a cisão deixara os comunistas isolados, quando os “massimalistas” optaram pela unidade com os reformistas.

Embora tenha obtido apoio da direção central do partido, na reunião plenária do Comitê Central, Paul Levi foi posto em minoria, decorrendo daí sua demissão da direção, juntamente com outros que sustentaram a política sugerida na “Carta aberta”. Levi foi substituído por Heinrich Brandler e os demissionários foram substituídos por opositores da nova tática. Os defensores da “teoria da ofensiva” ganharam espaço, não só no KPD, mas na IC, como um todo.

⁹⁵ Um processo análogo envolveu a SFIO, quando em fevereiro de 1920 uma significativa fração “centrista” optou pela incorporação nas fileiras da IC, juntando-se a tendências extremistas e sindicalistas revolucionárias, resultando num híbrido Partido Comunista da França.

Na Alemanha teve início um esforço de aproximação do KPD com o K.APD, tendo por objetivo uma eventual fusão entre essas organizações.

Sem uma linha política definida e sofrendo uma pressão que envolvia uma disputa no interior da CEIC, o KPD não teve condições de conduzir a efervescência operária da segunda quinzena de março. Divididos entre duas orientações políticas contrastantes e, possivelmente, estimulados pelos representantes da CEIC, particularmente por Bela-Kun, os comunistas responderam com a greve e a insurreição a chegada da polícia na região da Saxônia, por ordem do governo social-democrata. Os confrontos armados terminaram com a derrota do intento revolucionário e o abandono em massa de inscritos, oferecendo então a oportunidade para que Paul Levi desferisse sua crítica sobre os desencontros da direção do KPD, ainda que a “ação de março” tivesse sido saudada pela CEIC, num sinal de apoio a direção do partido.

Em carta a Paul Levi e Clara Zetkin, Lênin dizia estar de acordo com a nova tática esboçada na “Carta aberta”, mas discordava da saída da direção do partido, além de duvidar que uma interferência direta de Bela-Kun tivesse precipitado a “ação de março”, ao defender uma tática demasiadamente à esquerda. O fato de Paul Levi haver exposto suas divergências utilizando canais outros que não os meios partidários, acabou provocando sua suspensão e posterior saída do movimento comunista.⁹⁶

Certo que o recém fundado PCI observou com bons olhos o levante da fração comunista alemã, depositando esperanças, não só em encontrar uma justificativa imediata para a cisão de Livorno, mas de um estímulo para uma rápida retomada do movimento revolucionário na Itália. Gramsci, indo de encontro com a “teoria da ofensiva”, afirmava então que “os comunistas negam que o período atual possa ser considerado ‘reacionário’: sustentam, pelo contrário, que o

⁹⁶ AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale (storia documentaria)*. Roma: Riuniti, tomo I, vol. 2, 1976., p. 344-345.

complexo dos acontecimentos em curso é a documentação mais vistosa e abundante da definitiva decomposição do regime burguês”.⁹⁷

Ao mesmo tempo em que o KPD expedia a “Carta aberta”, expondo as divergências crescentes nos partidos comunistas ocidentais (incluindo a polemica sobre a forma e a ocasião da fundação do PCI), Bukhárin argumentava na Rússia em favor da “teoria da ofensiva”, entrando em contraste com a orientação de Lênin. Na verdade, duas estratégias diferentes tomavam forma diante do refluxo da revolução socialista internacional. O comunismo de esquerda entendia que a revolução socialista internacional estava sofrendo um pequeno recuo, mas que o seu sucesso era irreversível, e a ofensiva da classe operária deveria ter continuidade, aproveitando-se da recente incorporação de novas massas ao movimento comunista do Ocidente.

Lênin, pelo contrário, notava que o ímpeto revolucionário se exauria após as derrotas do Exército Vermelho diante da Polônia e do movimento operário italiano. Passava então a ser fundamental a consolidação dos partidos comunistas com a conquista de novas levas e a utilização das contradições interimperialistas, tendo em vista a defesa e sobrevivência da Rússia soviética. Dever-se-ia, assim, evitar ações intempestivas que pudessem provocar o isolamento dos comunistas no seio do movimento operário e da Rússia no campo internacional. A derrota de Paul Levi implicou um reforço do comunismo de esquerda no seio da IC e serviu de elemento complicador para as decisões que deveriam ser tomadas na Rússia, no momento em que se encerrava a guerra civil e a intervenção imperialista.

Fortes sinais de descontentamento surgiram na Rússia no início de 1921 entre aqueles que haviam sido os sujeitos da vitória revolucionária. A revolta camponesa na região de Tambov, a greve e manifestação de protesto dos operários de Petrogrado, decorrente da redução da cota alimentar e, por fim, o levante de Kronstadt fez ver aos bolcheviques que uma mudança nos

⁹⁷ GRAMSCI, Antonio. *Reazione?*, 23/04/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p. 145.

rumos da revolução se fazia urgente. O X congresso do PCR(b), realizado no mês de março, marcou a virada, visando recompor a aliança operário-camponesa e por em ação uma política diplomática visando usufruir as contradições entre as potências imperialistas no momento em que tinha início a ofensiva do capital contra o mundo do trabalho.

Medidas como o estabelecimento de um imposto *in natura* em substituição à requisição forçada da colheita, o restabelecimento das relações monetárias e de mercado, a atenuação no ritmo das nacionalizações, representaram os primeiros passos do que viria a ficar conhecida como NEP - Nova Política Econômica. Essas medidas somadas ao tratado comercial com a Alemanha, no mesmo mês de março, e a assinatura de tratados de amizade com a Pérsia, Afeganistão e Turquia, significavam o reconhecimento tácito da derrota da revolução socialista internacional, tanto no Ocidente quanto no Oriente, ainda que se imaginasse apenas um curto período antes de uma nova ofensiva revolucionária.

Enquanto não ocorresse a retomada da revolução socialista, as concessões aos camponeses na Rússia e a utilização das armas da diplomacia seriam inevitáveis. O significado dessa guinada política foi muito mais profundo e duradouro do que poderia parecer naquele momento, tendo mesmo dado início a uma segunda fase de desenvolvimento da refundação comunista, que encontrou dificuldades insuperáveis para se impor, e cujo aspecto saliente giraria em torno da fórmula política da frente única.

Desde logo houve uma resistência aberta ou surda do comunismo de esquerda, temendo uma atenuação da postura antiimperialista da Rússia e uma possível restauração capitalista embutida nas concessões ao campesinato. Persistiam na idéia que uma revolução no Ocidente, a qualquer custo, deveria ser levada à vitória, mantendo-se os comunistas sempre na ofensiva e na vanguarda, eventualmente lançando-se à luta antes da classe operária, tendo em vista romper sua

passividade. Essa perspectiva predominava entre os comunistas de esquerda russos e na direção da IC, presidida por G. Zinoviev.

A trajetória tortuosa e oscilante do movimento operário e do comunismo alemão, particularmente, e a força do comunismo de esquerda no conjunto do Ocidente, dificultaram sobremaneira a passagem da refundação comunista para um novo estágio de desenvolvimento, desdobrado da derrota da revolução socialista internacional. A nova orientação política foi aprovada no X congresso do PCR(b) mais por conta da situação de emergência do país, do que à convicção da necessidade de uma mudança estratégica profunda. Para muitos bolcheviques afinados com o comunismo de esquerda, tratava-se apenas de algumas concessões passageiras ao campesinato, que cessariam tão logo eclodisse uma revolução no Ocidente.

Apenas em perspectiva histórica é possível notar que a derrota da revolução socialista internacional e a ofensiva do capital eram de uma profundidade insuspeitada, que o Oriente-russo voltava a se particularizar e que a questão nodal voltava a ser o fortalecimento da aliança operário-camponesa. Em países atrasados como a Rússia, a revolução socialista só poderia alcançar a vitória com a ajuda do proletariado industrial e agrícola dos países imperialistas ou então seria necessária uma aliança estratégica entre o poder proletário e a amplamente majoritária massa camponesa, a qual deveria ser feita muita concessão. No Ocidente, por sua vez, o fulcro da questão passava a ser a necessidade de novas formas de unidade operária contra a ofensiva do capital.

Enquanto a revolução socialista não retomasse impulso, na Rússia só poderiam ser dados os primeiros passos da transição socialista, que seriam voltados para a construção da grande indústria, para o aumento da produtividade do trabalho (inclusive com a implementação do método Taylor de “organização científica do trabalho”) e para a lenta passagem da pequena produção familiar para a produção em grande escala no campo. As medidas essenciais para dar

início a esse processo seriam o restabelecimento das relações mercantis no campo e o sistema de concessões na indústria, estabelecendo relações com o mercado mundial.

Essas medidas seriam necessárias para selar a frente única (ainda que essa expressão ainda não fosse utilizada) entre a classe operária e o campesinato no período inicial da transição, que teria na Inspeção Operária e Camponesa a forma institucional de controle sobre o partido e o Estado operário. Assim, os primeiros passos da transição socialista na Rússia ocorreriam necessariamente sob a forma de um capitalismo monopolista de Estado, mais atrasado que os países imperialistas, mas sob um poder político que defende os interesses da classe operária contra a burguesia.⁹⁸

Lênin procurou aprofundar essa concepção do capitalismo de Estado como fase inicial da transição num país atrasado em alguns de seus últimos escritos, nos quais destaca a importância da organização dos camponeses em cooperativas, que deveria conviver junto à empresa privada e a empresa pública socialista. Tomado o poder do Estado pela classe operária, Lênin afirma que “agora, o centro de gravidade se desloca para o trabalho pacífico de organização ‘cultural’”.⁹⁹ Esse trabalho cultural deve estar voltado para refazer a administração pública tomada da época czarista e para organizar os camponeses em cooperativas, já que “o regime dos cooperativistas cultos é o socialismo”.¹⁰⁰

Lênin percebe que a reconstrução da administração pública e a manutenção da aliança operário-camponesa eram elementos necessários para todo o período de transição. O controle de uma nova burocracia por parte da aliança operário-camponesa elevada em seu padrão cultural e

⁹⁸ LENIN, Vladimir. Informe sobre la gestión política del CC del PC(b) de Rusia, presentado el 8 de marzo. In: _____. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscú: Progreso, tomo XII, 1976, p. 04-29. Seguem-se outros textos que reforçam o argumento. Nesses escritos, Lênin aprofunda a tese exposta em “La catástrofe que nos amenaza” e “Poderán los bolcheviques se mantener en el poder?”, de 1917, e “Las tareas inmediatas del poder soviético”, de 1918, retomada em “La enfermedad infantil del ‘izquierdismo’ en el comunismo”, de 1920.

⁹⁹ LENIN, Vladimir. Sobre las cooperativas. In: _____. *Ibidem*, tomo XII, 1976, p. 383.

¹⁰⁰ *Ibidem*, 1976, p. 381.

organizada de forma coletiva possibilitaria o avanço do socialismo na Rússia, mas que teria seu ritmo condicionado tanto pela capacidade do PCR (b) de prevenir a cisão da frente única das duas classes, como pelo andamento da revolução mundial.

A contraparte dessa orientação seria, no Ocidente e nos países da periferia imperialista, a política de frente única, ainda que dificuldades insanáveis tenham inviabilizado sua prática e seu aprofundamento teórico, antecipando os enormes limites que a segunda fase da refundação comunista encontraria e que implicaria a sua derrota histórica. A complexidade da situação esteve indicada na polêmica em torno da “Carta aberta” do KPD e da subsequente expulsão de Paul Levi, acusado pelo CEIC, entre outras coisas, de querer criar uma sorte de ala direita da Internacional Comunista, e na diferenciada compreensão do significado da NEP, que persistiria durante todo seu tempo de existência.

A refundação comunista e a fórmula política da frente única tinham que superar o desafio se estabelecer entre o comunismo de esquerda (ou extremismo), que se manifestou na “ação de marco” e na “teoria da ofensiva”, e a possibilidade real de uma reaproximação com a esquerda social-democrata, articulada ao redor dos chamados “austro-marxistas”, pejorativamente identificada como Internacional 2 ½, para onde transitou Paul Levi. Nota-se, então, que a fundação do PCI ocorreu numa conjuntura de redefinição estratégica diante da derrota da revolução socialista internacional e do início da ofensiva do capital, quando então o PSI recuou de sua adesão a IC e voltou à política de “colaboração de classes”.¹⁰¹

O III congresso da IC, transcorrido entre 22 de junho e 12 de julho de 1921, assistiu a um aceso debate entre a esquerda comunista, defensora da “teoria da ofensiva”, e aqueles que

¹⁰¹ Passado um ano do caso Paul Levi e da fundação do PCI, Lênin reconheceu haver se equivocado em relação a Levi e Serrati, passando a considera-los “como modelo contemporâneo da ala de extrema esquerda da democracia pequeno-burguesa”. LENIN, Vladimir. Nota de um publicista. In: *op.cit.*, tomo XII, p. 262. Nesse mesmo texto, Lênin defende a obra de Rosa Luxemburg da tentativa de manipulação perpetrada por Paul Levi ao publicar uma coletânea de seus escritos, tentando justificar seu afastamento do movimento comunista. Paul Levi, após o seu distanciamento do movimento comunista, militou na ala esquerda do SPD, vindo a morrer em 1928.

entendiam que uma nova tática deveria ser proposta a fim de enfrentar a situação de ofensiva do capital, que, de fato, se supunha ser apenas um momentâneo enfraquecimento do processo revolucionário. A esquerda comunista contava com forte representação no Ocidente: na França, Áustria, Hungria, Holanda, Checoslováquia e Itália, além da Alemanha. Na Alemanha e na Checoslováquia, em contraposição profunda a esse comunismo de esquerda, surgiram argumentos defendendo que qualquer iniciativa revolucionária poderia provocar uma reação desastrosa para a classe operária, dado o fato dos comunistas serem minoritários.

Mesmo na Rússia as tendências de esquerda estavam representadas em nomes importantes como Zinoviev e Bukhárin, que foram, no entanto, persuadidos por Lênin da importância da delegação russa se apresentar unida, antes de tudo para explicar as implicações da Nova Política Econômica, que começara a ser adotada. Esse foi um elemento que decidiu a contenda em contra a expressiva delegação da esquerda presente no congresso. Enquanto Lênin explicou o significado da NEP no contexto de refluxo da revolução socialista, Karl Radek expôs os delineamentos da nova tática, voltada para a defesa dos interesses imediatos da classe operária e para a conquista das massas, as quais deveriam ser educadas para a conquista do poder.¹⁰²

Como não poderia deixar de ser, o III congresso da IC concluiu-se com uma situação de compromisso, embora tenha se reconhecido que o processo revolucionário deveria perpassar um período mais longo, durante o qual os comunistas deveriam conquistar a maioria da classe operária, através da luta por reivindicações parciais com capacidade de organização, e envolver todas as camadas exploradas de trabalhadores do campo e da cidade. Os temas relacionados a essa nova tática foram debatidos, não em torno de um aprofundamento teórico maior e necessário, que explicitasse os nós da nova fórmula política de enfrentamento da ofensiva do

¹⁰² As semelhanças com as formulações de Rosa Luxemburg no Congresso de fundação do KPD são bastante notáveis!



capital, mas foram centrados nos problemas específicos da Checoslováquia, da Alemanha e da Itália.

O documento final do III congresso da IC entendia que o comunismo havia se transformado em um movimento capaz de “ameaçar o capital”, mas que a seu poder só poderia ser rompido “quando a idéia comunista tomar corpo com incontido ímpeto na grande maioria do proletariado guiado pelas massas comunistas”. Por ora, a burguesia é capaz não só de bloquear com as armas qualquer sublevação, como é “capaz, se necessário, de provocar insurreições prematuras do proletariado que se prepara para a luta e de derrotá-lo antes que tenha podido constituir uma invencível frente comum”.¹⁰³

A fim de que possa se constituir a frente única do proletariado indicava-se a necessidade de se “subtrair as amplas massas de trabalhadores da influencia dos partidos social-democratas e da burocracia sindical traidora”, e isso só poderia ser feito no campo da luta cotidiana por melhores condições de vida e trabalho. O movimento sindical era visto como um espaço decisivo nesse empenho, considerando ser essa a “luta pela conquista das posições inimigas no nosso próprio campo; é o problema da constituição de uma frente de luta diante da qual o capital mundial seja constrito a ceder”. A fórmula política da frente única aparece claramente como uma maneira de se debruçar sobre o problema e sobre “o perigo que reside na estratégia aperfeiçoada da classe dominante e possuidora e na estratégia – ainda no primeiro estágio de formação – da classe operária que luta pelo poder”.¹⁰⁴

A frente única do proletariado é então vista como um meio de se contrapor à ofensiva do capital e de entabular uma nova estratégia revolucionária. Não indica, porém, que a fase revolucionária estivesse concluída e que essa estratégia devesse ser amadurecida teórica e

¹⁰³ Manifesto del Comitato esecutivo ai proletari di tutti i paesi (17 luglio 1921). Apud: AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale (Storia documentaria)*. Roma, Riuniti, tomo I, vol. 2, 1975, p. 471-478.

¹⁰⁴ Ibidem, 1975, p. 471-478.

praticamente na medida em que as penosas tarefas propostas fossem enfrentadas, dentre as quais a disputa pela direção política e cultural do movimento operário. De tal modo, esse importante evento internacional, que estabeleceu a fórmula política da frente única como ponto distintivo da segunda fase da refundação comunista, deu por encerrado o momento da *cisão*, consagrou a palavra de ordem “às massas” e conclamou a formação da “frente única do proletariado”, mas expressou com toda clareza que essa fórmula nascia sob o signo da debilidade e da indefinição.

Capítulo II

O paradoxo entre *cisão* comunista e frente única

1. A consolidação da classe comunista na Itália entre o comunismo Internacional Tercetista e a esquerda fascista.

Muito depois do III congresso do IC, Gramsci continuava vendo uma situação favorável à revolução socialista internacional. Acreditava esperanças de que a grave crise social na Itália levaria ao colapso o regime anti-socialista vigente, criando condições vantajosas para uma

política de classe única e única e consequentemente mais revolucionária – a Alemanha, a Checoslováquia e a Itália – com um comunismo internacional mais favorável para se organizar e organizar sistematicamente o regime socialista entre os países do imperialismo.¹⁰⁰

Capítulo II

O paradoxo entre cisão comunista e frente única

Na política italiana, Gramsci viu a possibilidade de uma frente única entre o PCI e o PSI e o uso diligente G. Serrati, indicando também nesse aspecto que a nova política adotada no III congresso do IC, com uma profunda percepção de que uma nova fase de luta operária havia se iniciado e que uma nova política era necessária, ainda não fora bem assimilada. Tanto Gramsci, como mais ainda o próprio dirigente do P.C.I., se mantinham no âmbito de uma concepção teórica na qual a revolução mundial é o resultado da luta de classes revolucionária.

A política de frente única com os socialistas não poderia ser adotada, já que, para Gramsci, "o Partido socialista é um partido contra-revolucionário"¹⁰¹, resultando o entendimento de que "frente única tem só um significado: agrupamento dos grandes massas trabalhadoras em torno de um programa concreto de ação imediata, de governo social". Isso se justificaria pelo

¹⁰⁰ Gramsci, *Escritos*, vol. 1, Torino, Einaudi, 1976/1977, pp. 100-101. Também em *Gramsci, Escritos*, vol. 1, pp. 100-101.

¹⁰¹ Gramsci, *Escritos*, vol. 1, Torino, Einaudi, 1976/1977, pp. 100-101. Também em *Gramsci, Escritos*, vol. 1, pp. 100-101.

1. A consolidação da cisão comunista na Itália entre o contencioso Internacional Comunista e a ofensiva fascista.

Mesmo depois do III congresso da IC, Gramsci continuava vendo uma situação favorável à revolução socialista internacional. Alimentava esperanças de que a grave crise social na Polônia levasse ao colapso o regime anti-soviético reinante, criando condições vantajosas nas quais

o proletariado dos países onde a situação é objetivamente mais revolucionária – a Alemanha, a Checoslováquia e a Itália – terá um ambiente internacional mais favorável para se reorganizar e organizar vitoriosamente o regime soviético sobre as ruínas do imperialismo (...).¹⁰⁵

Na política italiana, Gramsci dedicou muita atenção na polêmica contra o PSI e o seu dirigente G. Serrati, indicando também nesse aspecto que a nova política varada no III congresso da IC, com sua implícita percepção de que uma nova fase da luta operária havia se iniciado e que uma nova política era necessária, ainda não fora bem assimilada. Tanto Gramsci, como mais ainda o núcleo dirigente do PCI, se mantinham investidos de uma concepção teórica na qual prevalecia o momento da *cisão* e da ofensiva revolucionária.

A política de frente única com os socialistas não poderia ser assumida, já que, para Gramsci, “o Partido socialista é um partido contra-revolucionário”¹⁰⁶, resultando o entendimento de que “frente única tem só um significado: reagrupamento das grandes massas trabalhadoras em torno de um programa concreto de ação imediata, no terreno sindical”. Isso se justificaria pelo

¹⁰⁵ GRAMSCI, Antonio. Polónia e Rússia, L'Ordine Nuovo, 13/09/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p.334-336.

¹⁰⁶ GRAMSCI, Antonio. Un partito inerte, L'Ordine Nuovo, 24/12/1921. In: _____. *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p.433.

fato do sindicalismo italiano aparecer menos como organismos de defesa de interesses corporativos e mais “como organização dos simpatizantes de determinadas finalidades políticas”.¹⁰⁷

Essa orientação política estava fundamentada numa leitura plausível da orientação final do III congresso da IC e numa certa interpretação do processo de luta de classes na Itália, cujo “ponto central da visão histórica é o incessante esforço de determinadas camadas governantes para incorporar na classe dirigente as personalidades mais eminentes das organizações operárias”.¹⁰⁸ Nessa sugestão metodológica esta contida em embrião, não só a noção de transformismo, como também a de hegemonia, que seriam importantes fios condutores da reflexão de maturidade de Gramsci.

O Estado e o regime político na Itália se constitui, para Gramsci, de um modo pelo qual os capitalistas do Norte se sobrepõem burocraticamente às classes agrárias do centro e do Sul. O desenvolvimento do capital industrial e financeiro na região setentrional estimulou um rearranjo das alianças, sendo deixada num segundo plano a aliança entre as classes proprietárias do Norte e do Sul, em troca de uma aliança com o proletariado urbano, como fundamento de uma democracia parlamentar, possibilitando o fortalecimento de organizações sindicais e cooperativas.

Mas

o sistema das cooperativas e todas as outras organizações de resistência, de previdência e de produção da classe operária italiana não haviam nascido por um

¹⁰⁷ GRAMSCI, Antonio. Unità con un ufficio di corrispondenza?, L'Ordine Nuovo, 14/01/1922. In: _____ *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p. 439.

¹⁰⁸ GRAMSCI, Antonio. Un anno, L'Ordine Nuovo, 15/01/1922. In: _____ *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p. 441-444.

impulso de criação original e revolucionário, mas dependiam de toda uma série de compromissos na qual a parte do governo representava a parte dominante.¹⁰⁹

Não foi de outra forma que a burguesia configurou um sistema de alianças que forjou um estrato pequeno-burguês no seio da classe operária, com interesses constituídos dentro da ordem vigente. Mas aquilo que a burguesia havia permitido que crescesse, sempre sob seu controle, passou a ser enfrentado depois de 1919, quando o Partido socialista pareceu ameaçar o seu domínio, de forma que

o fascismo vem a ser assim o instrumento para chantagear o Partido socialista, para determinar a cisão entre a pequena burguesia incrustada tenazmente aos interesses da classe operária e o resto do Partido socialista que se limitava a pascer-se de fórmulas ideológicas, (...).¹¹⁰

Assim, de um lado utilizando a violência fascista, sem envolver diretamente as instituições do Estado, e de outro “intensificando até o absurdo a política de compromissos, que é a política tradicional das classes dirigentes italianas, a burguesia conseguiu obter aquilo que em vinte anos pacientemente havia preparado”, ou seja, a progressiva incorporação do proletariado reformista no seio da burguesia. Nenhuma razão mais forte para proceder a cisão efetivamente perpetrada em Livorno, pois “para que o proletariado pudesse vir a ser uma classe independente era necessário que se desagregasse o edifício da falsa prepotência econômica construído em vinte anos de compromissos”, apesar das conseqüências negativas para o próprio proletariado.¹¹¹

O desafio era o de descobrir como o processo político vinha provocando “uma série de transformações de caráter substancial”, cuja base podia ser localizada na

¹⁰⁹ Ibidem.

¹¹⁰ Ibidem.

¹¹¹ Ibidem.

tentativa de fazer aderir ao Estado italiano estratos profundos das massas trabalhadoras das cidades e dos campos e libertar desse modo o Estado da crise que o atinge; instrumentos dessa ação, os dois partidos 'social-democratas' típicos: o popular e o socialista.¹¹²

Ademais, esses partidos, na avaliação de Gramsci, "estão cumprindo uma obra em comum: a de preparar as bases do futuro Estado social-democrático italiano". A própria violência fascista é vista então como um meio para se atingir essa finalidade, lembrando ainda que "hoje, mesmo no partido fascista, encontram-se os sintomas evidentes da podridão social-democrata". As recorrentes crises parlamentares, assim como a violência fascista "são elementos de uma fase de acomodação" durante a qual "os socialistas não pedem enfim outra coisa que não levar a sua contribuição para a obra comum de reconstrução e fortalecimento do Estado".¹¹³

A reflexão de Gramsci sobre os desdobramentos da derrota do movimento operário autônomo estava correta, enquanto percebia que a ofensiva do capital e a crise do Estado liberal só poderiam se resolver pela configuração de um novo regime político de massas, contraposto à revolução socialista. A base de massa do novo regime deveria ser oferecida pela pequena burguesia incrustada no PSI e pelo campesinato representado pelo Partido Popular, cuja aliança poderia envolver também os fascistas, em fase de redefinição de identidade, e oferecer assim uma solução para a crise.

Ora, se o intrincado e veloz processo político agravou a crise do PSI e debilitou o partido católico, enquanto o fascismo estendia a sua influencia na pequena-burguesia e se fortalecia estreitando a sua aliança com o grande capital, não significa que tenha havido uma subestimação

¹¹² GRAMSCI, Antonio. La sostanza della crisi, L'Ordine Nuovo, 05/02/1922. In: _____ *Socialismo e fascismo*. Torino: Einaudi, 1974, p. 453-455.

¹¹³ Ibidem.

desta força e de suas possibilidades. O essencial a ser retido é que um Estado capitalista com um regime reacionário de massas pequeno-burguesas, frontalmente contrárias à autonomia operária e à revolução socialista, era a única solução para a crise dentro dos quadros do domínio burguês, e isso foi visto por Gramsci e pelo PCI.¹¹⁴

Com o informe sobre a atuação da direção, apresentado em reunião plenária do mês de dezembro de 1921, as teses congressuais para debate puderam ser difundidas pelo partido, tendo as assembléias locais preparatórias do II congresso do PCI se reunido no mês de fevereiro de 1922. Com a exposição de abertura de Gramsci, a seção de Torino aprovou por unanimidade a orientação política geral proposta pela direção partidária. Sobre a tática da frente única como orientação emanada da IC e sobre a experiência alemã, que então se desenvolvia, a assembléia foi cautelosa, afirmando que

existem condições de tempo e lugar nos quais o Partido comunista pode e deve fazer compromissos com outros partidos que gozam da confiança das camadas mais atrasadas da classe operária e camponesa e deve insistentemente incitar esses partidos a romper toda a relação com a burguesia para constituir uma coalizão política no terreno exclusivo das classes trabalhadoras.¹¹⁵

¹¹⁴ A maior parte da literatura que aborda a história do comunismo italiano e a trajetória intelectual de Gramsci tende a enfatizar o equívoco fatal que teria sido a subestimação do fascismo, como se fosse possível no calor da hora descortinar a forma concreta que o regime fascista consolidado teria alguns anos depois, assim como sua específica forma de organizar o Estado e as massas. Não parece correto dizer que o PCI tenha estabelecido um conúbio fascismo-democracia, idéia difundida em setores da esquerda comunista internacional. Desde as análises de Trotski sobre o fascismo, no início dos anos 30, essa percepção da subestimação tendeu a se generalizar de modo equivocado na literatura dedicada aos estudos sobre o PCI e o fascismo. Na verdade, o ponto no qual os comunistas italianos insistiam, naquela conjuntura, como também, a seu modo, fazia Croce, era no conúbio fascismo-liberalismo, não no fascismo-democracia. O que se faz, em geral, é prospectar uma frente única antifascista para o momento em que a classe operária estava derrotada e dividida, e o processo de fascistização avançava a galope da ofensiva do capital. O risco dessas interpretações é se confundir com uma certa estratégia política vigente no PCI nos anos 60-70, e com a concepção de que democracia é a democracia liberal. Para Gramsci, em particular, quando não prevalece o silêncio, sobra somente a indulgência de ter tido algumas intuições sobre o caráter do fascismo.

¹¹⁵ La tattica del Partito comunista discussa nella sezione di Torino. Il Comunista, 19/02/1922. Apud: GRAMSCI, Antonio. *Socialismo e fascismo*. (Appendice I). Torino: Einaudi, 1974, p. 497-498.

Essas condições seriam oferecidas apenas no momento em que estivessem constituídos as instituições do futuro poder proletário e um deslocamento à esquerda das massas estivesse ocorrendo. Mas, como “nos países da Europa central e ocidental se acabou de entrar na fase inicial desse processo histórico” e o proletariado sofreu uma derrota na Itália, “a única tática possível e útil hoje é aquela da frente única sindical”.¹¹⁶

Quase ao mesmo tempo, no decorrer do I Pleno da CEIC, de fevereiro de 1922, uma vez mais o PCI manteve sólida sua oposição à política da frente única que vinha se gestando na IC, tendo ao seu lado espanhóis e franceses na recusa em entabular contatos com dirigentes socialistas. Ao mesmo tempo, o PCI se preparava para a realização de seu II congresso nacional, reunido em Roma, desde 20 de março. Trotski e Radek, logo em seguida ao Pleno, tiveram oportunidade de examinar as teses congressuais do PCI, propondo de início a sua rejeição, em razão da orientação política contida contrariar as determinações do III congresso da IC, assim como a linha política dali exarada e apenas confirmada, que designava aos comunistas a tarefa de se transformarem em maioria no seio do proletariado por meio da tática da frente única. Finalmente chegou-se a um acordo, pelo qual as teses seriam debatidas a título de contribuição para o IV congresso da IC, a ser realizado em novembro do mesmo ano, postergando-se assim o previsível conflito.

Mas o fato é que o grupo dirigente emerso do encontro de novembro de 1920 da fração comunista, que havia selado o acordo entre o comunismo de esquerda de Amadeo Bordiga e o grupo do *L'Ordine Nuovo*, além de outros grupos menores, manteve-se firmemente ancorado na linha política definida naquela ocasião, tornando apenas mais explícitas suas concepções, que confluíam para a seara do comunismo de esquerda, bastante ponderável em muitos partidos. Fundamentalmente, o PCI não se dava conta da mudança de fase operada a partir de março de

¹¹⁶ Ibidem.

1921, cujas conclusões possíveis foram em seguida tiradas pelo III congresso da IC, ainda que sem a necessária profundidade. Mas, talvez melhor seja notar que pela leitura da crise capitalista e pela concepção de revolução socialista pela qual se informava, para os comunistas italianos esse não era o fulcro do problema e sim a organização da subjetividade antagônica no interior do partido revolucionário, indispensável para o assalto ao poder.

Pela análise feita da situação italiana, a revolução socialista teria ainda um longo traço a cumprir, já que a situação de recuo da classe operária, a exemplo do que ocorrera na Alemanha, deixava antever uma particular solução “social-democrática” da crise do Estado liberal-burguês, fíncada numa coalizão católico/socialista. Como insistiu Gramsci, no entanto, um golpe de força reacionário, a exemplo do golpe de Kapp (1920), também na Alemanha, não poderia ser descartado. Nesse contexto, o fascismo é visto como elemento constitutivo da ofensiva do capital, voltado para a quebra da autonomia operária e de sua subordinação às instituições estatais. Uma vez vencida a resistência operária, o fascismo poderia ser assimilado pelas instituições estatais no quadro mesmo da solução “social-democrática”, não havendo, portanto, uma fundamental oposição entre as possibilidades que a burguesia tinha diante de si, pois se tratava sempre do enquadramento do movimento operário nos parâmetros do Estado burguês. Essa análise parecia ser corroborada pela transformação do fascismo em partido e pela sua disposição em disputar eleições parlamentares.

Entre a solução “social-democrática” e um golpe reacionário, que poderia eventualmente levar o fascismo ao poder, os comunistas investiram sua avaliação na primeira variante possível para a ação do capital. Com isso, aceitaram somente a perspectiva de uma frente única operária nos locais de trabalho e nos sindicatos, dentro da tática política indicada pela IC, já que essa se enquadrava na concepção da variante do comunismo de esquerda que então predominava no PCI e na sua leitura do processo sócio-político. A luta contra o PSI transformou-se num combate

contra o instrumento pelo qual o capital intentava alcançar o seu objetivo naquele momento e pela defesa intransigente da autonomia política operária, sem que se percebesse que o progressivo agravamento da crise do PSI e também do Partido Popular, ampliavam as possibilidades do fascismo vir a se constituir em regime reacionário de massas.

É no movimento sindical que os comunistas buscam implementar sua particular política de frente única, atuando em todos os organismos de defesa da classe operária diante do fascismo e da ofensiva capitalista, pregando a unidade sindical em torno da CGL e a sua filiação na Internacional Sindical Vermelha. As teses congressuais sobre esse tema, redigidas por Gramsci e Tasca, recordam a importância de se transcender o sindicato como forma de organização operária, apontando para a necessidade dos conselhos de fábrica e para o controle da produção.

Uma relativamente pequena e heterogênea oposição começou a tomar forma no PCI em seguida ao III congresso da IC, contando com Ângelo Tasca, que já havia se empenhado em séria polêmica com Gramsci aos tempos dos conselhos de fábrica, e Antonio Graziadei, que havia se proposto a servir de elemento de preservação da unidade dos partidários da III Internacional no congresso socialista que definiu a cisão. Ainda que de maneira cautelosa, defenderam a orientação política da IC e a tática da frente única também no terreno político, assim como outros militantes mais enfáticos, mas com menor capacidade de expressão das idéias. Ainda que contando com o estímulo e a simpatia dos delegados da IC, Humbert-Droz e Kolarov, essa postura não conseguiu maior expressão.

A intervenção de Gramsci no debate congressual, sobre a questão da frente única, confirmava a convergência com as teses propostas por Bordiga e Terracini, manifestando-se contra a incorporação na orientação tática do partido de qualquer “fórmula genérica” que sugerisse a admissão da possibilidade da “frente única política”. Gramsci declarava-se então

persuadido de que, não só o Partido popular, mas também uma parte do Partido socialista, devem ser excluídos da frente única proletária, segundo a concepção das teses aprovadas pelo Comitê executivo ampliado (do PCI), porque fazer um acordo com esses equivaleria a fazer um acordo com a burguesia.¹¹⁷

Para Gramsci, portanto, não era possível uma aliança com o Partido popular pelo fato deste estar assentado fundamentalmente sobre o campesinato, e tampouco com o Partido socialista devido à natureza ambígua desse partido, que buscava representar tanto o operariado quanto o campesinato. Se como a aliança com o campesinato poderia ocorrer apenas na medida que esse se confrontasse com o Estado, mas não quando “a luta que conduzem se inspira em motivos que se inserem no âmbito do código civil burguês”¹¹⁸, como a defesa da propriedade privada, entendia-se que essas alianças seriam concessões inaceitáveis, considerando-se ainda o esforço da burguesia em ampliar sua base social para resolver a crise política na qual se encontrava envolvida.

Nota-se que a concepção de frente única aceitável para Gramsci é apenas aquela que engloba o proletariado industrial e agrícola tendo em vista o programa da revolução socialista, de modo que o objetivo não poderia ser outro que atrair a base operária do PSI para uma ação comum, já que o PCI era o único partido essencialmente operário. A influência de Bordiga, nesse momento, provocava uma elisão das mediações analíticas e um quase cancelamento da perspectiva da aliança operário-camponesa.¹¹⁹

Outra seria a avaliação da situação na Alemanha, país que contava na ocasião com três partidos de base operária, pois que “a tática de frente única não tem valor à não ser para os países industrializados, aonde os operários atrasados podem esperar exercer uma ação de defesa através

¹¹⁷ GRAMSCI, Antonio. Interventi al II congresso del Partito comunista (II). L'Ordine Nuovo, 28/03/1922. In: *Socialismo e fascismo* (Appendice I). Torino: Einaudi, 1974, p.520-521.

¹¹⁸ Ibidem.

¹¹⁹ Que, como foi visto, não era estranha ao entendimento de Gramsci sobre a realidade italiana. Ver nota 75.



da conquista de uma maioria parlamentar”, que na Itália não seria possível dada a prevalência de trabalhadores do campo. Dessa maneira, “a frente única sindical, por sua vez, tem um fim que é um pressuposto para a luta política na Itália”, já que seria esse o único lócus adequado para realizar a frente única operária, sem por isso cair em equívocos “sindicalistas”.¹²⁰

Amadeo Bordiga teve oportunidade de expor essas conclusões do II congresso do PCI, quando de sua participação no encontro das três organizações Internacionais do movimento operário, ocorrida em abril. Além de manifestar-se contra as concessões feitas pela IC, as divergências com a orientação da CEIC vieram limpidamente à tona num encontro para discussão sobre a situação italiana. Esse encontro antecipou o confronto político que se desenrolaria no II pleno ampliado da CEIC, marcado para junho de 1922, em Moscou.

Junto com Graziadei e Gramsci, que fora indicado pelo congresso para representar o partido na IC, Bordiga formou na delegação italiana que se dirigiu a Moscou, somando-se a Ersilio Ambrogi, que os aguardava na capital russa. Entre as atividades do II Pleno estava a avaliação da “questão italiana”, tarefa para a qual foi indicada uma comissão específica, coordenada pelo próprio Zinoviev, então presidente da IC, que se reuniu com os delegados do PCI. A CEIC, como era esperado, entendeu que as teses do PCI estavam erradas e não se coadunavam com as resoluções tomadas pela IC desde o III congresso mundial.

Uma resolução confidencial, bastante mais dura que aquela tornada pública, foi redigida por Zinoviev e encaminhada aos comunistas italianos. Esse documento faz a exigência de “que o PCI acabe imediata e categoricamente com as suas hesitações na questão da tática da frente

¹²⁰ GRAMSCI, Antonio. *Op.cit.*, 1974, p. 520-521.

única”, acrescentando que “em nenhum caso se pode admitir uma distinção de princípio entre a frente única no campo da luta econômica e a frente única no campo da luta política”.¹²¹

Está claro, para além de qualquer outra consideração, que a IC não levou em conta devida a argumentação de Gramsci sobre a particularidade da situação italiana, afirmando que a única forma política possível de se atuar a frente única na Itália seria por meio da frente única sindical, tendo em vista o caráter e a tradição não economicista do sindicalismo italiano. Gramsci insistia assim na percepção de que a unidade proletária deveria ser forjada na fábrica e nas organizações de defesa dos interesses imediatos dos trabalhadores. O fato de o PSI ter-se configurado como elemento constitutivo do Estado burguês impedia a efetivação de tal aliança política.

Que o PCI assumisse e difundisse a palavra de ordem do “governo operário” era outra exigência apresentada, quando a concepção dos italianos era que tal situação seria possível apenas com a proximidade da efetiva tomada do poder pelo proletariado. É de se notar, contudo, que o significado dessa reivindicação, apresentado por Zinoviev, estava longe de exprimir um consenso dentro da própria IC. Para Zinoviev, de fato, nesse momento,

entende-se que essa idéia do governo operário não deve ser considerada como uma combinação parlamentar, mas a mobilização revolucionária de todos os operários para a derrubada do domínio burguês.¹²²

Uma última exigência apresentada fazia a indicação para que “o PCI tome a iniciativa da organização da frente única proletária contra o fascismo”¹²³, questão sobre a qual a divergência era de forma e conteúdo, já que para o PCI essa frente dever-se-ia realizar como frente única do

¹²¹ La risoluzione confidenziale del CE dell'IC. Apud: *Relazione del partito comunista d'Italia al IV congresso dell'Internazionale Comunista* (Apêndice). Milano, Iskra, 1976, p. 114-115.

¹²² Ibidem.

¹²³ Ibidem.

proletariado industrial e agrícola, aproximando, nos sindicatos, comunistas e esquerda socialista de Maffi, e não, como pensava a IC, por meio de uma aproximação com o conjunto do PSI, principalmente com Serrati, e mesmo com o Partido Popular. A radicalidade sem mediações da política do PCI priorizava a luta direta contra o capital e contra o poder político da burguesia, condensado no Estado.

Ainda que seguros de que o acatamento das determinações da IC geraria uma grande confusão na militância, mas que o contrário poderia levar a uma tomada de posição da IC contra a direção partidária, causando igualmente grandes males, decidiu-se persistir na atitude que vinha sendo seguida até então, que era a de absorver apenas formalmente a linha política definida pela IC, adaptando-a àquela leitura que era feita da realidade italiana pelas lentes daquele específico “comunismo de esquerda”. A importância da manutenção da disciplina internacional ganhava importância em se considerando que uma nova cisão estava no horizonte do PSI e que a IC prospectava uma fusão dessa fração com o PCI, semelhante a que ocorrera na Alemanha entre a maioria do USPD e o KPD. A resistência do PCI e de Gramsci, que permanecera em Moscou, foi tenaz, mas não impediu o apoio explícito da IC a fração de Maffi, Lazzari e Riboldi no congresso do PSI que se avizinhava.

Enquanto, a partir de julho, o PCI passava a difundir a palavra de ordem do “governo operário”, o fascismo acentuava sua ofensiva e a resistência operária investia suas últimas energias em greves gerais regionais no Piemonte e na Lombardia. Diante do fracasso dos intentos de formação de um governo de coalizão de liberais, católicos e socialistas, em defesa da legalidade e de controle da violência política, e que poderia incluir até mesmo os fascistas, no início de agosto a ala reformista do PSI, com Turati, decidiu conclamar uma greve geral pela legalidade, por meio da Alleanza del Lavoro. Contrários a todas as conclamações anteriores dos comunistas, quando a resistência mostrava maior vitalidade, os reformistas convocaram e fizeram

cessar a greve num momento que as linhas de defesa da classe operária estavam já cortadas, tendo somente aberto a brecha para o ataque decisivo do fascismo, em combates de rua que duraram vários dias.

Enquanto se aguardava o desenlace da derrota do movimento operário, nos primeiros dias de outubro, reuniu-se o XIX congresso do PSI apenas para selar a cisão, enfim dada por descontada. A possível fusão da ala “massimalista” do PSI com o PCI era vista ainda como uma vitória importante da tática de frente única da IC. Tendo em vista esse objetivo, a CEIC enviou uma carta apelo ao congresso socialista, dirigida aos “massimalistas” na qual invocava que

o dever mais elementar e mais urgente na Itália esta nisso: reunir, logo que possível, todas as forças revolucionárias e com essas opor o bloco proletário ao bloco das forças reformistas, fascistas e imperialistas.¹²⁴

Os reformistas, tendo ficado em ligeira minoria, saíram para fundar o Partido Socialista Unitário, enquanto que a reaproximação dos massimalistas de Serrati com os “terceirointernacionalistas” de Maffi garantiu a sobrevivência do PSI, que de imediato teria que enfrentar a questão da fusão com o PCI, conforme auspiciava a IC. Renovando a decisão de aderir a IC, o PSI logo enviou uma delegação para participar no seu IV congresso mundial, esperando mostrar-se como o mais fiel seguidor da linha política da frente única, enquanto que o PCI entendia que a pressão a que estava sendo submetido pela IC, impelindo à fusão, colocava em cheque a legitimidade do grupo dirigente no contexto internacional.

A visita de uma delegação da IC, conduzida pelo húngaro Rakosi, cuja missão era preparar a fusão entre os dois partidos, antecipou os conflitos que a delegação do PCI iria

¹²⁴ Apello del Comitato esecutivo al Partito socialista italiano. Apud: AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale: storia documentaria*. Roma: Riuniti, tomo I, vol. 1, 1974, p. 589-591.



enfrentar em Moscou, ainda que as resistências à fusão se encontrassem presentes também no seio do PSI. Para o PCI permanecia o dilema entre a disciplina obrigada e a coesão do grupo dirigente e para o PSI o sacrifício ou não da sua identidade histórica.

Poucas semanas depois, o fascismo, por fim, ascende ao poder com a missão de sanar as contradições no interior do bloco de poder e garantir a passagem para o predomínio do capital financeiro, sob o aval de um regime de base de massas da pequena burguesia. Gramsci escreveu, em Moscou, um artigo mostrando a origem do fascismo e do governo de Mussolini a partir da ofensiva do capital iniciada em março de 1920 com a criação da *Confederazione Nazionale dell'Industria* (CNI). O retorno de Giolitti ao governo, cujo ministro da guerra, Bonini, promoveu a desmobilização de cerca de 60 mil oficiais remunerados por mais quatro anos, mas com a obrigação de se alistarem aos “fasci di combattimento”, que

tinham permanecido até aquele momento como uma pequena organização de elementos socialistas, anarquistas, sindicalistas e republicanos, favoráveis a participação da Itália na guerra ao lado da Entente.¹²⁵

Começava aí a aproximação dos grandes agrários com os industriais, assim como a atividade do “squadrismo” fascista. Infelizmente, porém, essa análise de Gramsci não teve continuidade, provavelmente devido a precariedade das suas condições de saúde, exatamente quando estava para abordar o processo de fascistização.

¹²⁵ GRAMSCI, Antonio. Le origini del gabinetto Mussolini. *La corrispondence Internationale*, 20/11/1922, n° 89. In: _____. *Socialismo e fascismo*, cit., 1974. p. 528-530.



2. A política de frente única na Internacional Comunista e na URSS: debilidade teórica e derrota política.

Na Alemanha, o próprio processo sócio-político, que expunha a ofensiva do capital, com o declínio do poder aquisitivo dos trabalhadores e o ataque contra as instituições liberal-democráticas, impulsionou a tática de frente única dos comunistas. Esses se dispuseram a apoiar de fora um governo de coalizão SPD-USPD na região da Turingia, além de vários apelos para manifestações em comum e de solidariedade internacional. A nova linha foi implementada por dirigentes que anteriormente a essa se opunham, mas mesmo assim uma nova ala esquerda do KPD continuou contra a tática de frente única. Dificuldades de monta permearam a colocação em prática da nova tática em quase todos os países da Europa, em cujos partidos comunistas havia resistências em graus variados.

O problema central que se colocava agora para os comunistas estava na interpretação do conteúdo e do significado da fórmula política da frente única (que tinha sua contraparte posta na questão da NEP). Numa posição que fazia concessão à esquerda comunista, a qual continuava refutando a nova orientação política, Zinoviev entendia estar próxima a retomada da revolução socialista internacional, de maneira que a política de frente única teria o efeito de evidenciar diante das massas as vacilações das lideranças social-democratas.

Aqueles como Radek (e Lênin, muito provavelmente), que percebeu ser o refluxo do movimento operário, como um todo, de maior duração e profundidade, pode chegar mais perto de ver na fórmula política da frente única, uma nova estratégia de luta socialista. Claro que em cada uma dessas leituras a relação política com o reformismo implicava um conteúdo diferente e quase que de sinal oposto. Essa ambigüidade não explicitada na orientação política da Internacional

Comunista alimentou a desconfiança da social-democracia em relação à possibilidade de um trabalho conjunto com os comunistas, limitando o alcance concreto dessa fórmula.

Além da ambigüidade da formulação teórica e prática da nova política, uma expressiva oposição se apresentou desde o primeiro momento. Na Rússia, em parte devido a decisão do X congresso do PCR(b) de impedir a formação de frações, a oposição aberta a NEP não pode se expressar com veemência. Depois, é notório que grande parte da direção partidária via na NEP apenas um movimento de momentânea retirada e não uma estratégia para a transição socialista, que deveria ser aprofundada e articulada com a estratégia da revolução socialista internacional, acoimada na fórmula política da frente única. Os desdobramentos da disputa político-ideológica na URSS, aberta pouco antes da morte de Lênin, comprovam essa assertiva.

A oposição aberta ou sub-reptícia à nova tática esteve presente com maior ou menor visibilidade em todos os partidos comunistas dos países mais importantes para a IC. Na Alemanha, na Checoslováquia, na França e na Itália, a política de frente única era vista com desconfiança ou então mutilada na sua aplicação. Os partidos comunistas resistiam a passar do momento da cisão para a política de frente única com o reformismo, antes de tudo pelo temor de ver sacrificado a sua recém adquirida identidade, mas também pela incapacidade de amadurecer essa mesma identidade num confronto de outro tipo com as outras vertentes culturais e políticas do movimento operário e socialista. Temia-se uma dissolução da IC se essa reconhecesse que as análises dos “austro-marxistas” sobre as tendências a reorganização do capitalismo embutidas na ofensiva política da burguesia tinham parcelas de razão sobre as análises tendencialmente catastrofistas da IC.

Em dezembro de 1921, numa reunião da CEIC, a tática da frente única passou a ser vista como a chave para a conquista das massas por parte dos comunistas, mas as restrições aos dirigentes dos partidos social-democratas permaneceram muito grandes. Procurando contornar as

resistências à nova política, o documento exarado nesse encontro afirmava que se estava no “início de um deslocamento à esquerda” por parte das massas operárias, mas que “de outro lado, sob a influencia dos ataques sempre mais fortes do capital, foi suscitada entre os operários uma tendência espontânea a unidade literalmente impossível de se conter”.¹²⁶

A frente única operária poderia incluir acordos com os partidos social-democratas, desde que não afetasse a autonomia e o direito de crítica dos comunistas, e deveria ser aplicada de acordo com a realidade de cada país. Um apelo pela formação da frente única proletária do CEIC, em conjunto com a Internacional Sindical Vermelha, abriu o ano de 1922. A justificativa expondo a necessidade da frente única apresenta como importante novidade a sugestão implícita de que tal política poderia definir toda uma fase, mais ou menos longa, de luta pela conquista da maioria da classe operária em favor da revolução socialista. O documento reconhece “quanto são ainda fortes as cadeias do passado, as influências exercidas pela escola capitalista, pela imprensa, pela Igreja”, quanto a classe operária está distante da revolução. Mas se não ousam ainda empreender a luta pelo poder, os operários devem se unir “ao menos pela vida pura e simplesmente, na luta por um pedaço de pão, na luta pela paz”.¹²⁷

É reconhecido nesse documento, enfim, a necessidade da luta cotidiana sócio-cultural a fim de que os comunistas alcancem a capacidade de direção dentro do conjunto do movimento de massas. Começando por barrar a ofensiva do capital e pelas luta por reivindicações cotidianas, a política de frente única poderia então se transformar numa estratégia ofensiva num passo mais largo, mas essa sugestão estava muito longe de criar raízes na IC.

¹²⁶ Tesi del Comitato esecutivo sul fronte unico dei lavoratori e sui rapporti coi lavoratori che aderiscono allá Seconda Internazionale, allá Internazionale due e mezzo e allá Internazionale di Amsterdam, nonché i lavoratori che appoggiano le organizzazioni anarco-sindacaliste. Apud: AGOSTI, Aldo. Op.cit., Tomo 1, vol. 1, p. 521-531.

¹²⁷ Appello degli Esecutivi dell'IC e dell'ISR per il fronte unico proletário. Apud: AGOSTI, Aldo, ibidem, p. 532-538.

Pouco depois, entre 21 de fevereiro e 4 de março de 1922, realizou-se uma reunião plenária do CEIC (a primeira de uma série histórica), para tentar esclarecer a nova tática e vencer as resistências. A tática da frente única e as conclusões do III congresso da IC foram reafirmadas, mas não se procedeu no aprofundamento teórico da nova política, não só porque as fortes resistências persistiam, mas também porque a leitura do momento histórico encontrava-se permeado de sérios equívocos, e a fórmula política da frente única, em todo seu alcance, só poderia se transformar numa nova práxis revolucionária e numa nova subjetividade, em caso de estar vinculada a uma leitura adequada do conflito social. Mais uma vez, nesse encontro, o delegado do PCI, Umberto Terracini, falou em nome da vertente contrária à tática da frente única, representando ainda os comunistas franceses e espanhóis, mas ao fim, ainda que sem convicção, todos se comprometeram formalmente em seguir a linha política ali reafirmada.

A política de frente única contou com inúmeras resistências, desde as alas de esquerda dos partidos comunistas até os partidos social-democratas, que limitaram sua prática e seu alcance, mesmo tendo sido alcançados alguns êxitos localizados e pontuais. A conferência de Berlim entre as três organizações políticas internacionais dos trabalhadores mostrou tanto as dificuldades quanto às possibilidades dessa orientação. Embora o resultado do encontro tenha sido pouco alvissareiro, de certa forma fortaleceu a tendência favorável à sua implantação dentro dos próprios partidos comunistas, marcadamente da Alemanha, Checoslováquia e Polônia. Resistências importantes continuavam vindo da França e da Itália, por motivos e formas diferentes. Enquanto o PCF assistia à cristalização de tendências, o PCI reagia quase que compacto contra as tentativas da IC em impor a linha política deliberada no III congresso.

O II pleno da CEIC, realizado em junho, optou por aguardar o andamento do congresso do PCF, que seria realizado em outubro, mas o PCI havia já concluído seu congresso, definindo uma política muito diferente da preconizada pelas instâncias centrais da IC, que investiam numa

nova cisão no PSI, antes ainda da abertura do IV congresso da IC, a ocorrer em novembro. Uma nova aproximação na rota de colisão entre a IC e o PCI ocorreu com um documento confidencial redigido nesse encontro, cobrando a organização da frente única.

Na medida em que se aproximava o compromisso do IV congresso da IC, o debate sobre a eventualidade de um “governo operário” surgiu como um aprofundamento e desdobramento da fórmula política da frente única. Esse problema vinha sendo posto de forma intermitente na Alemanha, desde a luta contra o golpe de Kapp, em 1920, quando foi proposta pelos sindicatos.¹²⁸ O apoio externo por parte do KPD a governos regionais conduzidos pelo SPD e USPD, fez com que se discutisse a possibilidade da participação efetiva dos comunistas, assim como a possibilidade de um governo operário nacional. Depois que, em fins de 1921, o KPD recebeu o aval da CEIC, também os comunistas da Checoslováquia encararam essa questão, aprovando a palavra de ordem do “governo operário” em setembro de 1922, sem deixar de observar as peculiaridades do país.

Com o comunismo de esquerda tendo perdido terreno e com a resistência à tática da frente única limitada praticamente apenas ao PCI e transferida para questões de conteúdo prático dessa fórmula política, o problema do “governo operário” pode tornar-se o ponto central do IV congresso da IC. Mas, assim como a ala esquerda tendeu a interpretar a política da frente única como nova forma de se opor aos dirigentes reformistas, entabulando alianças apenas “pela base”, em vez de acolhe-la como uma política voltada para a unidade das forças políticas da classe operária, o mesmo ocorreu com a questão do ‘governo operário’. Para o estabelecimento de uma linha de massa pelos comunistas, para barrar e reverter a ofensiva do capital, além de criar as condições passíveis de elevar os partidos vinculados a IC a direção do movimento, havia duas

¹²⁸ Em março de 1920, uma tentativa de golpe militar filo-monarquista foi barrada pela imediata ação da classe operária, particularmente do movimento sindical alemão.

leituras da fórmula política da frente única em foco, tanto quanto da idéia de ‘governo operário’, que aparecia como um seu desdobramento.

Para a esquerda do movimento comunista, governo operário não poderia ser outra coisa que a aplicação da ditadura proletária. A formulação mais nuançada de Zinoviev, tentando um ponto de equilíbrio entre as opiniões presentes, também foi batida, vindo a predominar a concepção de Radek, que indicava um vínculo possível entre frente única, formas diversas de governo operário e início da transição socialista. O governo operário, objetivo estabelecido para a frente única, seria não só uma forma entre outras de conter a ofensiva do capital, mas o possível início de um contra-ataque estratégico. Nessa medida, aventava-se a possibilidade da revolução socialista ser iniciada com a eleição de um governo operário de coalizão entre as forças socialistas respaldadas em amplo movimento de massas. Estava claramente sendo sondada uma estratégia alternativa para a revolução socialista no Ocidente, embora não tenha passado despercebido, mais uma vez, o risco de se ir de encontro a algumas formulações presentes no austro-marxismo.

Diante do impacto da ascensão do fascismo ao poder na Itália, o IV congresso da IC arriscou uma primeira abordagem do problema caracterizando o novo regime como produto da “reação agrária”, formulação depois atenuada no debate entre aqueles, como o próprio Bordiga, que no fascismo viam uma forma de reação capitalista subsequente a uma crise revolucionária e os que, como Radek, percebiam elementos de novidade num movimento político da pequena burguesia. As dificuldades em se identificar a natureza específica da ditadura fascista esteve sempre associada à questão mais geral de não se perceber que o movimento operário estava procedendo a uma retirada estratégica diante da ofensiva do capital, do qual o fascismo era produto.

A não identificação da correlação de forças impediu uma retirada ordenada e a correta preparação da contra-ofensiva, movimento eventualmente a ser possibilitado pela fórmula política da frente única. Os limites teóricos e culturais que impediram o aprofundamento dessa fórmula e a descaracterização impressa pelas resistências, só fizeram agravar o processo de derrota do movimento revolucionário, que se anunciava desde fins de 1920.

Assim como as possibilidades da revolução socialista internacional apresentar-se como vitoriosa, em seguida a 1917, dependiam, em grande medida, da ascensão ao poder, num tempo relativamente curto, da classe operária da Rússia e da Alemanha, também o sucesso da fórmula política da frente única estava condicionado pelos resultados da NEP e pelo andamento da situação alemã. No entanto, o congresso do KPD, que se desenrolou em fins de janeiro de 1923, na sequência da ocupação do vale do Rhur por tropas franco-belgas, assistiu a um grave embate sobre os temas da frente única e do governo operário.

O setor majoritário da direção central, na qual se encontravam Brandler, Thalheimer, Clara Zetkin e outros seguidores da herança espartaquista, entendia que a frente única deveria incluir todo o SPD, que os comunistas deveriam participar de governos de coalizão na Turingia e Saxônia, fazendo uma política operária no âmbito e com os instrumentos da democracia burguesa, a fim de chegar ao governo com apoio do movimento de massas. A oposição de esquerda, que tinha amplo apoio em algumas regiões do país, por meio de Thälmann, Maslow e Ruth Fischer, defendia uma frente única apenas “pela base” e entendiam o governo operário como sinônimo de ditadura proletária.

Um recrudescimento da ofensiva do capital agravou tanto a situação da classe operária, particularmente na Alemanha, como implicou um renovado esforço de isolamento da URSS. Ao fortalecimento das tendências nacionalistas e fascistas na Alemanha somou-se o golpe de Estado na Bulgária, que depôs o governo da União Camponesa. O III pleno da CEIC, em junho de 1923,

abordou a situação sem deixar de reverberar o debate já em curso na URSS sobre as dificuldades e perspectivas da NEP. Exprimindo uma preocupação de ampliar as alianças sociais, assim como de se referir a países mais atrasados dentro da cadeia imperialista, foi aprovada a palavra de ordem de 'governo operário-camponês', ao mesmo tempo em que eram sentidas as crescentes dificuldades de convergência com a social-democracia, uma vez que a incorporação da Internacional de Viena na Internacional Socialista de Amsterdã debilitava a posição da ala esquerda da social-democracia, que vinha fazendo a ponte entre os extremos do movimento operário.

A ocupação estrangeira, o fracasso do golpe fascista de Hitler e a deterioração da situação sócio-econômica criaram condições muito positivas para o desenvolvimento da política de frente única na Alemanha. Embora a proposição feita por Radek para que a política de alianças dos comunistas se ampliasse de modo a alcançar as bases sociais do nacionalismo e do fascismo, ou seja, a pequena burguesia, tenha contribuído para o crescimento do partido e sua saída do isolamento, não conseguiu selar a unidade operária e menos ainda preparar um movimento insurrecional em condições de ser vitorioso. A falta de uma clara e decidida orientação política de massas, que propusesse efetivamente a hegemonia dos comunistas, estabelecendo uma interlocução prioritária com a social-democracia e atuando em todas as dimensões da vida sócio-cultural e estatal, tornou possível uma prática meramente epidérmica e politicista da frente única.

A jornada antifascista de 29 de julho, realizada em lugares fechados, devido à proibição governamental, pareceu calibrar o eixo da política de frente única. As greves induzidas pelos comunistas, mas sem apoio dos social-democratas, em 9 e 10 de agosto, contra as precárias condições de vida, levaram o governo à renúncia. O indício mais seguro de que a política de frente única não conseguia se impor como alternativa estratégica é que a CEIC, que até então se

esforçara para moderar os impulsos da esquerda do KPD, passa também a avaliar a situação como propensa à revolução socialista.

É justamente esse o momento em que toma posse um governo de ampla coalizão, incluindo também o SPD (apesar da resistência de sua ala esquerda), com condições de contornar a crise financeira e negociar as reparações de guerra com a França, provocando assim o refluxo do movimento de massas. A continuidade da política de frente única deveria convergir para a formação e fortalecimento de governos operários nas regiões e para a ação comum com os social-democratas cobrando as promessas de penalização fiscal das grandes empresas e desmantelamento das organizações para-militares fascistas e monarquistas, e não buscar a consecução de um improvável assalto ao poder.

Enquanto a IC e o KPD preparavam confiantes a insurreição na Alemanha, em setembro, na Espanha e na Bulgária ocorrem os golpes reacionários que afetaram profundamente as já combalidas organizações comunistas. Em outubro, os comunistas entraram nos governos regionais da Saxônia e da Turíngia, mas o governo central e o exército (com aquiescência da social-democracia) exigiram a dissolução das “centúrias proletárias”, força com as quais se contava para auxiliar na insurreição.

Quando em 21 de outubro, na conferencia dos conselhos de fábrica, o KPD propõe a greve geral insurrecional, os social-democratas permanecem estáticos, obrigando os comunistas a recuar. Mesmo assim a tentativa insurrecional foi levada a cabo em Hamburgo, sem qualquer sucesso, de maneira que em 29 de outubro o exército ocupava as principais cidades da Saxônia, depondo o governo operário, logo substituído por um governo social-democrata alinhado ao governo central.

A nova derrota da insurgência comunista teve efeitos duradouros e irreversíveis para o movimento comunista, num país fundamental para a estratégia revolucionária de então,



coincidindo ainda com a emergência da primeira crise da NEP na URSS. A situação social de emergência, primeiro, e o sucesso relativo inicial da NEP, depois, além da autoridade de Lênin, por algum tempo garantiram a unidade do PCR(b) e a aplicação da política de frente única nas condições e necessidades do Oriente-russo revolucionário. Traindo sua concepção rasa da NEP e da política de frente única, já no XII congresso do PCR(b), realizado em abril de 1923, Trotski apresentou sua contrariedade com o desequilíbrio que observava em benefício da produção agrícola e do campesinato em detrimento da necessidade da industrialização e de um planejamento mais amplo que levasse à superação da NEP.

Suas observações tiveram pouca acolhida, mas Trotsky persistiu nas suas opiniões, acoplando ainda suas críticas à burocratização do partido e do Estado e às restrições a ‘democracia operária’. Trotsky tratou de abrir a luta com um documento assinado por 46 militantes de destaque, por meio do qual procurou dar repercussão à suas idéias. A disputa de Trotsky contra a maioria, que defendia a continuidade da política até então praticada, era movida pelas reivindicações de um desenvolvimento industrial mais acelerado e por uma maior democracia no partido, que permitisse o retorno das frações.

Derrotado na XIII conferencia do PCR(b), realizada poucos dias antes da morte de Lênin, que reafirmou a importância da aliança operário-camponesa, Trotsky encaminhou-se sempre mais para a cisão do grupo dirigente que houvera feito a revolução em 1917, aliando-se a parcelas que haviam feito parte do comunismo de esquerda e suas variantes. As dificuldades da NEP, sua contestação aberta ou velada por parte de setores diferentes do partido bolchevique, a derrota da tentativa insurrecional na Alemanha e em outros países, mais a morte de Lênin, foram elementos que contribuíram para enfraquecer sobremaneira a política de frente única.

3. Gramsci em Moscou e a solução do contencioso PCI e Internacional Comunista.

Logo no início do IV congresso da IC, inaugurado em 5 de novembro de 1922, passada uma semana da ascensão do fascismo ao governo italiano, foi feita uma tentativa de interpretação do fenômeno fascista, bastante tosca e equivocada, que mostra, sem dúvida, como a avaliação dos comunistas italianos, Gramsci em particular, estava muito mais próxima da essência do fenômeno fascista. Numa carta-apelo aos operários e camponeses italianos, a IC afirmava que

os fascistas são, sobretudo, uma arma nas mãos dos agrários. A burguesia industrial e comercial segue com ânsia a experiência da reação desenfreada, que considera uma espécie de bolchevismo negro.¹²⁹

O relatório do PCI, por sua vez, apresentado ao congresso atualizava as teses do II congresso partidário até algumas semanas antes da ascensão do fascismo ao poder. O documento, escrito por Bordiga, descartava qualquer possibilidade de restauração do Estado liberal, enfatizando que

a situação tende a dois desembocos bem diferentes: ou ao achatamento do proletariado e de seus sindicatos e a um regime de exploração negreira; ou uma resposta revolucionária das massas que, em tal caso, contra si encontrará a

¹²⁹ Appello del IV Congresso agli operai e contadini italiani. Apud: AGOSTI, Aldo. *Op.cit.*, tomo I, vol. 2, p. 615-617.

coalizão do fascismo, do Estado e de todas as forças que defendem o fundamento democrático das atuais instituições.¹³⁰

O programa de ação exposto pelo PCI no IV congresso da IC estabelecia três objetivos fundamentais a serem alcançados a fim de debelar o poder estatal da burguesia:

o aparato estatal, com todos os seus recursos de força política e militar; o fascismo, com a sua potente organização contra-revolucionária; a social-democracia, que com sua predicação pacifista retira uma parte grandíssima do proletariado da luta revolucionária.¹³¹

Para o desenvolvimento do PCI, era visto como imprescindível a gradativa passagem dos efetivos de outros partidos de base operária para sua organização, de modo que qualquer projeto de fusão com o PSI deveria ser recusado, sendo aceitável, por ora, apenas o ingresso individual dos socialistas pertencentes a fração “terceiro-internacionalista”. Era também claramente negativa a resposta à interrogação sobre se “entre as reivindicações do PC se pode se compreender uma solução do problema do regime estatal, que não seja ainda a ditadura proletária?”. Isso porque para o PCI “não existem outras forças dispostas à luta direta antifascista que não aquelas dispostas à luta revolucionária contra o Estado: comunistas e libertários”.¹³²

Assim, o objetivo não poderia ser outro que não “um governo dos operários e camponeses. Com essa palavra tendo o mesmo sentido de ditadura proletária”.¹³³ A influencia e a inserção no seio das massas seria conseguida em detrimento de socialistas, populares e

¹³⁰ Relazione del partito comunista d'Italia al IV congresso dell'Internazionale comunista – novembre 1922. Apud: Ibidem, p. 30.

¹³¹ Ibidem, p. 41.

¹³² Ibidem, p. 54.

¹³³ Ibidem, p. 51.

republicanos na luta contra a reação fascista e na luta pela unidade sindical revolucionária, especificando-se que

a frente única proletária pelas reivindicações que se opõem à ofensiva patronal é a plataforma fundamental da presente ação do Partido Comunista na Itália e o caminho para a conquista do primeiro lugar na direção do proletariado italiano.¹³⁴

A chave da linha política do PCI estava no entendimento de que a crise do capitalismo e do Estado italiano não tinha solução nos marcos vigentes e que a burguesia só poderia recompor seu poder com formas instáveis, fosse por meio de uma coligação partidária liberal-católico-reformista ou por uma aberta ditadura fascista, derivando daí a concepção que a frente única deveria estar voltada, sem mediações, diretamente para a revolução e a ditadura proletária. Embora, no IV congresso da IC, Zinoviev tenha se afastado dessa concepção, o fato é que em diversas ocasiões, antes e depois, se manifestou pela sinonímia entre governo operário e ditadura proletária, porque acreditou sempre numa breve retomada do movimento revolucionário, sendo a fórmula política da frente única um expediente tático de duração limitada, em parte dirigida a denuncia dos dirigentes social-democratas. Essa observação contribui para o entendimento da subsequente diferenciação de posições políticas dentro da direção do PCR (b).

Há, portanto, pontos de contato entre Zinoviev e o PCI que não foram explorados porque o líder bolchevique se preocupava em manter um certo equilíbrio no seio da IC e, nesse momento, havia forte tendência ao isolamento das esquerdas comunistas. O desdém com que Zinoviev encarou as possibilidades do fascismo expunha a sua perspectiva da crise e da ofensiva do capital, enquanto que Radek afiançava que a derrota da revolução socialista internacional era

¹³⁴ Ibidem, p.54.

mais profunda e deveria durar por um tempo mais largo, o que fazia necessário um investimento duradouro e sistemático na política de frente única. Daí a percepção mais nuançada do fascismo como produto de uma aliança entre o grande capital e o movimento reacionário de massas da pequena burguesia.¹³⁵

De todo modo, as posições majoritárias do PCI, representadas por Amadeo Bordiga, receberam críticas incisivas na tribuna do congresso de Zinoviev, Trotski, Bukharin, Klara Zetkin e outros, além da própria minoria da delegação italiana, entre os quais Tasca e Graziadei. O ponto central da discórdia, como era previsível, veio a ser a questão da fusão com o PSI, sobre a qual pesava as diferentes concepções de frente única e do papel da social-democracia naquele momento histórico. A comissão congressual aprovara a fusão imediata do PCI e PSI, de modo que a maioria alinhada a Bordiga foi posta perante um fato consumado, reforçado ainda por uma carta assinada pelos dirigentes do partido russo, cuja implicação política tampouco era difícil discernir: uma nova maioria estava a ponto de se formar na convergência entre a minoria comunista e os “massimalistas”, alinhando o PCI entre as tendências mais a direita da IC e criando uma instabilidade interna que tornaria o partido incapaz de resistir ao fascismo.

Diante desse risco, mais que Bordiga, Gramsci decidiu operar a resistência de acordo com a proposta de Scoccimarro, transferindo a questão para as condições e modos da fusão. Os termos apresentados pelo PCI foram tão restritivos que, na prática, retornava-se às condições expostas no relatório do PCI ao IV congresso, que aceitava apenas a adesão individual dos membros da corrente “terceiro-internacionalista” do PSI. Chegou-se, por fim, a uma solução intermediária, mas também a delegação socialista apresentou condicionantes e a justificativas para a necessidade de um aceite da direção nacional do PSI. As resistências apresentadas de parte a

¹³⁵ Apud SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967, p. 240.



parte, somadas a uma nova onda repressiva do fascismo, tornaram a fusão impossível e agravou a situação interna tanto do PCI, quanto do PSI. O lance da IC, estimulando a fusão, com a esperança de contar com um partido mais forte e que atuasse a política de frente única, redundou, de fato, numa maior debilidade da resistência operária diante do fascismo.

A violência fascista se institucionalizou com o novo regime e passou atuar de maneira coordenada com as forças repressivas estatais, ambas obedecendo agora um mesmo comando. Embora o esquadrismo fascista não tenha diminuído de intensidade, no início de 1923, foi posta em prática uma ofensiva do regime recém instalado contra as instituições do movimento operário autônomo que ainda resistiam. Uma onda de atentados contra jornais, sedes sindicais e partidárias, espancamentos e assassinatos vitimou anarquistas, comunistas e socialistas. A repressão atingiu com força a organização do PCI, tendo sido presos a maioria da direção central, inclusive Amadeo Bordiga, a maior parte das direções regionais e cerca de cinco mil militantes, quase $\frac{1}{4}$ do partido.

Tendo que enfrentar a pressão da IC para que consumasse a fusão com o PSI e implementasse a orientação política aprovada no IV congresso e ainda fazer frente ao ataque fascista, o grupo dirigente originário do PCI sucumbiu, vindo à tona uma clivagem que já se apresentara momentaneamente em Moscou no seio da delegação italiana. A maioria se dividiu entre aqueles que, como Bordiga, recusavam qualquer ingerência da IC, preferindo passar para a oposição no campo internacional, tentando unificar o comunismo de esquerda, e aqueles que entendiam que o vínculo com a CEIC era essencial, apesar das divergências, para que se pudesse enfrentar o fascismo, como era o caso de Gramsci. Em março, pela pena de Ruggiero Grieco, foi encaminhado a CEIC o pedido de demissão coletiva da direção, com o argumento da impossibilidade de se atuar naquelas condições sem uma clara definição tática. E como esse

grupo dirigente do PCI não estava de acordo com a linha induzida pela IC, se afastava para facilitar a fusão com o PSI e a implantação da nova política.¹³⁶

Gramsci se preparava para retornar a Itália junto com a comissão para a fusão entre comunistas e socialistas, quando tomou notícia de que havia sido expedida uma ordem de prisão contra vários dirigentes do PCI, inclusive ele mesmo, por parte do regime fascista. Desse modo é que Gramsci permaneceu em Moscou até que uma nova decisão fosse tomada a seu respeito sobre os encargos que deveria assumir. Embora Gramsci estivesse empenhado em levar a cabo a tarefa da fusão, entendendo ser um acontecimento inevitável, que abriria uma nova fase na vida do partido, agora tendo que enfrentar o fascismo como ocupante do Estado burguês, entendia que a luta, malgrado tudo, passava a ser controlar o processo de fusão evitando a inserção do PCI junto aos setores mais à direita da IC, caso provável se a iniciativa fosse deixada a Tasca e aos “massimalistas”.

Em carta enviada de Moscou, em março, Gramsci chamava atenção para o risco de que diante da resistência do PCI à fusão e, particularmente, as debilidades apresentadas frente à onda repressiva do fascismo, “seja valorizada a esquerda do Partido socialista e que essa venha a ser o centro das esperanças da IC”. Ademais, “seria desastroso dar a sensação de falência daquilo que foi deliberado num congresso mundial [da IC] e que, portanto, trata-se de continuar no trabalho de fusão”, ainda que prorrogando os prazos.¹³⁷ Gramsci comunica também que a CEIC decidira pela criação de um secretariado de luta contra o fascismo com uma sede em Berlim e outra em Viena, esse especificamente voltado para a coordenação do trabalho do PCI e para “o qual deveria ser indicado o companheiro Gennari”.¹³⁸

¹³⁶ SPRIANO, Paolo. *Op. Cit.* 1967, p. 257-258.

¹³⁷ GRAMSCI, Antonio. Mosca, 15 marzo 1923. In: _____ *Lettere (1908-1926)*. (a cura di Antonio A. Santucci). Torino: Einaudi, 1992, p. 503.

¹³⁸ GRAMSCI, Antonio. Mosca, 20 marzo 1923, al PCI. In: _____. *Ibidem*, 1992, p. 509.

Com o esfacelamento do partido frente ao ataque fascista, Gramsci começa a perceber os limites da estratégia política que dera vida ao partido e o guiara até ali, compreendendo o ângulo de visão da IC e encarando que, diante da difícil situação “a única tática possível passa a ser aquela da Internacional”. A pressão conjugada da IC e da realidade do fascismo fez com que Gramsci acedesse à idéia de fusão entre PCI e PSI, ainda que sob condições bem determinadas, e, por conseguinte, assumisse a política de frente única que então se desenvolvia e ganhava nitidez em vários partidos comunistas. Para colocar em prática essas idéias ainda muito mal consolidadas, Gramsci propôs a criação de um periódico quinzenal, que poderia levar o nome de *Senso Comum*, segundo exemplo de uma publicação inglesa. Tal sugestão traz a mente os nomes de Tom Paine (possível inspirador dos editores ingleses), mas também o de George Sorel. Por isso, talvez, que Gramsci indique que mais que apenas um título esse nome poderia expressar “um programa”, aquele designado pela IC de se imiscuir entre as massas.¹³⁹

Gramsci percebe com uma clareza sempre maior que o vínculo com a IC e a aplicação das determinações do IV congresso eram imprescindíveis para a sobrevivência do partido e para garantir que a *cisão* consumada em Livorno não restasse um evento “doutrinário”, mas que ganhasse efetivamente as condições de uma nova *tradição* dotada de capacidade de levar o proletariado ao poder. Enquanto isso Bordiga optava por denunciar publicamente a ingerência da IC e recusar a fusão com o PSI, como forma melhor de defender o grupo dirigente original. Para enfrentar a iminente ruptura no seio do grupo dirigente, Gramsci entende que é hora de agrupar os companheiros do antigo *L'Ordine Nuovo*, até para impedir que a exploração daquela tradição pela ala direita de Tasca e que essa assumisse a direção junto com os “massimalistas”, que se preparavam para se incorporar ao partido. Nesse caso haveria uma regressão do grupo do

¹³⁹ GRAMSCI, Antonio. Mosca, 29 marzo 1923, lettera al PCI. In: _____. Ibidem, p. 114.

L'Ordine Nuovo ao período precedente à cisão, quando se mantivera organicamente atado ao 'massimalismo'.

Sentia então que havia a necessidade de "criar, no interior do partido, um núcleo, que não seja uma fração, de companheiros, que tenham o máximo de homogeneidade ideológica e por isso consigam imprimir à ação prática um máximo de unicidade diretiva". O erro de se evitar "levar as extremas conseqüências os dissídios ideais e práticos", que vinha sendo a prática do grupo do *L'Ordine Nuovo*, teria que ser superada para que se esclarecessem as diferenças teóricas e práticas em relação a vertente de Bordiga. No que tange ao problema do PSI, Gramsci reconhece as raízes profundas da social-democracia e que por meio da frente única "é necessária uma vasta e cuidadosa ação política, que desagregue, dia a dia, esta tradição, desagregando o organismo que a encarna. A tática da Internacional é adequada a isso".¹⁴⁰

Gramsci estava então ciente de que o fundamental era a criação de um novo grupo dirigente, ancorado na tradição do *L'Ordine Nuovo*, para atrair as massas que seguiam o PSI, desagregando essa organização. Nesse momento o essencial era evitar que o PCI recaísse no leito histórico da social-democracia, risco presente nas concepções da "fração de direita" de Ângelo Tasca. As relações com a IC e a justa compreensão da sua política eram elementos essenciais dessa estratégia, em função da qual Gramsci anotava:

nós estamos em uma posição discutível, dada a situação internacional. A tática da frente única, impostada com bastante precisão pelos companheiros russos, tanto teoricamente como endereço geral, pelas suas aplicações práticas não encontrou em nenhum país, Partido e homens que soubessem aplica-la.¹⁴¹

¹⁴⁰ GRAMSCI, Antonio. Mosca, 18 maggio 1923, lettera a Palmiro Togliatti. In: _____. Ibidem, p.118-123.

¹⁴¹ GRAMSCI, Antonio. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926: Apêndice I*. Torino: Einaudi, 1978, p.457.

Parecia assim se esclarecer para Gramsci o significado da fórmula política da frente única e não só: para o revolucionário sardo também se iluminava a percepção de como a experiência do *L'Ordine Nuovo* e dos conselhos de fábrica era um pequeno afluente que desembocava num movimento político e cultural que tinha o significado histórico de uma verdadeira *refundação comunista*. As observações sobre questões de organização, da necessidade do esclarecimento a fundo de divergências ideológicas e o reconhecimento inicial do significado da fórmula política da frente única, aproximavam sobremaneira Gramsci de Lênin.

A repressão fascista, a demissão da direção do PCI e a vitória dos opositores da fusão no XX congresso do PSI, realizado em meados de abril de 1923, foram elementos que contribuíram decisivamente para o fracasso do acordo de Moscou, selado entre os dois partidos que se colocavam no âmbito da IC. Em junho, durante o III Pleno Ampliado da CEIC, Ângelo Tasca apresentou a tendência majoritária do PCI como sendo responsável pelo fracasso da fusão e da política indicada pela IC, tendo recebido o aval da fração socialista favorável à fusão. Diante disso, todos os dirigentes da maioria se uniram, incluindo Gramsci, em defesa do partido.

Era mais importante, nesse momento, se opor a Tasca, já que a confirmação da demissão da direção era muito provável, abrindo espaço para um novo grupo a ser forjado. A posição majoritária continuava sendo a que observava contradições insanáveis no governo fascista e em sua base de sustentação, as quais criariam novas possibilidades para o movimento revolucionário. O próprio Gramsci, que fora acusado de dubiedade por Zinoviev, afirmava nesse encontro, com um pouco de cautela, que “depois do período do governo fascista se entrará no período da luta decisiva do proletariado pela conquista do poder. Esse período chegará num tempo mais ou menos distante”.¹⁴²

¹⁴² GRAMSCI, Antonio. Apud SPRIANO, Paolo. Op.cit, 1967, p. 279.



O relatório da Comissão executiva do PCI apresenta da III Pleno ampliado da CEIC, pelo menos em boa medida, escrito e sistematizado por Gramsci, fez uma análise das dificuldades do fascismo no seu desígnio de unificação das classes dominantes italianas e de preservação da base social de apoio da pequena burguesia, assim como aponta a existência de problemas na execução da conquista do Estado. Mas a dificuldade maior estava precisamente em fazer valer para setores do médio capital a aliança estabelecida com o capital financeiro. Daí o por que

a oposição ao fascismo, conduzida pelos maiores jornais da burguesia, sob a bandeira do liberalismo, é expressão e reflexo de um processo ora só ao início, mas que no futuro se desenvolverá, de progressiva restrição da base social do fascismo.¹⁴³

O Partido Nacional Fascista era identificado como um partido de massa da pequena burguesia, que ao se apossar do poder tenta realizar a unidade política da classe dominante, o que provoca tensões e descontentamentos no seio da própria pequena burguesia e mesmo na massa de filiados, possibilitando um deslocamento para as posições do liberalismo, como também uma diferenciação no interior do fascismo. Analisadas as contradições do fascismo e estimulados pela esperança de que o regime não conseguisse se consolidar, o documento finalizava indicando entre as tarefas imediatas do PCI, “agir sobre o terreno político geral para suscitar contra o fascismo todas as forças sociais que possam ser voltadas a esse fim; (...); provocar uma estreita unidade revolucionária dos operários e camponeses; (...)”.¹⁴⁴

A partir desse documento, que expressa um momento de transição na direção política do PCI, mas no qual prevaleceu ainda a determinação unitária da maioria do grupo dirigente, é

¹⁴³ GRAMSCI, Antonio. Gramsci al Terzo Esecutivo Alargato (1923): i contrasti con l'Internazionale e una relazione inedita sul fascismo. Apud: SOMAI, G. *Storia Contemporânea*, Il Mulino, anno XX, v. 5, ottobre 1989, p. 819.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 817.

possível notar que a leitura feita a propósito do fascismo era bastante complexa, buscando identificar a base social do regime, os interesses aos quais se vincula, seus objetivos e suas contradições. É possível observar uma certa continuidade na elaboração da análise do processo político e da questão do fascismo, não tendo sido abandonada a idéia a crise do capital poderia desembocar tanto numa ditadura fascista aberta quanto num regime liberal reformista, do qual até mesmo o fascismo poderia fazer parte, dependendo do desenvolvimento de suas contradições internas e das contradições das classes dominantes. Desse modo, uma brecha para o soerguimento do movimento operário deveria ser sempre considerada.

Ainda que não faça qualquer referencia explícita a política de frente única, esta está indicada e particularizada para a situação concreta, nas tarefas do partido. Assim, ao contrario de um certo “senso comum”, que sugere uma diluição do fascismo como uma forma de violência reacionária manipulada pelos grandes agrários e industriais, os comunistas procuraram entender o fenômeno, suas contradições e suas particularidades, tendo ido, por certo, muito além dos documentos exarados na IC.

Nas resoluções finais do III Pleno, a CEIC exigia a aplicação efetiva de suas decisões, particularmente a aplicação da tática de frente única, de acordo com as condições italianas. Decidiu-se também pela nomeação de uma nova Comissão executiva do PCI, a ser composta por três membros da maioria e dois da minoria. Sem dúvida, tratou-se de um ganho de posições para a fração de direita, ainda mais se for considerada a insistência de alguns componentes da maioria em recusar essa solução, de acordo com a orientação de Bordiga (que permanecia no cárcere). Para Bordiga, passar para a oposição era melhor forma de resistir tanto a ala direita e aos “massimalistas”, quanto à interferência da IC, derivando daí a necessidade de se organizar uma fração. Por coerência, Bordiga entendeu que a direção deveria passar às mãos da ala direita e que deveria se demitir do CC, o que foi feito em agosto, sendo seguido por Grieco e Fortichiari.

A ação persuasiva de Gramsci fez com que Togliatti, Scoccimarro e Gennari (que substituiu Fortichiari) aceitassem o encargo, já que sua estratégia de luta interna exigia que o maior número de posições fossem ocupadas a fim de se evitar o avanço da ala direita de Tasca e Graziadei e também dos “fusionistas” do PSI, os quais contestavam a própria legitimidade da cisão de 1921, agora que estavam diante da vitória do fascismo e tirando proveito das decisões da IC. Mas o fato é que a desagregação do movimento operário de tradição socialista continuava, assim como também o grupo dirigente originário do PCI corria o risco de se desintegrar, fazendo completa a vitória do fascismo.

Gramsci insistia em mostrar que o foco da questão não estava na fusão com o PSI, mas sim “se o PCI compreendeu ou não a situação geral italiana, e se está em condições de guiar o proletariado; (...); se o grupo dirigente assimilou a doutrina política da Internacional Comunista, (...)”. Trata-se de atrair elementos do PSI, ajudando-os a superar a crise em benefício da classe operária, considerando que

o movimento socialista italiano dos últimos trinta anos foi um aparelho para selecionar novos elementos dirigentes do Estado burguês. Idem para os populares. O fascismo é o último e mais decisivo destes movimentos, que tenta absorver todo o novo estrato social que se formou, desfazendo os vínculos entre chefes e massas.¹⁴⁵

Logo, o fulcro do problema não deve passar por questões jurídicas de fusão orgânica, mas por uma ação efetiva de unificação autônoma do proletariado, que deveria transcender a tradição do socialismo italiano, resgatando o ‘espírito de cisão’ e criando uma nova moral e cultura do

¹⁴⁵ GRAMSCI, Antonio. Mosca, agosto 1923. In: _____. *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992, p. 126-128.



trabalho. E esse objetivo não pode ser dissociado da formação de um grupo dirigente vinculado a IC e à concepção teórica de que é portadora, ainda que ciente de sua autonomia.

A pressão da IC se exerceu também sobre o PSI, que teve mais um momento importante de sua crise, em agosto/setembro, com a expulsão da ala “terceiro-internacionalista”. Logo em seguida, numa nova onda repressiva, a nova CE do PCI acaba aprisionada, agravando a crise do grupo dirigente original. Enquanto isso, de Moscou, Gramsci noticiava a decisão da direção da IC de que fosse criado na Itália um novo periódico voltado ao movimento operário, no qual houvesse espaço para todas as vertentes que permaneciam no âmbito da luta de classe: anarquistas, republicanos e sindicalistas, ainda que a direção devesse ser compartilhada entre os comunistas e “terceiro-internacionalistas”, sempre com o cuidado de evitar que esses instrumentalizassem o jornal para travar uma luta particular contra a direção do PSI.

O novo quotidiano deveria ser assim um órgão da política de frente única, daí a sugestão de intitular-se *L'Unità* (que, ademais, lembrava também o periódico que fora dirigido por Salvemini). Além da busca da unidade operária no terreno da luta de classe, o nome se justificava enquanto referencia a unidade nacional, pois, acrescentava Gramsci:

creio que depois da decisão do executivo alargado sobre o governo operário e camponês, nós devamos dar importância especialmente à questão meridional, i.é, à questão na qual o problema das relações entre operários e camponeses se põe não só como um problema de relação de classe, mas também e especialmente como um problema territorial, i.é, como um dos aspectos da questão nacional.¹⁴⁶

¹⁴⁶ GRAMSCI, Antonio. Mosca, 12 settembre 1923. In: _____ *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992, p. 129-130.

Gramsci retomava assim, por meio de uma nova diretiva da IC, a reflexão exposta às vésperas do congresso de Livorno, indicando agora que um debate sobre a questão meridional, nas páginas do jornal, sugerindo a palavra de ordem da “República federal dos operários e camponeses”, poderia surtir algum efeito “nos estratos mais à esquerda dos populares e dos democráticos, que representam as tendências reais da classe camponesa e que sempre tiveram no seu programa a defesa da autonomia local e da descentralização”.¹⁴⁷

A fórmula política da frente única começava a plasmar-se na realidade da formação social italiana e a idéia de que, na Itália, tal política só poderia ter expressão prática nos sindicatos, havia sido já deixada para trás. Agora se tratava de vasculhar na concretude da formação social italiana os elementos que deveriam compor a frente única, de modo que o conhecimento da realidade do país, das lutas sociais e das particularidades regionais, passava a ser imprescindível para dar batalha ao fascismo e para a construção de um novo Estado.

A política de frente única deveria, assim, contar com uma forte marca nacional, que exigiria um profundo conhecimento da realidade sócio-histórica do país. Mas Gramsci notava que tudo estava por ser feito, já que, enfatizava,

nós não conhecemos a Itália. Pior ainda: nos faltam instrumentos adequados para conhecer a Itália, assim como é realmente, de modo que nos encontramos na impossibilidade de fazer previsões, de nos orientarmos; de estabelecer linhas de ação que tenham uma certa probabilidade de serem exatas. Não existe uma história da classe operária italiana. Não existe uma história da classe camponesa.¹⁴⁸

¹⁴⁷ Ibidem, p. 129-130.

¹⁴⁸ GRAMSCI, Antonio. Che fare?. In: _____ *Per la verità. Scritti 1913-1926* (a cura di R. Martinelli). Roma: Riuniti, 1964, p. 268-269.

As derrotas políticas da IC, particularmente na Alemanha, o início da disputa pelo poder na URSS e a absolvição de Bordiga no processo que o mantivera preso desde fevereiro, abriram uma nova conjuntura política, que se de uma parte penalizou a possibilidades de avanço teórico e prático da fórmula da frente única, por outro lado assistiu a consolidação dessa orientação estratégica no PCI. Foi precisamente em meio às dificuldades práticas antepostas pela consolidação da base de massa do fascismo e pelas contendas no seio do grupo dirigente bolchevique, que Gramsci pode impostrar a fórmula política da frente única para além de um mero expediente tático, surgindo a complexa articulação entre a resistência antifascista e a transição socialista.

¹⁰ Para a elaboração teórica e política de Gramsci, ver o livro *Gramsci e o socialismo*, de Antonio Gramsci, editado por Antonio Gramsci, 1924.

4. Gramsci entre a refundação comunista e a regressão teórica do bolchevismo.

Em Moscou, Gramsci adquirira um ponto de observação internacional, a partir do qual encarar com uma nova e penetrante visão, não só a experiência revolucionária da Rússia, mas toda a trajetória do movimento operário e socialista italiano e de suas possibilidades. É durante esse período que pode perceber que a universalidade presente no bolchevismo encontrava-se precisamente na sua capacidade de apreensão do particular, que a revolução socialista internacional dependia da mais correta e profunda análise das particulares situações nacionais e populares. A implicação teórico-política mais evidente – e que antes já não era estranha a Gramsci – é que a particularidade do PCI só poderia se explicitar no contexto da IC, não fora ou em oposição, assim como a forma social italiana só poderia ser entendida efetivamente no contexto europeu e mundial. Assim é que somente após sua estadia na Rússia e a definitiva derrota da revolução alemã que Gramsci envereda pela linha da refundação comunista, dimensionada pela resistência ao fascismo e pela fórmula política da frente única.¹⁴⁹

Gramsci adentra então pela vertente da refundação comunista que, nesse momento, se manifestava no núcleo formulador da política da IC, particularmente Lênin, mas também Trotski, Radek, Bukhárin, Zinoviev e outros. No entanto, o Lênin que Gramsci incorpora não é tanto aquele da teoria da revolução democrática, nem mesmo aquele da *cisão* (ponto ao qual chegara por outros caminhos), mas o que abre uma nova fase da refundação comunista, ocupando-se dos problemas teórico-práticos da transição e das novas formas de luta operária e anticapitalista, após

¹⁴⁹ Para a reflexão contida nesse capítulo é muito conveniente a consulta de PAGGI, Leonardo. *Le strategie del potere in Gramsci*. Roma: Riuniti, 1984.

a derrota da onda inicial da revolução socialista emanada da Rússia. Assim, o Lênin de Gramsci é o que tematiza a fórmula política da frente única, não apenas como um movimento tático defensivo, mas como uma estratégia de conquista e manutenção do poder, tendo em vista a transição socialista.

No entanto, o conjunto do movimento comunista ingressava em uma fase de regressão teórica, em razão, principalmente, da doença e morte de Lênin, do início do processo de cisão do grupo dirigente bolchevique e dos limites intrínsecos da transição socialista isolada em um marco de extremo atraso das condições materiais. A reflexão de Gramsci, parte de um amplo arco de influências teóricas que se mesclam – dentre as quais parecem se destacar Maquiavel e Vico -- para definir os nexos de uma refundação comunista, ancorada a Marx e a Lênin.

Os problemas concretos, saliente-se ainda uma vez, eram o de definir uma linha de resistência ao fascismo que, ao mesmo tempo, preparasse a classe operária para a retomada da ofensiva revolucionária. A fórmula política da frente única englobava uma série de questões díspares ou fragmentadas, a uma primeira vista. O modo pelo qual poder-se-ia preservar a centralidade da fábrica e das relações sociais de produção na fundamentação da ação política e, ao mesmo tempo demonstrar a necessidade de se projetar para fora da fábrica, para a conquista de aliados sociais entre outras camadas de trabalhadores, principalmente no campo, para a esfera das subjetividades e de suas representações materiais como o sindicato e as instituições culturais.

A perspectiva da totalidade seria dada pelo partido político revolucionário do proletariado. Ou por outra maneira, a construção do partido operário, com sua capacidade de unificar a classe e formar um arco de alianças coincide com a construção da perspectiva da totalidade, a qual, por sua vez se configura plenamente somente em meio à transição socialista. A fórmula política da frente única define a estratégia a ser seguida para a consecução desse objetivo histórico de longo alcance.

Munido de um renovado instrumental teórico e político, Gramsci passa a criticar as variantes do comunismo de esquerda presentes na Itália, com manifestações tanto na experiência do *L'Ordine Nuovo*, quanto, principalmente, na corrente conduzida por Bordiga. Na ponderável presença do comunismo de esquerda na Alemanha e na Itália, Gramsci localiza as debilidades e dificuldades da política de frente única nesses países e no Ocidente, mais em geral.

Não que o comunismo de esquerda não percebesse que a particularidade do Ocidente demandava uma estratégia política diferente da Rússia para a conquista do poder, pelo contrário. Na verdade, o problema era de particularização das condições sócio-históricas do Ocidente, com a perda dos aspectos universais da revolução proletário-socialista, coincidindo nisso com a leitura social-democrata. A “maturidade” do capitalismo apontaria para um exclusivismo operário no processo revolucionário, sendo outra a forma e o ritmo da revolução, pois levaria um certo tempo para que a classe revolucionária se identificasse no seu partido de vanguarda.

A complexidade e o ritmo mais lento do processo revolucionário no Ocidente, ditado pela presença de sólidas instituições sociais da classe operária atuando dentro da ordem, não era o ponto de desacordo essencial entre o comunismo de esquerda e a refundação comunista. A questão nodal, e que distingue toda a vertente teórica da refundação, desde alguns escritos juvenis de Lênin, é a da hegemonia do proletariado no processo revolucionário.

Falar em hegemonia implica definir uma linha de atuação política que incida sobre o conjunto da formação social e que extravase a pura contradição trabalho x capital em sua forma abstrata. Significa redefinir a relação entre economia e política, perscrutando as formas da subjetividade que mantém o poder do capital, observando a materialidade da supraestrutura. Significa também voltar os olhos para o papel que os intelectuais e a cultura cumprem na preservação da ordem. Ora, a hegemonia se exerce sobre aliados, daí a necessidade de se definir

alianças sociais duradouras, que outra não poderia ser, nos casos da Rússia e da Itália, que com o proletariado agrícola e com o campesinato.

A luta pela hegemonia do proletariado requer, portanto, uma forma de partido revolucionário diferente daquele que o comunismo de esquerda erigia como vanguarda. Era preciso um partido que fosse parte da classe e não sua abstração, e que agisse em todas as determinações sociais e políticas em oposição radical ao aparato do Estado burguês, não somente dentro da dimensão própria ao mundo do trabalho. A fórmula política da frente única apareceu então para Gramsci como a mais adequada do ponto de vista teórico e prático para a obtenção do escopo da conquista e manutenção do poder e também como a que possibilitava estabelecer o nexos entre o universal e o particular da revolução socialista, na Rússia e no Ocidente. Impossível então não perceber os fortes ecos da problemática da ciência política posta por Maquiavel!

Na Itália, a fórmula política da frente única comporia a estratégia de luta para afrontar tanto o liberalismo quanto o fascismo, já que se percebia uma clara relação simbiótica entre essas formas de poder burguês, e também para construir a hegemonia do proletariado. No momento em que Gramsci concebe a conexão existente entre o tema da hegemonia e do partido revolucionário da classe operária, afasta-se de Sorel para avizinhar-se a Lênin, ultrapassando a fase intermediária da aliança com Bordiga. Ocorre então uma redefinição do próprio conceito de cisão e de política. Mantido o 'espírito de cisão' em relação à ordem do capital, próprio de Sorel, agora se faz necessário reconhecer, como Lênin, a necessidade de uma política distinta, uma política revolucionária, dotada de estratégia, voltada para o abatimento da mesma ordem do capital e seu sistema de poder.

De suma importância é observar que Gramsci envereda pela vertente da refundação comunista e pelo caminho do aprofundamento teórico da fórmula política da frente única, incorporando as decisões do III e IV congressos da IC e dos três primeiros plenos da CEIC, além

da literatura política produzida nesse período pelos principais dirigentes bolcheviques, no momento mais elevado da elaboração produzida pela Internacional e que precede o início de uma regressão significativa. Trata-se de uma regressão teórica, que resgata aspectos de economicismo e voluntarismo¹⁵⁰, presente na tradição social-democrata e no comunismo de esquerda, e que afeta os mesmos atores principais que com Lênin haviam desenvolvido a formulação precedente.

Iniciada no marco de outubro de 1923, tal regressão teórica, como antes já foi indicado, encontra seu fundamento na derrota da revolução socialista internacional, no isolamento da Rússia em situação de extremo atraso das forças produtivas e no deslocamento da centralidade da luta revolucionária da contradição capital x trabalho para os movimentos nacionais de base camponesa. Sua essência está na visão objetivista da economia que, diante do atraso das forças produtivas e da impossibilidade real de que o trabalho associado (ou seja, aquele efetivamente socialista) surgisse como o fio condutor do processo revolucionário e da transição, faz emergir a perspectiva na qual a dimensão da subjetividade, própria da esfera do político, se eleva a uma posição de centralidade, fazendo crer que a realidade deveria adequar-se aos desígnios socialistas.¹⁵¹

Essa situação pode explicar porque a segunda fase da refundação teórica do comunismo (defensiva) ocupou-se -- particularmente com Gramsci e Lukács -- principalmente da materialidade da dimensão subjetiva. A variação apresentou-se nas formas que esse processo poderia ter se expressado. Assim, enquanto Gramsci percebe na fórmula política de frente única

¹⁵⁰ De fato, ocorre uma regressão da dialética e da práxis como elementos fundantes do comunismo marxiano e da refundação leniniana, com uma nova irrupção de formas de pensamento que cindem a subjetividade da objetividade do ser social.

¹⁵¹ Trata-se, na verdade, de graus diferentes de radicalidade revolucionária que se auto-alimentam: o predomínio no núcleo do Ocidente da contradição capital x trabalho propicia, em tese, a revolução do trabalho associado e o desencadeamento de uma transição socialista mais avançada, enquanto as revoluções antiimperialistas de base camponesa e de caráter nacional-democrático-burguês, no máximo possibilitam o capitalismo monopolista de Estado como estágio embrionário da transição. A derrota da revolução socialista internacional, em 1921, alterou a situação concreta da Rússia revolucionária, deixando-a reclusa nessa segunda perspectiva.

uma dimensão universal e um caminho a ser trilhado e aprofundado, não só para garantir a manutenção do poder soviético, mas para compreender e derrotar o fascismo, construindo a hegemonia proletária socialista na Itália e no Ocidente, na URSS e na IC se envereda pelo caminho que levaria ao esvaziamento de suas potencialidades, criando-se assim um paradoxo e uma fratura teórica na cultura marxista entre Ocidente e Oriente.

Do ponto de vista histórico concreto, a regressão teórica teve início no entrelaçar dos desdobramentos da primeira crise da NEP e no aviamento da cisão do grupo dirigente bolchevique, com as repercussões da derrota do outubro alemão no seio da IC (agravada com as derrotas na Polônia e Bulgária). Teve lugar, então, uma ampla redefinição de alianças e de posições políticas, tanto na URSS quanto na IC e em muitas de suas seções, tendo predominado um marcado deslocamento e recuo na formulação teórica e na prática política da frente única, em função das análises realizadas da crise capitalista e, nesse contexto, do papel do fascismo e da social-democracia.

Na URSS os problemas postos pela crise da NEP estimularam o debate sobre as questões atinentes a transição socialista, tais como o desenvolvimento das forças produtivas, a aliança operário-camponesa, a burocracia e a democracia operária. Esse debate, contudo, ocorreu num contexto de derrota da revolução socialista internacional e de grande atraso das forças produtivas, elementos que alavancaram a recomposição objetiva de formas sócio-culturais e econômicas capitalistas e pré-capitalistas, que corroem o substrato material da refundação comunista emersa no processo revolucionário, induzindo a regressão teórica e cultural, que se expressa como subjetivismo. Assim a cisão do grupo dirigente bolchevique, com uma redefinição permanente de alianças táticas e cada um tentando se apropriar de um aspecto da reflexão de Lênin, tendo em vista a luta pelo poder, não só expressam a regressão, como bloqueiam a emergência de uma nova síntese teórica.

O problema inicial era, no entanto, alcançar novamente os níveis econômicos anteriores ao início da guerra, o que foi conseguido, em geral, apenas em 1927. Em relação à indústria, logo se tomou ciência da necessidade do planejamento, motivo pelo qual foi criada uma instância estatal específica, não só para garantir o crescimento continuado, mas também uma certa harmonia entre os ramos produtivos. A necessidade do planejamento e da “organização científica do processo de trabalho” reforçou a posição dos administradores técnicos oriundos do antigo regime, assim como reforçou a direção unipessoal das unidades produtivas, em detrimento da autogestão e dos soviets.

Na imensa zona agrária, suspensa a situação bélica e instaurada a NEP, assistiu-se a um notável florescimento da tradicional comuna agrária, organizada em torno da produção familiar voltada para o autoconsumo e com o excedente feito circular no mercado, estabelecendo um vínculo frágil com as cidades. A partilha da terra, própria da tradição comunal, seria feita a cada nove anos, segundo a legislação estabelecida, a fim de minimizar as tendências a acumulação capitalista. Nas regiões da Ásia central as relações sociais agrárias haviam preservado diferentes características das formas sociais turco-orientais. A insuficiência da produção industrial para contemplar as necessidades do campo deu força e visibilidade a nascente pequena burguesia mercantil (o chamado ‘nepman’), que foi identificado pelo comunismo de esquerda como indício de reforçamento de tendências capitalistas na URSS.

A fim de manter-se como organismo dirigente da vida social e condutor da transição socialista, o PCR(b) entendeu que deveria arregimentar uma porção da classe operária que lentamente se reconstituía e ampliar a materialidade do Estado, com um crescente número de novas instancias administrativas e repressivas. Os limites dos fundamentos sócio-históricos da transição socialista na URSS encontram-se no atraso material, conjugado com o predomínio da esfera subjetiva e o fortalecimento do Estado e do partido, em detrimento de um impossível

predomínio da autogestão sobre a administração e da sociedade civil sobre o Estado político, única garantia de avanço do processo de transição. A penetração no Estado de quadros profissionais técnico-administrativos formados no antigo regime, assim como as claras deficiências culturais e teóricas das massas que ingressaram no partido, são elementos que contribuíram, não só para evidenciar os limites históricos da refundação comunista, mas para legitimar uma sua regressão teórica na URSS e na IC.¹⁵²

Derrotada em fins de 1923, na XIII conferência do PCR (b), a oposição de Trotsky, centrada na reivindicação de maior controle da burocracia e de uma mais ampla “democracia operária”, se retraiu por algum tempo, talvez porque se sentisse parcialmente contemplada com a decisão de se engrossar significativamente a base operária do partido ou porque aguardasse uma melhor definição na situação da IC após o ‘outubro alemão’. As observações de Trotsky sobre os problemas do andamento da transição, na aparência, haviam sido absorvidas ou neutralizadas, mas, de fato, havia sido apenas o episódio inicial da cisão que estava germinando. Esquivando-se de empreender luta aberta no XIII congresso do PCR(b), realizado em maio de 1924, e também no V congresso mundial da IC (junho/julho de 1924), Trotsky voltou ao debate em outubro, publicando uma coletânea de textos sob o título de *Lições de Outubro*.¹⁵³

Trotsky recuperou e desenvolveu alguns aspectos da sua formulação teórica pré-bolchevique, com destaque para a idéia da “revolução permanente”, que enfatizava o

¹⁵² A bibliografia sobre a URSS é muito extensa. Como obras de referência podem ser destacadas: CARR, E.H. *História de la Rusia Soviética*. Madri: Alianza, 1977; BOFFA, Giuseppe. *Soria dell'Unione Soviética*. Milano: Mondadori, 1976; ELLENSTEIN, Jean. *Storia dell'Urss*. Roma: Riuniti, 1976 e muitas outras. Uma discussão teórica muito útil sobre a questão da transição socialista pode ser vista em MARTORANO, Luciano Cavini. *A burocracia e os desafios da transição socialista*. São Paulo: Xamã, 2002. Como exemplos de diferentes tendências historiográficas atuais sobre a URSS e a IC podem ser vistos FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995; AAVV. *Il secolo dei comunismi*. Milano: Marco Tropea, 2001; AGOSTI, Aldo. *Bandiere Rosse: un profilo storico dei comunismi europei*. Roma: Riuniti, 1999; AAVV. *URSS: bilancio di un'esperienza* (a cura di Domenico Losurdo e Ruggero Giacomini). Napoli: Istituto italiano per gli studi filosofici, 1999.

¹⁵³ TROTSKY, Leon. *As lições de Outubro*. São Paulo: Global, 1979.

desenvolvimento pouco mediado do processo revolucionário. Ocorre então um claro esforço de diferenciação e particularização teórica, com o resgate da sua teoria da revolução permanente, originalmente formulada em 1905, ao mesmo tempo em que busca preservar o nexos com a elaboração leniniana. Percebe que a ofensiva do capital e a reorganização da produção que enseja, deve ampliar a disparidade no desenvolvimento das forças produtivas da URSS em relação aos EUA, que desponta como a grande potencia capitalista. Por outro lado, conforme notava, não havia qualquer possibilidade de se fazer avançar a transição à não ser criando-se uma classe operária numerosa e uma indústria forte.

Dessas observações, mais a convicção de que a revolução socialista internacional deveria retomar fôlego em breve prazo, Trotsky conclui que na URSS deveria haver uma industrialização e recomposição acelerada da classe operária, para induzir as bases materiais da transição e até para poder existir uma “democracia operária”, ainda que às expensas do campesinato e da aliança que promovera a revolução em 1917. Ainda mais que a classe operária da Alemanha e, logo, também da China seriam as aliadas principais na transição socialista na URSS, indelevelmente articuladas à revolução socialista internacional. Com essa reavaliação teórica Trotsky tende a se deslocar do leito da refundação comunista, no qual esteve acoimado por algum tempo, para o comunismo de esquerda, ainda que resgatando pontos de contato que havia no seu pensamento político com os mencheviques.¹⁵⁴

Pode-se dizer que Trotsky percebe a enormidade dos limites históricos da transição socialista na URSS, localizados tanto no atraso das forças produtivas quanto, principalmente, na propensão a acumulação capitalista presente na pequena produção agro-mercantil. Trotsky, que destacava a energia com que se desenvolvia o capital nos EUA, entendia ser inevitável, no

¹⁵⁴ Podem ser consultados STRADA, Vittorio. Lênin e Trotskij. e KNEI-PAZ, Trotskij: rivoluzione permanente e rivoluzione dell'arretratezza. In: AAVV. *Storia del marxismo*. Torino: Einaudi, tomo III, vol 1, 1980, p. 116-130 e p. 131-165.

interesse da transição socialista, o choque com o campesinato russo em nome do urgente desenvolvimento das forças produtivas -- sem o qual não haveria um proletariado industrial forte e um Estado operário --, assim como indispensável o vínculo com a classe operária mundial, localizando então o fulcro do problema na reativação da revolução socialista internacional. Da justa constatação dos limites histórico-concretos da transição no Oriente-russo, Trotsky se projeta para o subjetivismo na avaliação da correlação de forças, principalmente na arena internacional, prendendo-se ainda a essencialidade do desenvolvimento das forças produtivas.

Trotsky entendia que a fórmula política da frente única era adequada para um período de retirada do movimento operário, mas a ocupação do vale do Rhur na Alemanha, sendo “como uma curta revivescência da guerra imperialista”, fê-lo observar que “em 1923, com efeito, a situação na Alemanha evolui bruscamente e radicalmente para a revolução”, de modo que aquela política já não é mais dotada de sentido. Com a revolução alemã teria começado um novo período, cuja característica principal seria a “chegada ao poder de elementos democrático-pacifistas da sociedade burguesa”, já que “o fascismo não pode ser de longa duração; não pode ser um estado normal da sociedade burguesa”.¹⁵⁵

O período reformista no qual a Europa ingressava após a derrota supostamente temporária da revolução alemã, era, na análise de Trotsky, garantido pelo “fator capital da história contemporânea da humanidade: os Estados Unidos”.¹⁵⁶ Esse país, que vinha consolidando seu imperialismo desde 1898, contava com uma considerável reputação “pacifista”, oferecendo-lhe um meio de se inserir nos assuntos europeus e avançar no seu projeto de instauração da supremacia sobre todo o planeta. Ainda que, para Trotsky (e para o conjunto da IC), a contradição interimperialista fundamental fosse a que opunha EUA e Inglaterra, era de crucial

¹⁵⁵ TROTSKY, Leon. *Europe et Amerique*. Paris: Anthropos, 1971, p. 13-15.

¹⁵⁶ *Ibidem*, p. 19.



importância na sua análise o fato de que os partidos da social-democracia da Europa “se educam e se esforçam para educar as massas operárias na religião do americanismo; dito de outra maneira, elas fazem do americanismo, do papel do capital americano na Europa, uma nova religião política”.¹⁵⁷

Assim, na leitura de Trotsky, como estava claro que a América “veio a Europa para instaurar a ordem e não para acumular ruínas”, um nexos duradouro entre o americanismo e o reformismo social-democrata estava se formando, mas que o início de uma nova fase de guerras acentuaria a resistência operária, que seria capaz de superar “o evangelho do americanismo”, tanto na Europa quanto na China. A Inglaterra antes de qualquer outro país deveria enfrentar o dilema entre ir a guerra ou tornar-se congruente com o império americano, dependendo de como viesse a se resolver os conflitos de interesse que colocavam essas duas potências em oposição, principalmente na América Latina.¹⁵⁸

O mesmo problema estaria diante da Europa como um todo: se o capital europeu se decidisse pelo enfrentamento com a América incorreria na guerra, mas se capitulasse inteiramente teria que enfrentar a revolução. No entanto, o elemento realmente decisivo para a revolução mundial estava localizado na própria fortaleza do americanismo, com o reformismo sob sua forma mais acabada. Trotsky chamava atenção para o surgimento nos EUA de novas formas de corporativismo, como meio de organização da ‘aristocracia operária’, cuja implicação é “o reconhecimento completo e definitivo da identidade entre trabalho e capital”.¹⁵⁹

Esse reformismo garante o apoio interno ao imperialismo americano ao mesmo tempo em que só é tornado possível devido ao poder enorme do capital. Não passa despercebido a Trotsky (como a outros antes dele), que a natureza da forma social americana propiciava a

¹⁵⁷ Ibidem, p. 28.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 30.

¹⁵⁹ Ibidem, p. 51.

experimentação e a inovação, assim como a mecanização do trabalho, a tendência a substituir o homem pela máquina. Trotsky nota que graças a forma de organização do trabalho fordista

A América não conhece mais a aprendizagem: não perde mais seu tempo para aprender, pois a mão-de-obra é cara; a aprendizagem é substituída por uma divisão do trabalho em partes ínfimas que nada ou pouco exigem de aprendizagem. E quem reúne todas as partes do processo de trabalho? É a cadeia sem fim, a transportadora. É ela que ensina. Em muito pouco tempo, um jovem camponês da Europa meridional, dos Balkans ou da Ucrânia, é transformado num operário industrial.¹⁶⁰

Essa é a explicação da superioridade da América e “eis porque o socialismo europeu aprenderá a técnica da escola da América”,¹⁶¹ a qual é beneficiada ainda pela composição racional entre produção e demografia. Mas a revolução mundial, na avaliação de Trotsky só atingirá a América numa segunda onda, forçada por uma vitória revolucionária na Europa e a Ásia, ainda que mais atrasadas do ponto de vista das forças produtivas. Como se sabe, grande parte das previsões de Trotsky não se consumaram, mas o que realmente importa é a percepção clara da tendência expansiva do americanismo e do fordismo, como bases do reformismo e do imperialismo mais poderosos do século XX.

Gramsci nutriu grande respeito intelectual por Trotsky durante o período que esteve em Moscou e em Viena, até o momento em que a questão da fórmula da frente única, da aliança operário-camponesa e da concepção de partido os afastou. As análises de Gramsci sobre a conjuntura italiana e européia convergem com as de Trotsky durante um certo tempo, particularmente no que tange a persistência de uma fase revolucionária e uma opção democrático-

¹⁶⁰ Ibidem, p. 56.

¹⁶¹ Ibidem, p. 57.

pacifista por parte da burguesia. Gramsci compartia ainda com Trotsky a análise de que a social-democracia seria melhor instrumento pra a americanização da Europa do que o fascismo. Imperativo ainda é observar como a formulação do tema do americanismo e fordismo, mantida relativamente à margem na IC, foi abordada por Trotsky e retomada por Gramsci, no período do cárcere, com a preservação de muitos pontos em comum.

Note-se também que a avaliação da social-democracia como instrumento possível do americanismo foi também abordada por Lukács, algum tempo depois, em 1928, quando da redação das teses para o II congresso do KPU, que seria realizado no ano seguinte. Lukács observa que nos EUA

a burguesia conseguiu criar formas de democracia nas quais são dadas todas as possibilidades ao livre desenvolvimento, à acumulação e à ampliação de capitais, e nas quais as formas exteriores de democracia são asseguradas, mas as massas operárias não podem exercer qualquer influencia sobre a direção política propriamente dita. A América, não só economicamente, mas também politicamente, é um ideal da atual burguesia dominante.¹⁶²

Da mesma forma, “a social-democracia (...) tende a estimular a edificação de uma democracia de tipo americano em todos os Estados da Europa”.¹⁶³ Lukács vislumbra ainda uma tendência geral a fascistização dos sindicatos na época imperialista, entendendo por isso, de modo bastante genérico, a subordinação das instituições sindicais ao Estado do capital. No entanto, a solução dada pelo fascismo italiano afronta os interesses de setores da burocracia sindical, não sendo a mais adequada para os desígnios das burguesias européias e das burocracias

¹⁶² LUKACS, Georg. Tese de Blum: a ditadura democrática (extratos). In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: LECH, nº 07, 1980, p. 23.

¹⁶³ Ibidem, p. 23.

sindicais vinculadas a social-democracia. A opção mais desejável seria a da mediação dos conflitos pela interferência estatal, com a manutenção da democracia política.

Embora, tanto a burguesia européia quanto a burocracia sindical queiram se aproximar do ideal americanista, a tradição de luta da classe operária e a menor capacidade expansiva do imperialismo europeu, dificultam esse intento. Ainda que de maneira marginal, pode-se perceber que a reflexão sobre a importância do americanismo incidiu sobre a cultura comunista e que o interesse demonstrado por Gramsci e seus escritos carcerários são parte importante de uma preocupação um pouco mais ampla, ainda que muito insuficiente, mas não uma inteira novidade.

Entrementes, a polêmica sobre os fundamentos da NEP, sobre a aliança operário-camponesa e sobre a transição socialista continuou se desenvolvendo na URSS, opondo, particularmente, Preobrajensky, expoente da vertente dos comunistas de esquerda -- que havia convergido com Trotsky -- a Bukhárin, que contava com o respaldo da maioria da direção do partido, mas que era originário também da vertente de esquerda do bolchevismo.¹⁶⁴

Para Preobrazhensky, pelo fato de ser a Rússia um país que iniciava o processo de transição a partir de um patamar de atraso significativo, haveria a necessidade de uma acumulação socialista originária, que alimentasse a economia urbano-industrial estatizada, o verdadeiro fundamento da transição socialista. A fonte dessa acumulação originária só poderia ser o excedente produzido pela economia mercantil camponesa e pela pequena burguesia mercantil, derivando daí a necessidade de uma relação desigual entre os dois grandes setores econômicos do imenso país. Ademias, era preciso impedir que o fortalecimento da economia mercantil desse impulso à formação de uma burguesia agrária que viesse a reivindicar o poder estatal, em possível aliança com o capital imperialista.

¹⁶⁴ Bukhárin e Preobazhensky, até 1921, haviam sido, inclusive, colaboradores estreitos. A mudança de posição de Bukhárin ocorreu no período da doença de Lênin, quando o convívio e o afeto entre os dois revolucionários se acentuaram.

Assim, a particularidade da transição na URSS estaria marcada pela contradição entre duas formas sociais que deveriam se desenvolver até que o choque fosse inevitável, de modo que a vitória do socialismo passava pela industrialização e pelo planejamento da produção em detrimento da burguesia agrária (kulacs) e seus aliados potenciais no campo e na cidade, que se beneficiavam da existência das relações mercantis, colimando mesmo na fratura social dentro das cooperativas. Nessa formulação da transição socialista, a NEP e a aliança operário-camponesa cumprem um papel muito limitado, sendo privilegiada a unidade do proletariado urbano e rural.

Karl Radek foi um dos mais decididos e profícuos defensores da fórmula política da frente única na IC. Originário do grupo espartaquista, ao estabelecer uma aliança com Trotsky em defesa da “democracia operária”, após a derrota do “outubro alemão” e de seu retorno a URSS, aproximou-se também dos comunistas de esquerda. Em meio a essa oscilação política perdeu-se ou ficou muito reduzida sua oportunidade de aparecer como teórico da estratégia política da frente única, do mesmo modo com o que ocorrera com Trotsky.

Zinoviev tendia, como era sua característica, a buscar um equilíbrio entre as tendências presentes no debate. Em Trotsky, criticava a teoria da revolução permanente e suas implicações na avaliação do papel do campesinato na revolução e na transição. Em Bukhárin, admoestava o possível estímulo ao campesinato mais abastado em detrimento dos mais pobres, além de entender a NEP como um movimento tático de retirada até que, num breve prazo, a revolução mundial se reativassem. Contra Stálin opôs a importância da revolução mundial para a transição à idéia do ‘socialismo num só país’.

Assim como anteriormente havia feito Stalin, ao proferir uma conferência junto a Academia de Professores de Moscou, Zinoviev acabou produzindo um livro, nomeado *O leninismo*, que buscava sistematizar as idéias de Lênin, buscando justificar suas posições políticas e teóricas no processo de disputa que precedeu o XIV congresso do PCR (b). Desse modo,

Zinoviev contribuiu significativamente para a regressão teórica do bolchevismo, ao entender serem

indispensáveis obras expondo sistematicamente a essência do leninismo, livros nos quais se esforçara para estabelecer as idéias verdadeiras de Lênin sobre questões candentes de cuja solução depende, em uma larga medida, a sorte do movimento operário internacional.¹⁶⁵

Bukhárin, que estivera bastante próximo de Lênin nos seus últimos tempos de vida, entendia que a aliança operário-camponesa deveria ser encarada como sendo essencial tanto para a conquista do poder como para sua preservação, na base de amplo consenso, no processo de transição socialista. De fato, Bukhárin acreditava ser de caráter geral a assertiva de que

a hora fatal para o Estado do capital e dos proprietários fundiários é chegada só quando a classe operária se afasta completamente da influencia da burguesia e dela arranca amplos estratos das massas camponesas, ajudando-as a enveredar por um caminho novo e autônomo.¹⁶⁶

No caso específico da URSS, da situação de incrível atraso no desenvolvimento das forças de produção só poder-se-ia sair muito lentamente, por meio de uma política de Estado que estimulasse a industrialização harmônica com as demandas da cidade e do campo. Da propensão da produção agro-mercantil transmutar-se em aberta acumulação do capital, o Estado e o partido deveriam obrar para que a rediviva comuna agrária se transformasse em cooperativas e em fazendas coletivas mecanizadas, em vez que propriedade privada capitalista.

¹⁶⁵ ZINOVIEV, G. *Le leninisme*. Paris : Bureau d'editions, diffusion et publicité, 1926, p.07.

¹⁶⁶ BUKHARIN, Nicolai. La via al socialismo e l' 'alleanza operaio-contadina. In: _____ *Le vie della rivoluzione (1925-1936)*. Roma: Riuniti, 1980, p. 60.

Mas por outro lado, apenas a racionalidade econômica capitalista poderia estimular o acúmulo de riqueza, de modo que a burguesia agrária cumpriria um papel muito importante, ainda que sofrendo taxaço, a fim de que se pudesse garantir a transferência de recursos para o campesinato pobre. O crescimento da burguesia agrária seria limitado pela expansão do capitalismo de Estado e pelo fortalecimento do cooperativismo. Com o passar do tempo, sem que fosse necessária uma acentuação da luta de classe ou uma nova revolução, o padrão econômico e cultural no campo seria alçado, de modo que o Estado de transição teria por fundamento somente a classe dos trabalhadores industriais da cidade e do campo.¹⁶⁷

Esse capitalismo monopolista de Estado, sustentado pela aliança operário-camponesa, criaria de maneira paulatina as condições materiais e culturais da transição socialista na URSS, mas como também a revolução socialista mundial havia sofrido um golpe, essa proceder de forma lenta, do mesmo modo. A avaliação era de que a “estabilização capitalista” poderia ser duradoura e que o cerne da contradição havia se transferido para a periferia imperialista, para a luta de emancipação dos povos colonizados e para o campesinato. Bukhárin, portanto, procurou desenvolver uma visão estratégica da NEP e a aliança operário-camponesa como ancora da transição.

Bukhárin enfatizava que o poder soviético havia herdado os traços feudais do capitalismo russo, manifesto na presença de enorme massa camponesa, mas que, apesar do atraso, o caminho da transição socialista poderia ser trilhado, mesmo sabendo-se que “a garantia definitiva contra o

¹⁶⁷ A formulação da política agrária formulada por Bukhárin foi ora acusada de ser um resgate da política de Stolypin, por reforçar a burguesia agrária, ora rotulada de neo-narodnik, por investir nas formas cooperativas próprias da antiga comuna agrária.

retorno do velho regime, sustentado por exércitos estrangeiros, é só a revolução internacional, da qual o nosso partido deve ser fator, partícipe e portador”.¹⁶⁸

Mesmo restritos a essas rápidas observações, é possível notar que apenas Bukhárin contou com uma concepção estratégica da aliança operário-camponesa e da fórmula política de frente única no período de transição, ainda que também estivesse imerso na regressão teórica que estava envolta pelos limites históricos de origem daquele intento de transição socialista. A aproximação teórica de Gramsci com Bukhárin ocorreu precisa e exclusivamente em torno da perspectiva estratégica da fórmula política da frente única e da aliança operário-camponesa. Somente no período carcerário é que a análise de Gramsci foi de encontro com a percepção de Bukhárin de que a ofensiva do capital prometia frutos duradouros. Todos os outros dirigentes mais destacados da revolução socialista na Rússia viam na fórmula política da frente única apenas um movimento tático defensivo, que deveria ser transposto logo uma nova eclosão revolucionária tornasse isso possível.¹⁶⁹

Embora seja um continuador obstinado das indicações políticas do último Lênin, particularmente nas questões correlatas da frente única, da aliança operário-camponesa e da NEP, Bukhárin não pode ser visto como compondo na refundação comunista, tanto pelas dificuldades na incorporação da dialética entre objetividade e subjetividade e da filosofia da práxis e como pelos limites histórico-concretos com o quais se confrontou, que redundaram na falta de autonomia teórica e estratégica, na aliança subalterna com Stalin e na subsequente derrota política.¹⁷⁰

¹⁶⁸ BUKHÁRIN, Nicolai. La via al socialismo e l'alleanza operaio-contadina. In: _____ *Le vie della rivoluzione (1925-1936)*. Roma: Riuniti, 1980, p. 92.

¹⁶⁹ TELÒ, Mario. Bucharin: economia e política nella costruzione del socialismo. In: AAVV. *Storia del marxismo*. Torino: Einaudi, tomo III, vol. 1, 1980, p. 657-695.

¹⁷⁰ O próprio Lênin já havia antecipado esses limites teóricos de Bukhárin na sua relação com a filosofia de Marx, opinião reforçada em 1925 por Lukács. Desse modo, antes de Stalin e Zinoviev, já Bukhárin havia se empenhado em

Por algum tempo, a aliança de Bukhárin com Stálin fez prevalecer a orientação que distinguia na frente única operário-camponesa o cerne da transição socialista na URSS nas condições da “estabilização capitalista”. O ápice dessa orientação política decorreu da XIV conferência do PCR (b), de abril de 1925, tendo permanecido até 1927, quando passou a enfrentar dificuldades de diversa ordem, que se mostraram insuperáveis. A influência de Bukhárin na IC também foi significativa e, sem dúvida, instou a reflexão de Gramsci sobre a fórmula política da frente única e a aliança operário-camponesa como fundamento do processo revolucionário na Itália.

No entanto, foi Stálin quem concebeu a resolução afirmativa dos limites histórico-concretos da transição socialista na URSS e da regressão teórica que comprometeu a práxis da refundação comunista, ainda que, evidentemente, não fosse essa sua intenção consciente. Em coincidência com o período do XIII congresso do PCR (b) (maio de 1924), Stalin proferiu uma série de conferências, que logo foram publicadas com o título de *Sobre os fundamentos do leninismo*. Esse esforço de sistematização do pensamento de Lênin se, por um lado, retirava toda a força dialética da obra teórico-prática do revolucionário recém falecido, por outro, servia de exemplo – logo seguido por Zinoviev -- de como o “leninismo” poderia se transformar num poderoso novo senso-comum da camada dirigente do novo Estado.¹⁷¹

A partir da polemica com Trotsky, aos poucos foi sendo concebida a idéia do “socialismo num só país”, como suposto aspecto distintivo do “leninismo”. A partir de exegeses da produção escrita de Lênin, primeiro Stalin se opôs a fórmula da “revolução permanente” avançada por Trotsky, enfatizando o relativo desprezo com o qual era tratado o campesinato e as dificuldades apontadas para que a Rússia vencesse o atraso e se endereçasse efetivamente para a transição

um esforço de ‘sistematização’ da teoria comunista, primeiro com o *ABC do comunismo* (1920), logo seguido do *Tratado de Materialismo Histórico* (1921), tendo sido este o alvo das críticas de Gramsci nos *Cadernos do cárcere*.

¹⁷¹ STALIN, Joseph. *Sobre os fundamentos do leninismo*. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.

socialista, sem o avanço da revolução mundial. Em seguida, foi amadurecendo a concepção na qual a transição socialista poderia chegar muito perto do ponto de realização / superação, dentro dos marcos de um só país, desde que com o potencial da URSS, em extensão, recursos naturais e força de trabalho.

A primeira parte da assertiva, enquanto poderia se referir à concepção de Lênin de que os primeiros passos da transição poderiam ser trilhados dentro de um só país e sob a forma de capitalismo monopolista de Estado, mormente fosse um país de capitalismo atrasado, manteve Stálin e Bukhárin como aliados, mas os desdobramentos práticos do complemento oferecido por Stálin implicaram a ruptura. Stálin apresentava uma concepção da transição socialista que regredia teoricamente para a esfera da subjetividade, enfatizando o papel do Estado, que deveria, no limite, se fortalecer no processo, em vez de definhar, conforme a formulação de Marx e de Lênin. Como decorrência da formulação teórica de Stalin, a transição culminaria na cristalização de um socialismo estatal nacional, ficando a fórmula política da frente única e a própria revolução socialista internacional acoplada aos interesses corporativos do Estado soviético.

Nesse cenário extremamente limitado para a consecução da transição socialista, ainda que em seus primeiríssimos passos, e que se vinculou ao um quadro de regressão teórica, no qual todos falavam em nome de Lênin, mas nenhuma síntese teórico-prática foi alcançada, a formulação de Stalin surgiu como a mais adequada para angariar o apoio da massa do partido e da burocracia estatal, parcialmente herdada do antigo regime czarista. Mas, a concepção de Stalin só apareceu em plena maturidade quando efetivamente se concretizou o socialismo de Estado, a partir de fins dos anos 20, com a superação da experiência da NEP e o congelamento da transição socialista.¹⁷²

¹⁷² A intenção socialista de Stalin é inegável, embora o processo real conduza para o socialismo de Estado, uma forma de apropriação pelo processo do trabalho que gera capital tanto no trabalho parcelar quanto no trabalho



Trotsky, novamente em minoria e isolado, fora afastado do comando do exército já no início de 1925. Agora eram Zinoviev e Kamanev a se opor ao aprofundamento da NEP, a insistir o quanto a fórmula da frente única seria apenas um movimento tático e a indicar o equívoco teórico da idéia do "socialismo num só país". Ao mesmo tempo se travava uma renhida disputa pelo controle das instituições do partido e do Estado, que culminaram, no XIV congresso do PCR (b), realizado em dezembro de 1925, na completa derrota da oposição conduzida por Zinoviev e Kamanev. A obstinada luta pela unidade do grupo dirigente, que vinha pelo menos desde o X congresso partidário (1921), caminhava paralelamente ao processo de cisão e regressão teórica. O resultado foi o predomínio crescente da esfera da subjetividade e o cancelamento paulatino do debate político e do confronto de idéias.

A partir de então houve uma tendência à aproximação entre todas as oposições que se manifestaram desde 1921. Essa oposição unificada, condensada em junho de 1926, contou ainda uma vez com a destacada figura de Trotsky e também de Zinoviev e Kamanev. Os elementos que costuravam uma frouxa unidade eram a crítica à ideologia staliniana do "socialismo num só país" (com a qual nem mesmo Bukhárin estava de inteiro acordo) e a condução da política econômica que, segundo observavam, beneficiava uma nova burguesia agrária e mercantil. A aliança entre essas novas forças sociais e a burocracia estatal e partidária concorria para bloquear a transição socialista, fazendo uso da ideologia do "socialismo num só país". Para tentar reverter essa situação, a 'oposição unificada' reivindicava melhores condições para a classe operária, um ritmo mais acelerado na industrialização e a implantação de um plano quinquenal.

comum organizado pelo Estado, que concentra a propriedade, sendo o responsável pela desigual distribuição do excedente, não havendo trabalho comum conscientemente associado. Esse socialismo de Estado aparece como uma forma de 'revolução passiva', que restaura o Estado feudal-absolutista. Consultar DEL ROIO, Marcos. *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998, cap. 5.

Embora significasse cerca de metade do grupo dirigente que houvera feito a revolução, essa oposição unificada teve uma repercussão muito limitada no novo partido de massa no qual recentemente o PCR(b) havia se transformado. O esforço de difundir a plataforma de oposição no seio do partido foi truncado, mas alguns pontos foram filtrados e se difundiram nos anos seguintes, tais como a necessidade da rápida industrialização e a implantação de um plano global de desenvolvimento, que teria como resultado indireto o fortalecimento da burocracia estatal.

Por meio de métodos que tendiam a rebaixar consideravelmente o debate de idéias e a disputa democrática dentro do partido, a coalizão opositora se rompeu em outubro, redundando na capitulação de suas principais lideranças que, mesmo declarando preservar suas opiniões, reconheceram haver empreendido uma atividade política de fração, o que contrariava o estatuto partidário. Ainda assim, Trotsky e Kamanev perderam seus lugares na Comissão Política do partido e Zinoviev foi afastado da presidência da IC.



1. O influxo da regressão teórica na ação política da Internacional Comunista.

Os efeitos do processo de cisão política e regressão teórica no interior do grupo dirigente do partido e do Estado na URSS foram determinantes na evolução da política da IC, ampliados pelas derrotas dos intentos revolucionários na Europa e que redundaram numa forma organizativa sempre mais centralizada. Por outro lado, também as repercussões das derrotas de fins de 1923, particularmente na Alemanha, fizeram-se sentir no PCR(b), na IC e em vários outros partidos comunistas.

O retorno de Radek para a URSS em dezembro desse ano e seu apoio às demandas de Trotsky e outros por uma mais extensa “democracia operária” em oposição à burocratização, acentuou as críticas que Zinoviev e a CEIC inicialmente fizeram sobre as responsabilidades do grupo dirigente do KPD no fracasso do movimento insurrecional de outubro. Como Radek estava vinculado à direção de Brandler e Thalheimer, seu apoio a Trotsky penalizou aqueles militantes alemães que foram identificados como sendo a “direita” da IC e que vinham conduzindo a aplicação da política de frente única.¹⁷³

Ocorreu então uma inusitada aproximação entre tendências mais à direita na IC, aquelas que haviam se identificado mais a fundo com a política de frente única, dirigentes do KPD, do KPP (PC da Polônia) e do KSC (PC da Checoslováquia), com algumas das reivindicações políticas de Trotsky na URSS. Embora Brandler e Thalheimer, numa já frágil posição, tentassem

¹⁷³ Dentro da ampla bibliografia sobre a história da Internacional Comunista, a maior parte de grande carga ideológica, dentro do interesse que move esse escrito, podem ser destacados HAJEK, Milos. *Storia dell'Internazionale Comunista (1921-1935)*. Roma: Riuniti, 1975 e AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale (storia documentaria)*. Roma: Riuniti, 3 tomos / 6 volumes, 1974-1979 e que serviram de base para essa parte do presente estudo.

se esquivar desse envolvimento, é inegável que tenham sido as vítimas principais do processo de guinada à esquerda da IC, que implicou uma releitura da política de frente única.

Como presidente da IC e um dos dirigentes de maior peso na URSS, Zinoviev buscou ocupar uma posição de equilíbrio oscilante no debate que se travava. Percebendo que à esquerda do KPD, contrária que era à política de frente única propugnada pela IC, tendia a se fortalecer na esteira da derrota de outubro, e que a direita podia se vincular a Trotsky, Zinoviev procurou amparar-se na tendência de centro que se formava da diferenciação da antiga maioria e que se agrupava em torno de Hermann Remmele.

O titubeante avanço da fórmula política da frente única sofreu um fortíssimo abalo com a reunião do presidium da CEIC, acontecido em dezembro/janeiro para discutir a questão alemã. Karl Radek (com apoio de Trotsky e Piatakov) defendeu a continuidade da política de frente única com a social-democracia. A esquerda se opôs ao conjunto da política de frente única, localizando nessa as razões da derrota. A posição que então veio a prevalecer, avalizada por Zinoviev, entendia que a frente única deveria ocorrer só pela “base”, visando atrair e desmascarar as direções social-democratas, as quais emergiam sempre mais como “ala do fascismo”. Desse modo, a palavra de ordem de “governo operário” ou “governo operário-camponês” seriam apenas palavras agitatórias que visavam à instauração da ditadura proletária.¹⁷⁴

O processo de afastamento da direção do KPD, que dava seqüência a orientação antes formulada por Paul Levi, em relação à direção da IC, que levava em pesada conta o surgimento de uma oposição no PCR(b), levou a substituição de Brandler e Thalheimer e ao aplainamento do caminho para a vitória da esquerda no IX congresso do KPD, que se realizou em abril de 1924.

¹⁷⁴ Note-se que a derrota de março de 1921 e aquela de outubro de 1923 tiveram sentido oposto: a primeira fortaleceu a política de frente única, enquanto que a segunda a debilitou. É também possível perceber que o apoio de Trotsky a Radek na questão alemã correspondia a uma troca pelo apoio de Radek na questão russa, tanto que meses depois (como foi visto acima) Trotsky apontaria a ocupação militar do Rhür como o fim da validade da política de frente única com a social-democracia.

Criou-se então a possibilidade concreta de uma articulação internacional do comunismo de esquerda tendo em vista anular a política de frente única, que vinha se desenvolvendo desde o III congresso da IC. E mesmo não tendo se consolidado essa articulação, a pressão da esquerda foi suficiente para descaracterizar os fundamentos da formulação original. A fórmula intermediária e de conteúdo incerto da frente única pela “base”, ganhou também consensos no PCF e no KPP, com conexões evidentes com a luta interna no PCR (b), da maioria da direção contra Trotsky e seus aliados.

Quando o V congresso mundial da IC foi aberto, em 17 de junho de 1924, as esquerdas encontravam-se fortalecidas e na ofensiva política. A fim de conter esse ímpeto e preservar o trabalho desenvolvido pela direção desde o congresso precedente da IC, Zinoviev procurou atenuar algumas das posições defendidas nos meses passados. Quanto à fórmula política da frente única, essa deveria ser pela “base”, mas, em alguns casos e circunstâncias, poderiam ser também pelo “alto”. O “governo operário-camponês” deveria ser entendido como sinônimo de ditadura do proletariado, mas em casos específicos, como a Itália, a ditadura fascista poderia ser substituída por uma fórmula intermediária, designada como “nova democracia”.

Tendo dado pouca importância ao problema, o V congresso apenas concluiu, em dois parágrafos, que “o fascismo é uma das formas clássicas da contra-revolução em um período de declínio da ordem social capitalista, em um período de revolução proletária”, assim como “o fascismo é o instrumento de luta da grande burguesia contra o proletariado”, ainda que reconheça que “pela sua estrutura social, em vez, o fascismo é um movimento pequeno burguês”. Da simplificação se passa para o erro de ajuizar que “dada a progressiva desagregação da sociedade burguesa, todos os partidos burgueses, em particular a social-democracia, assumem um caráter mais ou menos fascista” e, ainda mais, “o fascismo e a social-democracia são dois aspectos de

um mesmo instrumento da ditadura do grande capital”.¹⁷⁵ Era uma significativa regressão em confronto com as exposições de Clara Zetkin e principalmente de Gramsci, em nome da delegação italiana ao III Pleno da CEIC, de junho de 1923, e deixa muitas dificuldades em supor ainda a tática da frente única como uma formulação para o longo prazo.¹⁷⁶

A ambivalência e a busca permanente de um ponto de equilíbrio entre opiniões fragmentadas, em vez de uma síntese que definisse a práxis revolucionária, adveio da regressão teórica em ato, que se manifestou essencialmente na incapacidade de esclarecer a natureza da ofensiva do capital. A fase “democrático-pacifista” que se anunciava para os principais países imperialistas era lida ora como uma expressão de debilidade do poder burguês (Zinoviev), ora como uma demonstração de força e confiança da burguesia, que, inclusive, poderia deixar de lado o fascismo para adotar formas reformistas de política estatal (Trotsky).

As derrotas políticas do movimento operário, em fins de 1923, assim como a estabilização econômico-financeira, com a incorporação de novas técnicas desenvolvidas na guerra, apenas reafirmava o vigor da ofensiva do capital. A realidade indicava que os caminhos abertos pelo III congresso mundial da IC deveriam ser aprofundados e melhor explorados, evitando-se que o subjetivismo da análise de uma esperada nova onda revolucionária viesse a obscurecer a formulação do programa político necessário. Apenas Karl Radek e Clara Zetkin (remanescentes do grupo dirigente espartaquista) defenderam com ardor a orientação política emanada dos congressos anteriores e a centralidade da fórmula política da frente única, denunciando a falácia da contraposição entre “base” e “alto” na sua aplicação.

O início da regressão teórica ofereceu um novo fôlego para o comunismo de esquerda e possibilitou o esvaziamento da fórmula política da frente única, que não conseguiu sair de um

¹⁷⁵ Risoluzione del V Congresso sul fascismo. Apud: AGOSTI, Aldo. *Op.cit.*, tomo 2, vol. 1, p. 163-164.

¹⁷⁶ Há aqui um eco formidável da linha analítica de Bordiga, apesar de todo o confronto que ele estabeleceu com a orientação política geral da IC.

estágio embrionário de desenvolvimento. Seu limite mais evidente e causa de seu fracasso, foi a persistente expectativa de que a política de frente única oferecesse resultados de curto prazo, quando a crise do capital e a nova onda revolucionária levariam o proletariado a insurreição armada, arrastando consigo a social-democracia, ou parte dela. Devido aos limites impostos pelas condições concretas e pelas circunstâncias, não foi possível aprofundar, do ponto de vista da teoria, a fórmula política da frente única e do governo operário-camponês, e especificamente no núcleo do Ocidente, em relação à questão da conquista do poder e da transição socialista.

A ofensiva do capital propiciara uma fase de estabilização econômica e institucional que implicou o isolamento dos comunistas e a diminuição de sua influência. A percepção do fascismo como ala esquerda da social-democracia, além do grave equívoco analítico, tornava inócua a fórmula política da frente única e afastava os partidos comunistas das massas e da classe operária mais qualificada, que emergia do uso das inovações técnicas surgidas na guerra precedente e utilizadas agora na grande indústria. Dificuldades de diversa ordem afloraram nos partidos comunistas da França, Alemanha, Polônia e Tchecoslováquia. A Itália, mais uma vez parecia ser um diferencial, apenas que agora com o sinal invertido, já que, apesar da turbulência da situação, era o país no qual a política de frente única passava a apresentar alguns frutos.

Do ponto de vista organizativo, num empenho para contrastar as tantas divergências teóricas e analíticas, decidiu-se dar ênfase num Programa da IC (que só ficaria pronto no VI congresso, em 1928) e na centralização, denominada “bolchevização”. Essa implicaria uma maior presença das esferas superiores da Internacional na vida das seções nacionais e uma maior definição ideológica, além da obrigatoriedade na organização partidária a partir das instâncias produtivas. O resultado foi que a cisão no grupo dirigente do PCR (b) se espalhou por toda a IC, assim como a correlata regressão teórica.

As expectativas, que justificaram a guinada à esquerda da IC, sobre um possível agravamento da crise do capital e a retomada da iniciativa operária, foram frustradas. O V pleno ampliado da CEIC (março de 1925) reconheceu os erros de previsão e começou a dar alguma atenção ao Oriente. A intervenção de Bukhárin, tratando da importância do campesinato na revolução mundial, refletia o momentâneo sucesso da fórmula política da aliança operário-camponesa dentro da URSS, com o desenvolvimento da NEP, assim como o acento dado ao relativo sucesso econômico do Estado operário, em contraste com os fracassos a Ocidente.

À teoria de Rosa Luxemburg sobre a acumulação ampliada do capital, que já havia sido desqualificada no V Congresso, veio a juntar-se às críticas ao “luxemburghismo” na questão da organização partidária, em contraposição à “bolchevização”. A campanha contra o “luxemburghismo” foi conduzida pelas esquerdas da KPD na sequência da derrota de outubro de 1923, tendo feito prevalecer sua posição crítica às teorias de Rosa Luxemburg na luta contra a corrente espartaquista, que era a maior defensora da política de frente única.

Por certo a referencia era voltada para resistências presentes no Ocidente (na Alemanha, na Polônia e na Checoslováquia), assim como a determinação da CEIC em favor da “bolchevização”, que poderia muito bem servir à concepção teórica de partido que Gramsci vinha desenvolvendo na Itália. A corrente espartaquista só voltaria a ter alguma influencia na KPD no curto período em que a direção de Bukhárin foi sobressalente na IC, entre a queda de Zinoviev e o VI congresso mundial da IC, quando então o grupo ganhou o epíteto de “conciliadores”.

O temor dos espartaquistas era de que a bolchevização implicasse a dissolução analítica da particularidade sócio-histórica da Alemanha e da Europa centro-oriental, garantida pela imposição de uma determinada compreensão da fórmula da frente única (recuperando alguns temores expressos pela própria Rosa Luxemburg, pouco antes de sua morte). O comunismo de esquerda, que se estabeleceu então na direção do KPD, com uma concepção política inteiramente

contrária a política de frente única, levava ainda mais a fundo a particularidade do Ocidente, possibilitava uma ação voltada contra o predomínio soviético, tal como subentendido na fórmula da “bolchevização”, envolvendo frações de diversas seções, como a polonesa, inclusive Bordiga, na Itália.

Uma diferenciação surgida no grupo de ultra-esquerda possibilitou que, em 1925, Thälmann assumisse a direção do KPD, mas não sem muita luta, o que só fez estreitar a aliança já selada com Stálin. Por outro lado, foram criadas condições para a estabilização de um grupo dirigente no KPD e para uma mais ampla concepção da política de frente única na IC, mais de acordo com as condições políticas da URSS. Essa condensação de um novo grupo dirigente favorável a “bolchevização” e a política de frente única contou com a simpatia declarada de Gramsci.

O VI pleno ampliado do CEIC reuniu-se em fevereiro de 1926, sob o foco do declínio de Zinoviev como dirigente do PCUS (b) e da IC.¹⁷⁷ Novos atores entraram em cena, originários de reviravoltas nas direções de alguns partidos importantes do Ocidente e com a expectativa de novos e acirrados embates. Ainda assim, Zinoviev, na sua explanação, exprimindo uma nova correlação de forças, voltava a invocar a frente única como uma tática política de longa duração, de modo que acabou sendo ainda uma vez eleito presidente da CEIC. Do ponto de vista organizativo houve uma atenuação da exigência de se fundamentar a estrutura partidária em células de fábrica, considerando não só as potencialidades da organização territorial, mas reconhecendo que a decisão anterior havia provocado uma evasão de quadros em muitos partidos comunistas.

¹⁷⁷ O PCR (b), a partir do XIV congresso, realizado em dezembro de 1925, passou a se chamar Partido Comunista de toda a União (bolchevique), ainda que a conhecida sigla PCUS só tenha se tornado de uso regular a partir dos anos 50. A opção neste texto foi a de manter a denominação de PCR (b).

Apenas concluído o encontro, na URSS reacendeu-se o conflito na direção do Estado e do partido, com a formação da chamada 'oposição unificada'. Ao mesmo tempo era possível divisar uma tendência conservadora na Europa e na política internacional, permitindo a avaliação de que se apresentava um cenário em que uma nova guerra era possível e que essa poderia mesmo ter a URSS como alvo. Na IC, as derrotas do movimento operário na Grã-Bretanha e na Polônia alimentaram o dissenso, que no PCR(b) chegou ao ápice entre julho e outubro de 1926.

A derrota em toda a linha da 'oposição unificada' no PCR (b) levou de roldão toda a área do comunismo de esquerda que ainda resistia na sua oposição de princípio a política de frente única, assim como excluiu ou obrigou a capitular os que tinham restrições a essa política e a NEP, como seu necessário correspondente simétrico. Ao mesmo tempo, porém, esse movimento exigiu uma correção de foco da parte de Bukhárin na avaliação da NEP, que gerou o desequilíbrio que o levaria a contribuir para consolidar as posições teóricas e políticas de Stalin.¹⁷⁸

No VII pleno ampliado da CEIC (novembro de 1926), a explanação de abertura foi feita por Bukhárin, que permaneceria por algum tempo como o mais notável expoente da IC. Abordou a fase histórica em que se vivia como uma retomada do capital com implicações na própria base técnica do processo de acumulação, de modo que uma grave crise que pudesse propiciar uma ocasião ao proletariado não seria de se esperar. Tratar-se-ia então de fortalecer os partidos comunistas e desenvolver a fórmula política da frente única, inclusive 'pelo alto', enquanto na URSS se daria continuidade a NEP. Desse modo, as perspectivas revolucionárias no Ocidente pareciam postergadas por um tempo indeterminado.

Bukhárin chamou particular atenção para o processo revolucionário na China, que embora fosse de natureza democrático-burguesa, poderia ser conduzida por uma aliança operário-

¹⁷⁸ Apud AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale (Storia documentaria)*. Roma: Riuniti, tomo 2 vol. 1, p. 389-432.



camponesa, enveredando por uma 'via não-capitalista' e passando a ser um componente de peso na revolução mundial. Na discussão sobre a questão russa, aberta por Stálin, esse defendeu a possibilidade da transição socialista se completar na URSS de maneira integral e sem a ajuda do proletariado ocidental, sendo possível o avançado desenvolvimento endógeno das forças produtivas. Isso implicava dizer que o poder soviético seria capaz de bater a 'burguesia soviética' com suas próprias forças e que as contradições interimperialistas, somadas as forças do movimento nacional antiimperialista, mormente na China, garantiriam o necessário fôlego a URSS. Nesse quadro o Estado soviético ocuparia um papel propulsor decisivo no processo revolucionário mundial.

As diferenças entre Bukhárin e Stalin começavam vir à tona de uma forma muito matizada, mas dariam vazão a uma nova fase do conflito no seio do grupo dirigente bolchevique e que levaria ao fracasso fórmula do aprofundamento da NEP como via da transição socialista na URSS. Enquanto Bukhárin entendia que a burguesia agrária soviética poderia ser assimilada durante o processo de transição, Stalin acreditava que o uso da força, em algum momento, seria inevitável.

O VII pleno da CEIC foi a última grande contenda travada pelas oposições, tanto no PCR, quanto na IC. O 'comunismo de esquerda', que resistia na Alemanha, defendeu a posição de que na URSS se encaminhava celeremente para a restauração capitalista, por meio de uma aliança entre a burocracia estatal e o campesinato rico. A possibilidade de uma aliança entre essa tão pequena quanto heterogênea tendência com a 'oposição unificada' russa, agrupou a 'maioria' em uma sólida frente que esmaeceu suas diferenças.

Mas, na verdade, a ênfase da 'oposição unificada' recaiu nos riscos de 'degeneração' da revolução, na burocratização e no excessivo papel econômico desempenhado pelo campesinato, com as sérias implicações que poderiam advir do retardamento da industrialização e da

persistente dependência da URSS do mercado mundial. A regressão teórica que afetara a IC se manifestou nesse debate por meio de um sem números de citações canônicas de Marx, Engels e Lênin, de um e outro lado, como forma de garantir a correção dos próprios argumentos. Ao final do encontro a 'oposição unificada' foi identificada como sendo portadora de equívocos 'social-democratas'.¹⁷⁹

O período de maior influência teórica e política de Bukhárin coincidiu com o apogeu da NEP na URSS e com a efervescência revolucionária na China, chamando para o centro da discussão o problema do papel do campesinato no processo revolucionário e na própria transição socialista. A CEIC fez uma abordagem específica sobre a China apenas em março de 1926, no VI pleno ampliado, quase um ano depois de iniciado o processo revolucionário, chamando atenção para o fato de ser a China um país marcadamente agrário.

O próprio avanço da revolução chinesa e a entrada em cena do campesinato implicaram uma reordenação das forças e uma decorrente reflexão sobre a política de frente única que vinha sendo implementada, de caráter nacional-democrático e antiimperialista. Na medida em que se desenvolvia o processo, com a formação de uma aliança política da burguesia, em nome da reunificação do país, com os chamados "senhores da guerra", o campesinato se organizava e promovia mudanças nas relações sociais nas zonas rurais.

A questão chinesa se tornou um elemento do embate político no PCR(b) e na IC. Enquanto Trotsky e Zinoviev defendiam a ruptura definitiva do PC da China com o Guomindang, em defesa da idéia da 'hegemonia do proletariado', Bukhárin e Stalin entendiam que a política de frente única deveria ser preservada em torno do antiimperialismo. A diferença entre eles é que enquanto Stálin entendia que o fundamento da vitória revolucionária encontrava-se nos centros

¹⁷⁹ Apud SPRIANO, Paolo. *Storia del partito comunista italiano: gli anni della clandestinità*. Torino: Einaudi, 1969, p. 72-87.



urbano-industriais, nem que para ver materializar essa concepção fosse necessário o refreamento da revolta camponesa, para Bukhárin o avanço do campesinato revolucionário poderia deslocar a correlação de forças dentro da frente única antiimperialista.¹⁸⁰

Esses eventos serviram para dissociar Gramsci de Trotsky, por quem nutrira forte simpatia até fins de 1924. A postura política e teórica de Trotsky no processo de cisão do grupo dirigente bolchevique contribuíram para isso, enquanto que o apogeu da NEP, a revolução chinesa, as formulações de Bukhárin e, principalmente, a necessidade de pensar a particularidade da forma social italiana levou Gramsci a aprofundar suas reflexões sobre a questão camponesa.

¹⁸⁰ Já foi observado que, ao mesmo tempo, na China, MaoTsé-tung, se aproximava das conclusões de Bukhárin sobre o papel fundamental a ser desempenhado pelo campesinato na revolução chinesa e na transição socialista. MAO-TSÉ-TUNG. Informe sobre uma pesquisa feita no movimento camponês no Hunan. In: SADER, Eder (org.). *Mao-Tsé-tung*. São Paulo: Ática, 1982, p. 37-57. (Grandes Cientistas Sociais).

2. Gramsci em Viena e a confluência na refundação comunista.

Com a viagem retardada por vários meses, finalmente, em fins de novembro Gramsci abandonou Moscou em direção a Viena, aonde chegou em 3 de dezembro de 1923. Nas primeiras semanas, Gramsci buscou esclarecer quais seriam suas atribuições políticas e quais os recursos com os quais poderia contar para suas atividades. Residindo na periferia de Viena e com recursos limitados, Gramsci empenhou-se desde logo no projeto de fazer reviver o periódico *L'Ordine Nuovo*. A idéia era fazer um periódico que abordasse os problemas mais candentes da classe operária, sem resvalar para a crônica ou para a antologia e que se apresentasse como um órgão voltado para a frente única, ou seja, sem depender diretamente do partido, devendo ser apresentado como uma “resenha de política e cultura operária”, pois assim poderia se difundir também em ambientes intelectuais.¹⁸¹

A preocupação de Gramsci era, antes de tudo, contribuir para a educação e para o progresso intelectual da vanguarda operária. Parece que essa era a reação de Gramsci toda vez em que percebia estar politicamente isolado e, nesse momento, pensava também na compilação de um anuário da classe operária, que poderia contar com cerca de 700 páginas, além do entusiasmo que o movia no lançamento da terceira fase do *L'Ordine Nuovo*. Gramsci pensava que

uma publicação de tal gênero teria uma função não indiferente para a educação dos companheiros mais qualificados e responsáveis e para determinar um

¹⁸¹ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 6 dicembre 1923. In: _____ *Lettere (1908-1926)*. (a cura di Antonio Santucci). Torino: Einaudi, 1992, p.132-135.

movimento de simpatia pelo nosso partido em certos ambientes de intelectuais.¹⁸²

No início de 1924, em uma carta a Ruggero Grieco, Gramsci sugeriu que na apresentação dessa que seria a série III do *L'Ordine Nuovo* fosse dito que

L'Ordine Nuovo se propõe a suscitar nas massas de operários e camponeses uma vanguarda revolucionária capaz de criar o Estado dos Conselhos de operários e camponeses e de fundar as condições para o advento e a estabilidade da sociedade comunista.¹⁸³

No seu empenho para educar a vanguarda, Gramsci ainda propôs uma outra publicação, que poderia vir a se chamar *Crítica Proletária* e que teria um caráter mais estritamente intelectual. Toda essa atividade de educação e cultura seria parte de um amplo esforço de preparação dos “futuros quadros do partido de massa”, que incluía ainda a criação de escolas de partido, notadamente no exterior, a criação de um curso por correspondência e a publicação de uma biblioteca de textos fundamentais.¹⁸⁴

Na situação interna do partido, Gramsci permanecia convencido que a minoria partidária de Ângelo Tasca continuava agindo de maneira a “estar sempre em condição de demonstrar que a mentalidade da maioria [da direção partidária] continua e continuou a estorvar o trabalho político da Comintern na Itália”.¹⁸⁵ De outro lado, a insistência de Amadeo Bordiga na subscrição coletiva da maioria da direção de um documento em defesa da orientação política do II congresso do PCI, levava Gramsci a crer que o seu isolamento seria inevitável e deveria durar algum tempo.

¹⁸² GRAMSCI, Antonio. Vienna, 20 dicembre 1923. In: _____. Ibidem, p. 146-150.

¹⁸³ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 5 gennaio 1924. In: _____. Ibidem, p. 169.

¹⁸⁴ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 14 gennaio 1924. In: _____. Ibidem, p. 184-191.

¹⁸⁵ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 23 dicembre 1923. In: _____. Ibidem, p. 156.

Ainda no início de 1924, Gramsci reafirmava sua recusa em assinar o manifesto que Bordiga havia proposto, mesmo que com o risco de debilitar e dividir a maioria diante da oposição interna.¹⁸⁶ Na verdade, Gramsci parecia estar já convencido da necessidade de se afastar de Bordiga, para melhor combater a tendência de ‘direita’ que se formava ao redor de Tasca, embora julgasse estar praticamente só nessa convicção. A divergência de fundo entre Bordiga e Gramsci se refere à concepção de partido revolucionário e quanto à política exarada pelo IV congresso da IC e III pleno ampliado da CEIC, com a qual Gramsci se declara substancialmente de acordo. Entendia, diferentemente de Togliatti, haver a necessidade imediata de iniciar a formação de um novo grupo dirigente, que ocupasse o “centro” do espectro político partidário, já que seria esse o único caminho possível para se restabelecer as relações de colaboração e confiança com a IC, sem confluir no caminho até então seguido por Tasca e o grupo minoritário à direita do partido.

“Não sei com exatidão o que farei. Não é a primeira vez que me encontro nessa situação, (...)”, dizia Gramsci, reconhecendo sua posição de virtual isolamento e lembrando as duras controvérsias que afetaram o grupo do *L'Ordine Nuovo* no decorrer de 1920, durante o processo de realização da *cisão comunista*. Gramsci lembra como

então, no interior do partido socialista era necessário nos apoiarmos nos abstensionistas, se quiséssemos criar o núcleo central do futuro partido, assim hoje é preciso lutar contra os extremistas se quisermos que o partido se

¹⁸⁶ Durante o período preparatório do III pleno ampliado da CEIC, mesmo estando preso, Amadeo Bordiga redigiu um projeto de manifesto a ser encaminhado pela direção do PCI, em defesa das decisões do II congresso do partido, em oposição as determinações do IV congresso da IC, inclusive a política de frente única e a projetada fusão com o PSI. Decidiu-se retardar qualquer decisão sobre o assunto, considerando-se as delicadas circunstâncias enfrentadas pelos italianos naquele momento, tanto diante da IC, quanto diante da repressão fascista. No entanto, quando Bordiga deixou a prisão, em fins de outubro, voltou a insistir no documento, ainda que fazendo algumas concessões, minorando as críticas aos “massimalistas”, do mesmo modo que recusou a indicação para fazer parte do Comitê Executivo do PCI.

desenvolva e que deixe de ser nada mais que uma fração externa do partido socialista.¹⁸⁷

Gramsci iniciava assim uma segunda fase do movimento de *cisão*, aquele que deveria leva-lo definitivamente a confluência na *refundação comunista* entabulada por Lênin, na qual a educação cumpriria um papel decisivo para que se pudesse formar um grupo dirigente assim orientado. Mesmo acreditando que permaneceria só, Gramsci declara-se decidido a combater em duas frentes no PCI, contra a “direita” de Tasca e contra o “extremismo” de Bordiga, “extraíndo da doutrina e da tática da Comintern um programa de ação para o futuro de nossa atividade”.¹⁸⁸

De improviso, ao receber uma carta de Alfonso Leonetti, antigo companheiro das lutas torinesas, Gramsci muda o humor, dizendo na resposta: “a tua carta me agradou muito porque me demonstrou que não sou o único a ter certas preocupações e reter necessárias determinadas soluções para os nossos problemas”.¹⁸⁹ No entanto, Gramsci se declara contra uma retomada pura e simples do grupo do *L'Ordine Nuovo*, questionando mesmo a permanência desse grupo, considerando as divergências de antanho e as de momento, assim como os erros políticos cometidos no processo de *cisão*, entre os quais o de não extravasar a região do Piemonte.

Seguindo a sugestão oferecida por Umberto Terracini, numa longa carta, Gramsci expõe as grandes linhas da orientação política que gostaria de ver prevalecer no PCI como produto da ação de uma nova disposição de forças e tendências, mais adequada ao quadro internacional no qual a Itália se inseria. Assim, de máxima importância era esclarecer as posições políticas presentes entre os comunistas da Rússia e da Alemanha, por serem precisamente os países decisivos para o andamento da revolução mundial. Gramsci toma por sabido que no caso russo

¹⁸⁷ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 5 gennaio 1924. In: _____. *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992, p. 159-163.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 28 gennaio 1924. In: _____. Ibidem, p. 220-222.

Lênin fazia o papel mediador e sintetizador entre uma tendência mais à esquerda formada por Trotsky, Radek e Bukhárin e uma direita composta por Zinoviev, Kamanev e Stalin. Gramsci interpreta os acontecimentos de 1917 como uma aproximação entre Lênin e Trotsky em detrimento da posição da direita que permaneceu em defesa das posições tradicionalmente defendidas pelo bolcheviques.

A simpatia pela esquerda e pelas posições que Trotsky assumiu no debate desencadeado em fins de 1923, é bastante evidente:

Na recente polemica ocorrida na Rússia se revela como Trotsky e a oposição, em geral, vista a ausência prolongada de Lênin da direção do partido, se preocupam fortemente com o retorno da velha mentalidade, que seria deletéria para a revolução. Demandando uma maior intervenção do elemento operário na vida do partido e uma diminuição dos poderes da burocracia, querem, no fundo, assegurar à revolução o seu caráter socialista e operário e impedir que lentamente se chegue àquela ditadura democrática, invólucro de um capitalismo em desenvolvimento, que era o programa de Zinoviev e companheiros ainda em 1917.¹⁹⁰

A única novidade de vulto, segundo Gramsci, era a passagem de Bukhárin para as posições defendidas pela direita, que no momento constituía a maioria do partido. Gramsci não escondia suas simpatias por Trotsky e uma certa aversão por Zinoviev e Stalin, postando-se, portanto, numa posição mais à esquerda dentro do espectro político da IC. O indício mais nítido dessa afirmação é que Gramsci entendia que, tanto na Itália quanto na Alemanha, a situação revolucionária persistia, tornando ainda mais grave a debilidade dos grupos dirigentes existentes. Em ambos os casos as tendências à esquerda e à direita presentes na cena eram vistas como incapazes.

¹⁹⁰ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 9 febbraio 1924. In: _____. Ibidem, p. 223 passim.



No caso específico da Alemanha, Gramsci sustentava a correção da substituição da direção política do KPD, de Brandler e Thalheimer por Fischer e Maslow, entendendo que esses representavam “a maioria do proletariado revolucionário”, mesmo que apresentassem sérias restrições a tática da frente única. Mais tarde, quando esse grupo de esquerda se diferenciou, com o surgimento da liderança de Thälmann, que manteve as posturas de esquerda, mas passou a apoiar a tática da frente única, Gramsci viu o processo com muita simpatia.

Importante sobremaneira é anotar a crítica de Gramsci à aplicação e concepção da fórmula política da frente única defendida pelos continuadores do espartaquismo.

Querendo encontrar a todo custo aliados para a classe operária acabaram por descuidar a função da própria classe operária; querendo conquistar a aristocracia operária controlada pelos social-democratas acreditaram poder fazer isso não já com um programa da caráter industrial, que se fundasse nos conselhos de fábrica e sobre o controle, mas quiseram fazer concorrência aos social-democratas no campo da democracia, levando a degeneração a palavra de ordem do governo operário e camponês.¹⁹¹

A crítica de Gramsci acabava valorizando o ‘espírito de cisão’ presente na tradição cultural do movimento operário alemão, o destaque em relação a institucionalidade estatal burguesa e sua referencia autocentrada. A única concepção possível de frente única, dentro desse entendimento, é a frente única pela base, aquela que incorpora novos setores operários e populares ao ‘espírito de cisão’, com o terreno de democracia sendo visto como campo de ação mais adequado ao inimigo de classe.

Ainda que do ponto de vista estratégico o grupo decaído do KPD estivesse mais à direita, o fato é que o equívoco político de outubro de 1923, foi o ‘golpismo’. Sentindo que perdiam a

¹⁹¹ Ibidem, p. 225.



maioria do partido, Brandler e Thalheimer se deslocaram rapidamente para a esquerda sem que a implementação prática da frente única tivesse permitido esse deslocamento brusco, que possibilitou o encontro momentâneo entre as posições de Trotsky e Radek e as da direção do KPD. A derrota do outubro alemão incidiu, então, diretamente sobre o desenrolar da luta política na URSS.

Pela análise de Gramsci pode-se perceber que, embora se colocando à esquerda do espectro da IC, opunha-se ao 'extremismo' de esquerda e, mais importante, individuava a fórmula da frente única como uma estratégia que deveria partir do governo da produção e da centralidade operária. Gramsci negava que a IC estivesse operando uma guinada à esquerda porque ele mesmo encontrava-se nessa posição, não tendo se dado conta que a suposta situação revolucionária na Alemanha e Itália não eram reais e que a ofensiva do capital havia já frutificado.

Tratando dos problemas da situação italiana, as divergências com Bordiga foram sendo explicitadas, girando em torno da relação do PCI com a IC, o que implicou todo o problema da dimensão internacional do movimento comunista e de seu caráter universal. Bordiga entendia que a particularidade do Oriente-russo, que permitiu a vitória da revolução, não dizia respeito ao Ocidente avançado. Com um capitalismo desenvolvido e uma classe operária numerosa tratar-se-ia de organizar um partido de vanguarda que fosse capaz de subtrair a classe operária à influência reformista e enfrentar o Estado do capital.

Num capitalismo avançado não havia necessidade de alianças sociais e políticas que não estivessem na lógica do conflito capital x trabalho, decorrendo disso que a fórmula política da frente única seria um grave equívoco teórico e prático. Bordiga seguia assim, com o viés extremista, a mesma lógica determinista da social-democracia, que entendia ser irreparável a diferença entre Ocidente e Oriente.

Ao mesmo tempo em que parece ressoar formulações diferentes de Rosa Luxemburg e de Lênin, Gramsci antecipa a original formulação que viria a desenvolver nos *Cadernos do cárcere*, ao dizer o por que da concepção de Bordiga estar errada.

Em primeiro lugar porque a concepção política dos comunistas russos se formou sobre um terreno internacional e não sobre o nacional; em segundo lugar porque na Europa central e ocidental o desenvolvimento do capitalismo determinou, não só a formação de largos estratos proletários, mas também e por isso criou um estrato superior, a aristocracia operária com seus anexos de burocracia sindical e de grupos social-democratas. A determinação, que na Rússia era direta e lançava as massas nas ruas ao assalto revolucionário, na Europa central e ocidental se complica por todas essas supraestruturas políticas, criadas pelo maior desenvolvimento do capitalismo, torna mais lenta e mais prudente a ação das massas e requer assim do partido revolucionário toda uma estratégia e uma tática mais complexas e de longa alento do que aquelas que foram necessárias aos bolcheviques no período entre março e novembro de 1917.¹⁹²

A divergência de fundo não estava, portanto, na particularidade do Oriente-russo em relação ao Ocidente. Tanto Bordiga quanto Gramsci constatavam que a revolução no Ocidente seria mais complexa porquanto o desenvolvimento do capitalismo era maior e apresentava uma forte presença do reformismo. O que separava um do outro era a questão da universalidade da revolução russa e do movimento comunista e a estratégia revolucionária a qual cabia recorrer. Ora, a fórmula política da frente única pressupõe a noção de hegemonia.

Assim que o tema da hegemonia da classe operária e, portanto, das alianças e das mediações políticas era o que separava os dois revolucionários, com implicações diretas sobre a forma de conceber e organizar o partido e sua atividade. A frente única na Itália, para Gramsci,

¹⁹² Ibidem, p.233.



deveria buscar concretizar a palavra de ordem do 'governo operário-camponês' a partir da realidade do país, em disputa contra a aristocracia operária e o reformismo e "pela aliança entre os estratos mais pobres da classe operária setentrional com as massas camponesas do Mezzogiorno e das ilhas".¹⁹³

A continuidade da correspondência de Gramsci com alguns companheiros do antigo *L'Ordine Nuovo*, deixou-o persuadido da oportunidade concreta de estruturar uma tendência que se inserisse entre a extrema-esquerda e a direita do partido, com a possibilidade de ser o embrião de uma nova maioria e de um novo grupo dirigente. Um passo importante seria a organização da tendência tendo em vista a Conferência do partido programada para Como, no seguinte mês de maio, e a apresentação de um documento. Na avaliação de Gramsci, a retomada do controle das forças produtivas por parte da burguesia e um maior deslocamento à direita da social-democracia, permitia uma retomada do liberalismo em todo o Ocidente. Assim, a superação do fascismo poderia ocorrer por uma via liberal-burguesa e com o predomínio do reformismo no seio do movimento operário.¹⁹⁴

Gramsci percebia fundamental importância da interlocução com a intelectualidade antifascista e de como essa estava tomada pelo pessimismo e pela falta de horizonte. A explicação para essa situação era identificada na falta de uma perspectiva programática concreta que desse um conteúdo efetivo à palavra de ordem do 'governo operário-camponês'. Considerando que "as grandes massas, das quais os intelectuais automaticamente se fazem os expoentes, não têm um endereço preciso, não sabem como se poderá sair das angústias atuais; (...)", advêm a necessidade de se fazer uma análise precisa da situação italiana, interrogando-se sobre todas as possibilidades: "é provável que a palavra de ordem da Constituinte volte a ser

¹⁹³ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 1 marzo 1924 In: _____. Ibidem, p. 259.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 260-261.

atual?” (...) “é possível que se passe do fascismo à ditadura do proletariado? Quais fases intermediárias são possíveis e prováveis?”.¹⁹⁵

A necessidade de se atravessar fases intermediárias parecia mais provável, a partir do momento em que a cidade de Milano, que contava com o mais numeroso proletariado industrial da Itália, vivia sob a hegemonia reformista. Gramsci então percebia ser esse “o mais importante problema da revolução italiana”, já que “em Milano estão os maiores centros vitais do capitalismo italiano: o capitalismo italiano só pode ser decapitado em Milano”, sendo que esse, então, “é um problema nacional e, em um certo sentido, também internacional”.¹⁹⁶

Gramsci percebe que a chave da frente única deve articular o setor social mais avançado, que é a classe operária milanesa, ainda sob hegemonia reformista, ao setor mais atrasado, o campesinato meridional, para o qual “o capitalismo se apresenta como estranho à região, e como estranho se apresenta o governo que administra os interesses do capitalismo”. A oposição ao fascismo, assim como à via liberal-reformista, variáveis do domínio de classe da burguesia, deixaria em aberto ao campesinato a possibilidade de seguir a pequena-burguesia democrática meridionalista, com o risco de desagregar o Estado ou selar a aliança operário-camponesa. Gramsci se dava conta que “na situação atual, com a depressão das forças proletárias existentes, as massas camponesas meridionais assumiram uma importância enorme no campo revolucionário”.¹⁹⁷

Na resposta a uma carta de Piero Sraffa, antigo colaborador do *L'Ordine Nuovo*, Gramsci apresenta, sob a forma de artigo, as razões do contorno que então concebia para a frente única. Contra a avaliação do velho amigo, professor de Economia em Cagliari, que, diante da prostração

¹⁹⁵ GRAMSCI, Antonio. Vienna, 21 marzo 1924. In: _____. Ibidem, p. 283.

¹⁹⁶ GRAMSCI, Antonio. Il problema di Milano. In: _____. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 08.

¹⁹⁷ GRAMSCI, Antonio. Il mezzogiorno e il fascismo. In: _____. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 171-175.

da classe operária, não via outra solução senão apoiar a oposição liberal-democrática para que se viesse a completar uma revolução burguesa. Gramsci argumenta que

O nosso partido é uma fração organizada do proletariado e da massa camponesa, das classes que hoje são oprimidas e pisoteadas pelo fascismo; se o nosso partido não encontrasse também para hoje soluções autônomas, próprias, dos problemas gerais, italianos, as classes que são sua base natural se deslocariam no seu conjunto para as correntes políticas que de tais problemas dêem uma solução qualquer que não seja aquela fascista. Se isso ocorresse, o fato teria um imenso significado histórico, quereria dizer que o atual não é um período revolucionário socialista, mas que vivemos ainda em uma época de desenvolvimento burguês capitalista, que não só faltam as condições subjetivas, de organização, de preparação política, mas também aquelas objetivas, materiais, para a projeção do proletariado ao poder.¹⁹⁸

Entende-se então que, para Gramsci, o período histórico da revolução socialista internacional iniciado em 1917, ainda persistia e era muito atual na Itália. Para que o fascismo fosse batido, assim como também qualquer outra alternativa que preservasse o poder do capital, seria necessária, desde já, a garantia da autonomia organizativa e político-cultural da classe operária. Mas em sendo essa uma classe minoritária no conjunto do país, concentrada na região noroeste e numa situação de derrota e isolamento, era imprescindível a formação de uma frente única com outras camadas proletárias e com o campesinato meridional, visando tornar possível um 'governo operário-camponês'.

Enquanto Gramsci se encontrava em Viena, em janeiro de 1924, o CC do PCI apresenta um documento que indica o teor da orientação política propagada pelo jornal *L'Unità*, que fez a

¹⁹⁸ GRAMSCI, Antonio. Problemi di oggi e di domani. *L'Ordine Nuovo*, 01-15 aprile 1924. In: _____. *Ibidem*, 1978, p.177-178.



campanha da chapa Unidade Proletária, apregoando a unidade das forças revolucionárias e o objetivo do 'governo operário-camponês'. Esse documento dizia que:

O CC considere a luta eleitoral como um momento da ação que o partido conduz pela formação de uma frente única de defesa dos interesses econômicos e políticos da classe trabalhadora, dos quais o fascismo é a negação. (...) entende que todo acordo eleitoral deva ter um caráter programático que possa constituir a base de uma frente única permanente de ação.¹⁹⁹

A situação não alimentava muitas esperanças, em se considerando que o regime fizera aprovar uma legislação eleitoral que beneficiaria amplamente sua lista de candidatos e que PSI e o PSU também apresentariam chapa própria, em melhores condições de que os comunistas. Para agravar a panorama, Amadeo Bordiga, o mais prestigioso dirigente comunista, recusou a indicação para ser cabeça de chapa. Mesmo assim, o PCI, que esperava obter entre oito e 12 cadeiras parlamentares, conseguiu um resultado muito melhor do que o esperado, elegendo 19 nomes (entre os quais seis da fração socialista terceiro-internacionalista, que ingressaria no PCI em agosto). Gramsci foi um dos eleitos, pela circunscrição do Vêneto.

A avaliação do resultado eleitoral de 6 de abril e das perspectivas políticas da tática da frente única foi feita ainda em meados do mesmo mês. Na abertura do debate Togliatti assinalava que o PSU, o partido mais votado entre aqueles que emergiram da fragmentação do velho PSI, constituía uma "força de reserva da burguesia, uma ala do fascismo", de modo que "(...) a tática da frente única em relação a eles pode ser aplicada somente pela base, para arrastar as massas contra os chefes que as traem".²⁰⁰ Propôs a fusão com os 'terzini' e a realização de uma frente

¹⁹⁹ Archivio del Partito Comunista, 1924. 229-29. Fondazione Istituto Gramsci, Roma.

²⁰⁰ Verbale della riunione del Comitato Centrale del 18 aprile 1924. In: *Rivista Storica del Socialismo*, nº 23, 1964, p. 532.

única com o PSI, sem, no entanto, alimentar ilusões e precavendo-se do risco de difundir o 'liquidacionismo' entre as próprias massas. O objetivo dessa tática de frente única deveria ser arrancar do PSI o que nele restasse de área de esquerda e assim "favorecer sua eliminação do terreno das competições proletárias".²⁰¹ Embora julgando impossível qualquer aliança com o Partido Popular, apesar de sua influencia entre os camponeses, Togliatti insistia na centralidade da questão da aliança operário-camponesa.

²⁰¹ Ibidem, p. 533.



3. Gramsci em Roma: a política de frente única e o anti-fascismo.

Gramsci retornou a Itália para participar da Conferência de Como, realizada em meados de maio. Nesse encontro, delinearam-se três tendências, com posições bastante nítidas, cuja correlação apresentou, ao final, uma evidente distorção: a tendência dita de 'centro', da qual Gramsci era o grande inspirador, era majoritária no CC, mas era apenas a terceira no conjunto dos delegados presentes, que representavam os quadros intermediários do partido.

A tendência de 'esquerda' ratificou assim a linha aprovada no Congresso de Roma (março de 1922), opondo-se à política de frente única e às determinações do IV congresso da IC, e acusando o erro que teria sido toda a relação estabelecida com o PSI, tendo em vista uma possível fusão. A 'direita' confirma sua visão de que havia um equívoco de origem no PCI, que se remetia ao próprio congresso de Livorno e que a direção seria mesmo responsável pela derrota do proletariado italiano, em razão das resistências em incorporar a política de frente única e em processar a fusão com o PSI.

O 'centro' elege ainda a 'direita' como principal adversário, não só pelos riscos que vislumbrava nessa linha para a sobrevivência e autonomia do partido, mas principalmente pela guinada à esquerda que a IC vinha operando desde o início do ano. Entende que a fundação do PCI foi uma ação necessária, mas aponta o erro que teria sido postar-se em oposição a IC a partir do IV congresso, embora defenda correções na política de frente única. Na questão da fusão

imediate com os 'terzini', o 'centro' e a 'direita' encontram-se de acordo, enquanto que a 'esquerda' continua se opondo.²⁰²

A necessidade de se adequar à situação da IC e de tentar ampliar consensos no vértice do partido fez com que inúmeras concessões fossem feitas pela tendência liderada por Gramsci. ela própria em fase de amadurecimento teórico dentro da vertente da refundação comunista e já convivendo com a regressão dentro do conjunto do movimento comunista internacional. Ainda assim Gramsci tentou fazer uma avaliação positiva do encontro, mas defendendo a revisão a revisão das Teses de Roma e a construção de uma nova plataforma programática. Afirmava então que nesse encontro

(...) o nosso partido se pôs explicitamente, pela primeira vez, o problema de tornar-se o partido das mais amplas massas italianas, de transformar-se no partido que realize a hegemonia do proletariado no vasto quadro da aliança entre a classe operária e a massa dos camponeses.²⁰³

Enquanto uma numerosa delegação italiana começava a se deslocar para Moscou, a fim de participar no V congresso da IC, de improviso eclode uma crise política que fez trepidar o regime fascista. Aparentemente, com o fito de barrar a ânsia dos dirigentes da CGL em estabelecer formas de colaboração com o fascismo e agrupar a oposição democrática, o líder dos socialistas reformistas, Giacomo Matteotti, da tribuna parlamentar, faz uma crítica acerba ao regime. O resultado foi o seu seqüestro e assassinato, em 11 de junho, que implicou ainda a retirada da

²⁰² Apud SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967. p.355-357.

²⁰³ GRAMSCI, Antonio. Dopo la conferenza di Como. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 182.

oposição do parlamento, desde o dia 13, até que o caso fosse esclarecido, tendo então se formado o chamado Aventino.²⁰⁴

Antonio Gramsci, que também deveria ir a Moscou, e Mauro Scoccimarro passam a dirigir efetivamente o partido pondo a prova a política de frente única antagônica. Num primeiro momento houve a tentativa de envolver toda a oposição numa ação rápida que aproveitasse a crise política, que Gramsci entendia ser fundamentalmente uma crise da pequena burguesia. Mas, o esforço da oposição constitucional democrática, à qual se juntaram também os dois partidos socialistas, era o de conduzir uma saída institucional para a crise do regime, que canalizasse o descontentamento popular para um novo regime democrático-parlamentar. A ruptura do PCI com a oposição aventiniana, em função da recusa e titubeio na mobilização das massas, aparentemente, colocou os comunistas em uma situação de isolamento, mas o fato é que conseguiu ganhar forças e simpatias, mesmo com o fracasso da greve geral convocada para 27 de junho.

Do mesmo modo, a orientação política do CC ampliou seus apoios internos contra a tendência de 'esquerda', que insistia numa ação política ofensiva mais decisiva, e a 'direita', que defendia a unidade de toda oposição antifascista. Contra essa posição, numa reunião do CC, ocorrida em meados de julho, Gramsci disparava: "A primeira tarefa do proletariado, mesmo nessa situação, é a de assumir uma atitude autônoma" e "certos discursos deixam entender o pensamento de que vivemos em um país colonial onde a revolução proletária não é possível, sem que antes se cumpra uma revolução nacional por parte das 'oposições'".²⁰⁵

²⁰⁴ Referência à retirada da plebe romana para o monte Aventino, nos arredores da cidade, que reivindicava direitos de cidadania, em 494 a. C.

²⁰⁵ GRAMSCI, Antonio. Intervento al Comitato Centrale, 14 luglio 1924.. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 462.



No entanto, Gramsci jamais se satisfaz com a concepção simplista, vigente em amplos setores da IC, de uma política de frente única ‘pela base’, tendo em vista apenas o objetivo da ditadura proletária. Pelo contrário, se ocupava em ampliar as alianças sociais para setores da pequena burguesia, particularmente para os intelectuais que eram sua expressão, tendo em vista objetivos intermediários. Assim é que Gramsci critica os dirigentes republicanos e socialistas porque “não quiseram sancionar ao centro a aliança efetuada na periferia entre as forças revolucionárias proletárias e pequeno-burguesas”.²⁰⁶ Referia-se então a posição radicalmente antifascista tomada pelos jovens intelectuais agregados em torno da revista *Rivoluzione Liberale*, de Torino, dirigida por Piero Gobetti, e pela revista *Il Caffè*, de Milano, dirigida por Ricardo Bauer. Completava depois:

nós comunistas não pedíamos às Oposições nada mais que aquela que estes grupos liberais lhes recriminavam por não haver feito. Se nós solicitávamos uma ação para impor a demissão do governo fascista, não pretendíamos fixar objetivos nossos.²⁰⁷

Em agosto, de acordo com as decisões tomadas no V congresso da IC, foi selado o ingresso dos ‘terzini’ e a composição de uma nova direção, que indicou o nome de Antonio Gramsci para a secretaria geral, formada pelo ‘centro’, pela ‘direita’ e pelos ‘terzini’, tendo ficado fora a ‘esquerda’ de Bordiga, por decisão própria. Na discussão sobre a crise italiana, Gramsci entendia estar o fascismo ferido de morte. Fora um regime nascido e sucumbido em função da crise das classes médias, em verdade a única camada social territorialmente nacional. O fascismo não teria sido capaz de contrastar a crise, mas sua derrocada deveria ser seguida por

²⁰⁶ GRAMSCI, Antonio. Lotta di classe. L'Unità, 24 giugno 1924. In: _____. Ibidem, 1978, p. 192.

²⁰⁷ GRAMSCI, Antonio. Non siamo soli a criticare. Apud: CAPRIOGLIO, Sergio. Gramsci e il delitto Matteotti com cinque articoli adespsti. In: *Belfagor: rassegna di varia umanità*, maggio nº 3, 1997, p. 266.

fases e objetivos intermediários, durante as quais o proletariado e os comunistas deveriam preservar sua autonomia.

A aliança com a oposição constitucional democrática comprometeria a passagem para fases mais avançadas da luta, “porque as grandes massas trabalhadoras estão desorganizadas, dispersas pulverizadas no povo indistinto”. Aquela em ato seria “uma fase preparatória, de transição a luta pelo poder, uma fase enfim de agitação, de propaganda, de agitação”, com o objetivo de

suscitar um amplo movimento das fábricas que possa dar lugar a uma organização de comitês proletários de cidade, eleitos diretamente pelas massas, os quais, na crise social que se perfila, venham a ser o condutor dos interesses gerais de todo o povo trabalhador.²⁰⁸

O equívoco da análise decorria da leitura que se fazia da permanência da crise geral do capitalismo e da atualidade da revolução socialista, embora Gramsci tivesse muito clara a necessidade de fases intermediárias que se concatenassem. Gramsci não percebia ainda que a crise não era apenas da pequena burguesia, que se preparava para selar uma aliança duradoura com o grande capital monopolista, mas também daquela classe operária manufatureira e qualificada que se perdera entre o reformismo e a autogestão fabril, havendo sofrido uma duríssima repressão do fascismo, que desorganizou suas fileiras. As forças que estiveram organizadas no Aventino representavam a última tentativa de setores do capital, aliados ao social-reformismo, restaurarem um Estado de direito liberal, fundado nas regras do mercado. Essa

²⁰⁸ GRAMSCI, Antonio. La crisi italiana. L'Unità, 26 agosto 1924 (con il titolo Le crisi delle classi medie). In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 28-39.

queda de braço teve lugar entre agosto e outubro de 1924, com o a crescente debilitação da oposição constitucional democrática.²⁰⁹

O debate interno no PCI foi travado em alguns congressos provinciais ocorridos entre setembro e novembro. Em fins de setembro, no encontro de Napoli, que contou com a presença de Gramsci e Bordiga, este recusou uma vez mais o convite de Gramsci para recompor o grupo dirigente surgido em Livorno e ainda que ambos estivessem de acordo com a posição que Trotsky vinha defendendo, de que a social-democracia poderia se transformar no instrumento político ideológico de americanização da Europa, a divergência se manifestou novamente na questão da fórmula política da frente única, que, na prática, Gramsci propunha implementar sob a palavra de ordem de Antiparlamento.

Diante da letargia que tomava conta da situação política e das oposições, que beneficiava a recomposição do fascismo, e da inoperância da conclamação pela formação de 'comitês de operários e camponeses', que os comunistas vinham propugnando, em 14 de outubro, numa reunião da comissão executiva do PCI, apesar das resistências surgidas, particularmente entre os comunistas de Napoli, Gramsci decidiu propor que fosse encaminhada a idéia da constituição de um Antiparlamento, formado pelo conjunto das oposições:

Para nós, esse 'Antiparlamento' constituiria uma fase intermediária entre o Parlamento e o Sovietismo baseado nos Comitês de operários e camponeses. A palavra de ordem da constituição de Comitês operários e camponeses ainda não é compreendida pelas grandes massas. Aquela do Antiparlamento será acolhida

²⁰⁹ POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e dittatura: la Terza Internazionale davanti il fascismo*. Milano: Jaca Book, 1971.



como uma solução mais em correspondência com o grau de desenvolvimento atual da situação.²¹⁰

A proposta de Gramsci de subverter a idéia da representação parlamentar do liberalismo foi apenas parcialmente aceita, tendo sido refutada a idéia do Antiparlamento como fase intermediária, tanto que a relação de abertura feita no Comitê Central no dia 17 de outubro Gramsci diz:

Nós proporemos às Oposições para se convocarem como assembléia representativa em base no regulamento do Parlamento. (...). Nós sustentaremos que essa assembléia seria somente um meio de agitação e não uma força real até quando essa não se decidisse a apoiar-se sobre um movimento de massas e sobre os Comitês de operários e camponeses.²¹¹

Como se vê a concepção política de Gramsci, particularmente no que tange à fórmula política da frente única, era muito mais dialética, flexível e móvel do que a grande maioria dos dirigentes do PCI e mesmo da IC. Enquanto Gramsci percebia a necessidade de desagregar as fileiras do inimigo de classe, sem com isso abdicar da própria autonomia, de perceber o movimento dos atores na totalidade da vida política e social, dirigentes que vinham das vertentes ‘abastencionista’, ‘massimalista’ ou mesmo ‘ordinuovista’ se mantinham atados aos ramos culturais crescidos na tradição do movimento operário italiano. Os resultados do V congresso da IC, ademais, deram um reforço a essas diferenciadas tendências, que bem se assentaram sobre a tosca formulação da ‘frente única pela base’, da sinonímia entre ‘governo operário-camponês’ e ‘ditadura proletária’ e até da ‘social-democracia como ala do fascismo’.

²¹⁰ Archivio del Partito Comunista 238 / 71-76. Verbale della riunione dell'“esecutivo del 14-10-1924 (Istituto Gramsci). In: DE BENEDETTO, Silvia. Gramsci, l'Antiparlamento, la Costituente: due documenti inediti del 1924. *Nuovo Impegno*. Milano, n° 33, 1976, p. 138.

²¹¹ Archivio del Partito Comunista 253 / 26-32. In: Ibidem, p. 146.

Como esperado, a proposta comunista foi recusada pelas Oposições democráticas, desencadeando um momento de desorientação, não só na própria militância partidária, como na própria IC, que inicialmente sugeriu a importância maior da manutenção da unidade antifascista. Manifestações sociais de descontentamento e o rápido desgaste político do Aventino persuadiram a IC e a massa do partido de que a posição inicial da direção do PCI, de reingressar no Parlamento, era a mais adequada para expô-lo como única força de oposição ao fascismo. O resultado foi uma divisão ainda maior das forças políticas antifascistas.

Na reabertura da Câmara, em 3 de janeiro de 1925, o regime passa novamente para a ofensiva com um discurso de Mussolini, anunciando uma forte onda repressiva, que golpeia principalmente aos comunistas. Esses, todavia, continuam a avaliar que o fascismo mantinha a tendência à 'normalização', por meio de um acordo com as forças liberais e reformistas. Na reunião do CC do PCI, convocada para avaliar a situação, Gramsci expõe a idéia de que a censura imposta à imprensa sepulta de vez a atividade do Aventino, o qual já tendia a desintegração e a formação de uma vertente liberal constitucional pronta a se aproximar de Mussolini. Este, por sua vez, procurava se desvencilhar dos setores mais turbulentos do movimento fascista, visando constituir um grande partido conservador.

Os elementos efetivamente de oposição, que estavam como Aventino, tenderiam a se aproximar do PCI, de modo que deveria haver um empenho para acelerar a desagregação do PSI e dar um novo impulso a palavra-de-ordem da formação dos 'comitês operários e camponeses'.²¹² A posição de Gramsci e do PCI encontrava-se assim, mais uma vez, entre aquelas mais à

²¹² GRAMSCI, Antonio. Relazione al comitato centrale. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 467-474.

esquerda dentro da IC, com uma leitura da política de frente única 'pela base' e com o entendimento de que a social-democracia deveria ser atacada desde a sua esquerda.²¹³

O problema da cisão em marcha no partido bolchevique é abordado pela primeira vez pelos comunistas e Gramsci sugere que a moção a ser redigida

deveria conter uma exposição do pensamento de Trotsky: as suas previsões acerca de um supercapitalismo americano, o qual teria na Inglaterra um braço seu na Europa, e que produziria uma prolongada escravidão do proletariado sob o domínio do capital americano. Nós recusamos essas previsões, as quais, postergando a revolução por um tempo indefinido, deslocariam toda a tática da Internacional Comunista, que deveria voltar à ação de propaganda e agitação entre as massas. E deslocaria também a tática do Estado russo, pois que retarda a revolução européia por uma inteira fase histórica. (...).²¹⁴

Ora, essa extrema simplificação do raciocínio de Trotsky sobre as possibilidades expansivas do americanismo e do possível papel que a Inglaterra poderia vir a cumprir, corresponde a uma distorção do pensamento de autor de *Europa e América*, como também do próprio Gramsci, o qual não se encontrava apartado dessa perspectiva, assim como Bordiga também não! No papel de liderança do PCI, Gramsci tinha que se mover dentro da correlação de forças existente no seio do grupo dirigente do partido, recebendo os influxos da vida política da IC e, cada vez mais, do processo de cisão do grupo dirigente bolchevique, de modo que a exposição de seu pensamento aparece fortemente condicionada e limitada pelas circunstâncias, no limite de quase se autocriticar, como na passagem apenas citada.

²¹³ Há uma sensível analogia com o processo de diferenciação da esquerda comunista no seio do PCI com a formação do grupo de "centro" contra Bordiga e o KPD, quando Thalmann conduziu a formação de um novo grupo, dissociando-se de Maslow e Ruth Fischer.

²¹⁴ GRAMSCI, Antonio. Relazione al comitato centrale. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)* Torino: Einaudi, 1978, p. 473-474.



Na verdade, Gramsci precisava ampliar consensos dentro do PCI e angariar apoio na IC, de modo que faz uma analogia entre o comportamento de Trotsky no PCR(b) e Bordiga no PCI, que tendiam objetivamente a compor frações dentro do partido e da IC, contrariando a consigna da 'bolchevização' endereçada pelo V congresso da IC. e, portanto, na questão da disciplina e da unidade partidária, a qual deveria ser enfatizada nesse momento crucial. A questão da unidade seria de grande importância para o PCI, mas, se referindo ao PCR (b), "a falta de unidade no partido em um país no qual só há um partido, divide o Estado".²¹⁵

Enquanto aguardava o momento do embarque para Moscou, quando iria fazer parte da delegação italiana ao V pleno ampliado da CEIC, Gramsci começa a por em prática o projeto concebido em Viena, sobre uma escola de formação de quadros partidários, feita por correspondência. Em fins de fevereiro se desloca para Moscou para assistir a consolidação, que já vinha se delineando, da identificação ideológica entre Trotsky e Bordiga, como 'desvio' do 'leninismo'. O próprio documento exarado pelo encontro, ao estabelecer o vínculo entre as concepções teóricas de Trotsky e Bordiga, e destes com uma variante da tradição da II Internacional, constringia o próximo congresso nacional do PCI a "decidir se aprova a política conduzida pelo Comitê central do partido a partir do V congresso mundial, de acordo com a Internacional; ao mesmo tempo deverá exprimir sua escolha entre a tática bordighiana e o leninismo".²¹⁶

Assim, a ação política e a elaboração teórica de Gramsci estavam delimitadas pela necessidade sentida de se vincular prioritariamente a IC e ao PCR(b), em franco movimento de regressão teórica institucionalizada e se distanciar de Bordiga e sua concepção de revolução proletária no Ocidente. Mas Gramsci podia se manter cômodo nessa posição enquanto

²¹⁵ Ibidem.

²¹⁶ Risoluzione del V plenum sulla questione italiana. Apud: AGOSTI, Aldo. *La Terza Internazionale (storia documentaria)*, tomo I, vol. 2. Roma: Riuniti, p. 314.



permaneciam atuando sobre suas idéias a noção de Sorel de cisão do mundo operário em relação ao Estado do capital, assim como, até certo ponto, do próprio Bordiga, sobre a fundação do PCI como algo inteiramente novo.

Quando retornou a Roma, após dois meses de ausência, Gramsci procurou notificar Jules Humbert-Droz, que continuava sendo o principal responsável da IC para os partidos dos países de língua latina, sobre o andamento da situação italiana. Dizia então:

encontramos, ao nosso retorno, a situação muito mudada a nosso desfavor, não do ponto de vista da influencia entre as massas, mas pelas maiores dificuldades que põem ao nosso trabalho o governo, de uma parte, e de outra a confederação geral do trabalho.²¹⁷

Enquanto o governo estava para promulgar uma lei contra as organizações antifascistas, a CGL, tentando ganhar legitimidade diante do regime, passava a considerar ilegais as iniciativas políticas dos comunistas. Apesar disso, os comunistas se saíram bem nas eleições sindicais, assim como conseguiram realizar significativas manifestações públicas pelo 1º de maio, mas com os socialistas a fratura só se agravou. Da mesma forma a luta interna entre a oposição bordighista e a maioria do Comitê central também assistiu a novo episódios.

Em 16 de maio, Gramsci proferiu na Câmara dos Deputados o seu único discurso parlamentar, alguns dias depois de haver transmitido ao CC os informes do V pleno ampliado da CEIC e de haver dado por convocado o III congresso nacional do PCI. O discurso esteve voltado a criticar a chamada lei Mussolini-Rocco, que, em tese, deveria golpear a maçonaria como organização secreta. O argumento de Gramsci procurou se desenvolver em duas linhas: uma sobre o significado histórico da maçonaria italiana e outra sobre a verdadeira intenção do projeto

²¹⁷ GRAMSCI, Antonio. Roma, 25 aprile 1925. In: _____. *Lettere (1908-1926)*. Torino: Einaudi, 1992, p. 417.



de lei que estava em pauta. Essa foi a oportunidade encontrada por Gramsci de expor um esboço de sua compreensão sobre a relação do Estado italiano com as representações das classes sociais.

Partindo da debilidade originária da burguesia italiana, Gramsci entende ter sido a maçonaria “o único partido real e eficiente que a classe burguesa teve por longo tempo”, dedicado a combater os inimigos do Estado unitário, que eram principalmente o Vaticano e os jesuítas, representantes das “velhas classes semifeudais”. Enquanto a maçonaria servia de efetivo respaldo do Estado liberal-burguês, a Igreja boicotava as eleições e organizava grupos armados rurais, prontos para enfrentar o previsto avanço do proletariado dentro da democracia liberal. Gramsci afirma então que “as classes rurais que no passado eram representadas pelo Vaticano, hoje são representadas principalmente pelo fascismo”.²¹⁸

Gramsci identifica na falta de matérias-primas, na falta de colônias e na questão meridional as “debilidades máximas da vida nacional”. Na sua análise, “a Itália tem sido apenas um meio de expansão do capital financeiro não italiano”, graças a emigração massiva da força de trabalho. A burguesia contou com duas possibilidades de articular alianças sociais tendo em vista resolver os problemas da debilidade estatal e de seu domínio de classe. A primeira, consubstanciada na

tentativa de estabelecer uma aliança entre a burguesia industrial com uma certa aristocracia operária setentrional, para oprimir, para subjugar a essa formação burguesa-proletária a massa dos camponeses italianos, especialmente no Mezzogiorno.²¹⁹

²¹⁸ GRAMSCI, Antonio. Origini e scopi della legge sulle associazioni segrete. In: _____. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 75-85.

²¹⁹ Ibidem.



Ao mesmo tempo, “na Itália meridional se corrompe a camada dirigente e se domina a massa com os *mazzieri*”. Em alternativa a essa, havia a proposta de estabelecer “uma aliança entre os industriais do Norte e uma certa vaga democracia rural principalmente meridional sobre o terreno do livre-câmbio”.²²⁰

Segundo o raciocínio de Gramsci, ambas essas alternativas visavam ampliar as estreitas bases originais do Estado italiano, enquanto que o fascismo, com sua pretensa “revolução”, da qual a lei que tinha a maçonaria por alvo declarado, “luta contra a única força organizada eficientemente que a burguesia teve na Itália, para suplanta-la na ocupação dos postos que o Estado dá aos seus funcionários”. Visa assim apenas substituir o pessoal administrativo do Estado liberal-burguês por um novo pessoal, chegando depois a um compromisso. O verdadeiro objetivo da lei seria o de impor as maiores dificuldades para a organização autônoma da classe operária e do campesinato e a revolução que só essas forças aliadas seriam capazes de concretizar para resolver os problemas nacionais.²²¹

No seu discurso, estranhamente, Gramsci retorna ao entendimento da existência de um vínculo estreito entre o fascismo e as classes dominantes agrárias e, talvez por isso não tenha conseguido apreender o fato de que o fascismo estava se aproximando do objetivo de ampliar as bases do Estado através de uma aliança entre o capital financeiro italiano e a pequena burguesia, que englobaria o conjunto das classes proprietárias da Itália, transpassando as alternativas burguesas existentes e subsumindo o liberalismo ao fascismo.

Não percebeu ainda que a emigração massiva fazia da Itália um campo de expansão do capital financeiro não italiano, mas também do italiano, que logo iria reivindicar as suas colônias. É possível que ao centro das preocupações de Gramsci já estivesse a burocracia estatal,

²²⁰ Ibidem.

²²¹ Ibidem.

conformada em vasta medida por intelectuais originários das camadas intermediárias agrárias, como enunciaria não muito mais tarde.

4. Roma no III congresso de 1914

Em 1914, o III congresso da UCR, realizado em Roma, teve como tema central a "revolução social". O congresso foi aberto por um discurso de Benito Mussolini, que afirmou que a revolução social era a única forma de superar a crise da sociedade capitalista. O congresso também discutiu a necessidade de uma revolução social para a construção de uma nova sociedade.

Em 1914, o III congresso da UCR, realizado em Roma, teve como tema central a "revolução social". O congresso foi aberto por um discurso de Benito Mussolini, que afirmou que a revolução social era a única forma de superar a crise da sociedade capitalista. O congresso também discutiu a necessidade de uma revolução social para a construção de uma nova sociedade.

Posteriormente, quando se falou da revolução social, o congresso da UCR, realizado em Roma, teve como tema central a "revolução social". O congresso foi aberto por um discurso de Benito Mussolini, que afirmou que a revolução social era a única forma de superar a crise da sociedade capitalista. O congresso também discutiu a necessidade de uma revolução social para a construção de uma nova sociedade.

Em 1914, o III congresso da UCR, realizado em Roma, teve como tema central a "revolução social". O congresso foi aberto por um discurso de Benito Mussolini, que afirmou que a revolução social era a única forma de superar a crise da sociedade capitalista. O congresso também discutiu a necessidade de uma revolução social para a construção de uma nova sociedade.

1. O III congresso da UCR, realizado em Roma, teve como tema central a "revolução social". O congresso foi aberto por um discurso de Benito Mussolini, que afirmou que a revolução social era a única forma de superar a crise da sociedade capitalista. O congresso também discutiu a necessidade de uma revolução social para a construção de uma nova sociedade.

4. Rumo ao III congresso do PCI

Na relação feita ao CC, na reunião de maio de 1925, preparatória do III congresso do PCI, Gramsci fez um balanço preliminar da situação do partido, enfatizando o tema da 'bolchevização' e do problema correlato do fracionismo que era perpetrado pelo grupo de Bordiga. Procurando demonstrar a necessidade da 'bolchevização', observa que

as crises atravessadas por todos os partidos da Internacional, de 1921 a hoje, isto é, do início do período caracterizado por um refreamento do ritmo revolucionário, mostraram como a composição geral dos partidos não fosse muito sólida ideologicamente. Os próprios partidos oscilavam com deslocamentos com frequência fortíssimos da direita a extrema-esquerda, com repercussões gravíssimas sobre toda a organização e com crises gerais nas ligações entre os partidos e as massas.²²²

Possivelmente marcado pela leitura do opúsculo de Lênin, *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*, Gramsci lembra que os partidos comunistas do Ocidente encontram-se numa situação semelhante àquela dos bolcheviques antes da guerra. Mas à diferença da Rússia,

na Europa ocidental, em vez, se veio sempre mais constituindo uma divisão do trabalho entre organização sindical e organização política da classe operária. No campo sindical foi se desenvolvendo com ritmo sempre mais acelerado a tendência reformista e pacifista; (...).²²³

²²² GRAMSCI, Antonio. La situazione interna del nostro partito ed i compiti del prossimo congresso. In: _____. *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 63.

²²³ Ibidem, p. 64.

O caso italiano seria ainda mais dramático, pois os comunistas se encontravam em uma situação de lutar pelo direito de disputar a direção da central sindical com os reformistas. E no que se refere ao partido, persistia o problema da não realização de uma nova síntese teórica que orientasse a política revolucionária e a inserisse no quadro internacional. Criticou a extrema-esquerda, mas eximiu-se de repetir os ataques do texto do pleno da CEIC recém concluído, sobre a questão italiana, que afirmava haver Bordiga se deslocado para a direita da IC e que haveria um conúbio entre Bordiga e Trotsky. As três vertentes principais que confluíram para a formação do PCI, em Livorno, continuavam existindo, de modo a criar enormes dificuldades para a “realização dos dois princípios políticos que caracterizam o bolchevismo: a aliança entre operários e camponeses e a hegemonia do proletariado no movimento revolucionário anticapitalista”.²²⁴

Gramsci parecia estar convencido de que a chamada ‘bolchevização’, com a ênfase na organização por células em locais de trabalho e o fim das frações partidárias, junto com um intenso esforço de formação ideológica de quadros e um debate político aprofundado, seria capaz de levar o PCI a superação de seus conhecidos limites. A centralidade da fábrica, enfatizada na concepção da ‘bolchevização’, confluía com a perspectiva pregressa de Gramsci e a vinculava com a construção de um partido revolucionário de massas.

Na verdade, o próprio Gramsci estava decidido a aprofundar o caminho pelo qual havia enveredado na sua primeira estadia em Moscou e que implicava conceber da melhor forma possível a inserção dos problemas nacionais da Itália no contexto internacional da revolução socialista. Bordiga, por seu lado, com uma boa dose de razão, era da opinião que a “bolchevização” acarretaria a burocratização do movimento comunista.

²²⁴ Ibidem, p. 69.



Precisamente sob a forma de reação a identificação feita em Moscou da posição de Bordiga com a plataforma de direita da IC começa a se aglutinar uma corrente de esquerda no PCI, que foi oficializada em 1º de junho com uma carta assinada por um 'Comitê de entendimento entre os elementos da esquerda'. Logo em seguida, uma Carta aberta de Amadeo Bordiga a CEIC consagra a existência de uma fração de esquerda no PCI.²²⁵

Uma intensa e dura polemica tem então início e que se prolongou até o III congresso nacional do PCI, durante a qual Gramsci desenvolveu a sua concepção de partido revolucionário. A trajetória de Gramsci esteve marcada pela concepção de Sorel do socialismo como um ato de cultura gerado a partir do espírito de cisão da classe operária em relação à ordem do capital e a política dos intelectuais. Daí sua oposição a toda e qualquer separação entre a classe operária e seus pretensos representantes no partido ou nas instituições liberais. A cisão com o reformismo contemplou um momento dessa visão, tendo sido possível a convergência com Bordiga graças à concepção deste de radical oposição entre o proletariado e o Estado do capital.

No entanto, faltava ainda romper com a visão de partido político de vanguarda de Bordiga, a qual fazia persistir a cisão entre a classe e seus intelectuais. A concepção de partido que Gramsci desenvolve, portanto, se afasta da tradição social-democrata, que porta a classe operária à esfera de ação do capital, e se afasta daquela concepção de partido de vanguarda que repõem o politicismo e traz a classe operária de volta para a cisão própria da ordem do capital.

Condicionado pela situação política da IC e do PCR (b), Gramsci se ampara com freqüência nas formulações de Lênin, embora algumas importantes observações deste resvalam para a preservação da cisão entre economia e política e entre operários e intelectuais, particularmente no que tange a gestão da produção. Na verdade, embora muitas das fórmulas de

²²⁵ Apud SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito comunista italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967, p. 453-456.

Gramsci sobre a questão do partido e da consciência revolucionária de classe estejam próximas das idéias de Rosa Luxemburg, estas, no entanto, já haviam sido atingidas por 'anátema' e ficaram na zona de sombra da elaboração gramsciana. Para Gramsci, enfim, o partido é parte da classe enquanto processo histórico no qual se desenvolve a luta anticapitalista e instrumento de criação de uma nova relação entre classe e produção material e entre classe e cultura.

Por ocasião da morte de Lênin, Gramsci tecera considerações que indicavam a rota de desenvolvimento de seu pensamento a propósito do partido revolucionário. Partindo da peremptória afirmação de que "todo Estado é uma ditadura", Gramsci faz derivar uma outra afirmação:

Até quando for necessário um Estado, até quando for historicamente necessário governar os homens, qualquer que seja a classe dominante, estará colocado o problema de haver chefes, de haver um 'chefe'.²²⁶

A questão essencial da ciência política está colocada no problema geral do Estado, da ditadura, do governo dos homens, do 'chefe'. Mas na ditadura proletária, especificamente, "o chefe, o partido são elementos da classe operária, representam seus interesses e aspirações mais profundas e vitais ou são uma excrescência, ou são uma simples sobreposição violenta?".²²⁷

A resposta a essa questão avança a concepção de que o partido político revolucionário é a melhor parte da classe, que, no decorrer de um tempo relativamente longo de luta de classe, seleciona os seus 'chefes', vale dizer a sua própria camada intelectual, de modo que a classe organicamente gera a sua consciência e os seus intelectuais. Isso não quer dizer que esses

²²⁶ GRAMSCI, Antonio. "Capo". In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 12-16.

²²⁷ Ibidem, p. 12-16.

intelectuais não possam debandar da classe com a qual estabelecia vínculos orgânicos e adquirir interesses diferenciados e uma visão de mundo afeita a das classes dirigentes.

O reformismo social-democrata burocratizado conformaria uma excrescência da classe, enquanto as formas cesáreas, como o fascismo, seriam uma sobreposição. Gramsci não parece indiferente ao tema da burocratização das instituições do movimento operário, já postas por Robert Michels e apenas retomada, em outra situação, por Trotsky. A diferença fundamental é que

a ditadura do proletariado é expansiva, não repressiva. Um contínuo movimento se verifica da base para o alto, uma continua mudança através de todas as capilaridades sociais, uma continua circulação de homens.²²⁸

Assim, a ditadura proletária, como Estado de transição que almeja o fim dos 'chefes', deve ser conduzida por um partido que tende a fazer de todos os homens 'chefes', ou intelectuais. Parece inegável então que a persistente preocupação de Gramsci com a centralidade da fábrica e da produção, com a auto-atividade das massas, que gera consciência e seleciona a sua própria intelectualidade, continuam mais próximos de Rosa do que da visão de Lênin, para quem a consciência vem de fora da produção pela ação de intelectuais revolucionários que levam à classe a visão da totalidade social e estatal. De Lênin e do bolchevismo, no entanto, Gramsci incorporava a visão de uma organização disciplinada e organizada de modo centralizado e preparada para enfrentar situações extraordinárias, quer fossem uma repressão desapiedada ou uma situação insurrecional.

Nos meses que se seguem ao retorno de Moscou e ao anúncio da formação do "comitê de entendimento", Gramsci entrega-se a uma atividade política intensa em várias frentes. É preciso

²²⁸ Ibidem.

defender a organização partidária e seus canais de ligação com as massas, diante da renovada ofensiva fascista. A luta pelo direito de constituir frações comunistas nos sindicatos e na CGL era um elemento decisivo na luta ideológica contra o PSI massimalista e para a atuação da política de frente única pela base que então informava o PCI. A conformação de uma fração de esquerda, que poderia chegar a ponto de cindir o partido, era um perigo a ser enfrentado com energia e sem concessões.

A ação política de Gramsci estava então voltada para o fortalecimento orgânico e ideológico do partido tendo em vista o estabelecimento de condições para resistir ao fascismo. A estratégia da frente única visava criar uma coalizão social entre a classe operária e o campesinato que se opusesse ao fascismo e ao capitalismo. Para isso era necessário atrair a base social do PSI e do PPI (católico), implicando um acirrado debate ideológico com a direção massimalista. Em fins de maio, a CEIC exortava o PCI a

tomar um cuidado particular em desmascarar a sabotagem da frente única feita por socialistas e massimalistas, (...). Os operários querem a frente única de todos os elementos revolucionários; é preciso mostrar a eles, com fatos, que os chefes socialistas sabotam a frente única.²²⁹

Seguindo essa orientação e procurando dar uma resposta rápida à iniciativa da oposição Aventina, que encaminhara um apelo ao rei Vitério Emanuele III, tendo em vista o retorno a normalidade constitucional, o PCI apresentou uma proposta de objetivos comuns, claramente inaceitáveis, a todos os partidos antifascistas:

²²⁹ APC, 1925, 313 / 17-21 (Istituto Gramsci). Apud SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito comunista italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967, p. 465.



1) controle operário sobre a indústria, único meio de lutar contra a plutocracia financiadora do fascismo; 2) a terra aos camponeses, i.é, luta contra os agrários; 3) luta pela constituição de uma assembléia republicana que surja sobre a base dos Comitês operários e camponeses e organize todas as forças antifascistas e antimônárquicas.²³⁰

Na sua polemica como o PSI massimalista, Gramsci buscava atrair a base operária desse partido para a cisão com o capital e para a refundação comunista, denunciando o caráter 'oportunista' do próprio massimalismo. Diante da assertiva dos massimalistas de que o partido operário deveria "obedecer à vontade das massas", Gramsci a refuta, uma vez que

o Partido Comunista 'representa' os interesses da inteira massa trabalhadora, mas 'atua' só a vontade de uma determinada parte das massas, da parte mais avançada, daquela parte (proletariado) que quer derrubar o regime existente com meios revolucionários para fundar o comunismo.²³¹

Denunciando o isolamento do PSI, Gramsci insiste na importância do internacionalismo e diz que, seguindo o programa da IC, o PCI

luta em duas frentes: contra o fascismo e contra as oposições aventinianas (duas frentes pelo modo de dizer, porque se trata da mesma frente burguesa), pela ação autônoma do proletariado revolucionário, para organizar a luta dos pobres contra os ricos ao redor do proletariado revolucionário, que é o único a poder desarrumar a reação instaurando um novo Estado, instaurando a sua ditadura.²³²

²³⁰ L'Unità, 10 giugno 1925. Apud: Ibidem, p. 464.

²³¹ GRAMSCI, Antonio. La volontà delle masse. L'Unità, 24 giugno 1925. In _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 239.

²³² Ibidem, p. 241.

A leitura de Gramsci sobre o tema da cisão, da refundação comunista, do partido e da frente única, tenta fundamentar-se em Lênin, mas traz muito da sua formação soreliana e, muito possivelmente, da influencia de Rosa Luxemburg, sendo o próprio entendimento de atuação da frente única pela base a garantir coerência dentro dessa paradoxal justaposição. Ademais, sua formulação encontra-se fortemente condicionada pelas difíceis condições concretas da ação política, que incluía uma dura batalha no interior do PCI e uma persistente indefinição tática na IC. Em Gramsci o tema da cisão e o antipoliticismo presente em Sorel se subvertem em necessidade da criação de uma nova política que atue a reforma moral e intelectual. O partido educa as massas no espírito de cisão, de modo que

a tarefa de nós comunistas é de combater a espontaneidade, de desviar o movimento operário desta inspiração espontânea que tem o trade-unionismo de se refugiar sob as asas da burguesia, e de atirá-lo, ao contrário, sob as asas do marxismo revolucionário.²³³

Com frequência Gramsci reputou a fração de esquerda do PCI de variante do massimalismo, não só pela sua inoperância prática, mas pela defesa da existência de frações organizadas dentro do partido. Na rispidez da disputa, Gramsci retomou uma afirmação do V pleno ampliado da CEIC, que causara impacto nas bases do partido, dizendo: “Onde a posição de Bordiga é a mesma daquela de toda a direita da Internacional é na reivindicação do direito às frações, à organização das tendências”.²³⁴

A argumentação de Gramsci se prendeu resolutamente a buscar legitimidade no ‘leninismo’ e no apoio político da CEIC, enquanto que Bordiga insistia na preservação da

²³³ GRAMSCI, Antonio. “Volontà delle masse” e “volontà dei capi opportunisti”. In: *Ibidem*, p. 246.

²³⁴ GRAMSCI, Antonio. I documenti frazionisti. L’Unità, 25 giugno 1925. In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 234

autonomia e da particularidade de uma 'esquerda italiana' no contexto do Ocidente. Para Gramsci era sempre essencial que se chegasse a uma síntese teórica e a uma unidade ideológica, tendo por eixo o 'marxismo revolucionário'. Já para Bordiga, o essencial era a defesa da pluralidade de concepções ideológicas. Mas, uma vez reconhecida formalmente a organização de frações como ferindo o estatuto, cujo modelo fora definido no V congresso da IC, decidiu-se pela suspensão do debate que vinha sendo travado pelas páginas do *L'Unità*. A discussão transferiu-se então para as instancias de base do partido, deflagrando o processo congressual.

As divergências que puderam ser aclaradas no decorrer do debate congressual giravam mais em torno da concepção de partido, de sua origem histórica, de sua relação com a classe operária, de sua forma organizativa e de sua inserção internacional, do que da própria orientação política, pois a forma em que vinha sendo atuada a política de frente única, na prática não se diferenciava cabalmente da daquela crítica formal que Bordiga insistia em expor como um dos equívocos de Lênin na análise das formas de ser da luta de classes no Ocidente. As diferenças de avaliação do fascismo tinham a mesma origem, pois enquanto Gramsci indicava a novidade do fascismo e sua base de massa pequeno-burguesa, Bordiga insistia em ver no regime uma tendência histórica geral de reação da burguesia em crise. Na verdade, a militância partidária foi ganha para a perspectiva de garantir uma organização sólida e centralizada com um vínculo internacional importante, antes que defender a autonomia de uma tradição nacional, que não teria como resistir ao fascismo.

Gramsci participou de várias conferências de preparação do III Congresso do PCI, inclusive as de Milano e Napoli, cidades importantes, onde a oposição de extrema-esquerda era mais significativa, e também ministrou curso de formação política para jovens que ingressavam no partido. Em meio a essa intensa atividade política, Gramsci foi amadurecendo as idéias que seriam expostas no projeto de teses da maioria do CC, a serem apresentadas ao congresso. Em

setembro, as teses foram finalizadas com auxílio de Togliatti e Grieco principalmente e, certamente, submetidas ao crivo da IC. Foram inicialmente difundidas pelas vias partidárias e só mais tarde parcialmente publicadas na imprensa do partido.²³⁵

No início de novembro, como desdobramento de um fracassado atentado contra a vida de Mussolini, uma nova onda repressiva se impôs, liquidando os restantes espaços legais de autonomia do movimento operário, com a suspensão da CGL, e atingindo duramente a imprensa de oposição e os partidos do Aventino. Particularmente grave mostrou-se a crise do PSI, que abandonou o Aventino em setembro, mas não voltou ao Parlamento. A tentativa de aproximação com o PSU, que acabava de ser dissolvido legalmente, e de confluência na social-democracia internacional, tentada por Pietro Nenni, revelou-se um fracasso que o induziu a demissão da direção do PSI.

Além da Itália, também na França ocorria um deslocamento à direita das forças políticas, que fez fracassar a coalizão de governo reformista, então formada por socialistas e radicais. Nesse contexto, a IC entendeu que a política de frente única deveria visar também a uma aproximação com as lideranças social-democratas. No concreto caso da Itália, em fins de novembro o PCI recebe uma crítica direta da IC, em carta assinada por Jules Humbert-Droz, que dizia:

o modo como o partido utilizou a tática da frente única, nos parece proceder de um certo temor de se dirigir diretamente à direção do partido massalista e de uma certa reserva em relação à própria tática de frente única.²³⁶

²³⁵ Das *Teses de Lyon* tiveram uma maior divulgação as partes conhecidas como "As teses sobre a situação italiana", que pode ser encontrado em diversas publicações. A primeira publicação integral veio à luz somente em 1990, em um volume que apresentou o material referente a um seminário de título *Le Tesi di Lione: Riflessioni su Antonio Gramsci e la storia d'Italia*.

²³⁶ APC, 1925, 315 / 29-31 (Istituto Gramsci). Apud: SPRIANO, Paolo. *Storia del Partito Comunista Italiano: de Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967, p. 467, nota 2.

A crítica da IC chegou poucos dias depois da reunião do CC que procurou analisar as novas condições que se apresentavam para a ação dos comunistas, ao mesmo tempo em que se desenvolvia o processo congressual. Antes de tudo, Gramsci chama atenção para a necessidade de adequação organizativa perante as novas condições apresentadas pela colocação fora da lei do movimento operário autônomo e de repressão à imprensa e as organizações antifascistas. Notava que o fascismo estava a ponto de alcançar o objetivo de unificação das frações da burguesia, “reduzindo, assim, ao mínimo as debilidades organizativas da própria burguesia”, de modo que “ao monopólio político corresponde o monopólio econômico completo da burguesia representada pelo fascismo”. A gravidade da situação se mostrava inteira ao se constatar que “o fascismo, enfim, (...), destruiu todos os organismos da massa, anulou toda a força de manifestação da vontade popular, anulou de fato os poderes representativos”.²³⁷

A reversão dessa situação exigiria uma intensa atividade organizativa e educativa dos comunistas, sobre o proletariado industrial do Norte e o campesinato do Sul da Itália. Gramsci observava que

na Itália a situação é revolucionária quando o proletariado do Norte é forte; se o proletariado do Norte é débil, os camponeses seguem a pequena burguesia; e reciprocamente os camponeses da Itália meridional representam um elemento de força e de impulso revolucionário para os operários do Norte. Os operários setentrionais e os camponeses meridionais são, portanto, as duas forças revolucionárias imediatas (os camponeses do Meridione são 80 por cento controlados pelos padres) às quais devemos dedicar a nossa atenção.²³⁸

²³⁷ GRAMSCI, Antonio. Intervento al Comitato Centrale. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 477.

²³⁸ Ibidem, p. 478.

A aliança operário-camponesa é então o fulcro da frente única na Itália, a qual deve estar voltada contra a burguesia organizada pelo fascismo e, eventualmente, também contra uma possível 'aristocracia operária', burocratizada e corrompida pelo capital. Gramsci tinha a clara percepção de que a Itália era o elo mais fraco da cadeia imperialista, que sua burguesia era organicamente débil e dependente de Inglaterra e EUA.

Essa posição política é tornada pública nas páginas do *L'Unità*. Um duro ataque ao PSI é seguido de uma nítida conclusão:

O problema fundamental que na situação presente o Partido Comunista deve se propor a resolver é aquele de levar o proletariado novamente a ter uma posição autônoma de classe revolucionária, livre de toda influencia de classes, grupos e partidos contra-revolucionários, capaz de recolher em torno de si e guiar todas as forças que possam ser mobilizadas para a luta contra o capitalismo. (...).

O Partido Comunista deve combater sistematicamente e desmascarar aqueles grupos e partidos políticos que são veículo da influencia sobre o proletariado de outras classes e de categorias sociais não revolucionárias. O partido deve se desdobrar para retirar a influencia destes (veículos) até das camadas mais atrasadas da classe operária e fazer surgir da base uma frente única de forças classistas.²³⁹

Em se comparando a carta de Humbert-Droz, que trazia a sugestão do PCI se aproximar do PSI para resistir à consolidação do regime fascista, com a intervenção de Gramsci no CC e com esse artigo, percebe-se que estavam em conflito duas diversas concepções da política de frente única. Essas duas concepções, na verdade, expressam duas estratégias diferentes de luta contra o capital e não variantes táticas utilizadas em uma ou outra ocasião. Nesse aspecto, a política do PCI continuava sendo a de confrontar-se diretamente com o PSI, visando atrair suas

²³⁹ GRAMSCI, Antonio. Elementi della situazione. In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 84.

bases operárias para o campo revolucionário. O que havia mudado é que Bordiga entendia a fórmula política da frente única como inócua, no melhor dos casos, e Gramsci percebia na política da frente única a partir da base, uma estratégia anticapitalista eficaz.

A organização das massas trabalhadoras, dentro de um espírito de cisão com o capital e o Estado burguês, dar-se-ia por meio da construção material de uma subjetividade antagônica na fábrica, nos demais locais de trabalho, nos sindicatos e associações sócio-culturais as mais variadas. Aqui também aparecem os elementos de continuidade com a reflexão de Sorel, ao criar uma clara demarcação entre o mundo da política operária e o da política burguesa, entre o caráter emancipatório da primeira e aquele alienado e opressor da segunda. A fórmula da frente única para Gramsci servia a estratégia revolucionária de criação de uma sociedade civil do mundo do trabalho associado, antagônico ao domínio do capital. Tratava-se da criação, em suma, de uma nova hegemonia.

O problema é que a IC oscilava entre duas estratégias possíveis na tática da frente única: essa que Gramsci buscava encontrar uma definição, perscrutando quais os passos concretos e os objetivos parciais, e uma outra que pressupunha formas de unidade entre os partidos operários dentro da ordem. Em suma, o nó da questão estava no como decifrar o enigma da social-democracia, mas a indefinição da IC criaria motivos para novos desentendimentos com o PCI.

3. As nozes de Lyon e a revolução socialista na Itália.

O III congresso nacional do PCF, que teve de enfrentar a situação política do país, teve que ser realizado no cidade de Lyon, na França, de forma clandestina. No entanto, preparatória do congresso, Gramsci realizou os debates mais importantes que deram origem aos debates realizados no congresso. Contrapondo-se às teses da maioria do CC, que ele representava, aqueles de minoria de "extrema-esquerda", encabeçados por Amadeo Bordighi. Gramsci insistiu na importância da "bolchevização" do partido, segundo o programa apresentado no V congresso mundial do IC e no V plano ampliado do CEIC, visto como a expressão da "proibição qualquer desvio de doutrina e de prática da linha de classe revolucionária".

Capítulo IV

A estratégia da frente única antifascista

Essa afirmação, por sua vez, foi acompanhada de uma série de consequências na vida do PCF (p) e da IC, estava voltada a assegurar os pontos fundamentais de divergência sobre a orientação política que vinha sendo desenvolvida e as definições pela oposição. Apesar da luta de alguns setores, a direção do Gramsci conseguiu vencer e de alcançar uma nova "unidade política", pois que assim se criou condições a "bolchevização".

Gramsci expôs o problema das divergências sobre os seguintes pontos como condições para a unidade política:

- 1- a) a questão da relação entre o Centro dirigente do partido e a massa dos trabalhadores;
- 2- a) a questão da relação entre o Centro dirigente e

*** O III Congresso Nacional do PCF, que teve de enfrentar a situação política do país, teve que ser realizado no cidade de Lyon, na França, de forma clandestina. No entanto, preparatória do congresso, Gramsci realizou os debates mais importantes que deram origem aos debates realizados no congresso. Contrapondo-se às teses da maioria do CC, que ele representava, aqueles de minoria de "extrema-esquerda", encabeçados por Amadeo Bordighi. Gramsci insistiu na importância da "bolchevização" do partido, segundo o programa apresentado no V congresso mundial do IC e no V plano ampliado do CEIC, visto como a expressão da "proibição qualquer desvio de doutrina e de prática da linha de classe revolucionária".

1. As teses de Lyon e a revolução socialista na Itália.

O III congresso nacional do PCI, em razão da situação política do país, teve que ser realizado na cidade de Lyon, na França, de forma clandestina. Na reunião preparatória do congresso, Gramsci assinalou os pontos mais importantes que deveriam nortear os debates, procurando contrapor as teses da maioria do CC, que ele representava, àquelas da minoria de 'extrema-esquerda', encabeçadas por Amadeo Bordiga. Começa insistindo na importância da 'bolchevização' do partido, segundo o endereço apresentado na V congresso mundial da IC e no V pleno ampliado da CEIC, vista como a necessidade de "combater qualquer desvio da doutrina e da prática da luta de classe revolucionária".²⁴⁰

Essa afirmação, perigosa, em se considerando os acontecimentos subseqüentes na vida do PCR(b) e da IC, estava voltada a enunciar os pontos fundamentais de divergência entre a orientação política quer vinha sendo desenvolvida e as defendidas pela oposição. Apesar da dureza de algumas locuções, o objetivo de Gramsci continuava sendo o de construir uma nova 'síntese teórica', pois que assim era como entendia a 'bolchevização'

Gramsci expunha o problema das divergências entre os comunistas italianos como podendo ser agrupados em três pontos fundamentais:

- 1- o problema das relações entre o Centro dirigente do partido e a massa dos companheiros nele inscritos; 2- o problema da relação entre o Centro dirigente e

²⁴⁰ GRAMSCI, Antonio. Il congresso de Lione: intervento allá commissione politica. In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)* Torino: Einaudi, 1978, p. 482.

a classe operária; 3- o problema das relações entre a classe operária e as outras classes anticapitalistas.²⁴¹

A resolução desses problemas aparece como necessários para que

a classe operária seja a classe dirigente da luta anticapitalista, que o Partido comunista dirija a classe operária nessa luta e que esse seja internamente construído de modo a cumprir essa sua função fundamental.²⁴²

Os dois primeiros problemas apresentam um caráter organizativo, com implicações na natureza do partido e no seu caráter de classe. A explanação de Gramsci sugere novamente como a questão da consciência revolucionária operária era concebida como surgindo da posição de classe e como se apresentava o risco da formação de uma camada social intelectual descolada da própria classe, preocupações presentes de formas diferentes em Sorel, em Rosa, mas também no último Lênin.

Gramsci insiste que o partido deve ser considerado como “parte da classe”, que deve se empenhar para “elevar o nível político das massas” e que “os organizadores da classe devem ser os operários mesmos”. Dessa posição deriva a ênfase na unificação política da classe operária e de sua organização nos locais de trabalho. A posição teórica da ‘extrema-esquerda’, na crítica de Gramsci, errava ao considerar o partido como um “órgão da classe”, já que ao colocar no mesmo plano os elementos que compõe as filas do partido, independente de sua origem social, “não se preocupa em salvaguardar o caráter proletário do partido” e coloca em destaque “os intelectuais como elementos politicamente e socialmente mais avançados”.²⁴³

²⁴¹ Ibidem.

²⁴² Ibidem.

²⁴³ Ibidem.

Além de buscar a unificação da classe operária, os comunistas deveriam também unir todas as classes anticapitalistas, pois que

em nenhum país o proletariado encontra-se em grau de conquistar o poder e de mantê-lo só com as suas forças: esse deve assim procurar aliados, i.é, deve conduzir uma política tal que lhe consinta colocar-se à frente das outras classes que tem interesses anticapitalistas e guia-las na luta pelo abatimento da sociedade burguesa. A questão é particularmente importante para a Itália, onde o proletariado é uma minoria da população trabalhadora e está disposto geograficamente de forma tal que não pode presumir a condução de uma luta vitoriosa pelo poder, senão depois de ter dado uma resolução ao problema das relações com a classe dos camponeses.²⁴⁴

Ainda que Gramsci não se refira explicitamente à fórmula política da frente única, seu entendimento da questão fica bastante nítido, nesse momento. Tratava-se de unificar a classe operária sob a direção do partido comunista, garantindo sua autonomia e sua postura antagônica, para o que seria necessário “desagregar socialmente e também politicamente as oposições, para lhes tolher as bases que tinham entre as massas”. Isso seria feito por meio da polemica acerba, particularmente com as direções dos agrupamentos de base operária, buscando sempre se antepor a fenômenos de ‘aristocracia operária’ e formar uma frente única pela base, tendo em vista “o problema fundamental: aquele de abater o fascismo”. A construção da unidade operária se daria ao mesmo tempo em que se estabelecia uma relação com as massas camponesas e se enfrentava a força reacionária do Vaticano e a influência clerical, particularmente no Sul do país. Assim estaria se forjando uma frente única de massas, antifascista, anticlerical e anticapitalista.²⁴⁵

O fascismo deveria ser visto como um órgão de combate da burguesia, mas também como um movimento social. O erro de Bordiga fora, segundo Gramsci, o de considerar apenas o

²⁴⁴ Ibidem, p. 483.

²⁴⁵ Ibidem, p. 484.

primeiro aspecto do problema. Mas, ao concluir seu projeto de unificação orgânica da burguesia, o fascismo obriga os comunistas a atentar para “as diversas estratificações da classe burguesa” e “examinar as estratificações do próprio fascismo”, a fim de que ocorra uma adequação tática que perceba que “será no seio do próprio fascismo que tenderão a ressurgir os conflitos que não podem manifestar-se por outras vias”.²⁴⁶

Se o fascismo aparece como solução para as contradições intraburguesas, também é a demonstração de que

a situação italiana é caracterizada pelo fato de que a burguesia é organicamente mais débil de que em outros países e se mantém no poder só enquanto consegue controlar e dominar os camponeses. O proletariado deve lutar para arrancar os camponeses da influencia da burguesia e pô-los sob sua direção política.²⁴⁷

É certo que Gramsci se equivoca quanto a pretensa debilidade e a capacidade de organização da burguesia italiana, assim como imagina, nesse momento, que a luta anticlerical poderia ter sucessos mais rápidos, mas já conta com uma visão mais complexa das formas de domínio da burguesia. Antes tendia a concordar com a idéia de que o fascismo e uma coalizão liberal-conservadora serviriam como duas vias alternativas para a preservação do poder do capital. Agora pensava que a queda do fascismo poderia significar a passagem de uma “situação reacionária” para uma “situação democrática”, preponderando na primeira a luta para organizar o partido e na segunda a luta para organizar a insurreição. Tudo indica que Gramsci estivesse

²⁴⁶ Ibidem, p. 486.

²⁴⁷ Ibidem, p. 486.

pensando no processo revolucionário russo, entre a queda do czarismo e ascensão dos bolcheviques ao poder.²⁴⁸

Note-se, ainda uma vez, que Gramsci e o PCI encontram-se entre os partidos mais à esquerda no contexto da IC. A maioria avassaladora que Gramsci, em menos de dois anos, conseguiu no partido (da conferência de Como ao III congresso), em verdade, não pode ser entendida sem que se considere a virada à esquerda da IC e a capacidade de atrair a massa do partido para posições políticas que se mantinham bastante à esquerda. De resto, foi o próprio Gramsci a dizer que “a Central do partido é agora fundamentalmente a mesma que foi eleita pelos Congressos de Livorno e de Roma”, indicando que a ‘síntese teórica’ que ele buscava continha algo da contribuição de Bordiga, particularmente o espírito de cisão em relação ao Estado e ao reformismo, que trazia também de Sorel.²⁴⁹

Nas teses da maioria do CC para o III congresso do PCI, abordando a situação internacional, que foram inspiradas nas leituras feitas pelo V congresso mundial da IC e pelo V pleno ampliado da CEIC, fica bastante nítido o entendimento que o PCI, e muito provavelmente Gramsci, tinham das perspectivas do capitalismo. Estar-se-ia vivendo um momento de “estabilização relativa”, dentro de um quadro de sucesso da ofensiva do capital contra o proletariado, ainda que a tendência geral fosse de crise de decadência do capitalismo, particularmente no Ocidente europeu. A tendência declinante da Europa era compensada pela ascensão dos EUA e também da África do Sul e Austrália, não deixando de ser notável a

²⁴⁸ Ibidem, p. 487. Aqui parece sugestivo lembrar a semelhança entre a formulação de Gramsci e aquela expressa por Lukács, nas *Teses de Blum*, redigidas quase três anos depois para o II congresso do KPU, onde trabalha com a fórmula da ‘ditadura democrática’ como campo de disputa pelo poder entre a burguesia e o proletariado.

²⁴⁹ Ibidem, p. 485.

observação de que era o mundo anglo-americano a contar com as maiores possibilidades dentro da ordem sócio-cultural gerada pelo capital.²⁵⁰

Para Gramsci e os comunistas italianos a situação europeia continuava sendo objetivamente revolucionária, tendo assim incorporado a leitura mais à esquerda da noção de “estabilização relativa”. Essa era uma interpretação próxima daquela do presidente da IC, Zinoviev, que no momento do congresso havia já passado para a oposição no PCR (b). Nessa leitura, a saída da crise do capital pela via do desenvolvimento das forças de produção era julgada impossível, o que fazia prever uma ulterior ofensiva sobre as condições de vida e trabalho do proletariado, cujo resultado seria apenas o agravamento da crise e a criação de possibilidades revolucionárias.

Mesmo a possibilidade de ampliação do mercado fazendo uso da periferia colonial era olhada como pouco favorável por razões demográficas (na América do Sul) e políticas (na Ásia oriental). Assim, no que tangia a Europa, a análise de Trotsky, que previa uma fase de desenvolvimento democrático e pacifista, com decisiva contribuição da social-democracia e crescente penetração dos EUA, parecia ter-se mostrado como um equívoco, considerando-se que as forças conservadoras e reacionárias estavam se impondo. Mantinha-se, no entanto, a visão de Trotsky de que a situação revolucionária era permanente.²⁵¹

As teses declaravam ainda que a contradição entre EUA e Inglaterra pelo controle do mercado mundial era a mais importante no seio do imperialismo. Davam destaque a revolução chinesa, então em rápido desenvolvimento, dizendo que nessa confluíam o movimento operário e o movimento de libertação nacional, aliados em uma “frente única revolucionária, que vai dos operários e camponeses à pequena e média burguesia e aos intelectuais”. Essa frente única,

²⁵⁰ Tesi sulla situazione internazionale. AAVV. *Le Tesi di Lione: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990, p. 109 e passim.

²⁵¹ Ibidem, 121-124.



porém, com o avanço do movimento revolucionário, deverá tomar um caráter operário e camponês.²⁵²

Note-se ainda que o documento realça a importância da aliança operário-camponesa na URSS e da existência de um “governo operário e camponês”. De tal maneira, a exemplo do que vinha acontecendo na formulação da teoria revolucionária para a Itália, há uma forte ênfase no papel revolucionário do campesinato no contexto internacional, do mesmo modo que se insiste sobre o papel propulsor que a URSS pode e deve desempenhar para o reforço do movimento operário, objetivo “que essa alcança desenvolvendo e reforçando a si mesma tanto economicamente como politicamente”.²⁵³

Para Gramsci, assim, o reforço da aliança operário-camponesa na URSS não contraditava com o fortalecimento da aliança operário-camponesa no desenvolvimento da revolução chinesa e tampouco com a retomada da revolução proletária na Europa, com a particularidade nacional italiana centrada também nessa aliança social e política. Por esse caminho, sua formulação se aproximava de Bukhárin, com a decisiva diferença que o dirigente russo tendia a ver a “estabilização capitalista” como uma fase mais duradoura, ancorada numa reestruturação produtiva do capital, enquanto Gramsci e os comunistas italianos persistiam na concepção de que “a estabilização é um episódio provisório e somente aparente da situação”, pois os elementos determinantes continuavam a ser a guerra e a revolução.²⁵⁴

Percebe-se então que a originalidade de Gramsci está em incorporar criticamente contribuições teóricas advindas de um contexto de conflito e formular uma nova síntese. Gramsci vinha decididamente se empenhando em aprender da formulação produzida pelo grupo dirigente bolchevique desde sua primeira estadia em Moscou, se sobrepondo ao processo de cisão orgânica

²⁵² Ibidem, p. 127-128.

²⁵³ Ibidem, p. 128-131.

²⁵⁴ Ibidem, p. 135.

e regressão teórica, que estava perto de atingir seu auge no PCR(b). Mas por enquanto, junto com o congresso, Gramsci saudava o fato de que “a afirmação das correntes de esquerda no V Congresso mundial significaram uma vitória das forças revolucionárias contra os resíduos do oportunismo social-democrata no terreno organizativo”.²⁵⁵

As teses referentes aos problemas nacional e colonial voltam a destacar a importância da aliança operário-camponesa explicitando as condições históricas dessa frente única: “os camponeses pobres e médios, no período da luta proletária contra o capitalismo e no período sucessivo da ditadura proletária tornam-se um aliado da classe operária”.²⁵⁶ Essas teses dão grande atenção para a Iugoslávia e os Bálcãs, em geral, realçando a necessidade da aliança entre as classes trabalhadoras de ambos os países da Itália e da Iugoslávia.²⁵⁷

As teses sobre a situação política da Itália e sobre o partido avaliam como débeis o capitalismo e a burguesia italianas, mas, ainda assim, enunciam que

o capitalismo é o elemento predominante na sociedade italiana e a força que prevalece na determinação de seu desenvolvimento. Deste dado fundamental deriva a consequência que não existe na Itália possibilidade de uma revolução que não seja a revolução socialista.²⁵⁸

O industrialismo é visto como fraco em razão da falta de matéria-prima, obrigando-o a estabelecer compromissos econômicos com os grandes proprietários agrários, que predominam sobre uma grande massa de trabalhadores pobres. Entre essas duas camadas dominantes há uma

²⁵⁵ Ibidem, p. 132.

²⁵⁶ Tesi per il lavoro nazionale e coloniale. AAVV. *Le Tesi di Lione: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990, p. 135.

²⁵⁷ É de se recordar a grande proximidade entre a guerrilha comunista italiana e iugoslava ao final da guerra antifascista, que fizeram o PCI oscilar entre aprofundar a revolução ao Norte, com a guerrilha comunista contando com o apoio do exército popular iugoslavo ou recuar a fim de preservar a unidade nacional italiana, tendo prevalecido essa última opção defendida por Togliatti contra Mauro Scoccimarro.

²⁵⁸ Progetto di tesi politiche. AAVV. *Le tesi di Lione: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990, p. 174-175.

pequena burguesia grande e diversificada, formada por artesãos, profissionais e empregados do Estado. Do fato da aliança entre industriais e grandes agrários contar com uma base territorial, aparece um impedimento para que qualquer força social, que não o proletariado, possa desempenhar uma função de efetiva unificação nacional. Desse modo, a tentativa da pequena-burguesia em dar uma nova solidez ao Estado italiano só podia ser afetada pela precariedade. A conclusão era a de que as condições sócio-históricas concretas da Itália faziam desse país o elo fraco da cadeia imperialista, no qual era crucial a aliança operário-camponesa:

Há na Itália uma confirmação da tese de que as condições mais favoráveis para a revolução proletária não ocorrem necessariamente sempre nos países aonde o capitalismo e o industrialismo chegaram ao mais alto grau de seu desenvolvimento, mas podem, em vez, ter lugar lá onde o tecido do sistema capitalista oferece menores resistências, pela sua debilidade de estrutura, a um ataque da classe revolucionária e de seus aliados.²⁵⁹

Na análise do regime fascista as teses fizeram uma retomada conclusiva de toda a formulação dos anos precedentes, entabuladas por Gramsci. Considera-se que

o fascismo, como movimento de reação armada que se propõe o escopo de desagregar e desorganizar a classe trabalhadora para imobilizá-la, reentra no quadro da política tradicional das classes dirigentes italianas e da luta do capitalismo contra a classe operária.²⁶⁰

Por isso, nas suas origens, o fascismo recebe os favores dos velhos grupos dirigentes, particularmente das classes agrárias tradicionais. Ocorre que "socialmente, porém, o fascismo encontra sua base na pequena burguesia urbana e em uma nova burguesia agrária surgida de uma

²⁵⁹ Ibidem, p. 177.

²⁶⁰ Ibidem, p. 181.

transformação da propriedade rural em algumas regiões”, que alcançaram uma unidade ideológica e organizativa nas formações paramilitares e no partido fascista, com isso “permitindo conceber e atuar um plano de conquista do Estado em contraposição às velhas camadas dirigentes”.²⁶¹

O fascismo apresenta um novo modo de conceber a unificação das classes dominantes italianas, substituindo os acordos e compromissos próprios do Estado liberal, pelo “propósito de realizar uma unidade orgânica de todas as forças da burguesia em um só organismo político, sob o controle de uma única central, que deveria dirigir ao mesmo tempo o governo e o Estado”. No entanto, a consecução da unidade orgânica da burguesia demanda a superação paulatina das oposições liberal-burguesas, articuladas em alguns órgãos de imprensa, em agrupamentos políticos e na Maçonaria, promovendo também um deslocamento das classes dirigentes tradicionais e agravando a exploração das massas camponesas do Sul, as quais tendem a se aproximar da pequena burguesia.²⁶²

Os comunistas percebiam corretamente que o fascismo se endereçava para a unificação orgânica da burguesia e para uma substituição do pessoal tradicional da administração estatal por novos elementos egressos da pequena burguesia, mas mesmo assim vislumbravam para breve a crise do regime. Essa ilusão não era, porém, exclusividade dos comunistas, pois que o conjunto das forças antifascistas também nela se encontrava imerso.

Nessa situação, na qual a análise parece sugerir um paradoxo, pela dificuldade evidente de levar a cabo as tarefas propostas, são consideradas forças motrizes da revolução italiana “1. a classe operária; 2. os camponeses do Mezzogiorno e das Ilhas e os camponeses das outras partes da Itália”. As condições para a revolução estariam dadas, por um lado, no momento em que o

²⁶¹ Ibidem, p. 181 (bis)

²⁶² Ibidem, p. 182-185.

proletariado conseguisse um alto grau de organização e combatividade, e conseguisse selar a aliança com o campesinato, separando-os daquela pequena burguesia, que maciçamente passava a apoiar o fascismo. Por esse aspecto,

o problema de romper a aliança dos camponeses com as forças reacionárias deve ser posto, em grande parte também em outros países da Europa ocidental, como problema de destruir a influencia da organização católica sobre as massas rurais.²⁶³

Ademais, o PCI identifica uma cadeia de forças reacionárias, que, partindo do fascismo, passa pelos agrupamentos políticos antifascistas, incluindo a vertente reformista e a massimalista do socialismo italiano, e se fecha na direção da GGL. As forças que se identificam na liberal-democracia tendem a se propor como uma alternativa ao fascismo, mas esse objetivo está condicionado ao estabelecimento de um freio no desenvolvimento do movimento de massas. Uma política de frente única antifascista que abarcasse todas essas forças estaria contribuindo para uma ação de defesa do regime capitalista.

Para os comunistas italianos, pelo fato de existir uma situação revolucionária em permanência, os objetivos antifascistas e anticapitalistas, tendiam, necessariamente, a se confundir. A meta dos comunistas deveria ser aquela de “transformar os movimentos ‘revolucionários democráticos’ em movimentos revolucionários operários e socialistas”, isso em razão da

impossibilidade de que o regime instaurado pelo fascismo sofra radicais limitações e transformações em sentido ‘liberal’ e ‘democrático’, sem que seja

²⁶³ Ibidem, p. 186.

desencadeada contra o fascismo uma luta de massas, a qual deverá inexoravelmente desembocar em breve prazo na guerra civil.²⁶⁴

Num momento que os comunistas julgavam ser de preparação política para a revolução, durante a qual a unidade ideológica era imprescindível, não deveriam ser aceitas nem as posições da extrema-esquerda, que separavam o partido das massas e defendem o fracionismo, e tampouco aquelas que defendiam a frente única democrática, pois essa se esquecia que “a social-democracia não é uma ala direita do movimento operário, mas uma ala esquerda da burguesia e como tal deve ser desmascarada perante as massas”.²⁶⁵

Um partido cujo objetivo é o de fazer com que o proletariado alcance uma completa autonomia política tem que ser organizado sobre a base da produção e se identificar unicamente com a classe operária, sem que deixem de serem acolhidos os intelectuais anticapitalistas e camponeses que façam a ligação com as camadas rurais de trabalhadores. Muito mais do que por imposição da IC,

A prática do movimento de fábrica (1919-20) demonstrou que só uma organização aderente ao local e ao sistema de produção permite estabelecer um contato entre os estratos superiores e os estratos inferiores da massa trabalhadora (qualificados, não qualificados, auxiliares) e de criar vínculos de solidariedade que tirem as bases de todo fenômeno de ‘aristocracia operária’.²⁶⁶

É precisamente a partir da produção que

²⁶⁴ Ibidem. p. 203.

²⁶⁵ Ibidem. p. 190.

²⁶⁶ Ibidem. p. 195.

a frente única de luta antifascista e anticapitalista que os comunistas se esforçam por criar deve tender a ser uma frente única organizada, ou seja, fundar-se sobre organismos em torno dos quais toda a massa encontre uma forma e se acolha.²⁶⁷

Assim que

a palavra de ordem dos Comitês operários e camponeses deve ser considerada como fórmula resumida de toda a ação do Partido enquanto essa se propõe a criar uma frente única organizada das classes trabalhadoras.²⁶⁸

Além de uma estratégia voltada para a formação de uma frente única revolucionária das massas trabalhadoras, a tática da frente única é considerada adequada também para a finalidade de “desmascarar partidos e grupos autodenominados proletários e revolucionários que contam com uma base de massa”. Nesse caso o grupo dirigente e a própria organização do PSI deveria ser considerada adversária, em se considerando que a direção política das massas operárias é o que se acha em disputa.²⁶⁹

A atividade de agitação do Partido, tendo em vista a formação da frente única deve convergir para a fórmula do ‘Governo operário e camponês’, como meio capaz de levar as massas mais atrasadas para o terreno da luta pela ditadura do proletariado. Destaca-se, no entanto, que “essa é uma fórmula de agitação, mas não corresponde a uma fase real de desenvolvimento histórico, a não ser ao modo das soluções intermediárias, (...)”.²⁷⁰

No campo fabril e sindical, a frente única das massas trabalhadoras deverá “ser aderente ao próprio lugar da produção, à fábrica”. A experiência das ‘comissões internas’, forjada em

²⁶⁷ Ibidem, p. 204.

²⁶⁸ Ibidem, p. 204.

²⁶⁹ Ibidem, p.204-205.

²⁷⁰ Ibidem, p. 207.

1919-1920, pelo movimento operário de Torino, deve subsistir onde parecer possível e ressurgir sempre que as condições permitam. Porém, diante das dificuldades impostas pelo fascismo para a organização sindical autônoma, deveriam se organizar comitês de agitação que, servisse de meio de construção da frente única a ser materializada nos comitês operários e camponeses. E ainda que

diferentes das Comissões internas pela fôrma, são a essas análogos na substancia, porque também são órgãos de agregação e de representação de toda a massa trabalhadora das oficinas, e de mobilização no terreno de classe, pelo alcance de finalidades imediatas e a preparação de lutas sempre mais vastas.²⁷¹

O entendimento, tanto da fórmula política da frente única, como do conteúdo da palavra de ordem do 'governo operário-camponês', seguia assim a lógica estabelecida no V congresso mundial da IC, deixando de ser levada em conta o ajuste da orientação política da IC, que vinha se manifestando nos meses precedentes e que voltava a dar valor à fórmula da frente única também 'pelo alto'. As intervenções de Humbert-Droz no congresso, apenas sugeriram uma maior atenção em relação ao partido massimalista e a possibilidade de uma aproximação, mas suas palavras não obtiveram eco.

A nova direção nacional ficou composta pela grande maioria de 90% que apoiou as teses apresentadas pelo CC, incluindo a antiga 'direita', e também pelos 10% que apoiaram as teses defendidas pela 'extrema-esquerda'. O Comitê Executivo Político ficou composto por Gramsci, Togliatti, Terracini, Scoccimarro, Grieco, Camilla Ravera e Ravazzoli, com outros nomes importantes como Bordiga, Leonetti, Serrati e Malfi fazendo parte do CC. Ficou decidido que Togliatti, um dirigente de destaque, deveria ser o representante do PCI junto a CEIC.

²⁷¹ Progetto di tesi sindacali. In: AAVV. *Le tesi di Leone: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990, p. 222-223.



considerando o delicado momento que o PCR (b) estava enfrentando no processo de cisão de seu grupo dirigente.

A avaliação que Gramsci fez dos resultados do congresso foi bastante positiva. O partido havia aprovado a 'bolchevização', constituindo um novo Comitê Central, que incorporava uma grande maioria dentro de uma orientação política tendente a ser uma nova síntese organizativa e teórica. A questão da centralização e da unidade democrática deveria, a partir de agora, ser vista como uma questão de ética revolucionária, não obstante a resistência de uma reduzida 'extrema esquerda' e da manifestação quase isolada de Ângelo Tasca, em defesa de algumas teses consideradas de 'direita'.²⁷²

No texto de avaliação dos resultados do congresso que Gramsci ditou para ser publicado no L'Unità, afirmava, comprovando a importância teórica do problema, que a frente única era uma questão relativa às "relações de direção política entre a parte mais avançada do proletariado e suas frações menos avançadas", assim como da relação entre o proletariado e outras classes objetivamente anticapitalistas, particularmente o campesinato. Nesse aspecto destacava a necessidade premente de agir para que o campesinato se empenhasse para obter uma organização autônoma, considerando "a passagem em massa da pequena burguesia meridional para o fascismo".²⁷³

²⁷² Angelo Tasca defendia a tese de que o 'governo operário camponês' poderia surgir de uma frente única de partidos antifascistas que poderiam ter no parlamento sua expressão institucional. Note-se analogia com a posição assumida por Togliatti e o PCI no momento da queda do fascismo, em 1944-45.

²⁷³ GRAMSCI, Antonio. Cinque anni di vita del partito. In: _____. *La costruzione del Partito comunista (1921-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 98 e 107.

2. O III Congresso na prática e as novas linhas de clivagem.

Apesar do otimismo de Gramsci, logo se fez notar o agravamento da perseguição fascista e o aparecimento de algumas divergências na nova direção partidária, que se fizeram sentir particularmente a partir de Moscou. Essas divergências seriam de pouca monta, caso não se imbricassem sempre mais com o problema do agravamento da repressão fascista e o ápice da luta interna no PCR (b).

Com o sindicalismo autônomo nos estertores, com a imprensa antifascista praticamente calada, com os partidos políticos do Aventino a ponto de dispersão e com a persistente violência policial, o regime fascista estava se consolidando celeremente. Ao mesmo tempo em que eliminava os resquícios das instituições liberais, o fascismo se apodera da máquina estatal, à qual subordina o próprio PNF e suas milícias. Colimou esse processo, ao aproximar-se o final do ano de 1926, a proibição dos partidos e organismos políticos antifascistas e a formal abolição do que restava do parlamento liberal.

Do início do processo de fascistização, em 1921, até a consolidação do regime, em fins de 1926, a burguesia industrial conseguiu restabelecer a disciplina na fábrica, suprimir o direito de greve, reduzir os salários, prolongar o tempo de trabalho e destruir o sindicalismo autônomo, seguindo o objetivo de estabelecer uma forma de racionalização na produção. A política da Confindustria, visando a organização científica do trabalho, precisava de um clima de colaboração entre as classes, que o social-reformismo não pode oferecer. mas o projeto fascista de subordinação corporativa da classe operária ao Estado e o discurso nacionalista foram capazes de se vincular aos impulsos produtivistas requeridos pela grande indústria.

A expressão dessa convergência havia já se manifestado com o chamado “pacto do Pallazzo Vidoni”, de outubro de 1925, que concedeu o monopólio de representação dos trabalhadores ao sindicato fascista. Com isso, o fascismo procedia a uma aproximação com o ‘fordismo’ e recebia a aceitação dos diferenciados designios corporativos provenientes do mundo católico, embora esse tivesse uma diversa concepção e matriz teórica.²⁷⁴

A organização científica do trabalho redefine a subalternidade operária no próprio interior do processo produtivo, sem deixar de estar vinculado ao projeto fascista de reorganização do Estado. Assim, o rebaixamento das condições de vida, a imposição da disciplina na fábrica e a intensificação do trabalho formavam um complexo articulado. Em janeiro de 1926, indo de encontro aos interesses da burguesia industrial, foi criado o Ente Nazionale Italiano per la Organizzazione Scientifica del Lavoro (ENIOS), cuja intenção era a de difundir o taylorismo na indústria do país. Daí para diante a cadeia de montagem se generaliza, mas ocorre também uma padronização do material utilizado e um correlato aumento de produtividade, indicando como, na Itália, o taylorismo e o fordismo avançavam no processo de acumulação do capital.²⁷⁵

Ainda que a ditadura fabril fosse duríssima, os comunistas conseguiram organizar algumas dezenas de ‘Comitês de agitação’, entendidos como órgãos da frente única. O papel dessa forma de organização e a sua relação com a questão sindical suscitaram alguma polemica com a delegação da CEIC ao III congresso do PCI, que foi retomada no VI pleno ampliado de fevereiro. Desde Moscou, onde se encontrava representando o PCI e conduzindo a delegação italiana ao VI pleno ampliado da CEIC, Togliatti procurou aparar as arestas que permaneciam entre o organismo partidário e a IC, insistindo em que fosse dada uma ênfase maior na ação

²⁷⁴ DUBLA, Ferdinando. *Gramsci e la fabbrica*. Bari: Lacaita, 1986, p. 99 passim.

²⁷⁵ Ibidem, p. 104-108.



política em defesa das liberdades sindicais e na aliança com os 'massimalistas', particularmente depois da adesão do PSI ao Comitê Sindical Anglo-russo.

Além de pedir o cumprimento pelo partido de decisão tomada em conferencia sindical do PCI, realizada em 20 de dezembro de 1925, que corrigia as teses congressuais e criava um vínculo mais estreito entre 'comitês de agitação' e 'comitês de defesa sindical', Togliatti incorporava a sugestão advinda do VI pleno ampliado da CEIC para que fosse proposta uma frente única sindical aos massimalistas. As sugestões de Togliatti foram acatadas pela direção do PCI, restando a justificativa (pouco convincente) de que não viera a conhecimento da direção as atas da conferencia sindical. Na prática, havia sido feita a opção pelas indicações das teses congressuais originais.²⁷⁶

Mais estridente foi a manifestação divergente no seio da delegação italiana ao VI pleno do CEIC, eclodida entre Bordiga e Togliatti, a qual traria, em seguida, desdobramentos para a própria maioria da direção nacional. Bordiga, dentro de um possível esforço para compor uma frente de oposições de 'esquerda' e 'extrema-esquerda' na IC, orientado por Trotsky, entabulou um acalorado debate com Stalin sobre os pontos essenciais de divergência existentes entre os comunistas, numa reunião do secretário-geral do PCR (b) com o grupo italiano. Na reunião plenária foi o próprio Togliatti a refutar as posições defendidas por Bordiga, que insistiam na

²⁷⁶ VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 22-33. Não é convincente o empenho de Giuseppe Vacca de fazer crer que havia uma semente de divergência estratégica entre Togliatti e Grieco, de um lado, e Gramsci e Scoccimarro, de outro, no que tangia a política sindical e da frente única. A idéia de uma frente única 'pelo alto' com o PSI iria de encontro ao desejo de Humbert-Droz, mas não de Togliatti ou Gramsci, embora correspondesse à política específica da FGCI (jovens comunistas). O que é perceptível, por ora, é apenas a preocupação de Togliatti em preservar a política dos comunistas italianos no sulco majoritário da IC. De resto, sabe-se que a política de frente única sindical com os massimalistas e com a juventude socialista esteve presente já na época em que Bordiga dirigia o partido.

particularidade do Ocidente e da inconsistência da fórmula da frente única. Togliatti, por seu turno, defendeu a política do PCI e da IC.²⁷⁷

Embora o nome de Bordiga tivesse sido indicado pelo III congresso nacional do PCI para ser um dos membros do Comitê Executivo em Moscou, junto com Togliatti, os acontecimentos do VI pleno do CEIC, induziram um contencioso. Diante do comportamento de Bordiga no encontro internacional, que chegara mesmo a contestar a legitimidade do recente congresso do PCI, e das muitas interlocuções entre os grupos de oposição, que incluíram também os italianos que ali se encontravam exilados, Togliatti entendeu que “o partido deverá ter presente o perigo de uma atividade fracionista em Moscou, ao decidir se convém ou não enviar Bordiga para cá, neste verão”, já que “é preciso examinar se, dado que creio sejam consideradas perdidas todas as esperanças de reconquistar Bordiga, não convenha, em vez, continuar na tática do isolamento”.²⁷⁸

A Comissão Política do PCI, um mês depois reafirmou a decisão congressual de enviar Bordiga a Moscou, embora fosse consenso o estupor causado pelas suas atitudes assumidas durante o VI pleno. O retorno de Bordiga a Itália foi o sinal para que seus seguidores também passassem a contestar a legalidade do III congresso, ao mesmo tempo em que na Rússia avançava o acordo para a composição da ‘oposição unificada’, que preferiu manter-se apartada de frações de extrema-esquerda. Essas, por sua vez, estavam enfrentando forte pressão que chegou a medidas de expulsão, como a que atingira Karl Korsch no KPD. A orientação predominante na IC e particularmente no PCI era ainda a de evitar medidas extremas, mas a tensão só fazia aumentar, especialmente depois da formalização do ‘bloco de oposição’ no PCR (b), ao fim de junho.

²⁷⁷ Diante da enorme diversidade teórico-política e de situações nacionais, o empenho para a formação de uma oposição de esquerda e extrema-esquerda na IC nunca pareceu ser exequível.

²⁷⁸ Togliatti allá Segreteria del Pcd'I, 23 marzo 1926. In: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 191.

Foi então que o Presidium da IC solicitou ao PCI que fosse mais severo com a oposição bordighista, tendo em vista que essa nem ao menos reconhecia a validade do III congresso partidário. Com isso a posição de Togliatti, contrária a ida de Bordiga a Moscou, viu-se bastante reforçada. Ao mesmo tempo a direção política do PCI reafirmava sua postura de “evitar as expulsões enquanto seja possível”, do mesmo modo que “não tolerar, a qualquer custo, o trabalho fracionista”.²⁷⁹

Mesmo que sobre o encaminhamento da forma melhor de enfrentar a questão da oposição de Bordiga tenham surgido diferenças entre Togliatti e o secretariado político do PCI, particularmente Gramsci e Scoccimarro, todos se encontravam no terreno da orientação emanada do III congresso. Isso pode ser visto na discussão sobre a conjuntura política internacional do primeiro semestre daquele ano de 1926, tema sobre o qual também emergiam algumas possíveis diferenças entre o grupo que atuava na Itália e seu representante em Moscou. Contestando uma carta de Togliatti, que dava conta das imensas expectativas geradas pela greve inglesa, em nome do secretariado político, Mauro Scoccimarro escrevia: “É verdade que a greve inglesa, a crise na França, o golpe de Estado na Polônia são acontecimentos que empurram a situação para uma crise revolucionária, mas não cremos que sejamos chegados já e esse ponto”.²⁸⁰

Percebe-se que Togliatti tinha uma visão bastante otimista das perspectivas revolucionárias para o período seguinte, como de resto parecia ser também a posição da maioria dos dirigentes comunistas italianos, assim como eram concordes as posições de Togliatti e do secretariado-político sobre a tática de frente única. Naquele momento, o PCI tentava influenciar a base do PSI, tendo em vista um seu deslocamento à esquerda e a formação de um setor

²⁷⁹ Segreteria del PCd'I a Togliatti, 28 giugno 1926. In: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il cattedro del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 319.

²⁸⁰ Ibidem, p. 318. A carta de Togliatti não foi encontrada. Convém lembrar ainda, a esse ponto, que a leitura que o PCI tinha da chamada “estabilização capitalista” correspondia àquela do V congresso mundial da IC, que fora derivada da formulação de Zinoviev.

favorável à frente única, utilizando os contatos existentes entre os organismos juvenis de ambos os partidos.²⁸¹

Surgia entre os comunistas italianos uma forma de atuar a política de frente única de uma maneira menos tosca e sectária que em outros países, criticando e debatendo com as direções socialistas, ideológica e programaticamente, ao mesmo tempo em que se buscava aproximação com a juventude e com os setores de base e intermediários do socialismo 'massimalista'. No entanto, os melhores resultados na política de frente única vinham sendo alcançados mesmo nos contatos com a esquerda católica.

Nem toda a correspondência enviada de Togliatti ao PCI e vice-versa chegava ao destino, provocando alguma desorientação política. Parece que só na segunda quinzena de julho a direção do PCI ficou inteiramente informada da decisão tomada pelo Presidium da IC sobre a suspensão da ida de Bordiga a Moscou. O PCI, além de pedir esclarecimentos enviou uma carta confirmando a posição partidária (e que não correspondia àquela defendida por Togliatti). Além de manifestar inteiro desacordo com a decisão do Presidium da IC, o secretariado político do PCI insistia em que Bordiga não havia pedido para ir a Moscou, mas "fomos nós, que, seguindo ainda a mesma linha política em relação à extrema-esquerda, mostramos ao companheiro Bordiga seu dever de trabalhar para o partido e a Internacional", como membro do C.E. do PCI.²⁸²

Essa carta lembrava ainda que

no Congresso do Partido nós obrigamos a extrema-esquerda a participar do CC; em seguida nós os obrigamos a trabalhar para o partido. No último Plenum da CE (IC) o camarada Ercoli (Togliatti), do alto da tribuna, convidou o camarada

²⁸¹ Ibidem, p. 319.

²⁸² Segreteria del PCd'I al Segretariato del KOMINTERN, 29 luglio 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino Einaudi, 1999, p. 354-356.

Bordiga a colaborar com a Internacional Comunista e a trabalhar em seus órgãos centrais.²⁸³

Em seguida nega que a idéia de enviar Bordiga a Moscou fosse uma forma premeditada de afasta-lo da Itália e assim facilitar a luta contra a extrema-esquerda. A carta se conclui com uma sugestão de que não se deveria temer o debate aberto e que seria essa a forma melhor de enfrentar o 'bordighismo'.

Diante da insistência do PCI, a questão foi deixada em aberto, para ser resolvida no VII pleno ampliado da CEIC, marcado para ser realizado em novembro/dezembro.²⁸⁴ Togliatti parecia pensar que, mais que nunca, diante do agravamento da situação italiana, desembocasse o processo na revolução ou no aprofundamento da contra-revolução, o PCI deveria estar afinado com as posições majoritárias do PCR (b) e da IC, não permitindo qualquer flanco aberto para a oposição interna. Mauro Scocccimarro, Gramsci e o secretariado político do PCI, em geral, entendiam que a dialética democrática e a busca de uma síntese teórico-prática permanentemente reposta pelo movimento do real eram da própria essência do partido revolucionário, que não poderia prescindir de qualquer de seus elementos, a menos que se voltasse contra a eficácia organizativa e política dos comunistas.

Essa diferença de perspectiva tinha implicações principalmente na compreensão da função nacional do partido e de seu vínculo internacional, assim como sobre o problema de como as seções nacionais e os componentes teóricos e políticos da IC deveriam se relacionar entre si no processo internacional da revolução socialista, da qual era parte nuclear a fórmula da frente

²⁸³ Ibidem.

²⁸⁴ Para aquela ocasião, mais uma vez Bordiga foi indicado como delegado do PCI, juntamente com Togliatti e Tasca, mas não chegou a Moscou, tendo sido detido pela polícia fascista, que lhe retirou o passaporte. Em compensação, desde fim de julho, medidas disciplinares foram tomadas pelo PCI contra vários dos membros da extrema esquerda, que foram suspensos por persistirem em não acatar a orientação política expressa pelo III congresso. Entre eles se encontravam Fortichiari, Reposi, Perrone e Vercesi. PISTILLO, Michele. *Gramsci – Togliatti: polemiche e dissensi nel 1926*. Bari: Lacaita, 1996, p. 47.

única. Essa problemática, que estava implícita na discussão sobre a conveniência ou não de uma estadia de Bordiga em Moscou, voltou à tona de uma maneira mais explosiva no mês de outubro.

Até então, a direção política do PCI havia preferido não abordar as questões que implicavam uma divergência de perspectiva no desenvolvimento da revolução socialista na URSS, atendo-se somente a condenar as atitudes fracionistas da 'oposição unificada'. Togliatti, por sua vez, tendo mais claros os objetivos de cada uma das tendências que se digladiavam no PCR (b) e certo de que a cisão era praticamente inevitável, entendia que o PCI deveria, o quanto antes, discutir as posições contrastantes e tomar uma posição de irrestrito apoio à maioria de Bukhárin e Stalin, ainda que estivesse vigendo a decisão tomada antes do VI pleno ampliado do CEIC, de não difundir o debate sobre a questão russa às outras seções da IC.

O texto de abertura das discussões do Comitê diretivo do PCI, reunido em 2 e 3 de agosto, segue a determinação anterior de não se tocar nos problemas internos do PCR(b), tanto que o debate ficou circunscrito a uma análise da situação italiana e européia. Gramsci apresenta então um esforço de particularização da tática de frente única para a Itália, que é um avanço teórico bastante significativo. O papel dos 'comitês de agitação' era o de colocar as massas em movimento e agregá-las em frente única. No entanto, essas massas eram base social ou esfera de influência de partidos que também se referiam aos trabalhadores, de modo que a forma com a qual se organizavam e organizavam seus seguidores deveria ser considerada, a fim de se estabelecer uma diretriz de ação política tendo em vista a frente única.

Gramsci observava que os partidos democratas e social-democratas se organizavam de modo bastante distendido e que se compunham genericamente de três estratos: um estrato superior, composto por parlamentares e intelectuais, com vínculos com as classes dominantes; um estrato inferior formado por operários, camponeses e pequena-burguesia urbana, compondo a massa partidária e de simpatizantes; e um estrato intermediário "que mantém a ligação entre o

grupo superior dirigente e as massas do partido e a população influenciada pelo partido”. O diagnóstico de Gramsci apontava ser precisamente

sobre uma notável parte destes estratos médios dos diversos partidos de caráter popular que se exercita a influencia do movimento pela frente única. É neste estrato médio que se verifica esse fenômeno molecular de desagregação das velhas ideologias e dos velhos programas políticos e se vêem os inícios de uma nova formação política no terreno da frente única.²⁸⁵

Assim, na formula política da frente única concebida por Gramsci, não cabia acordos entre direções partidárias, considerando estarem estas, de um ou outro modo, entranhadas no Estado burguês, enquanto que a dispersão das massas, por sua vez, tornava extremamente complexa e fluida a organização de uma frente única de massas. Daí a razão pela qual a frente única deveria ser feita a partir dos estratos intermediários dos partidos que reivindicavam a representação operária e popular. Eram quadros especializados na atividade política e que contavam com uma representação direta no movimento social. A juventude era outro elemento estratégico para a consecução da frente única, que, por sua própria natureza de fase formativa poderia se entender com as direções de organizações análogas de outros partidos.

A política de frente única das massas trabalhadoras, tal como Gramsci a concebia, nada tinha de ‘sectária’ ou ‘isolacionista’, pois era justamente o vínculo com as massas e seu direcionamento anticapitalista é que deveria definir os contornos dessa política. O essencial era a subtração da influencia sobre as massas das organizações existentes e sua desagregação molecular. Se Gramsci entendia como ineficaz qualquer acordo estratégico com as direções dos partidos da oposição democrática, notável é a importância dada à possível adesão de um membro

²⁸⁵ GRAMSCI, Antonio. Un esame della situazione italiana. In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 115.

da Ação Católica ao programa da frente única proletária. Isso se explica pelo fato de tratar-se de uma organização que é

uma parte integrante do fascismo, que tende através da ideologia religiosa a dar ao fascismo o consenso de amplas massas populares, e esta destinada em um certo sentido, na intenção de uma tendência fortíssima do Partido fascista (Federzoni, Rocco, etc.), a substituir o próprio Partido fascista na função de partido de massa e de organismo de controle político da população.²⁸⁶

Gramsci pretendia então disputar a direção das massas trabalhadoras ao próprio fascismo, principalmente porque percebia a existência de duas tendências no regime: uma, já aludida, que pretenderia um acordo de estabilização entre as instituições do Estado, a monarquia e o exército, mas também a Igreja; outra, representada por Farinacci, era expressão da contradição entre agrários e industriais e da contradição entre a pequena-burguesia e o capitalismo. Inconteste era que “o atual fascismo representa tipicamente o claro predomínio do capital financeiro no Estado, capital que deseja sujeitar todas as forças produtivas do país” e também “o fato da submissão completa em que a Itália foi posta pelo governo fascista diante da América”. Daí a atualidade que Gramsci percebia na utilização da palavra de ordem dos “Estados Unidos Soviéticos da Europa” (resgatando conhecida e polemica posição de Trotsky).²⁸⁷

As dificuldades econômicas poderiam oferecer um campo político para a desagregação do fascismo, mas Gramsci entendia ainda, como vinha fazendo desde 1922, que a burguesia contava, além do fascismo, com uma outra alternativa para barrar o possível desenvolvimento da revolução proletária: um regime constitucional liberal, mais ou menos democrático. E Gramsci percebe que “ocorre no campo da democracia um certo reagrupamento com caráter mais radical

²⁸⁶ Ibidem, p. 116.

²⁸⁷ Ibidem, p. 117.



do que no passado”, difundindo a ideologia republicana entre os estratos intermediários dos partidos, tão cruciais para a política de frente única, e que poderiam vir a se apossar do poder, em caso de uma catástrofe do regime. Pois,

se é verdade que politicamente o fascismo pode ter como sucessor uma ditadura do proletariado (...) não é certo, porém, nem mesmo provável, que a passagem do fascismo a ditadura do proletariado seja imediata.²⁸⁸

Em nenhum momento Gramsci sacrifica a autonomia e o antagonismo da classe operária e da frente única, mesmo quando sua análise avalia a possibilidade de fases intermediárias no processo social e político voltado para a revolução socialista.²⁸⁹ Gramsci considerava que a posição do exército e da burocracia civil poderia ser decisiva para, diante de uma eventual crise, “levar ao poder a coalizão democrático-republicana, (...), capaz de frear a revolução”. Mas, diante dessa possibilidade, aos comunistas tocava “restringir ao mínimo a influencia e a organização dos partidos que possam constituir a coalizão de esquerda, para tornar sempre mais provável a queda revolucionária do fascismo”, ou então “tornar o mais breve possível o interlúdio democrático”.²⁹⁰

O esforço de particularização da situação italiana e da política de frente única teria que ser mediada pela inserção no contexto internacional do capitalismo no Ocidente europeu. O eixo da reflexão é posto pelos seguintes problemas: “Está terminado o período da assim chamada estabilização? A que ponto nos encontramos a respeito da capacidade de resistência do regime

²⁸⁸ Ibidem, p. 119.

²⁸⁹ A ênfase é válida na medida em que esse documento é um dos mais utilizados em ‘releituras’ de Gramsci, que buscam pistas para uma possível convicção democrática, legitimadora de políticas que foram desenvolvidas em outro tempo e mesmo em outro espaço.

²⁹⁰ GRAMSCI, Antonio. Um esame della situazione italiana. In: _____. Op. Cit. p. 120.

burguês?”²⁹¹ Na avaliação da correlação de forças e na particularização da tática política, um primeiro ponto de discriminação deve ser posto na diferença existente entre Estados capitalistas avançados e Estados de capitalismo periférico, ainda que na França e Checoslováquia pudessem ser divisados aspectos de ambos os grupos. Como critério de análise Gramsci propõe que se parta da constatação de

que nos países de capitalismo avançado a classe dominante possui reservas políticas e organizativas que não possuía, por ex., na Rússia. Isso significa que também as crises econômicas gravíssimas não têm repercussões imediatas no campo político. A política está sempre em atraso, e em grande atraso, em relação à economia. O aparato estatal é muito mais resistente de quanto com freqüência se possa crer e consegue organizar, nos momentos de crise, forças fiéis ao regime, mais de quanto a profundidade da crise poderia deixar supor.²⁹²

Seria esse o caso de América, Inglaterra e Alemanha. Nos Estados periféricos, como podem ser considerados Itália, Portugal, Espanha e Polônia,

entre o proletariado e o capitalismo se estende um amplo estrato de classes intermediárias, que querem, e que em um certo sentido conseguem, conduzir uma política própria, com ideologias que com freqüência influenciam amplas camadas do proletariado, mas que tem uma particular sugestão sobre as massas camponesas.²⁹³

O deslocamento à esquerda que Gramsci visualizava, particularmente nos países periféricos e a luta sindical na Inglaterra, o levava a crer que “realmente nós entramos numa fase

²⁹¹ GRAMSCI, Antonio. Um esame della situazione italiana. In: _____. *Op. Cit.*, 1978, p. 121.

²⁹² *Ibidem*, p. 121-122.

²⁹³ *Ibidem*, p. 122.

nova de desenvolvimento da crise capitalista. Esta fase se apresenta em formas distintas nos países da periferia capitalista e nos países de capitalismo avançado". Mas, de qualquer maneira,

para todos os países capitalistas se põe um problema fundamental, que é o da passagem da tática de frente única, entendida em sentido geral, a uma tática determinada, que se ponha os problemas concretos da vida nacional e opere na base das forças populares assim como estão historicamente determinadas.²⁹⁴

Gramsci, mesmo sob o risco de ser rotulado de ordinovista, sugere que

um dos problemas mais importantes que se colocam, especialmente nos grandes países capitalistas é aquele dos conselhos de fábrica e do controle operário, como base de um novo reagrupamento da classe proletária, que permita uma melhor luta contra a burocracia sindical (...).²⁹⁵

A experiência dos conselhos de fábrica, na Torino de 1919/1920 poderia ser considerada como uma demonstração da capacidade orgânica da classe operária e que se manifestara principalmente na

1- capacidade de autogoverno da massa operária. (...). 2- capacidade da massa operária em manter e superar o nível de produção do regime capitalista. (...). 3- capacidade ilimitada de iniciativa e de criação das massas trabalhadoras.²⁹⁶

Dessa convicção, na qual se sentem os ecos das formulações de Sorel e de Rosa Luxemburg, provinha a insistência de que

²⁹⁴ Ibidem, p. 123.

²⁹⁵ Ibidem, p. 123.

²⁹⁶ GRAMSCI, Antonio. Ancora delle capacità organiche della classe operaia, L'Unità, 1º ottobre 1926". In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 346-347.

na sociedade italiana, que atingiu o máximo de desenvolvimento capitalista que historicamente poderia atingir, dadas as condições de lugar e de tempo, uma só classe é revolucionária no senso completo e permanente: o proletariado industrial.²⁹⁷

Gramsci e o grupo dirigente do PCI sacavam dessa leitura a orientação política de frente única antifascista e anticapitalista que, recusando participar na coalizão democrática proposta por republicanos e socialistas, insistia na palavra de ordem da ‘assembléia republicana com base nos comitês operários e camponeses’. A crença de que a realização do socialismo era de grande atualidade e de que o proletariado era a única força capaz de conduzir a Itália pela via socialista, levava Gramsci a argumentar que a aliança proposta era impossível dado que “a concentração republicana trabalha para subordinar o proletariado a outras formas sociais, que praticamente não podem mais que ser o capitalismo. (...)”. Gramsci assevera ainda que essa é a orientação política que vem sendo seguida pelos comunistas desde junho de 1923, quando do assassinato de Matteotti.²⁹⁸

Considerando que a chamada estabilização capitalista era incerta e se aproximava do fim e que havia um deslocamento das camadas sociais intermediárias para a esquerda, Gramsci entendia que era o momento de se potencializar a frente única em toda a Europa, mas atendendo às particularidades nacionais. Em qualquer contexto, porém, a frente única deveria enfatizar seu caráter de massas e o antagonismo frente ao capitalismo. É evidente que, numa situação como essa, ainda que Gramsci não tenha ao menos tocado no tema, o respaldo político e ideológico da

²⁹⁷ GRAMSCI, Antonio. Noi e la concentrazione repubblicana, L'Unità, 13 ottobre 1926". In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 349-353.

²⁹⁸ Ibidem, p. 349-353.



IC e da URSS seria um elemento de primeira grandeza, daí a importância de se evitar fissuras nesse campo, particularmente com a manutenção da unidade do grupo dirigente bolchevique.

1920, dezembro 22, Moscou, U.S.S.R.

Estimado Sr. Comissário do Povo, Sr. Comissário da Educação e da Instrução Pública:

Recebi a sua carta de 12 de dezembro e agradeço a atenção com que se refere ao assunto.

Em resposta a sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

Com respeito ao assunto da sua carta de 12 de dezembro, informo-lhe que o assunto está sendo tratado.

3. Gramsci e a questão russa.

No entanto, o agravamento da situação social e política na URSS ofereceu a oportunidade para que todos os adversários da revolução russa passassem a tecer críticas as mais acerbadas.²⁹⁹ Gramsci então, evitando se posicionar e mesmo se referir à crise na direção bolchevique, procurou defender o processo de transição socialista na URSS, expondo assim suas considerações sobre as linhas de força nas quais essa deveria se apoiar. Tudo faz crer que Gramsci concebesse primeira fase da transição socialista segundo as hipóteses indicadas por Lênin e Bukhárin, que passavam pela consolidação da aliança operário-camponesa e pela NEP. Pois que a questão agrária era o fulcro da polemica em andamento, tanto na Rússia quanto entre os adversários do projeto histórico representado pelo Estado soviético, abrangendo ainda uma relação com a particularidade da revolução italiana, Gramsci dedicou-se a esse tema com maior atenção.

Foi essa a oportunidade para que Gramsci explicitasse algumas idéias de caráter mais geral sobre o problema da transição socialista. Procurando diferenciar a emergência da dominação burguesa da fase inicial da transição socialista, Gramsci destacava que “já antes de conquistar o poder, a burguesia pode adestrar-se na administração do Estado, desenvolvendo uma experiência de muitos séculos”, enquanto que “o proletariado não pode, enquanto dura o regime burguês, melhorar as próprias capacidades administrativas e criar uma moralidade própria”. Certo

²⁹⁹ De fato, entre 1926 e 1927, com críticas vindas de diferentes posições ideológicas, tendeu-se a generalizar a opinião de que a URSS se encaminhava para a restauração do capitalismo.

que a situação na Itália, nesse aspecto, seria melhor que na Rússia, considerando-se o exemplo da “ocupação das fábricas”.³⁰⁰

Seria, portanto, a transição socialista, um longo aprendizado, não só de gestão do processo produtivo, com a incorporação da ciência e de técnica mais avançada, mas também um processo de criação de uma nova moralidade nas relações sociais. Por certo, países como a América, onde a ciência e a técnica envolviam todo o processo produtivo, até mesmo a força de trabalho, o processo de transição socialista partiria de um patamar muito mais elevado e deveria contar com outras peculiaridades na conquista do poder.

Rebatendo o usual argumento, que vinha de críticos tanto à esquerda como de social-democratas (que convergiam para a limitada visão corporativista da classe operária) de que a NEP, com sua tolerância para com a pequena e média propriedade agrária levaria inexoravelmente a alguma forma de capitalismo agrário, Gramsci lembrava que na URSS havia a oposição da “força do Estado e da economia industrial e financeira coletivizadas”.³⁰¹ Apanhava a reflexão de Lênin e de Bukhárin, de que a transição socialista no campo seria processada pelo agrupamento da pequena propriedade familiar em cooperativas de produção, venda e consumo. Esse seria o caminho para a posterior industrialização do campo e a formação de grandes empreendimentos agro-industriais, o que possibilitaria diluir o campesinato e a produção mercantil no seio de uma classe operária cada vez mais culta e adestrada à administração das coisas.

A chave do problema da transição socialista na URSS, e sobre o qual Gramsci insiste, é o campo, o qual fora declarado propriedade coletiva pela revolução e concedido em uso aos

³⁰⁰ GRAMSCI, Antonio. I diversi della ‘Tribuna’, L’Unità, 2 giugno 1926. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 313-315.

³⁰¹ GRAMSCI, Antonio. L’URSS verso il comunismo, L’Unità, 7 settembre 1926. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, 315-319.

trabalhadores rurais, segundo suas próprias demandas. No entanto, na situação presente nada mais poderia ser afirmado além de que

os elementos socialistas em política e economia são preponderantes sobre os elementos capitalistas, que o desenvolvimento dos primeiros é constantemente maior, e que, portanto, não se pode falar em retorno do capitalismo no Estado soviético, mas que se deve falar de um processo em direção a completa realização de uma sociedade comunista.³⁰²

O fato de que se desenvolva uma diferenciação social no campo é inevitável, mas a força da aliança entre a classe operária e o campesinato pobre e assalariado impediria o eventual fortalecimento político e econômico do campesinato mais rico, que poderia ter interesse na restauração do capitalismo. Ademais, Gramsci argumentava que “a industrialização da produção agrícola é inevitável, mas é no próprio interesse das classes camponesas que isso ocorra nas formas coletivas, em vez que sob direção capitalista”.³⁰³

Essas observações de Gramsci sobre o embrionário processo de transição socialista na URSS encontram a sua dimensão internacional não só na possibilidade do campesinato se incorporar à classe operária pela ação do capital, engrossando o exército industrial de reserva, mas também pela ação da classe operária. Inicialmente o campesinato surge como classe aliada e depois como classe a ser absorvida conforme o avanço das forças produtivas na fase de transição. O ponto essencial, no entanto, para a garantia do próprio processo de transição, mais que a

³⁰² GRAMSCI, Antonio. In che direzione se sviluppa l'Unione Soviettista? L'Unità, 10 settembre 1926. In: _____ *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 320.

³⁰³ Ibidem, p. 322.



generalização do proletariado, é a demonstração de que a classe operária “é capaz, organicamente e como massa, de gestão da produção”.³⁰⁴

Gramsci vislumbrava a possibilidade da revolução socialista e sua capacidade ‘civilizatória’ precisamente nessas capacidades orgânicas presentes na classe operária e que encontrariam um amplo escoadouro no processo emancipatório constituído pela transição socialista. Chama atenção a indicação de Gramsci de que a aliança fundamental da classe operária deveria ser com o campesinato pobre, assim como a insistência de que a auto-organização e o autogoverno das massas seriam condições tanto para que a revolução socialista se realizasse como para que a transição socialista se processasse.

Mas como a classe operária é ela mesma dividida em camadas, que se conflitam, e que tende a incorporar parcelas do campesinato, há a necessidade do partido político como elemento educador e difusor dos interesses históricos da classe, assim como de um novo Estado, expressão do autogoverno das massas operárias e por isso um não-Estado surgido de um antipoder. A preocupação intrínseca a esse raciocínio, oposta a qualquer processo de burocratização que afetasse o autogoverno das massas, é por demais evidente.

O súbito agravamento e desenlace do conflito no seio do grupo dirigente soviético, assim como a decisão de difundir a discussão da questão russa no VII pleno ampliado da CEIC, marcado para se realizar a partir de 15 de novembro, ofereceu a Gramsci o estímulo definitivo para redigir uma carta ao Comitê central do PCR (b), em nome do Secretariado político do PCI. A idéia era ainda de que a carta pudesse incidir positivamente no desenvolvimento da XV conferencia do PCR (b), que deveria preceder o pleno ampliado da CEIC.³⁰⁵

³⁰⁴ GRAMSCI, Antonio. Lo schiavismo della ‘Tribuna’. L’Unità, 25 settembre 1926. In: _____ *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 340.

³⁰⁵ A correspondência entre Gramsci e Togliatti, particularmente aquela do mês de outubro de 1926, deu margem a um aceso debate historiográfico e político, que parte da memorialística e de fontes documentais, sempre mais

A carta de Gramsci relata com extrema clareza algumas idéias basilares de sua concepção do processo revolucionário e de sua ciência política, expondo de um outro ângulo o vínculo existente entre o particular nacional e o geral internacional. Antes de tudo, há em Gramsci a convicção de que a polemica, ainda que áspera, é um elemento constitutivo da dialética revolucionária que o partido encarna, pois, assim,

tendo alcançado uma maior homogeneidade ideológica e organizativa através de tais discussões, o Partido estaria mais bem preparado e aparelhado para superar as múltiplas dificuldades que estão ligadas ao exercício do poder num Estado operário.³⁰⁶

No entanto, a exasperação do debate, até o limite da cisão, tem inevitáveis “repercussões internacionais”, que beneficiam os “inimigos de classe”, cujo desejo é o de contemplar a desagregação da ditadura do proletariado. Para Gramsci, as massas operárias ocidentais “querem ver na República dos Soviets e no Partido que está no governo, uma só unidade de combate que trabalha na perspectiva geral do socialismo”, pois essa é a condição para que o PCR(b) continue sendo aceito como o “partido dirigente da Internacional”. O conflito aberto no PCR (b), ademais, beneficiaria os “partido burgueses e social-democratas”, que desejam “lutar contra a influencia da revolução russa, contra a unidade revolucionária que, ao redor do PC da URSS, está se

enriquecidas. Um certo instrumentalismo na análise pode ser detectada, dada a importância dos efeitos políticos da relação entre Gramsci e Togliatti no conjunto da tradição do comunismo italiano. A documentação vinda a lume mais recentemente desmente uma crença consolidada, de que Togliatti teria tomado a iniciativa de não encaminhar a carta de Gramsci ao CC do PCR, contrariando uma decisão partidária. Entre os trabalhos que abordam esse tema, devem ser destacados entre os mais recentes CANFORA, Luciano. Il ‘verbale’ di Valpolvera. In: *Studi storici*, 1, 1990, p. 293-316; NATOLI, Aldo. Il PCd’I e il Comintern nel 1926. In: NATOLI, Aldo e PONS, Silvio (a cura di). *L’età del stalinismo*. Roma: Riuniti, 1991, p. 407-425; FIORI, Giuseppe. *Gramsci, Togliatti, Stalin*. Roma: Laterza, 1991; PISTILLO, Michele. *Gramsci – Togliatti: polemiche e dissensi nel 1926*. Roma: Lacaita, 1996; VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999.

³⁰⁶ Ufficio politico del PCd’I al Comitato centrale del Partito comunista russo, 14 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 404-411.

constituindo em todo o mundo”. Particularmente danosas são as afirmações de expoentes da oposição de que “o Estado dos Soviets esta se transformando num puro Estado capitalista”.³⁰⁷

Para Gramsci, esse processo de cisão, que se aproximava do desenlace trágico, contrastava completamente com o empenho definido pelo V congresso da IC de construir partidos ‘bolchevizados’. Para tal, pelo menos no entender de Gramsci, era necessário criar uma dialética democrática e unitária num partido estreitamente vinculado a classe operária e ao movimento do real, tanto nacional como internacionalmente. Assim, a cisão em vista “distancia mais uma vez o sucesso da unidade orgânica do partido mundial dos trabalhadores”. E isso ocorre fundamentalmente porque

nos parece que a paixão violenta pelas questões russas vos faça perder de vista os aspectos internacionais das próprias questões russas, vos faça esquecer que os vossos deveres de militantes russos possam e devam ser cumpridos só no quadro dos interesses do proletariado internacional.³⁰⁸

Até aqui Gramsci enfatiza a dimensão internacional do processo de cisão do grupo dirigente bolchevique. Na sequência da carta, faz um confronto entre a situação nacional da URSS e da Itália, a fim de generalizar os problemas concretos propostos pela transição socialista. A Itália, como a Rússia, lembra Gramsci, tem nas “massas rurais” a maioria da população trabalhadora. Nota, porém, que na Itália, não obstante a presença de uma indústria mais pujante,

todos os problemas inerentes à hegemonia do proletariado se apresentarão para nós certamente em uma forma mais complexa e aguda do que na própria Rússia, porque a densidade da população rural na Itália é muito maior, porque os nossos camponeses têm uma riquíssima tradição organizativa (...), porque entre nós o

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ Ibidem.

aparato organizativo eclesiástico tem dois mil anos de tradição e se especializou na propaganda e na organização dos camponeses em um modo que não há igual em outros países.³⁰⁹

É exatamente a análise da particularidade italiana que permite a Gramsci declarar como “fundamentalmente justa a linha política da maioria do PC da URSS e que em tal sentido se pronunciará a maioria do Partido italiano, se vier a ser necessário expor toda a questão”.³¹⁰ Percebe-se então que Gramsci apóia a orientação política da maioria do CC do PCR(b), no que tange ao tema essencial da hegemonia do proletariado e da aliança operário-camponesa no processo de transição socialista, particularmente em países relativamente atrasados, mas que essa posição só será declarada em caso de ser estritamente necessário, antecipando assim a posição que deveria ser tomada no VII pleno ampliado da CEIC.

A crítica feita a ‘oposição unificada’ era de que suas posições atingiam “o princípio e a prática da hegemonia do proletariado”, assim como afetavam “as relações fundamentais de aliança entre operários e camponeses”. Em tom de invocação, Gramsci insiste num tema que se tornaria permanente na sua reflexão política, qual seja o do ‘corporativismo’. A transição socialista, notadamente em países de baixo desenvolvimento das forças produtivas, exige que o proletariado, precisamente para que possa manter sua hegemonia sobre o conjunto da massa trabalhadora, deva ater-se a condições de vida eventualmente inferiores a de camadas sociais apartadas do poder político revolucionário.

Nos países capitalistas avançados, nos quais a classe operária alcançara um melhor padrão de vida, surgem o reformismo e o sindicalismo, como expressões do “espírito corporativo”. Mas em todos os casos,

³⁰⁹ Ibidem.

³¹⁰ Ibidem.

o proletariado não pode vir a ser classe dominante se não supera essa contradição com o sacrifício dos interesses corporativos, não pode manter sua hegemonia e a ditadura se mesmo tendo ficado dominante não sacrifica esses interesses imediatos pelos interesses gerais e permanentes da classe.³¹¹

De maneira aguda, Gramsci assinala que “na ideologia e na prática do bloco das oposições renasce plenamente toda a tradição da social-democracia e do sindicalismo, que impediram até agora o proletariado ocidental de organizar-se em classe dirigente”. Reconhecendo o papel e o valor que Trotsky, Zinoviev e Kamanev tiveram no processo revolucionário, Gramsci sugere que cessem as atividades fracionistas, mas que também a maioria se exima de tomar “medidas excessivas”.³¹² Gramsci, na verdade, indicava como sendo o mais adequado, precisamente, aquele caminho seguido no PCI no enfrentamento da vertente de extrema-esquerda de Bordiga.

No bilhete que Gramsci anexou a carta, dizia a Togliatti que esse tinha permissão para “rever o texto”, desde que fossem preservadas as idéias essenciais, e “porque nós desejamos ajudar a ‘maioria’ do CC, pode colocar-se em acordo com mais responsáveis por essas alterações”.³¹³ De fato, Togliatti mostrou a carta a Bukharin, Manuïlsky, Kuussinen e Humbert-Droz e enviou um telegrama de urgência comunicando a Gramsci que “a inquietude expressa pela sua carta não corresponde mais à situação atual do partido russo”.³¹⁴ De fato, a falta de resultado na agitação sobre as bases partidárias, com seu virtual isolamento, obrigaram a ‘oposição unificada’ a capitular, comprometendo-se a cessar a atividade fracionista, embora a questão ainda estivesse longe de sua resolução, ao contrário do que Togliatti parecia imaginar, quando sugeriu

³¹¹ Ibidem.

³¹² Ibidem.

³¹³ Gramsci a Togliatti, 14 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 402.

³¹⁴ Togliatti all’Ufficio politico del PCd’I, 16 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 413.

que: “Conhecendo bem a situação eu proponho que não mais remeta a carta, que nessa situação seria inoportuna”.³¹⁵

De imediato, Togliatti escreveu uma carta ao Secretariado Político do PCI e outra, reservada, para Gramsci. Na primeira expunha com mais detalhes os motivos pelos quais julgava inoportuna a carta de Gramsci: “Os chefes da oposição se serviriam dessa para refutar algumas condições postas a eles, para pedir outras, para temporizar, com dano evidente para o Partido”. Segundo Togliatti, os chefes da oposição esperavam que viesse, de alguns setores de base do partido, “um apelo genérico à unidade e à responsabilidade dos chefes”. Era precisamente esse o objetivo da carta de Gramsci, mas Togliatti, pelo contrário, avaliava que “se isso tivesse ocorrido, teria sido um dano para o Partido, porque isso teria significado, na realidade, o início de uma revisão da linha do CC e uma nova discussão muito áspera em assaz breve tempo”.³¹⁶

Togliatti parece postar-se de um ângulo que mira a arrasar a oposição, exatamente daquilo que Gramsci procurava precaver a maioria do CC do PCR (b) de fazer. De forma velada, Togliatti acabava criticando também o comportamento que a maioria do PCI tivera desde o processo do III congresso partidário até o contencioso sobre a ida de Bordiga a Moscou. Ademias, Togliatti indicava que a carta de Gramsci poderia servir para supor que haveria respaldo às posições da oposição no PCI ou em outras seções da IC. Insistia, por fim, que se aguardasse a ida de Humbert-Droz a Itália.

A carta pessoal de Togliatti a Gramsci é bastante mais incisiva, explicitando as divergências. Enquanto Gramsci prioriza a importância da unidade democrática do grupo dirigente bolchevique, sua dialética revolucionária em busca de novas sínteses teóricas e práticas, para Togliatti prevalece “o problema da justeza ou não da linha política seguida pela maioria do

³¹⁵ Ibidem, p. 413.

³¹⁶ Togliatti all’Ufficio politico del PCd’I, 18 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 414-419.

CC”, inda mais considerando que “a partir de agora, a unidade da velha guarda leninista não será mais ou será dificilmente realizada de modo contínuo”. Nessa situação, qualquer apelo a unidade só poderia ser danoso, deslocando-se o foco do internacionalismo para o estudo das questões russas, podendo ser oferecida uma “contribuição, com base na nossa experiência revolucionária, a fixar e confirmar a exata linha leninista na solução dos problemas russos”. De tal feita, “a melhor maneira de contribuir para a superação da crise é exprimir a própria adesão a essa linha sem por qualquer limitação”.³¹⁷ Alguns dias depois, Manuilsky enviou uma carta a Gramsci, na qual procurava tranquilizá-lo e persuadi-lo da falta de sentido de sua missiva, dizendo que “não existe mais qualquer perigo de cisão no PCR (b)”.³¹⁸

Ainda que alegando persistente dificuldade na transmissão de informações, o Secretariado político do PCI, dias depois, envia um telegrama, subscrito por Camila Ravera (Micheli), no qual se lê que “*está bem pela não transmissão da carta ao CC do PCR*”,³¹⁹ significando que a Comissão política do PCI, mesmo que aparentemente contrariada, acatava a determinação vinda de uma instância superior da IC, que fora consultada por Togliatti. Em 1º de novembro Togliatti confirmou o recebimento do telegrama e a retenção da carta.³²⁰

Gramsci, no entanto, no mesmo dia do envio do telegrama que sustava a entrega da carta ao CC do PCR, decidiu responder a carta de Togliatti de um ponto de vista pessoal, “ainda que persuadido de exprimir também a opinião dos outros companheiros”. Togliatti foi então acusado de considerar apenas o problema do ponto de vista dos Partidos enquanto aparato e não “também

³¹⁷ Togliatti a Gramsci, 18 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, 420-425.

³¹⁸ Manuilski a Gramsci, 21 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 426-427.

³¹⁹ Ufficio politico del PCd'I a Togliatti, 26 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 434.

³²⁰ Togliatti alla Segreteria di PCd'I, 1º novembre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 440.

as grandes massas trabalhadoras, politicamente estratificadas em modo contraditório, mas que no conjunto tendem à unidade”.³²¹

A URSS seria um elemento fundamental na construção de uma frente única das massas trabalhadoras de todo o mundo, precisamente porque nessa região se havia adentrado pela via da transição socialista. Mas esse deveria ser visto como um terreno instável e complexo, de difícil apreensão pela consciência das grandes massas. Eis porque Gramsci insiste que

a questão da unidade, não só do Partido russo, mas também do núcleo leninista, é, portanto, uma questão de máxima importância no campo internacional; é, do ponto de vista da massa, a questão mais importante nesse período histórico de intensificado processo contraditório em direção a unidade.³²²

Diante da importância da unidade do chamado núcleo leninista para a configuração de uma frente única das massas trabalhadoras do mundo, dizia Gramsci, “é nosso objetivo contribuir para a manutenção e a criação de um plano unitário na qual as diversas tendências e as diversas personalidades possam se reaproximar e fundir-se também ideologicamente”. A luta pela unidade do partido, entendida como síntese de posições conflitantes, era o cerne da chamada “linha leninista”, no entendimento de Gramsci, assim como era, por decorrência, sua compreensão do que deveria ser a “bolchevização” da IC. Gramsci concluía dizendo que a tomada do poder pelos bolcheviques não era mais a grande força propulsora que emanava da URSS, mas “a persuasão (se existe) de que o proletariado, uma vez no poder, pode construir o socialismo”.³²³

Para 1º e 3 de novembro, nos arredores de Genova, estava marcado um encontro do CC do PCI, que, entre outros pontos, deveria discutir uma posição sobre a questão russa e que seria

³²¹ Gramsci a Togliatti, 26 ottobre 1926. Apud: VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p. 435-439.

³²² Ibidem.

³²³ Ibidem.

levada ao VII pleno ampliado da CEIC. No entanto, um falido atentado contra a vida de Mussolini, em 31 de outubro, serviu de sinal para desencadear a repressão a toda e qualquer organização e atividade antifascista, provocando muitas ausências no encontro. O próprio Gramsci foi detido em Milano e obrigado a retornar a Roma, onde passou a ser vigiado de perto pela polícia.

Assim, ficou-se sem saber qual teria sido a posição de Gramsci diante da questão russa, embora seja possível supor que pudesse insistir nas idéias expostas nas cartas recentes, já que eram profundamente coerentes com toda a formulação teórico-política que vinha amadurecendo. Conclui-se que a intervenção de Gramsci deveria expressar suporte às posições da maioria do CC do PCR(b), ainda que guardasse muitas restrições à concepção da viabilidade do 'socialismo em um só país', assim como deveria insistir na importância em se preservar a 'oposição unificada' dentro do trabalho de direção.

A reunião plenária do CC, como era a norma, foi precedida de uma outra da Comissão Política com Humbert-Droz, na qual foi decidido o encaminhamento do debate que deveria se seguir. A relação introdutória, na ausência de Gramsci, foi feita por Mauro Scoccimarro (Morelli), que reafirmou nas suas linhas gerais a avaliação da situação italiana da reunião anterior do CC do PCI, realizada em agosto. Reafirmou o fato do "domínio hoje plenamente exercido sobre o governo e sobre o partido fascista pelo bloco agrário-industrial, no qual tem uma posição sempre mais dominante o capitalismo financeiro e a indústria siderúrgica ligada a esse", insistindo que a ação política dos comunistas deveria incidir sobre a base operária dos partidos da Concentração Republicana, acentuando o debate ideológico, mas sem deixar de manter contatos com os "elementos mais avançados", a fim de estabelecer ações comuns.³²⁴

³²⁴ Reunione del CC del PCI (1-3 novembre 1926). Apud: CANFORA, Luciano. Il 'verbale' di Valpolcevera. *Studi storici*, 1 / 1990, p. 304-310.

A exposição de abertura sobre a questão russa foi feita por Jules Humbert-Droz, que, mais uma vez pediu ao PCI que assumisse uma clara posição em favor da linha majoritária do CC do PCR (b) na contenda contra a 'oposição unificada'. Surpreendidos pela ofensiva do regime fascista e sem contar com a presença de Gramsci, quem supostamente deveria expor a posição do partido, os dirigentes comunistas parecem ter tergiversado.

A exposição de Ruggero Grieco, mais extensa e articulada, indicava a posição e o estado de ânimo da direção comunista. Mantém a idéia de que se deveria evitar que os problemas que afetavam o PCR (b) fossem transportados ao conjunto da IC, por referirem-se a uma questão de tática política e não de princípios. As questões mais importantes a serem debatidas eram de caráter teórico-político: "a questão da possibilidade ou não de que seja construído o socialismo em um só país: a da relação entre operários e camponeses, etc."³²⁵

Grieco argumentava que a falta de informação havia impedido uma discussão mais aprofundada das questões russas no seio do CC do PCI, e que para a reunião que se desenrolava havia sido Gramsci o encarregado de fazer uma exposição detalhada, assim como de apresentar uma proposta de moção. Mas, considerando o informe de Humbert-Droz, "hoje nós estamos em condições de tomar uma posição e o fazemos: nós devemos dizer que estamos de acordo com a linha política seguida pela maioria do CC russo"³²⁶

Após essa afirmativa peremptória, Grieco enuncia a posição da direção que fora exposta por Gramsci no que tange às críticas voltadas contra as teses da 'oposição unificada'. Afirmar ser essa um bloco heterogêneo, mas que

o importante, naturalmente, é manter na Rússia a hegemonia do proletariado. Mas para nós a hegemonia do proletariado não significa o domínio de uma

³²⁵ Ibidem, p. 311-313.

³²⁶ Ibidem.

classe contra todas as outras. Se a classe operária, que se encontra sem dúvida diante de graves dificuldades e sacrifícios, se pusesse em luta contra os camponeses, isso significaria romper o bloco operário e camponês, base do poder proletário, e marchar de encontro à derrota do Estado operário.³²⁷

Na fala de Grieco transparece a convicção das idéias defendidas por Gramsci nos textos recentes sobre a URSS e em toda a formulação que o PCI vinha desenvolvendo sobre a importância da aliança operário-camponesa. Mas, a diferenciação era reafirmada em relação

a questão da possibilidade ou não de construção do socialismo em um só país [que] está em discussão no PCR desde há um ano e meio. Nós ficamos hesitantes um ano e meio atrás diante da tomada de posição de Trotsky. Pode ser que alguns companheiros estejam hesitantes ainda hoje. Por isso queremos que cada companheiro tenha, o quanto for possível, os elementos suficientes para ver claramente a questão. Ocorre, essencialmente, observar se o desenvolvimento da economia socialista na Rússia procede com passo mais apressado do que o das economias privadas.³²⁸

O CC aprovou o apoio a linha política do CC do PCR (b), posição que deveria ser levada ao VII pleno ampliado da CEIC pela delegação italiana. Ao pedido de Humbert-Droz, de que a posição do CC do PCI fosse fixada em um documento, Grieco respondeu que

esse documento foi escrito, talvez, por Gramsci, que havia sido encarregado pela Comissão Política e que o traria aqui. Por isso nos apresentamos no CC sem resolução. De todo modo podemos providenciar nós mesmos a redação, agora e brevemente, desse documento.³²⁹

³²⁷ Ibidem.

³²⁸ Ibidem.

³²⁹ Ibidem, p. 315-316.

Aqui é possível notar um grau de convicção muito menor. O foco da questão, aos comunistas italianos, parecia estar posta na pergunta se a URSS se encaminhava para alguma forma de restauração capitalista ou se era possível proceder a transição socialista por meio da NEP e da aliança operário-camponesa, não restando qualquer dúvida de que a revolução socialista tem sempre um caráter internacional. De tal modo, a questão essencial era a do papel do campesinato na transição socialista e as formas da sua transformação em classe operária. O problema da realização integral do socialismo em um só país não poderia, assim, ser mais do que um falso dilema, não só por pressupor a estagnação da revolução no Ocidente, como a construção e permanência de um Estado socialista forte, num cenário dominado pelo imperialismo. Essa leitura do problema explica a suposição, feita nos círculos dirigentes da IC e do PCR (b), de que a direção do PCI alimentasse sentimentos de simpatia por Trotsky.

Não se sabe se Gramsci houvera mesmo redigido um esboço de resolução sobre a questão russa ou se na conclusão do encontro o CC redigiu alguma nota curta e apressada (que não foi encontrada), mas as reticências parecem evidentes. O fato é que a carta de Gramsci não foi oficializada, tendo caído num limbo, mas foi mantida a preferência anteriormente assumida de não difundir os problemas postos na luta interna do PCR(b) para outros partidos, postergando o conjunto da discussão para o VII pleno ampliado da CEIC. Desse modo, os problemas seriam discutidos num fórum internacional adequado e as bases partidárias não seriam envolvidas por dúvidas e divisões, que poderiam paralisar a ação política, num momento mais dramático de quanto se imaginasse.³³⁰

³³⁰ Ainda que a interpretação não possa ser compartilhada, com o evidente exagero nas dissensões reais entre Togliatti e Gramsci, e a inexistente polarização entre Gramsci e Scoccimaro de um lado e Togliatti e Grieco de outra, as informações existentes sobre essa reunião podem ser acompanhadas com proveito no ensaio introdutório de VACCA, Giuseppe. *Gramsci a Roma. Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999, p.08-13 e 141-149. Ver também CANFORA, Luciano. Il verbale di Valpolcevera. In: *Studi storici*. Gennaio/marzo, nº 1, 1990, p.293-318. PISTILLO, Michele. *Gramsci – Togliatti: polemiche e dissensi nel 1926*. Roma: Lacaita, 1996, p. 97-102; PISTILLO, Michele. *Gramsci in carcere: le difficili verità d'un lento assassinio*. Roma: Lacaita, 2001, p. 15-31.

Ainda que fosse declarado o apoio a maioria de Bukhárin e Stalin, esse vinha acompanhado da escusa de que os elementos do problema necessitavam ainda de ulteriores esclarecimentos, que seriam oferecidos por Gramsci. Na verdade, os comunistas italianos pareciam muito reticentes em assumir as implicações teóricas e políticas postas pela concepção do 'socialismo num só país'. Embora a ênfase na aliança operário-camponesa e a política da NEP fossem de se concordar, a idéia da divisão do mundo em dois campos e a possibilidade de se completar a transição socialista, num único país ou região do planeta pareciam inaceitáveis, até porque sugeria um significativo retardamento no processo revolucionário no Ocidente e uma mudança de fundo na tática de frente única que vinha se desenvolvendo.

De fato, já havia uma tendência na IC, diante do agravamento da situação na França e na Itália, a valorizar uma aproximação com a social-democracia, no quadro de uma frente única política entre direções partidárias. Isso quando o PCI vislumbrava uma perspectiva revolucionária de curto prazo, pelo menos nas zonas periféricas da Europa: na Espanha, na Iugoslávia e na própria Itália.

Gramsci e o grupo dirigente do PCI vinham construindo, de uma forma autônoma e internacionalista, uma concepção teórica e prática identificável com a refundação comunista empreendida por Lênin e pelos bolcheviques. De tal maneira é compreensível que o processo de regressão teórica e cisão do grupo dirigente bolchevique tenha afetado negativamente esse processo de refundação, além, por suposto, das condições objetivas de ofensiva do capital sob o fascismo, alargando divergências políticas que poderiam ser apenas pontuais e tornando antinômicas análises da realidade que poderiam se compor numa nova síntese superior.

Na sua crítica a Giuseppe Vacca, a tendência de Michele Pistillo é a oposta, ou seja, a de diluir as divergências entre Togliatti e a maioria do Comitê Político ao sugerir o acatamento da teoria do 'socialismo em um só país'.

Nesse contexto podem ser localizados indícios de que Togliatti estava se adequando à lógica em andamento do processo de cisão e de regressão teórica que se desenvolvia no grupo dirigente bolchevique, cujas implicações mais visíveis foram a concepção de que as idéias minoritárias não deveriam ter direito de cidadania no partido, que a IC deveria estar inteiramente afinada com a maioria do PCR (b) e que a construção do socialismo na URSS se transformara na principal força propulsora da revolução socialista internacional. Uma decorrência importante desse cenário é a banalização da fórmula política da frente única e da iniciativa política dos comunistas, transformados estes em coadjuvantes da construção socialista da URSS.

Gramsci, por outro lado, afeito à lógica da refundação comunista, não aceita as implicações da tese do 'socialismo num só país', à qual Bukhárin e Togliatti, premidos pela luta política imediata, haviam se submetido. Para Gramsci a revolução internacional tinha na URSS um ponto decisivo por ter-se ali aviado a transição socialista, mas a manutenção da aliança operário-camponesa, nesse caso, e a criação de uma frente única das massas trabalhadoras do mundo, a ser construída segundo as particularidades nacionais, antecipavam um cenário mundial bastante complexo, móvel e multifacetado, com possíveis recuos e avanços surpreendentes.

4. A questão agrária como questão nacional e o problema dos intelectuais meridionais na frente única

Enquanto Gramsci, por meio da imprensa partidária desenvolvia a polêmica sobre o efetivo conteúdo da forma social russa pós-revolucionária e pelos canais organizativos da IC procurava incidir positivamente para evitar a iminente cisão do grupo dirigente bolchevique, na Itália procurava capacitar o partido para atuar da melhor maneira na realização da aliança operário-camponesa. A tradição socialista, cuja cultura política se manteve subalterna ao liberalismo e ao positivismo que alimentava o desenvolvimento capitalista na Itália, pouca conta prestou à questão agrária.

Mesmo a percepção do grupo do *L'Ordine Nuovo* da necessidade do movimento operário se vincular às massas rurais ficou à margem nos primeiros anos de existência do PCI, em razão da forte ênfase que Amadeo Bordiga, então o mais influente dirigente comunista, dava ao papel revolucionário do proletariado industrial, chegando a ponto de negar a existência de uma questão meridional na Itália, concepção entrelaçada com a falta de sentido que vislumbrava na fórmula política da frente única.

Foi precisamente a fórmula política da frente única, que estabelecia o vínculo entre a nova tática indicada pela IC de resistência à ofensiva do capital e a política de transição socialista por meio do capitalismo monopolista de Estado induzida pela NEP aviada na URSS, a possibilitar a retomada da reflexão de Gramsci sobre a questão agrária e camponesa. Essa apareceu então como chave para a compreensão da particularidade nacional italiana no contexto da revolução socialista internacional e como fio condutor da análise do fascismo, do reformismo, do partido revolucionário e de todas as questões referentes a formula política da frente única e da revolução

na Itália. Pode-se então afirmar que a atenção que Gramsci concedia a questão meridional o endereçava celeremente para o veio da refundação comunista, particularmente enquanto o aproximava do método da reflexão leniniana.

A realização de uma conferência agrária do PCI, nos arredores da cidade de Bari, em 12 de setembro de 1926, procurou amadurecer as indicações para a ação política, anteriormente apresentadas no III congresso partidário. Percebia-se a crise das organizações políticas presentes no Sul e a dificuldade do fascismo em garantir uma base de massa estável. A organização autônoma do campesinato meridional e a aliança com as camadas médias intelectuais, que tendiam a se radicalizar, apareciam então como um elemento crucial para bloquear uma possível proposição da burguesia a dirigir o processo de superação do fascismo e, ao contrário, cimentar uma frente única operária e camponesa que perscrutasse a revolução socialista.³³¹

Intelectuais como Piero Gobetti, Carlo Rosselli, Guido Dorso e Tommaso Fiore antecipavam como única solução para o problema meridional italiano a que tivesse seu fundamento nas massas populares e nas camadas médias intelectuais do Sul, em oposição a secular dominação do latifúndio feudal, ainda que reconhecendo um papel de grande importância à classe operária do Norte no conjunto do movimento emancipatório. Essa postura meridionalista era defendida por publicações como *La rivoluzione liberale* de Piero Gobetti³³² e *Il quarto stato* de Carlo Rosselli e Pietro Nenni.³³³

³³¹ BISCIONE, Francesco M. Introduzione. In: GRAMSCI, Antonio. *Disgregazione sociale e rivoluzione: scritti sul Mezzogiorno*. Napoli: Liguori, 1996, p. 01-66 PASSIM.

³³² Piero Gobetti (1901-1926) foi colaborador do *L'Ordine Nuovo*. Em 1922 fundou a revista *La rivoluzione liberale*. Em abril de 1924, Gobetti, então com 23 anos de idade, publicou o livro *La rivoluzione liberale: saggio sulla lotta politica in Italia*, no qual faz uma análise crítica de todas as tendências políticas presentes na cena e proclama seu antifascismo. Defende a criação de uma nova classe dirigente capaz de fundar um Estado moderno embasado na "vanguarda industrial" do Norte e que dê solução ao problema meridional, promovendo sua industrialização. Os pontos de convergência com os comunistas são bastante evidentes. Ver GOBETTI, Piero. *La rivoluzione liberale; saggio sulla lotta politica in Italia*. Torino: Einaudi, 1995. Sobre os estreitos vínculos entre Gobetti e Gramsci pode ser consultado SPRIANO, Paolo. *Gramsci e Gobetti: introduzione allá vita e alle opere*. Torino: Einaudi, 1977.

³³³ Carlo Rosselli (1899-1937) foi influenciado pelo meridionalismo de Gaetano Salvemini e pela vertente reformista do socialismo italiano. Durante suas estadias na Inglaterra, aproximou-se do socialismo Fabiano. Colaborou nas

O livro de Guido Dorso, *La rivoluzione meridionale*, publicada em 1925 pela Casa Gobetti editori, possibilitou um intenso debate sobre a questão meridional, sobre a qual se debruçaram expoentes intelectuais de diversas correntes de oposição antifascista. As raízes longínquas da bipartição da península itálica são localizadas por Dorso na época das guerras da Roma republicana contra o Épiro e contra Cartago, que retiraram do Sul a função de fornecedora de grãos. A desintegração do Império Romano, o assentamento dos longobardos no Norte e o subsequente esforço de recomposição imperial de Carlos Magno deixaram o Sul à parte, possibilitando a existência do Ducado de Benevento e em seguida do Reino feudal dos Normandos.

A conquista angevina (1266-1441) “conferiu todas as faculdades diretivas, todas as formas de atividade espiritual a Napoli, a grande e gloriosa parasita em continuo aumento, (...)”. A partir de então, com exceção do curto período aragonês (1442-1503), “o Mezzogiorno, oferecido aos banqueiros florentinos como colônia de exploração econômica, resgatado pelo feudalismo, empobrecido pelo destaque da Sicília e pelas conseqüentes guerras, começou a precipitar-se na ruína. (...)”.³³⁴

A regressão feudal e colonial que sob o vice-reinado dos Habsburgo se seguiu, foi agravada pela prática espanhola dos arrendamentos. Os esforços de alguns monarcas da dinastia dos Bourbon, depois de 1734, para impor o absolutismo, encontram-se nas origens do que viria a ser a burguesia rural. No entanto, foi a revolução napolitana de 1799 que deu o impulso maior a burguesia rural para se tornar classe dominante. A persistente tentativa dos Bourbon, restaurados no poder, de impor uma monarquia absolutista continuou se confrontando com a resistência da

revistas *La rivoluzione liberale* e *Critica sociale*. Em 1924 juntou-se ao PSU. Em março de 1926, junto com Pietro Nenni, defensor de uma vertente social-democrata vinculada a II Internacional, funda a revista *Il Quarto Stato*, que agrega uma gama diversa de intelectuais antifascistas. Em 1928, no cárcere, Carlo Rosselli escreve o livro que sintetiza suas idéias políticas: *Socialismo liberal*. Ver ROSSELLI, Carlo. *Socialismo liberale*. Torino: Einaudi, 1997.

³³⁴ DORSO, Guido. *La rivoluzione meridionale*. Torino: Einaudi, 1972, p.110-111.

burguesia rural, como antes o se confrontara com o poder do baronato feudal. O ideal liberal-conservador que a burguesia rural napolitana não pode ter no seu próprio rei foi descoberto no setentrional reino piemontês, com o qual se aliou, de modo que, “substancialmente, os liberais meridionais encontraram no centralismo piemontês a encarnação jurídico-burocrática daquele ideal político, para o qual, em vão, haviam procurado empurrar o absolutismo bourbonico”.³³⁵

Uma vez conquistado o poder político local, a burguesia rural passou a se opor a qualquer ação antifeudal vinda do novo Estado unificado, em troca da aceitação das diretivas políticas da classe dominante do Norte. A partir de então o Mezzogiorno viu-se transformado em “colônia de exploração do capital setentrional em formação” e “constituído em mercado de arrendamento da plutocracia industrial do setentrião”, que pela emigração oferecia a única escapatória para o crescimento demográfico. Dorso identifica as razões do atraso do Sul da Itália “na imobilidade da sua ossatura econômico-feudal, derivada dos detritos legislativos do feudalismo que ainda perduram e da falta de uma legislação moderna”.³³⁶

Guido Dorso, assim como o grupo de *La rivoluzione liberale*, entendia que a grande tarefa era a de criar as condições culturais para a gestação de uma nova classe dirigente na Itália. Essa conclusão derivava da análise das forças políticas existentes, todas elas retrógradas ou imaturas, de maneira que “a tarefa de bater-se pelo Estado moderno é, por ora, afiançado a exíguas minorias culturais, sem objetivos políticos precisos”.³³⁷ Descrente de uma ação estatal e também dos partidos políticos existentes, Dorso entende que “é preciso, em vez, afrontar, também no campo político, cientificamente o problema para procurar potenciar com intransigência jacobina

³³⁵ Ibidem, p. 115.

³³⁶ Ibidem, p. 206-207.

³³⁷ Ibidem, p. 171.

os escassos elementos de solução, que, no entanto existem, ainda que em estado tendencial e latente”.³³⁸

Embora entenda ser o grupo de *La rivoluzione liberale* “a única fração verdadeiramente liberal que exista na Itália”.³³⁹ Dorso reconhece amplamente o papel dos comunistas na busca da resolução dos problemas concretos do país e do Mezzogiorno. Na serena análise de Guido Dorso, o grupo de *L'Ordine Nuovo* e a experiência dos conselhos de fábrica “foram a primeira tentativa de se aderir à realidade revolucionária do país”, com o objetivo de “formar a nova classe dirigente no seio da antiga e fazê-la depois eclodir do casulo de formação no momento oportuno”, o que demandaria “um longo período de elaboração prática das idéias e das formações políticas para manter-se revolucionariamente aderente a atual realidade econômica e social do país”.³⁴⁰

No entanto, a completa superação da concepção seguida pelo reformismo socialista só ocorreu com o reconhecimento da necessidade de destruir o Estado burocrático-centralizador e de resolver a questão meridional. Assim, julgava Dorso, no momento em que reconhecessem que residiam no Mezzogiorno as verdadeiras forças revolucionárias da Itália, os comunistas estariam se colocando “na primeira linha entre os movimentos liberais italianos”.³⁴¹

Como desdobramento do trabalho organizativo e de elaboração teórica do PCI, Gramsci procurou redigir um ensaio ou uma série de artigos abordando especificamente a questão meridional e sua importância na definição das forças motrizes da revolução italiana, com a finalidade de capacitar o partido e de estabelecer uma interlocução com possíveis aliados e com adversários políticos. Escrito na sua maior parte durante o mês de outubro, o texto trazia o título

³³⁸ Ibidem, p. 209.

³³⁹ Ibidem, p. 171.

³⁴⁰ Ibidem, p. 189-191.

³⁴¹ Ibidem, p. 195.

de *Notas sobre o problema meridional e sobre a atitude dos comunistas, dos socialistas e dos democráticos*, tendo ficado inacabado em razão da prisão do autor.³⁴²

Como o próprio Gramsci informa, “o esposto para estas notas foi dado pela publicação, ocorrida no *‘Quarto Stato’* de 18 de setembro, de um artigo sobre o problema meridional, assinada ‘Ulenspiegel’, ao qual a redação da revista fez preceder um preâmbulo um tanto tolo”.³⁴³ O texto comenta o livro de Guido Dorso, inclusive a análise feita sobre a posição dos comunistas em relação à questão meridional. Visando alimentar a polêmica com o núcleo editorial, Gramsci despende um largo espaço retomando as posições dos ‘comunistas torineses’ a respeito do problema meridional. Lembra que “o conceito fundamental dos comunistas torineses não foi a ‘fórmula mágica’ da divisão do latifúndio, mas aliança política entre operários do Norte e os camponeses do Sul para derrubar a burguesia do poder do Estado”, de modo que

no campo proletário, os comunistas torineses tiveram um ‘mérito’ indiscutível: colocaram a questão meridional sob a atenção da vanguarda operária, apresentando-a como um dos problemas essenciais da política nacional do proletariado revolucionário.³⁴⁴

No entanto, o obstáculo a ser enfrentado era precisamente a difusão da ideologia burguesa no seio do proletariado. O positivismo que conduzia o industrialismo do Norte e que forte

³⁴² O texto manuscrito foi recolhido por Camila Ravera, que o enviou a Paris, tendo chegado às mãos de Togliatti. A publicação foi retardada no aguardo do resultado do processo contra Gramsci e depois durante o desenrolar da luta política na URSS, entre Stalin e Bukhárin, que culminou a crise da NEP. A publicação do ensaio inacabado de Gramsci adveio já quando a nova linha política staliniana havia já se imposto, nas páginas da revista do PCI, *Lo Stato operaio*, anno IV, n.1, gennaio 1930, p. 09-26, com o título pelo qual ficou consagrado *Alcuni temi della questione meridionale*. Cópia do texto de Gramsci pode ser encontrada na Fondazione Istituto Gramsci di Roma e publicado em GRAMSCI, Antonio. *La costruzione del Partito comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978, p. 137-158.

³⁴³ “Ulenspiegel” é pseudônimo de Tommaso Fiore e o comentário editorial se dissocia tanto do livro de Dorso quanto do comentário de Fiore, tecendo críticas aos comunistas. Para a citação ver GRAMSCI, Antonio. *Alcuni temi della questione meridionale*. In: _____. *Disgregazione sociale e rivoluzione: scritti sul Mezzogiorno*. (a cura di Francesco Biscione). Napoli: Liguori, 1995, p. 154.

³⁴⁴ GRAMSCI, Antonio. *Alcuni temi della questione meridionale*. In: _____. *Op. cit.* p. 157.

influência exercia sobre a ideologia do Partido Socialista, indicava as causas do atraso social da região meridional como sendo de fundo natural e biológico. Assim, além de ter que “modificar o endereço político e a ideologia geral do próprio proletariado, como elemento nacional que vive no complexo da vida estatal e sofre inconscientemente a influência da escola, do jornal, da tradição burguesa”, os comunistas tiveram que enfrentar os socialistas e os escritores da chamada escola positiva, por meio dos quais, “mais uma vez a ciência esteve voltada para pisotear os miseráveis e os explorados, mas desta vez coberta pelas cores socialistas, pretendia ser a ciência do proletariado”.³⁴⁵

Gramsci recupera uma série de exemplos de como, desde antes da guerra de 1914, o proletariado de Torino reagiu na prática contra esses preconceitos anti-meridionais e como, em seguida, os comunistas desenvolveram um embrião de prática política voltada contra a ideologia burguesa então predominante. A atualidade da questão meridional na análise gramsciana tem seu foco na opção das classes dominantes italianas pela ereção de “um bloco industrial capitalista-operário”, em detrimento de “uma democracia rural, ou seja, uma aliança com os camponeses meridionais”.³⁴⁶

Desse modo, o reformismo socialista tornou-se uma possibilidade de inserção da classe operária na vida estatal, mas em detrimento das massas camponesas do Sul. Em contraste com a política reformista é que tem sua origem o sindicalismo-revolucionário, o qual indica a possibilidade da realização de um bloco da classe operária com o campesinato. Mais claramente, “o sindicalismo é uma débil tentativa dos camponeses meridionais, representados por seus intelectuais mais avançados, de dirigir o proletariado”, tanto que seu grupo dirigente constituiu-se de intelectuais meridionais, que se opõem ao centralismo estatal e ao protecionismo alfandegário

³⁴⁵ Ibidem, p. 158-159.

³⁴⁶ Ibidem, p. 167.

e cuja essência ideológica “é um novo liberalismo, mais enérgico, mais agressivo, mais batalhador do que aquele tradicional”.³⁴⁷

Na emigração e no livre-cambismo Gramsci encontra a explicação da passagem gradual dos intelectuais sindicalistas para o campo político da burguesia. A expansão colonialista, apontada como solução para o problema da emigração e da pobreza do Sul, possibilita a sua adesão ao ‘nacionalismo’. Por outro lado a diferenciação social do campesinato do Norte, com o crescimento do número de trabalhadores braçais, possibilitava uma nova possibilidade de inserção política e cultural para os sindicalistas meridionalistas, ao mesmo tempo em que a burguesia investia, por meio dos católicos, em uma aproximação com o campesinato.

No pós-guerra, diante do avanço das massas populares, a burguesia investe no projeto liberal-corporativo de enquadramento da classe operária no Estado. Com derrota do movimento operário autônomo de Torino, “com ajuda da Confederação Geral do Trabalho, i.é, do reformismo corporativo” e “através da subordinação do partido político operário à política do governo”, enfim

o proletariado torinês não existirá mais como classe independente, mas só como apêndice do Estado burguês. O corporativismo de classe terá triunfado, mas o proletariado perderá sua posição e sua função de dirigente e de guia, aparecerá aos camponeses como um explorador ao estilo dos burgueses, pois a burguesia, como sempre tem feito, apresentará à massa camponesa os núcleos operários privilegiados como a única causa de seus males e da sua miséria.³⁴⁸

A resistência a esse projeto ofereceu a base para o desenvolvimento do Partido Comunista em Torino, mas é possível observar sua presença também em outras regiões do Norte. Assim,

³⁴⁷ Ibidem, p. 168.

³⁴⁸ Ibidem, p. 172.

para Gramsci, o predomínio da ideologia burguesa no movimento operário se expressa no reformismo consubstanciado num corporativismo de classe, que anula a autonomia operária, e na postura preconceituosa diante dos meridionais. O sindicalismo-revolucionário, por sua vez, ainda que reconhecendo a necessidade do campesinato se aliar à classe operária, foi facilmente atraído pela política econômica liberal e expansionista aplicada pela burguesia italiana, enquanto o socialismo reformista aceitava o corporativismo.

Dessa crise geral da direção política e cultural das classes subalternas, envolvendo o sindicalismo-revolucionário e o socialismo reformista, é que surge o comunismo como alternativa. Recorde-se que, resguardadas as suas imensas idiossincrasias, o próprio Gramsci, sempre fora um opositor do socialismo reformista, tendo-se se alimentado mais da vertente sindicalista-revolucionária (inclusive naquilo que essa comporta de liberalismo), até pelo seu enquadramento meridionalista.

No entanto, desde 1920, segundo Gramsci, “os comunistas torineses tinham-se posto concretamente a questão da ‘hegemonia do proletariado’, ou seja, da base social da ditadura proletária e do Estado operário”. Isso indicaria a consciência de que

o proletariado pode se tornar classe dirigente e dominante na medida em que consegue criar um sistema de alianças de classe que lhe permita mobilizar contra o capitalismo e o Estado burguês a maioria da população trabalhadora, o que significa, na Itália, nas relações de classe reais existentes na Itália, na medida em que consegue obter o consenso das amplas massas camponesas.³⁴⁹

Mas para isso ocorra, há um pressuposto:

³⁴⁹ Ibidem, p. 158.

o proletariado, para ser capaz de governar como classe, deve despir-se de todo o resíduo corporativo, de todo o preconceito ou incrustação sindicalista. O que significa isso? Que não só devem ser superadas as distinções que existem entre as profissões, mas ocorre, para conquistar a confiança e o consenso dos camponeses e de algumas categorias semiproletárias da cidade, superar alguns preconceitos e vencer certos egoísmos que podem subsistir e subsistem na classe operária enquanto tal, mesmo quando no seu seio desapareceram os particularismos de profissão.³⁵⁰

Ainda mais,

devem pensar como operários membros de uma classe que tende a dirigir os camponeses e os intelectuais, de uma classe que pode vencer e pode construir o socialismo só se ajudada e seguida pela grande maioria destes estratos sociais.

³⁵¹

Certo que Gramsci esta se referindo à necessidade da superação da tradição cultural das classes subalternas da Itália e da criação de uma nova cultura em condições de gerar uma nova hegemonia, para a qual a fórmula política da frente única apareceria como estratégica. Do mesmo modo, ficam realçadas as condições sociais necessárias para a realização da revolução e o avio da transição socialista em países nos quais o peso da questão agrária era decisivo. Gramsci antecipa também a composição social da frente única revolucionária, assim como do novo bloco histórico que conduziria a transição socialista. Impossível ainda não sentir nessas linhas a sombra da polêmica travada por Gramsci com parte da imprensa italiana sobre os caminhos da URSS e também de sua particular concepção sobre as divergências que assolavam o grupo dirigente bolchevique.

³⁵⁰ Ibidem, p. 166.

³⁵¹ Ibidem, p. 166 (bis)

A importância fundamental da realização da aliança operário-camponesa pressupõe o conhecimento prático da particularidade da questão camponesa e agrária. Assim é que

na Itália a questão camponesa tem, pela determinada tradição italiana, pelo determinado desenvolvimento da história italiana, assumido duas formas típicas e peculiares, a questão meridional e a questão vaticana. Conquistar a maioria das massas camponesas significa, portanto, para o proletariado italiano, fazer próprias essas duas questões do ponto de vista social, compreender as exigências de classes que representam, incorporar essas exigências no seu programa revolucionário de transição, por essas exigências entre suas reivindicações de luta.³⁵²

Ainda que com particularidades no seu conjunto, “o Mezzogiorno pode ser definido como uma grande desagregação social; os camponeses, que constituem a grande maioria da sua população, não têm nenhuma coesão entre si”.³⁵³ Para Gramsci ainda, a

sociedade meridional é um grande bloco agrário constituído por três estratos sociais: a grande massa camponesa, amorfa e desagregada, os intelectuais da pequena e média burguesia rural, os grandes proprietários de terra e os grandes intelectuais.³⁵⁴

Gramsci praticamente se firma nessa sucinta descrição de estratificação social do Sul da Itália, não fazendo qualquer referencia ao processo produtivo regional ou a seus nexos econômicos com o Norte do país, exceto os comentários sobre a política econômica. Mesmo as condições sociais e econômicas do campesinato pobre não são diretamente objeto de maior atenção. Ainda assim destaca que

³⁵² Ibidem, p.158.

³⁵³ Ibidem, p.174.

³⁵⁴ Ibidem, p.174.

qualquer acumulação de capitais no lugar e qualquer acumulação de poupança torna-se impossível em virtude do sistema fiscal e alfandegário e do fato de que os capitalistas proprietários de empresas não transformam no próprio posto seus lucros em novo capital, porque não são do lugar.³⁵⁵

Mais voltado a localizar as formas de organização do poder político do grande latifúndio, a sua preocupação está, desde logo, focalizada na questão dos intelectuais e da burocracia estatal. Gramsci nota que o desenvolvimento do capitalismo criou um novo tipo de intelectual: “o organizador técnico, o especialista da ciência aplicada”. No Sul da Itália, no entanto, persistia ainda o velho tipo de intelectual, “o elemento organizativo de uma sociedade de base camponesa e artesã; para organizar o Estado, para organizar o comércio a classe dominante treinava um particular tipo de intelectual”.³⁵⁶

Esse tipo de intelectual é “que dá a maior parte do pessoal estatal e que também localmente, na vila e no burgo rural, exercita a função de intermediário entre o camponês e a Administração em geral”. O intelectual meridional tem sua origem social na burguesia rural, ou seja, “o pequeno e médio proprietário de terra que não é camponês”, mas que a oferece em parceria ou arrendamento. Essa camada se caracteriza, ao mesmo tempo, pela aversão e pelo medo do camponês trabalhador. Além de funcionários civis e militares, o clero compõe uma fração muito importante da intelectualidade tradicional, o qual intervém na vida econômica como administrador de terras ou como usurário.³⁵⁷

Essa massa intelectual, que compõe a burocracia estatal, estabelece o vínculo entre o camponês meridional e o grande proprietário de terra. Isso ocorre por meio de grupos e partidos

³⁵⁵ Ibidem, p. 179.

³⁵⁶ Ibidem, p. 175.

³⁵⁷ Ibidem, p. 174-176.

políticos organizados por intelectuais que atuam sobre a massa camponesa, mas que são controlados pelos grandes proprietários e o pessoal político que atua na esfera nacional. É assim que se efetiva “um monstruoso bloco agrário que, no seu conjunto, serve de intermediário e guardião do capitalismo setentrional e dos grandes bancos”.³⁵⁸

Percebe-se então como Gramsci amplia e redefine a noção de intelectual. Para ele a ossatura da burocracia estatal é composta por uma massa de intelectuais, que cumpre um papel decisivo na estabilização da ordem social. Uma fratura nessa camada social poderia ser crucial para o sucesso de um processo revolucionário socialista. Assim é que “Por sobre o bloco agrário funciona no Mezzogiorno um bloco intelectual que praticamente serviu até agora para impedir que as rachaduras do bloco agrário se tornassem demasiado perigosas e determinassem um esboroamento”.³⁵⁹

Mas a desagregação social que descreve a situação dos camponeses pode servir também para se referir ao mundo intelectual e da cultura, haja vista que se observa uma grande concentração de inteligência e de cultura em grupos restritos de grandes intelectuais, ao mesmo tempo em que “não há uma organização da cultura média. (...); não existem pequenas e médias revistas, não existem casas editoriais em torno das quais se agrupem formações médias de intelectuais meridionais”.³⁶⁰

Os intelectuais meridionais que buscaram uma saída radical para a questão meridional tiveram que se organizar fora do Mezzogiorno. No entanto, todas as iniciativas culturais ocorridas na Itália, desde o início do século XX, até o momento em que Gramsci escreve, teriam tido alguma influência do meridionalismo, mas de um meridionalismo delimitado pela reflexão dos grandes intelectuais do Sul: Giustino Fortunato e Benedetto Croce. Na Itália,

³⁵⁸ Ibidem, p. 178.

³⁵⁹ Ibidem, p. 180-181.

³⁶⁰ Ibidem, p. 180-181.

não sendo possível uma Reforma religiosa de massa, em razão das condições modernas de civilização, verificou-se a única Reforma historicamente possível com a filosofia de Benedetto Croce: foi mudado o endereço e o método de pensamento, foi construída uma nova concepção do mundo que superou o catolicismo e qualquer religião mitológica. Nesse sentido Benedetto Croce cumpriu uma altíssima função 'nacional': separou os intelectuais radicais do Mezzogiorno das massas camponesas, fazendo-os participar na cultura nacional e européia, e através dessa cultura lhes fez serem absorvidos pela burguesia nacional e daí pelo bloco agrário.³⁶¹

Gramsci reconhece que o próprio grupo do L'Ordine Nuovo tem vínculos de origem com essa formação intelectual, mas representa, ao mesmo tempo "uma ruptura completa com aquela tradição e o início de um novo desenvolvimento". Na prática, essa ruptura ocorreu no momento em que os comunistas torineses "colocaram o proletariado urbano como protagonista moderno da história italiana e, portanto, da questão meridional".³⁶²

Uma outra fração que se descolou da formação intelectual dominante entre os meridionalistas e reconheceu a posição social do proletariado foi a vertente cujos exemplos são Piero Gobetti e Guido Dorso. Na avaliação de Gramsci, a concepção de Gobetti, "em grande parte retoma o sindicalismo e o modo de pensar dos sindicalistas intelectuais: os princípios do liberalismo são projetados da ordem dos fenômenos individuais para aqueles dos fenômenos de massa".³⁶³ Por meio desses intelectuais pode ser estabelecido um vínculo entre o proletariado e os intelectuais surgidos no terreno da técnica capitalista e que podem assumir uma posição de esquerda, como fora intentado no movimento de ocupação das fábricas, em Torino.

³⁶¹ Ibidem, p. 181.

³⁶² Ibidem, p. 182.

³⁶³ Ibidem, p. 183.

Mesmo considerando o caráter de esboço e principalmente de trabalho não concluído, chama atenção a ausência de qualquer referência ao grupo intelectual de Bordiga, que se aliou ao grupo do *L'Ordine Nuovo*, a fim de fundar o partido comunista. Mais ainda se considerarmos seu caráter original de grupo napolitano e anti-Croce. Essa lacuna pode ser explicável se lembrarmos que para a vertente comunista de esquerda não havia uma questão meridional ou mesmo um horizonte para a propalada aliança operário-camponesa. Assim é que Gramsci, por esse aspecto, vê a vertente bordighista como uma variante do positivismo da tradição socialista. Outra ausência, que provavelmente seria tratada em outro momento, é a Igreja Católica, constitutiva da questão vaticana, assim como a análise das posições de outros agrupamentos políticos e culturais.

Gramsci percebia a importância em se desorganizar o bloco intelectual cuja referência maior era a figura de Benedetto Croce, assim como sabia das dificuldades em se forjar uma camada intelectual revolucionária estreitamente ligada à classe operária. Daí a necessidade de se lutar para que ocorra uma fratura orgânica na massa dos intelectuais e que se forme uma tendência de esquerda, orientada para o proletariado industrial. Essa fração que se desprende do bloco intelectual deveria compor na frente única pela qual se empenhavam os comunistas por construir.

Do mesmo modo que Gramsci procura centrar a atividade política dos comunistas tentando atrair para a frente única os estratos intermediários dos partidos operários e pequeno-burgueses, ou seja, sua massa intelectual, enfatizava a necessidade de se aliar aos intelectuais meridionalistas que reconheciam um papel histórico ao proletariado, até para que as massas camponesas pudessem fazer o mesmo. É assim que

o proletariado destruirá o bloco agrário meridional na medida em que conseguir, através de seu Partido, organizar em formações autônomas e independentes,

massas sempre mais notáveis de camponeses pobres; mas obterá êxito em medida maior ou menor nessa sua tarefa obrigatória, mesmo que secundária, conforme for capaz de desagregar o bloco intelectual que é a armadura flexível, mas muito resistente do bloco agrário.³⁶⁴

Aqui Gramsci lança uma noção mais ampla de aliança operário-camponesa, pois com a inclusão da questão da massa dos intelectuais se esta tangenciando o tema do bloco histórico, que implica temas como a organização da produção e do Estado na transição, assim como a questão essencial da organização da esfera subjetiva. Dessa maneira, a fórmula política da frente única encontra, com Gramsci, novas soluções e um aprofundamento teórico que a IC, no seu conjunto, não vinha conseguindo contemplar.

³⁶⁴ Ibidem, p. 185.



Conclusão

A prisão de Gramsci, em 8 de novembro de 1926, interrompeu uma elaboração teórico-política que se desenvolvia a partir da atividade revolucionária prática cotidiana, mas que seria retomada algum tempo depois na circunstâncias das duras condições carcerárias. Só então o seu reencontro com Marx, em uma situação muito particular, e o diálogo crítico com os componentes intelectuais que contribuíram para forjar seu próprio pensamento, possibilitará a crítica radical da cultura hegemônica na Itália, expressa na obra de Croce, assim como a crítica (indireta) da regressão teórica da refundação comunista.

Como se viu, Gramsci tem seu ponto de partida na inspiração antipositivista presente no universo revisionista do marxismo do fim do século XIX, que retoma a dialética hegelista, mas também aspectos da mais avançada reflexão liberal-democrata. Dentre as inúmeras contribuições que convergiram na formação do pensamento político de Gramsci, de início destaca-se Benedetto Croce, como promotor do resgate da dialética idealista, e depois George Sorel com sua ênfase no 'espírito de cisão' da classe operária em relação ao mundo burguês, mas que reproduzia a cisão entre o econômico e o político, própria a esse mundo e também própria do liberalismo e do reformismo. De maneira mais geral, Gramsci origina-se de uma vertente intelectual meridional contestatória da ordem oligárquica vigente, que, fundamentada no liberalismo, almeja completar a obra do 'Risorgimento', fazendo da Itália uma república democrática.

Pela franja mais à esquerda dessa área cultural, Gramsci se vincula ao sindicalismo-revolucionário, particularmente no que tange ao reconhecimento da necessidade de se emancipar o campesinato por meio de uma aproximação com a classe operária industrial (ela própria, em

boa medida, de origem migrante e rural). É através do mundo operário que Gramsci estabelece contato com o PSI e não o contrário. A relação com o PSI se estreita apenas quando esse oferece seu apoio e simpatia a revolução russa.

Na rica experiência do movimento operário de Torino, particularmente aquela que deu vida aos conselhos de fábrica, com sua perspectiva de controle do processo produtivo para além da lógica do capital, Gramsci vivenciou na prática o 'espírito de cisão', que então perpassava a classe operária, não só da Itália como de várias partes do globo, particularmente da Europa centro-oriental, sob o influxo da revolução eclodida no Oriente-russo. A percepção de que as principais instituições sociais da classe operária, notadamente o sindicato e o partido, tendiam a se postar por dentro do mundo burguês e a preservar os fundamentos da ordem cindida do capital como relação de apropriação privada da produção social, fez com que Gramsci investisse na centralidade da fábrica e no controle do processo produtivo como fundamento do antagonismo ao capital.

A experiência revolucionária dos conselhos de fábrica se identificava largamente com outras similares na Rússia, Alemanha, Áustria, Hungria e Inglaterra. Parecia com clareza estar em marcha uma luta de auto-emancipação das massas operárias. Mas, o isolamento social dessa fração operária e o início da contra-ofensiva do capital desnudaram os limites e a crise do sindicalismo-revolucionário e do reformismo socialista na Itália e em toda à parte. A posição de Gramsci era já muito particular nesse contexto, pois não refutava um papel ao partido operário, desde que esse preservasse sua razão de ser como representante do antagonismo de classe.

Assim, a sua posição teórico-política se aproximava de Sorel e de Rosa Luxemburg, guardadas as muitas diferenças entre esses dois revolucionários. Ambos nutriam uma grande simpatia e identificação com a revolução na Rússia, como também entendiam como sendo fundamental a questão da auto-atividade das massas e a sua capacidade de criar instituições

próprias. É bastante possível que Gramsci visse nas formulações de Rosa Luxemburg e na experiência espartaquista um elo teórico importante, vinculando a greve, os conselhos operários e a formação do partido revolucionário.

A constatação de que tanto a CGL quanto o PSI tendiam a se incorporar ao Estado burguês e que o mero controle da produção não poderia, por si só, promover o esvaziamento do poder político do capital, fez com Gramsci se endereçasse então para a cisão completa com o liberalismo e o reformismo e sua base social, e para a construção de um novo partido político, como instância privilegiada do antagonismo operário e da perspectiva da totalidade, modo pelo qual deslocou-se para a senda da recém-fundada Internacional Comunista e para o encontro marcado com Lênin.

A fundação do partido comunista exigiu a convergência entre o grupo do *L'Ordine Nuovo*, do grupo majoritário do *Il Soviet* e de um grupo menor de 'massimalistas', todos com origem no PSI. A preservação do 'espírito de cisão' e a construção de um partido operário de caráter nacional e vinculado à perspectiva da revolução socialista internacional garantiu esse acordo político.

A necessidade de se fazer frente ao movimento fascista e garantir a unidade e legitimidade do PCI diante da IC mantiveram unidos Gramsci e Amadeo Bordiga, cuja concepção de partido e revolução era bastante singular. Bordiga entendia que o partido de vanguarda deveria ser formado por todos aqueles que fossem dotados do conhecimento da ciência da revolução e se empenhassem para difundi-la no transcurso da luta operária, até que houvesse uma identificação entre classe e partido em uma situação de crise capitalista. O fascismo seria uma variante da reação capitalista nesse momento de crise e a sua derrota se identificaria com a revolução socialista. Ora, essa é uma fórmula que além de desprezar as mediações, preserva a cisão presente

na ordem do capital, entre trabalho manual e intelectual, entre os simples e os dotados de saber, com a qual Gramsci não podia se identificar, em razão de toda sua formação pregressa.

O afastamento entre Bordiga e Gramsci aconteceu no decorrer do contencioso do PCI com a IC. O empenho da direção da IC em constituir partidos comunistas de massa na Europa ocidental esteve ligado a perda de alento e a subsequente derrota da revolução socialista internacional, cuja implicação foi o surgimento da fórmula política da frente única. A aplicação dessa tática na Itália sugeria uma nova cisão no PSI, que incorporasse a maioria 'massimalista' nas fileiras da IC, e, em seguida, que fosse forjada uma aliança entre as forças políticas antifascistas. O PCI, por sua vez, preferiu entender que a frente única seria uma tática voltada aos operários socialistas a ser adotada apenas nos sindicatos e entre os jovens.

Na medida em que aumentava a ameaça de intervenção da IC e do esfacelamento do grupo dirigente original do PCI e sua substituição por uma maioria advinda do 'massimalismo' aliada a 'direita' comunista, cuja finalidade seria a imposição da tática da frente única, Gramsci percebe que a resistência entabulada por Bordiga era inócua. De fato, essa resistência apenas fazia vir à tona as latentes debilidades teóricas, no que se refere a forma partido, mas principalmente no que tange ao problema das alianças sociais e da dimensão internacional da revolução italiana. Assim, afastando-se da pretensa tradição nacional da esquerda italiana, Gramsci se aproxima das formulações do grupo dirigente bolchevique, particularmente de Lênin, sem, no entanto, abandonar as inspirações teóricas que o conduziram ao campo da cisão com a ordem do capital e com as formulações subalternas no interior da cultura política do movimento operário.

A formulação teórica que antes o mantivera avesso ao reformismo e ao positivismo, não conseguira acumular forças para se sobrepor a Bordiga no campo da cisão comunista em oposição àquelas vertentes predominantes no movimento operário. Mas agora, durante sua

estadia em Moscou, se juntava à concepção teórica leniniana e encontrava respaldo na força organizativa da IC, para perpetrar um salto de qualidade teórico que o projetava para dentro da vertente da refundação comunista, aberta principalmente por Rosa Luxemburg e Lênin.

Foi precisamente na fórmula política da frente única que Gramsci encontrou o fio condutor da práxis revolucionária. Desde logo sua concepção procurou uma orientação própria dentro do emaranhado teórico que surgia no seio da IC e de seus principais partidos por conta, primeiro, da novidade e decorrente imaturidade e imprecisão da noção de frente única, e, depois, da regressão teórica que afetou a maioria do movimento comunista após a morte de Lênin e a desagregação do grupo espartaquista.

Surgiram duas diferentes concepções teóricas de frente única na IC, possivelmente antitéticas, ainda que com uma série de gradações. Uma que entendia ser a fórmula política da frente única uma tática defensiva diante da ofensiva do capital e que deveria durar até que, num breve tempo, houvesse uma retomada do movimento revolucionário. Nesse caso, dever-se-ia buscar uma aliança com a massa operária social-democrata, a fim de mostrar que a momentânea derrota da revolução era de responsabilidade dos dirigentes reformistas pelo seu intrínseco vínculo com a ordem burguesa. A manifestação da postura anti-revolucionária da social-democracia era demonstrada pela sua disposição em participar de governos de coalizão democrática. A frente única ‘pela base’ visava então ‘desmascarar’ os dirigentes social-democratas e atrair a maioria dos operários para o campo da revolução socialista, mal se dando conta da eficácia da ofensiva do capital na produção e no Estado.

Outra postura diante da fórmula política da frente única era daqueles que supunham que a ofensiva do capital era mais sólida e duradoura, porquanto a tática da frente única deveria unir todas as organizações operárias, particularmente sindicatos e partidos. Essa frente única também

‘pelo alto’, i.é., envolvendo as direções poderia eventualmente chegar ao governo regional ou mesmo nacional, caso no qual os comunistas ofereceriam seu apoio externo.

A indefinição estratégica da IC decorria da dificuldade em se forjar um grupo dirigente efetivamente internacional, que pudesse dar conta das questões atinentes à crise do capital e do Estado. A regressão teórica e o processo de cisão que afetou o grupo dirigente bolchevique, assim como a impossibilidade cabal de se chegar a uma síntese teórica na Alemanha fez com que a IC oscilasse entre duas estratégias diferentes. A ambigüidade acabou sendo parcialmente disfarçada nas peripécias conjunturais e nas análises de casos particulares.

Surgida na Alemanha, por obra do grupo espartaquista, a fórmula política da frente única expressava a idéia de criar uma nova forma de unidade da classe operária, seriamente afetada pelos efeitos da guerra e do intento revolucionário de 1919. De modo simétrico, na Rússia, pouco depois, foi enunciada a Nova Política Econômica, a qual trazia o objetivo de recompor a aliança operário-camponesa. Destarte, até como uma decorrência lógica, a fórmula política da frente única passou a ser entendida, muito particularmente em países de menor contaminação capitalista, sob o rótulo de aliança ou bloco operário-camponês. Era o caso não só da Rússia, como da Itália e outros países europeus, além dos países da periferia colonial.

Logo uma nova divergência, que no fundo expressava a aludida dualidade estratégica, veio à tona, sobre o conteúdo efetivo da palavra de ordem política do ‘governo operário’ ou governo ‘operário-camponês’. De uma parte havia aqueles que entendiam que, como corolário da tática da frente única ‘pelo alto’, esse seria um objetivo intermediário a ser alcançado ainda dentro dos quadros da dominação burguesa. Outros entendiam que essa seria apenas uma expressão sinônima de ‘ditadura proletária’. Como vimos, o presidente da IC, G. Zinoviev fez inúmeros malabarismos para manter acopladas essas concepções profundamente diferentes.

Na URSS, as implicações dessa indefinição teórica estratégica foram de importância decisiva. A rigor, após a morte de Lênin, apenas Bukhárin contava com uma perspectiva estratégica da frente única. Foi aos poucos percebendo que a ofensiva do capital poderia ser bastante duradoura no Ocidente, fazendo com que o movimento comunista tivesse que travar uma luta de resistência e de acumulação de forças por meio da política de frente única em busca de objetivos intermediários como o 'governo operário', derivado da coalizão entre comunistas e social-democratas. Na URSS, por sua vez, seriam fundamentais a manutenção da aliança operário-camponesa e o aprofundamento da NEP. O capitalismo monopolista de Estado na URSS seria a via da transição socialista, mas poderia apontar nessa direção também no Ocidente. A NEP teria condições de levar os camponeses ao socialismo, ainda que isso demandasse uma profunda e lenta mudança material e cultural.

Outros atores políticos importantes do grupo dirigente bolchevique viam na fórmula política da frente única um expediente tático. Para Trotsky, a frente única era uma tática defensiva que deveria durar enquanto não se estivesse avançando pelo caminho da insurreição. Em relação a URSS, apenas uma classe operária fortalecida num rápido processo de industrialização poderia barrar a burocratização do partido e do Estado, assim como o risco de restauração capitalista presente no campo, além de contribuir com a difusão da revolução socialista internacional.

Stalin mostrou-se favorável a NEP e a política de frente única enquanto manteve a aliança com Bukhárin. Mas a sua concepção de transição socialista nunca foi a mesma. Para Stalin, a aliança operário-camponesa deveria durar enquanto o Estado soviético não estivesse suficientemente forte para desencadear um processo acelerado de desenvolvimento das forças produtivas e para promover a redução dos camponeses à 'socialização'. Sua idéia era de que a possibilidade da transição socialista avançar celeremente na URSS existia, assim como era

possível um forte Estado socialista em meio ao predomínio mundial do imperialismo-capitalista, decorrendo daí as teses antitéticas às de Lênin, do agravamento da luta de classes e do fortalecimento do Estado no período de transição.

Zinoviev tentou manter uma chave de equilíbrio entre essas posições diferentes, sem conseguir, no entanto, nem de longe, alcançar alguma forma de síntese teórica. Na posição de presidente da IC e de alto dirigente do PCR (b), a responsabilidade de Zinoviev era imensa, tendo sido, juntamente com Stalin, a expressão maior da regressão teórica da IC, ainda que, como vimos, por diversas vezes as suas posições tenham estado muito próximas às de Gramsci, no referente ao contexto internacional.

A regressão teórica no bolchevismo poderia eventualmente ter sido compensada na Alemanha caso o grupo dirigente espartaquista não tivesse sido pulverizado no confronto com a social-democracia e nos embates internos a própria IC. De resto, a imensa riqueza do marxismo alemão não conseguiu fazer vir a lume qualquer outra alternativa para a refundação comunista. Com o desaparecimento relativamente precoce de Rosa Luxemburg e de Lênin a refundação da práxis revolucionária só pode florescer então de maneira marginal e incompleta em países de relativo atraso do ponto de vista do capitalismo, como a Hungria e a Itália, com a trajetória política e intelectual de Lukács e Gramsci. Não casualmente foram esses autores os mais sofisticados elaboradores da fórmula política da frente única, fazendo dessa concepção teórico-estratégica a marca distintiva dessa segunda fase da refundação comunista.

Certo que esses autores definidos como compondo o campo da refundação comunista do século XX, contam com matrizes teóricas diferenciadas, ainda que todos se refiram fundamentalmente a obra teórica e prática de Karl Marx. Assim como também se podem localizar diversas diferenças de postura ou enfoque teórico sobre questões importantes. O que se tentou mostrar nessas páginas foi precisamente a particularidade de Gramsci no âmbito da refundação

comunista no período que antecedeu o encarceramento. Essa foi a razão de se tentar vincular o ambiente político-cultural europeu que deu vazão a refundação comunista na Europa centro-oriental, a crise do movimento operário, guerra e a revolução socialista internacional, com o específico ambiente italiano e aquele particular de Gramsci. Com isso se pode perceber como o meridionalismo original, eivado de liberalismo-democrático se transmuta num meridionalismo posto no contexto internacional da revolução socialista, projetando a periferia no cerne do futuro.

Gramsci elaborou uma particular síntese teórica que o contextualizou como um ator político e um autor da maior importância no veio da refundação comunista. Gramsci, entre 1919 e 1926, aborda um leque de problemas correlatos a fórmula política da frente única, desde a cisão até a imposição da questão dos intelectuais. De Sorel e de Rosa retém o tema da cisão do mundo do trabalho em relação ao capital, assim como a confiança na autonomia e na auto-atividade das massas, cuja implicação é a criação de instituições próprias que demarquem o antagonismo a ordem existente. Claro que a idéia de ‘greve geral’ de Sorel não é a mesma coisa de que o ‘greve política de massas’ de Rosa, mas na prática política do “biênio rosso” (1919-1920) esses conceitos se vinculavam. A centralidade da fábrica e das relações sociais de produção é elemento de permanência na reflexão de Gramsci trazidos também de Sorel. Esses elementos são essenciais para a compreensão das formulações posteriores de Gramsci sobre a política de frente única.

Com a visão de que o socialismo é um ato de cultura que revoluciona as relações de produção em oposição ao poder político do capital e a seu séquito de representantes intelectuais, políticos e gestores, Gramsci só pode perscrutar um partido operário surgido da luta de classes e dos elementos de rebeldia e antagonismo presentes na cultura popular. Um partido que é o filtro pelo qual se seleciona a melhor fração da classe antagonica e que se transforma no educador das massas. O que uniu Gramsci e Bordiga foi a necessidade da cisão com o reformismo, enquanto expressão organizada da ideologia burguesa no seio do movimento operário. Os separou a

diversidade na concepção de partido revolucionário, pois enquanto Gramsci concebia a origem da consciência revolucionária da classe como partindo dela mesma, Bordiga radicalizou e tornou unilateral a formulação de Lênin sobre a consciência revolucionária se originando 'de fora' da imediata luta de classe e sendo levada pela atividade intelectual revolucionária externa, a única capaz de conceber a totalidade social, ultrapassando assim a consciência sindical-corporativa.³⁶⁵

Na verdade, de Lênin, Gramsci apreendeu fundamentalmente a idéia da necessidade de um partido fortemente centralizado e organizado, capaz de enfrentar tanto situações adversas, como o ataque fascista, assim como também em condições de preparar a insurreição. Ainda de Lênin, um elemento de importância decisiva na síntese gramsciana foi a incorporação da necessidade da aliança operário-camponesa, tanto para a consecução da revolução como para a consolidação da transição socialista e da base social do Estado operário. Esse ponto de encontro entre Lênin e Gramsci é de particular importância por sugerir a superação do estreito meridionalismo original de Gramsci em direção a proposição universalizante de Lênin.

Assim como Lênin parte da crítica ao pensamento *narodnik*, Gramsci critica o meridionalismo que postava o campesinato no cerne da transformação social, de modo que ambos propunham, ao contrário, que a classe operária fabril deveria conduzir a aliança sócio-política entre proletariado e campesinato. Diga-se ainda que a proposição da aliança operário-camponesa é um elemento fundamental de distinção da práxis proposta pela refundação comunista e, em particular, da fórmula política da frente única.

Nessa vertente, na medida em que Bukhárin seguiu a agenda leniniana, aprofundando a reflexão sobre a NEP e a frente única operário-camponesa como base necessária da ditadura

³⁶⁵ Só se pode dotar o operário de consciência de classe desde fora, quer dizer, de fora da luta econômica, de fora das relações entre operários e patrões. A única esfera da qual se podem extrair esses conhecimentos é a esfera das relações entre todas as classes e setores sociais com o Estado e o governo, a esfera das relações de todas as classes entre si. LENIN, Vladimir I. Que hacer?. In: _____. Obras escogidas em doce tomos. Moscou: Progreso, 1975, Tomo II, p. 76.

proletária nas fases iniciais da transição socialista, Gramsci, tanto para pensar a questão agrária-camponesa em geral, como as particularidades da Rússia e Itália, recebeu o influxo de Bukhárin. O que Gramsci não concordou com Bukhárin foi com a idéia de que o capitalismo no Ocidente recuperava a sua força e partia para uma ofensiva duradoura, cuja decorrência deveria ser o favorecimento de uma política de frente única com a social-democracia. Menos ainda esteve de acordo com a concepção da Stalin de 'socialismo em um só país', à qual Bukhárin se vergou.³⁶⁶

Na análise do contexto da política internacional, Gramsci esteve quase sempre próximo dos setores mais a esquerda do movimento comunista. A sua avaliação de que o processo revolucionário era de atualidade permanente na Europa levou-o a se aproximar muito da leitura de Trotsky, particularmente no que se refere a relação entre Europa e América e sobre o papel que seria desempenhado pela social-democracia. A penetração do americanismo na Europa seria favorecida pela social-democracia, já que o fascismo não passaria de uma solução de emergência para a burguesia, que, de um ou outro modo tenderia a se submeter aos desígnios da América. Esse processo só poderia ser barrado por uma revolução socialista européia.

Mesmo Zinoviev contribuiu para o amadurecimento da teoria política de Gramsci e dos comunistas italianos, ainda que sob uma forma expressiva bastante tosca. O presidente da IC entendia que a 'estabilização capitalista' era precária e que permanecia latente a situação revolucionária no Ocidente. A implicação tática dessa leitura era que a social-democracia seria vista como uma intrusão burguesa no movimento operário, com a política de frente única

³⁶⁶ Foi apenas no período carcerário que Gramsci reconheceu a intuição de Lênin de que a revolução socialista internacional estava esgotada, talvez por um período longo, desde 1921. Leitura essa que foi, desde logo, de maneira aproximada, feita por Bukhárin. Sabe-se ainda que Gramsci exercitou uma crítica bastante severa ao marxismo de Bukhárin, nos seus *Cadernos do Cárcere*, ainda que centrada nos escritos do jovem 'comunista de esquerda' de até 1921. Na verdade, Gramsci toma o *Tratado de Materialismo Histórico* como exemplo destacado e pioneiro da regressão teórica que afetaria o movimento comunista, cuja expressão evidente é o empenho de sistematização do marxismo, tal como Stalin e Zinoviev fizeram na esteira de Bukhárin.

servindo para denunciar isso e deslocar a classe operária como um todo para o campo da revolução.

Munido desse manancial teórico diferenciado e enfrentando a realidade do fascismo em fase de ascensão e consolidação, Gramsci estabeleceu uma síntese teórica promissora e sofisticada, que pode ser percebida no desenvolvimento da fórmula política da frente única. Para Gramsci a frente única deveria ser nucleada nas forças sociais antagônicas ao capital, fundamentalmente a classe operária e o campesinato pobre. Essas classes subalternas deveriam se organizar, de maneira autônoma, segundo sua própria experiência, criando instituições sociais próprias, que dariam materialidade a subjetividade antagônica em desenvolvimento. O partido revolucionário seria o elemento de coordenação, centralização e difusão dessa subjetividade antagônica. O filtro do que mais avançado e desenvolvido pudesse existir no seio da classe operária.

Mas esse processo constitutivo de uma nova hegemonia e de um novo Estado exigiria uma operação de desgaste e de cerco ao capital e ao Estado burguês, com a incisão de cunhas, quando possível. Um campo privilegiado de ação política deveria ser o próprio processo produtivo do capital, decorrendo daí a necessidade da organização operária no lugar de trabalho e o empenho para alcançar o controle da produção e autogestão. Considerando que o PSI e a CGL eram institutos sociais que haviam sido incorporados ao Estado burguês e que expressavam a força da ideologia burguesa no seio da classe operária, a sua desconstrução e a conseqüente atração da sua base social de sustentação para o campo das forças antagônicas, em processo de organização de institutos próprios, era crucial ao êxito da política revolucionária de frente única.

O modo pelo qual isso poderia acontecer seria por meio do estabelecimento de objetivos transitórios que pudessem atrair os quadros intermediários dos partidos políticos de base operária e popular. Isso afetaria a estabilidade desses partidos, rompendo os canais de transmissão entre a

referida base social e os dirigentes políticos com interesses particulares imbricados no Estado. Na verdade, esses quadros intermediários eram os verdadeiros organizadores das massas, os seus intelectuais.

Essa formulação de Gramsci traz uma forte congruência com a apontada necessidade de se atrair para a frente única os intelectuais meridionais (meridionalistas) que reconheciam a importância sócio-histórica da classe operária, assim como com o objetivo de dismantlar o bloco intelectual meridional dominante. Como nesse caso os intelectuais que faziam a conexão entre os grandes intelectuais da classe dominante e a massa camponesa, em grande medida, ocupavam posições na burocracia estatal (civil e militar) ou eclesiástica, se encontravam na ossatura mesmo do Estado. Como os intelectuais meridionalistas que poderiam compor na frente única tendiam a migrar para o Norte, o trabalho de organização dos camponeses deveria começar de um estágio bastante inicial, fazendo uso do espírito de rebeldia existente no *Mezzogiorno*.

A dificuldade maior na consecução dessa política estava em atrair franjas significativas da pequena-burguesia, que, penalizada gravemente pela guerra, vivia em uma situação de iminente declínio social. Isso porque a consolidação do fascismo ocorreu exatamente em razão da reciclagem e ampliação da burocracia estatal, com o aumento dos mecanismos de repressão e organização estatal das classes subalternas, incorporando assim ao Estado burguês um segmento expressivo de massa. Com isso, como notou Gramsci, houve um deslocamento da maçonaria e da velha tradição liberal no interior da máquina estatal burguesa, enquanto a classe operária era submetida ao corporativismo estatal. Assim, o fascismo poderia oferecer uma nova camada intelectual de gestores do domínio do capital.

Decorre daí que o sucesso da política de frente única não dependia de uma eventual aliança antifascista com os partidos liberal-democratas, que enfim passavam por uma crise de representatividade gravíssima. Mais importante era a análise das contradições existentes na base

de massa do fascismo, já que uma possível crise interna poderia deixar em disponibilidade uma parte dessa massa pequeno-burguesa para uma aproximação com o proletariado, no momento em que se tornasse visível o vínculo intrínseco entre o regime e o grande capital. Gramsci já tinha suficientemente claro que enquanto a revolução russa havia sido feita contra um Estado feudal-absolutista, a revolução no Ocidente se faria contra uma forma estatal liberal, cuja crise, senão à revolução socialista, poderia levar ao fascismo ou a alguma forma de Estado “democrático”, que incorporasse a pequena burguesia e a burocracia sindical e partidária da classe operária, recompondo o domínio capital.

No entanto, para Gramsci a democracia proletária e a transição socialista começavam desde o primeiro momento de explicitação do antagonismo social materializado na frente única antifascista e anticapitalista. Seria no processo mesmo de resistência ao fascismo, orientado pela fórmula política da frente única, que estariam em construção uma nova forma social fundada no autogoverno dos produtores, com seus institutos próprios e uma nova subjetividade. Centralidade do trabalho, revolução, democracia e socialismo são todos elementos que se entrecruzam no esforço de conhecer e transformar a vida social. Estavam postos, dessa forma, as elaborações posteriores de Gramsci, que indicavam a necessidade de uma nova sociedade civil, expressão material e subjetiva de uma nova hegemonia, antagônica ao capital, como fundamento de um novo bloco histórico nucleado no trabalho.

Ora, se Gramsci contava com uma teoria política muito mais complexa e sofisticada do que a grande maioria dos dirigentes da Internacional Comunista e que pode ser seguida pelo traço da fórmula da frente única e se foi o mesmo Gramsci quem melhor compreendeu o processo de fascistização e o seu significado, é de se interrogar sobre os motivos de fundo que explicam a prisão de Gramsci (e de tantos outros dirigentes do PCI) e a consolidação do fascismo. À parte as

explicações contingentes ou de fundo psicológico, a questão, que permanece, incide sobre o problema de uma eventual insuficiência teórica de interpretação do movimento do real.³⁶⁷

Teria havido uma subestimação do fascismo, da qual a própria fórmula política da frente única, tal qual concebida por Gramsci seria a demonstração? Caso essa assertiva contemple alguma verdade, permanece ainda a questão do por que? Gramsci não teria superado o idealismo e o subjetivismo de sua formação juvenil croceana? Ou já teria incorporado uma nova fórmula de subjetivismo que começava a emanar da regressão teórica do movimento comunista? Logo, a deficiência mais sentida de Gramsci teria sido a de não ter assimilado Lênin (e Marx) por inteiro?

O escrito que agora se conclui tendeu a indicar uma resposta negativa para todas essas questões, tantas vezes postas no debate historiográfico e político, ainda que sem qualquer pretensão peremptória. Na verdade, o primeiro a se interrogar sobre todas essas questões e quem ofereceu as melhores respostas, ainda que necessariamente incompletas, foi o próprio Gramsci. Durante o resto de sua curta vida, passada no cárcere, Antonio Gramsci refletiu e aprofundou a sua ciência política, procurando compreender melhor todas as questões teóricas que enfrentara entre 1919 e 1926 na prática política, a fim, exatamente, de perscrutar uma orientação política que viesse a ser vitoriosa.

No cárcere Gramsci percebe a profundidade da derrota e a decorrente necessidade de oferecer um fundamento teórico muito mais consistente à fórmula política da frente única, sem, no entanto ter abandonado a linha de reflexão e pesquisa originada nos seus tempos de expoente na direção política do comunismo italiano e internacional. Do ponto de vista estritamente político Gramsci percebe dois grandes equívocos de avaliação que o levaram ao cárcere e o movimento

³⁶⁷ Um exemplo recente de análise que enfatiza aspectos psicológicos da biografia de Gramsci é LEPRE, Aurélio. // *prigioniero: vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, 1998.

comunista a uma derrota duradoura, expressões da solidez da ofensiva do capital no período que sucedeu a derrota da revolução socialista internacional.

Um ponto essencial era o que o perfil e a composição da classe operária mudava pela ação do capital. Aquela classe operária qualificada que existia na Itália de 1920 (e também nos EUA) passava por um processo de desqualificação profissional e de perda de autonomia, de modo a preservar a sua situação de subalternidade social e cultural diante do domínio da burguesia. Isso quer dizer que a avaliação de que havia uma situação revolucionária permanente era um equívoco que se mostrou fatal.

Nos *Cadernos*, Gramsci estabelece um diálogo crítico com todas as suas inúmeras influências que contribuíram na sua formação política e intelectual: com Croce, Sorel, Maquiavel, Trotsky, Bukhárin e outros. Seus principais aliados nessa imensa empreitada cultural e política são Marx, Lênin e Labriola, aprofundando sua agenda teórica, sem que tenha também deixado de preservar / superar muito do que fora antes incorporado de seus interlocutores. Assim, combate a regressão teórica do comunismo e critica as ideologias dominantes na Itália, mas principalmente analisa as novas possibilidades emancipatórias postas à classe operária pelo processo produtivo do capital, assim como aponta os desafios e imensas dificuldades que podiam ser vislumbradas. O operário especializado tende a ser substituído pelo maquinismo, pela organização científica do trabalho, pelo planejamento econômico, criando-se uma forma mais sofisticada de exploração do trabalho, mas também um novo terreno, mais avançado para o equacionamento da revolução socialista.³⁶⁸

³⁶⁸ BARATTA, Giorgio e CATONE, Andréa (a cura di). *Tempi Moderni: Gramsci e la critica dell'americanismo*. Roma: Edizioni Associate, 1989. Esse livro é produto de um seminário sobre o pensamento de Gramsci que andava completamente contra a corrente entre os eventos, publicações e interpretações da época, tendentes a diminuir o papel e a obra do sardo, ou então a transforma-lo em um 'clássico' sem atualidade, congelado e limitado ao passado.

Nada indica, porém, que tenha abandonado a visão estratégica posta pela fórmula política da frente única, fundada na aliança das classes subalternas e de seus intelectuais e cuja trajetória demandaria a consecução de um suceder de objetivos transitórios, que comporiam a resistência antifascista, a revolução socialista e a realização da democracia do trabalho. O debate presente na literatura hodierna sobre a obra de Gramsci, por certo mantém a sua projeção no campo da ação política, da previsão e do programa. É assim que deve ser encarada a possível atualidade da fórmula política da frente única, sobre seu valor estratégico, sobre seu conteúdo e sobre o papel do mundo do trabalho, dos movimentos sociais e do partido revolucionário.

FIM



Referencia bibliográfica

AAVV. *Il secolo dei comunismi*. Milano: Marco Tropea, 2001.

AAVV. *Lê Tesi di Lione: riflessioni su Gramsci e la storia d'Italia*. Milano: Franco Angeli, 1990.

AAVV. *Storia del marxismo* (a cura di Eric Hobsbawn) Torino: Einaudi, 4 t., 1978-1982.

AAVV. *URSS: bilancio di un'esperienza*. (a cura di Domenico Losurdo e Ruggero Giacomini). Napoli: Istituto italiano per gli studi filosofici, 1999. .

AGOSTI, Aldo. *Bandiere rosse: un profilo storico dei comunismi europei*. Roma: Riuniti, 1999.

_____. *La Terza Internazionale: storia documentaria*. Roma: Riuniti, 3 t. / 6 v., 1974-1979.

ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 1999.

BADALONI, Nicola. *Il marxismo di Gramsci: dal mito allá ricomposizione política*. Torino: Einaudi, 1975.

BARATTA, Giong e CATONE, Andréa (a cura di). *Tempi moderni: Gramsci e la critica dell'americanismo*. Roma: Edizioni Associate, 1989.

_____. *Le rose e i Quaderni: saggio sul pensiero di Antonio Gramsci*. Roma: Gamberetti, 2000.

BERTELLI, Antonio Roberto. *O marxismo e as transformações capitalistas: do Bernstein-Debate a República de Weimar (1899-1933)*. São Paulo: IAP / IPSO, 2000.

BOBBIO, Norberto. *Saggi su Gramsci*. Milano: Feltrinelli, 1990.

BOFFA, Giuseppe. *Storia dell'Unione Sovietica*. Milano: Mondadori, 2 t., 1976.



BUKHARIN, Nicolai. *Le vie della rivoluzione (1925-1936)*. Roma: Riuniti, 1980.

CANFORA, Luciano. Il verbale di Valpocevera. In: *Studi storici*, I, 1990.

CAPRIOGLIO, Sergio (a cura di). Gramsci e il delitto Matteotti con cinque articoli adeposti. In: *Belgagor: rassegna di varia umanità*, n° 03, 1997.

CARR, Edward H. *Historia de la Rusia Soviética*. Madri: Alianza, 1977.

COUTINHO, Carlos Nelson. *Gramsci*. Porto Alegre: L&PM, 1981.

DE BENEDETTO, Silvia. Gramsci, l'Antiparlamento, la Costituente: due documenti inediti del 1924. In: *Nuovo Impegno*. Milano, n° 33, 1976.

DEL NOCE, Augusto. *Il suicidio della rivoluzione*. Milano: Rusconi, 1978.

DEL ROIO, Marcos. *O império universal e seus antípodas: a ocidentalização do mundo*. São Paulo: Ícone, 1998.

DORSO, Guido. *La rivoluzione meridionale*. Torino: Einaudi, 1972.

DUBLA, Ferdinando. *Gramsci e la fabbrica*. Bari: Lacaita, 1986.

FERNANDES, Edmundo Dias. *Gramsci em Turim: a construção do conceito de hegemonia*. São Paulo: Xamã, 2000.

FIORI, Giuseppe. *Gramsci, Togliatti, Stalin*. Roma – Bari: Laterza, 1991.

_____. *Vita di Antonio Gramsci*. Roma-Bari: Laterza, 1995.

FURET, François. *O passado de uma ilusão: ensaios sobre a idéia comunista no século XX*. São Paulo: Siciliano, 1995.

GERVASONI, Marco. *Antonio Gramsci e la Francia: dal mito della modernità allá 'scienza della politica'*. Milano: Unicopoli, 1998.

GOBBETTI, Piero. *La rivoluzione liberale: saggio sulla lotta política in Itália*. Torino: Einaudi, 1995.

GRAMSCI, Antonio. *Disgregazione sociale e rivoluzione: scritti sul Mezzogiorno* (a cura di Francesco Biscione). Napoli: Liguori, 1996.

_____. *L'Ordine Nuovo (1919-1920)*. Torino: Einaudi, 1975.

_____. *La costruzione del Partito Comunista (1923-1926)*. Torino: Einaudi, 1978.

- _____. *Lettere (1908-1926)* (a cura di Antonio Santucci). Torino: Einaudi, 1992.
- _____. *Lettere dal cárcere (1926-1930)*. (a cura di Antonio Santucci). Palermo: Sellerio, vol. 1. 1996.
- _____. *Per la verità (1913-1926)*. (a cura di R. Martinelli). Roma: Riuniti, 1964.
- _____. *Scritti politici* (a cura di Paolo Spriano). Roma: Riuniti, 3 vol., 1973.
- _____. *Socialismo e fascismo (1921-1922)*. Torino: Einaudi, 1974.
- HAJEK, Milos. *Storia dell'Internazionale Comunista (1921-1935)*. Roma: Riuniti, 1975.
- HAUPT, Georges. *L'Internazionale socialista della Comune a Lénin*. Torino: Einaudi, 1978.
- KONDER, Leandro. *Lukács*. Porto Alegre: L&PM, 1980.
- LABRIOLA, Antonio. *Saggi sul materialismo storico*. Roma: Riuniti, 1977.
- LENIN, Vladimir I. *Obras escogidas en doce tomos*. Moscu: Progreso, 1975-1977.
- LEPRE, Aurélio. *Il prigionero: vita di Antonio Gramsci*. Bari: Laterza, 1998.
- LIGUORI, Guido. *Gramsci conteso: storia di um dibattito*. Roma: Riuniti, 1996.
- LOSURDO, Domenico. *Antonio Gramsci dal liberalismo al "comunismo critico"*. Roma: Gamberetti, 1997.
- _____. *Dai Fratelli Spaventa a Gramsci: per una storia politico-sociale della fortuna di Hegel in Itália*. Napoli: La città del sole, 1997.
- LUKACS, Georg. Teses de Blum: a ditadura democrática (extratos). In: *Temas de Ciências Humanas*. São Paulo: LECH, nº 07, 1980.
- LUXEMBURG, Rosa. *L'Accumulation del capitale*. Torino: Einaudi, 1974.
- _____. *Scritti politici*. (a cura di Lelio Basso). Roma: Riuniti, 1976.
- MANES, Sergio (a cura di). *La fondazione del Partito Comunista: documenti i discorsi*. Napoli: Laboratório Político, 1996.
- MARTORANO, Luciano Cavini. *A burocracia e os desafios da transição socialista*. São Paulo: Xamã. 2002.
- MEDICI, Rita. *Giobbe e Prometeo: Filosofia e política nel pensiero di Gramsci*. Firenze: Alínea, 2000.



NATOLI, Aldo e PONS, Silvio (a cura di). *L'età del stalinismo*. Roma: Riuniti, 1991.

_____. *Antigone e il prigioniero*. Roma: Riuniti, 1990.

PAGGI, Leonardo. *Le strategie del potere in Gramsci*. Roma: Riuniti, 1984.

PINASSI, Maria Orlanda e LESSA, Sergio (org.). *Lukács e a atualidade do marxismo*. São Paulo: Boitempo, 2002.

PISTILLO, Michele. *Gramsci in carcere; le difficili verità d'un lento assassinio*. Roma: Lacaíta, 2001.

_____. *Gramsci - Togliatti: polemiche e dissensi nel 1926*. Bari: Lacaíta, 1996.

POULANTZAS, Nicos. *Fascismo e dittatura: la Terza Internazionale davanti il fascismo*. Milano: Jaca Book, 1971.

Relazione del partito comunista d'Italia al IV congresso dell'Internazionale Comunista. Milano: Iskra, 1976.

ROSSELLI, Carlo. *Socialismo liberale*. Torino: Einaudi, 1997.

SADER, Eder (org.). *Mao-Tsé-tung*. São Paulo: Ática, 1982.

SOMAI, G. Gramsci al Terzo Esecutivo Alargato (1923): i contrasti con l'Internazionale e una relazione inedita sul fascismo. In: *Storia Contemporânea*. Il Mulino, anno XX, v. 5, ottobre 1989.

SOREL, George. *Reflexões sobre a violência*. Petrópolis: Vozes, 1993.

SPRIANO, Paolo (a cura di). *"L'Ordine Nuovo" e i consigli di fabbrica*. Torino: Einaudi, 1971.

_____. *Gramsci e Gobetti: introduzione alla vita e alle opere*. Torino: Einaudi, 1977.

_____. *Storia del Partito Comunista Italiano: da Bordiga a Gramsci*. Torino: Einaudi, 1967.

_____. *Storia del partito comunista italiano: gli anni della clandestinità*. Torino: Einaudi, 1969.

STALIN, Joseph. *Sobre os fundamentos do leninismo*. Rio de Janeiro: Calvino, 1945.

TROTSKY, Leon. *As lições de Outubro*. São Paulo: Global, 1979.

_____. Leon. *Europe et Amérique*. Paris: Anthropos, 1971.



VACCA, Giuseppe. *Appuntamenti con Gramsci*. Roma: Carocci, 1998.

_____. *Gramsci a Roma, Togliatti a Mosca: il carteggio del 1926*. Torino: Einaudi, 1999.

Verbale della riunione del Comitato Centrale del 18 aprile 1924. In: *Rivista Storica del Socialismo*, n° 23, 1964.

VIANNA, Luiz Werneck. *A revolução passiva: iberismo e americanismo no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 1997.

ZINOVIEV, G. *Le leninisme*. Paris: Bureu d'editions, diffusion et publicité, 1926.



